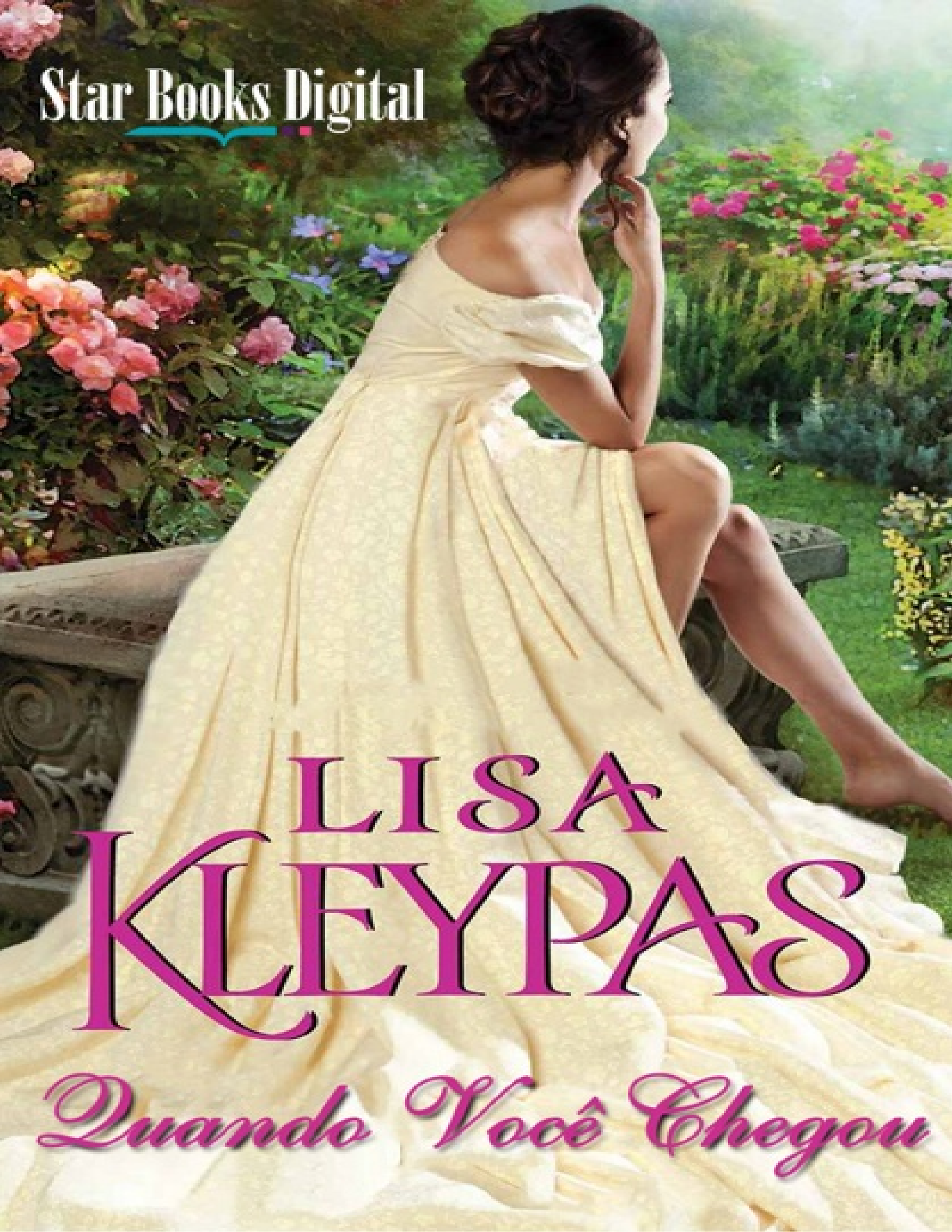


A woman with dark hair styled in an updo is sitting on a stone bench in a lush garden. She is wearing a long, flowing, off-the-shoulder yellow gown. She is looking over her shoulder towards the camera with her hand near her face. The garden is filled with various flowers, including pink roses and purple flowers. The background is a soft-focus view of a green landscape with a body of water and a distant building.

Star Books Digital

LISA
KLEYPAS

Quando Você Chegou



Quando Você Chegou

Título original

THEN CAME YOU

Copyright © 1993 by Lisa Kleypas

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Star Books Digital

The logo graphic for Star Books Digital features a stylized teal bookshelf or open book shape. To the right of this shape are three small squares: a purple one, a pink one, and a teal one.

Dedicatória

Para minha avó, Ethel Kleypas

Com amor

Capítulo Um



Londres, 1820

— Maldita seja, maldita seja! Aí vai esse traste!

Cada rajada de vento arrastava uma corrente de palavras más que escandalizavam os convidados da festa, reunidos na cobertura do navio. O iate se achava ancorado no meio do Tâmesis, e o ato se celebrava em honra do Rei Jorge. Até esse momento a festa tinha estado um tanto opaca, embora elegante, já que correspondia a todo mundo que tinha gabado as excelências do magnífico iate de Sua Majestade.

O iate, com sedas, madeira de mogno de primeira qualidade, matizadas com lustre de vidro, esfinges douradas e leões esculpidos em cada esquina era um autêntico palácio flutuante ideal para o tempo livre. Os convidados tinham bebido muito para manter esse estado de ligeira euforia capaz de substituir um sentimento de alegria real.

Provavelmente a multidão ali reunida teria sido melhor se não estivesse tão fraca a saúde do Rei. A recente morte de seu pai, junto a um penoso ataque de gota, estava passando por um estado de desânimo que não era habitual. O Rei procurava rodear-se de gente capaz de proporcionar a alegria e diversão necessárias para aliviar sua sensação de solidão. Por esse motivo, conforme diziam, queria expressamente a presença da senhorita Lily Lawson naquela festa em seu navio. Tal como tinha dito, uma jovem lânguida, viscondessa, era só questão de tempo para a senhorita Lawson começasse a causar alvoroço. E como de costume não despojou absolutamente.

— Que alguém o agarre maldita seja! — Ouviu Lily gritar por cima do rumor das risadas. — O fluxo está afastando do navio! — Os cavalheiros, vendo-se livre por fim do tédio, precipitaram-se para o lugar de onde provinha o alvoroço. As damas protestaram ao ver seus cônjuges correrem em direção à proa, onde Lily, pendurada no corrimão, contemplava um objeto que flutuava na água.

— Meu chapéu favorito — Explicava Lily em resposta à sucessão de perguntas, assinalando o chapéu com um ligeiro movimento de sua delicada mão. O vento o levou! — Voltou-se então para a multidão de admiradores, dispostos a consolá-la. Mas ela não desejava amostras de simpatia, mas sim que recuperassem o chapéu.

Olhou os rostos um a um, sorrindo com picardia.

— Quem irá se comportar como um autêntico cavalheiro e me trazer o chapéu. — Tinha atirado o chapéu pela murada de propósito, e via que os cavalheiros, suspeitavam que aquilo não fosse mais que um estratégia, mas não interrompia seus galantes oferecimentos.

— Me permita — Gritava um.

— Não — Dizia outro ao mesmo tempo em que despojava teatralmente do chapéu e do casaco. — Insisto em ser eu quem tenha o privilégio.

Imediatamente iniciou uma discussão, já que ambos estavam decididos a satisfazer os desejos de Lily. Mas, precisamente nesse dia as águas estavam agitadas, e bastante frias para pegar um bom resfriado. E, ainda mais importante, a imersão significaria estragar um traje muito caro.

Lily contemplava a rivalidade que tinha provocado com um sorriso.

Os homens seguiam gesticulando e proferindo frases cavalheirescas. Alguns deles disposto a recuperar o chapéu.

— Vá — Murmurou ela e olhou fixamente aos cavalheiros. Teria merecido todo seu respeito, qualquer que os tivesse mandado ao inferno, argumentando que o ridículo chapéu rosa não justificava semelhante alvoroço, mas nenhum se atreveria a fazer. Se estivesse ali Derek Craven teria rido ou teria dado um audacioso olhar que ela não tinha mais remédio que a rir como uma tola. Ambos compartilhavam o mesmo desdém por esses esnobes indolentes e perfumados.

Lily suspirou e olhou o rio, que aparecia com uma tonalidade cinza escura e agitada sob o céu nublado. Na primavera as águas do Tâmesis eram muito frias. Deixou que a brisa acariciasse seu rosto, e fechou os olhos. O vento alisou durante um momento seu cabelo, mas logo os brilhantes cachos escuros recuperaram sua habitual e volumosa desordem. Pensativa, Lily tirou o diadema. Seu olhar seguia as ondas rompendo contra o lado do iate.

— Mamãe... — Sussurrou uma vozinha em sua cabeça. Lily estremeceu ao recordar, não podia evitar.

De repente percebeu, como se fosse real, os bracinhos agarrando seu pescoço, um delicado cabelo acariciando o rosto e o peso de uma menina no colo. O sol da Itália esquentava a nuca e os grasnidos de uma procissão de patos se derramavam sobre a superfície cristalina do lago. — Olhe, carinho — Murmurou Lily. — Olhe os patos. Vêm ver!

A menina se agitou excitada. Levantou sua mãozinha gorda e estendeu um minúsculo dedo assinalando os presunçosos patos. Logo seus olhos escuros olharam para Lily e o sorriso revelou dois dentinhos.

— P — Exclamou e Lily pôs-se a rir.

— Patos, carinho. Muito bonitos. Onde colocamos o pão que trouxemos para dar a eles? — Meu Deus, acredito que me sentei em cima... Uma nova rajada de vento levou aquela imagem tão agradável. Lily tinha os olhos úmidos e uma dolorosa pontada no coração.

— Oh, Nicole — Murmurou. Respirou fundo para tirar aquela opressão, mas se negava a desaparecer. O pânico fez presa dela. Às vezes aguentava com um gole ou distraíndo-se com o jogo, mexericos ou com as caçadas, mas não eram mais que alívios temporários. Necessitava de sua menina.

“Minha pequena... Onde estas...? Encontrar-te... Já vem mamãe, não chore, não chore...” O desespero a afligiu. Tinha que fazer algo imediatamente ou ficaria louca.

Olhou os homens que tinha ao seu redor e rindo as gargalhadas descaradamente se desfez de seus sapatos de salto alto. A pluma rosa do chapéu seguia sendo visível em meio das águas.

— Meu pobre chapéu está a ponto de afundar. — Gritou ao tempo que passava as pernas por cima do corrimão. — Vá cavalheiros. Terei que recuperá-lo eu mesma! — E antes que alguém pudesse detê-la se lançou à água.

O rio se fechou sobre ela com uma onda. Algumas mulheres começaram a gritar. Os homens examinavam com nervosismo as águas agitadas.

— Meu Deus — Exclamou um deles. O resto ficou sem fala. Inclusive o Rei, informado dos acontecimentos por sua governanta, aproximou-se para olhar, andando como um pato, recostou seu enorme corpo sobre o corrimão. Lady Conyngham, uma formosa mulher de cinquenta e quatro anos que se converteu em sua última amante, chegou junto a ele e exclamou:

— Já havia dito isso: essa mulher está louca! Que Deus nos ajude.

Lily permaneceu sob a água mais tempo do que o necessário. O frio paralisava seus membros e o peso do vestido a arrastava para uma misteriosa escuridão. Pensou que seria fácil deixar-se levar... Afundar, deixar que a escuridão se apoderasse dela... Mas um brilho de pânico fez com que seus braços entrassem em ação e a impulsionassem para a fraca luz que havia acima. Subiu agarrando o chapéu, e quando saiu à superfície pestanejou e aspirou baforada de ar. A sensação de frio era tão intensa que provocava pontadas de dor. Os dentes batiam, mas conseguiu esboçar um sorriso trêmulo. E olhou o surpreso público reunido na cobertura do iate.— Peguei! — Gritou, mantendo o chapéu no alto em sinal de vitória. Minutos mais tarde vários pares de mãos ansiosos tiraram Lily do rio. O vestido grudado em seu corpo revelava uma figura esbelta e deliciosa. Um suspiro percorreu a multidão reunida no iate. As mulheres a observavam com inveja e desaprovação, já que não havia mulher em Londres que os homens admirassem mais. Estavam acostumados a sentir pena e desprezo pelas que se comportavam como ela, mas Lily..

Faça o que fizer, não importa a atrocidade que seja, os homens a adoram! — Queixou-se Lady Conyngham. — Leva com ela o escândalo. Se tratasse de qualquer outra mulher, já teria sucumbido. Nem meu querido Jorge se atreve a censurá-la.

— É que se comporta como se fosse um homem — Replicou Lady Wilton com amargura. — Joga, caça, amaldiçoa e fala de política. Adoram a novidade de uma mulher com ares tão masculinos.

— A verdade é que sua aparência não tem nada de masculino — Protestou Lady Conyngham, observando as formas delicadas que as roupas encharcadas punham em evidência.

Uma vez convencidos de que Lily estava sã e salva, os homens reunidos ao seu redor estouraram em gargalhadas e aplausos louvando sua valentia. Lily separou os cachos molhados dos olhos, sorriu e fez uma reverência.

Bom, era meu chapéu favorito. — Disse olhando o maltratado objeto que levava na mão.

— Caramba! — Exclamou com admiração um dos homens. — Você não tem medo de nada, verdade?

— De nada — Respondeu ela, provocando mais risadas. A água escorria pelo pescoço e costas abaixo. Lily se virou e sacudiu energicamente sua cabeça ensopada.

— Seria algum de vocês tão amável de me aproximar uma toalha, ou, melhor, de me trazer algo quente antes de morra de...? — Sua voz foi desvanecendo ao observar através da cortina de seus molhados cachos uma figura que permanecia imóvel.

A agitação ao seu redor era inverossímil. Homens em busca de toalhas, bebidas quentes, com tanto que se sentisse a gosto. Mas aquele, a uns metros dela, seguia quieto. Lily se endireitou muito devagar, devolveu o

cabelo a seu lugar e voltou a olhá-lo. Era um desconhecido. Não tinha nem idéia de por que estava observando a daquele modo. Estava acostumada a olhares de admiração dos homens... Mas aquele tinha na boca um ar de desaprovação. Lily seguiu examinando-o, sem deixar de tremer.

Jamais em sua vida tinha visto um cabelo tão dourado. A brisa agitava suas mechas revelando feições aristocráticas e tremendamente duras. A frieza de seus olhos, tão claros e luminosos, era tal que Lily pressentiu que podia cegar. Somente quem sofreu o mais amargo desespero é capaz de reconhecê-la.

Lily, profundamente consternada pelo olhar do homem, deu as costas e sorriu alegremente para os admiradores que se aproximavam carregado de toalhas, capas e bebidas quentes. Separou de sua cabeça qualquer pensamento relacionado com o desconhecido. A quem demônios importava a opinião que esse afetado aristocrata tivesse dela?

— Senhorita Lawson — Comentou Lorde Bennington com expressão preocupada, temo-me que vai pegar um resfriado. Se acontecer, ofereço-me a levá-la a terra em um bote.

Lily fez um gesto de assentimento, agradecida, já que batiam tanto os dentes que era impossível beber. Agarrou pelo braço Lorde Bennington com sua mão azulada e o puxou para que baixasse a cabeça. Aproximou seus lábios frios ao ouvido.

— Dê pressa, por favor. C-creio que fui que i-impulsiva. Mas não recomendo, ninguém a fazer.

Alex Raiford, com reputação de homem tremendamente disciplinado e distante, achava-se naqueles momentos lutando por reprimir a inexplicável cólera que sentia. Mulher ridícula... Arriscando sua saúde, sua vida inclusive, com intuito de montar um espetáculo. Deve ser uma cortesã, das conhecidas tão somente em círculos muito restritos. Não teria se comportado desse modo se gozasse de uma mínima reputação a cuidar. Alex separou as mãos e as esfregou contra seu casaco. Sentia uma pressão no peito. A alegre risada, o vivo olhar, o cabelo escuro... Deus, recordava Caroline.

— Conhecia-a? — Perguntou uma voz áspera, com certo tom de ironia. A seu lado estava Sir Evelyn Downshire, um agradável ancião cavalheiro conhecido de seu pai. — Todos os homens que a vêem pela primeira vez mostram a mesma expressão. Recorda-me à marquesa de Salisbury em seus bons tempos. Uma mulher magnífica.

Alex apartou a vista da extravagante criatura.

— Eu não vejo nada de admirável — Respondeu friamente.

Downshire pôs-se a rir mostrando sua cuidada dentadura postiça de marfim.

— Se fosse jovem, tentaria seduzi-la. — Disse. — Faria inclusive agora. É o último exemplar de sua espécie, já sabe.

— Que espécie é essa?

— Em meus tempos havia montões delas, — Afirmou Downshire, com um perito sorriso. Para domesticá-las é necessário ser muito hábil e inteligente...

Alex voltou a olhar à mulher. Seu rosto era delicado, pálido e perfeito, seus olhos escuros, apaixonados.

— Quem é? — Perguntou como em um sonho. Vendo que não obtinha resposta, voltou-se e advertiu que Downshire tinha desaparecido.

Lily saltou da carruagem e se dirigiu para a porta principal de sua casa, em Grosvenor Square. Jamais havia se sentido tão incômoda.

— Está bem empregado — Recriminou-se enquanto subia as escadas. Burton, o mordomo, a observava da porta. — Cometi uma autêntica idiotice. O Tâmesis era o lugar ao qual foram parar todos os perversos de Londres, e, portanto lugar pouco recomendável para um banho. Suas roupas estavam impregnadas de um aroma desagradável, e os sapatos molhados rangiam. Burton franziu a testa ao ver seu aspecto. E aquilo não era normal em Burton, que normalmente tolerava suas desgraças sem que a expressão de seu rosto variasse o mínimo.

Nos últimos dois anos Burton tinha sido a figura dominante da casa, quem estabelecia as regras do jogo, tanto para os criados como para os convidados. Quando recebiam visitas, as maneiras engomadas de Burton, convenciam de que Lily era uma personalidade relevante. Passava por cima suas extravagâncias e suas aventuras, como se não existissem, e a tinha por uma dama, apesar de que ela estranha vez se comportava como tal. Lily era consciente de que nem seus próprios criados a respeitariam se não fosse pela imponente presença de Burton. Era alto, robusto e com o rosto emoldurado por uma barba cinza como o aço. Não existia mordomo em toda a Inglaterra que superasse a perfeita combinação de arrogância e atenção que ele possuía.

— Senhorita, foi boa a festa?

— Estupenda — Respondeu Lily, tentando parecer alegre. Entregou um chapéu de veludo molhado, adornado por uma pluma rosa um tanto maltratada. Ele contemplou aquilo sem pestanejar. — Meu chapéu — Explicou Lily, e entrou na casa deixando a suas costas um rastro de água.

— Senhorita Lawson, tem um convidado esperando no salão. Lorde Stamford.

— Zachary está aqui? — Lily parecia encantada.

Zachary Stamford era um jovem inteligente e sensível, seu amigo há muito tempo. Estava apaixonado por sua irmã mais nova, Penélope. Por desgraça não era mais que o terceiro filho do marquês de Hertford, e isso significava que nunca conseguiria os títulos suficientes nem a riqueza necessária para satisfazer os ambiciosos planos dos Lawson. E como estava bastante claro que Lily não se casaria, os sonhos de ascensão social de seus pais se achavam centrados em Penélope.

Lily mal sabia que sua irmã, estava comprometida com Lorde Raiford, conde de Wolverton... Um homem ao qual Penélope não conhecia muito bem. Zachary devia estar sofrendo por isso.

— Quanto tempo Zachary está aqui? — Lily perguntou a Burton.

— Umas três horas, senhorita. Afirmou que se tratava de um assunto urgente, e que esperaria o tempo que fosse para vê-la.

A curiosidade despertou em Lily. Olhou para a porta fechada do salão.

— Urgente? Verei em seguida. Vá até a minha sala do andar superior. Agora tenho que tirar esta roupa molhada.

Burton assentiu com a cabeça sem que a expressão de seu rosto se alterasse. A sala era ao lado do quarto de Lily, e se comunicava com ele mediante uma pequena sala de espera, estava reservada unicamente aos

conhecidos mais íntimos. Escassos eram aqueles aos quais era permitido subir, apesar de ser incontável o número de quem pretendia.

— Sim, senhorita Lawson.

Para Zachary não foi pesado ter que esperar por Lily. Apesar do nervoso que estava, viu-se obrigado a admitir que havia algo especial no 38 de Grosvenor Square, que fazia com que qualquer homem se sentisse bem ali. Possivelmente o motivo fora o jogo de cores.

As mulheres estavam acostumadas a decorar suas casas com o que estava na moda, com a cor azul pálido, rosa ou amarelo, complementando com frisos brancos e colunas. A moda impunha incômodas douradas com assento escorregadio e sofás com pés tão frágeis que davam a sensação de não poderem resistir ao peso de uma pessoa. Mas a casa de Lily trazia cores quentes e agradáveis e tinha uma mobília sólida que convidava a qualquer homem a pôr os pés em cima. Penduravam nas paredes cenas de caçada, gravados e alguns retratos de um deleitoso gosto. Em sua casa, apesar das reservas de álcool que pudesse ter Lily, eram imprevisíveis (às vezes abundantes e outras escassas), estavam acostumados a celebrar reuniões de escritores, excêntricos, cavalheiros e políticos.

À primeira vista, já que uma das criadas tinha trazido a Zachary uma jarra de conhaque de primeira qualidade em uma bandeja de prata, parecia que naquele mês Lily estava bem sortida. A criada trouxe também um exemplar do Times encadernado e um pires de bolachas. Zachary, completamente acomodado, solicitou, além disso, um bule e se entregou a leitura. Burton abriu a porta no instante em que acabava com a última das bolachas.

— Já chegou? — Perguntou Zachary, levantando-se.

Burton lançou um olhar implacável.

— A senhorita Lawson o receberá lá em cima. Se me permite, Lorde Stamford, mostrarei o caminho...

Zachary seguiu pela escada com um corrimão sofisticado e reluzente. Entrou na sala iluminada pelo vivo fogo que ardia em uma pequena lareira de mármore e projetava seu resplendor para as tapeçarias de seda de cor verde, bronze e azul que penduravam nas paredes. Lily fez sua aparição na porta que dava a seu quarto, transcorrido dois minutos.

— Zachary ! — Exclamou, e correu para agarrar suas mãos. Zachary deu um beijo no rosto e seu sorriso se gelou ao dar-se conta de que Lily levava um penhoar e seus pés nus apareciam por baixo do objeto. Era um penhoar do mais modesto, grosso e confortável, com gola de cisne, mas nem por isso deixava de ser um objeto que podia qualificar-se como “Íntimo”. Retrocedeu surpreso, não sem antes precaver-se de que Lily levava o cabelo solto e tinha um aroma... Peculiar.

Apesar de tudo Lily estava incrivelmente bela. Seus olhos eram tão escuros como o centro de um girassol, emoldurados por um leque de pestanas largas e cheia. Sua pele era pálida e transparente, e a linha de seu pescoço, pura e delicada. E quando sorria, como naquele momento, seus lábios se curvavam com uma doçura extrema, como se fosse de uma menina angelical. Mas sua aparência inocente era enganosa. Zachary a tinha visto intercambiar os insultos mais sutis com cavalheiros de duvidosa reputação, proferindo inclusive vulgaridades diante de um ladrão de carteiras, que em uma ocasião tentou roubá-la.

— Lily? — Enrugou o nariz ao sentir seu aroma.

Ela se pôs a rir e abanou com a mão.

— Deveria ter tomado um banho, mas disse que te trazia um assunto urgente. Peço-te desculpas... Hoje o Támesis cheirava a pescado. — E ao ver sua perplexidade, acrescentou, — Uma rajada de vento levou meu chapéu na água.

— E você caiu com ele? — Perguntou Zachary, confuso. Lily sorriu.

— Não precisamente. Mas deixemos isso. Quero saber o que é que o trouxe para a cidade. Incômoda, assinalou sua vestimenta.

— Prefere que antes me vista?

Lily ofereceu o mais carinhoso de seus sorrisos. Zachary não mudaria nunca. Seus olhos quentes e castanhos, a sensibilidade de suas feições, seu cabelo tão liso... Sempre recordaria a um menino preparado para ir à igreja.

— Oh, não te ruborize. Não esperava que te mostrasse tão recatado, Zachary. Afinal houve um tempo em que queria se casar comigo.

— Oh, sim, bem... — Zachary franziu o sobrecenho. — Harry foi meu melhor amigo até aquele dia. E quando te abandonou daquela forma tão ruim pensei que fosse atuar como um cavalheiro e pela segunda vez te fazendo aquela proposta.

Essa resposta provocou nela uma gargalhada.

— Segunda? Caramba, Zachary, era um compromisso, não um duelo! — E recusou minha proposta — Recordou ele.

— Menino, você teria se convertido em um infeliz, como Harry. Esse foi o motivo pelo qual me abandonou.

— Mas não desculpa o suficiente para que se comportasse de um modo tão pouco honorável — Argumentou Zachary, muito sério.

— Me alegro de que fizesse. Desde não ter sido assim, não teria tido a oportunidade de viajar por todo o mundo com minha excêntrica tia Sally. E ela não me teria deixado sua fortuna, e estaria... — Lily se interrompeu, suspirou delicadamente e concluiu: — Casada.

Sorriu e se sentou frente à lareira, indicando com um gesto que Zachary fizesse o mesmo.

— Naquela época só pensava que me tinham partido o coração. Mas a lembrança de sua proposta é como uma das melhores coisas que me ocorreram. Uma das contadas ocasiões em que um homem se comportou comigo com altruísmo. Na realidade, foi a única. Estava disposto a te sacrificar para salvar meu orgulho ferido.

— É esse o motivo pelo qual seguiste sendo minha amiga durante todos estes anos? — Perguntou Zachary, surpreso. — Sempre me perguntei por que se preocupava comigo, conhecendo tanta gente elegante e experimentada como conhece.

— Oh, sim — Respondeu ela secamente. — Esbanjadores, perdidos e ladrões. Tenho uma boa variedade de amizades. Não excluo, evidentemente, nem à realeza nem aos políticos. — Sorriu. — É, o único homem

decente que conheci.

— A decência não me tem feito chegar muito longe, verdade? — Disse ele, tristonho.

Lily olhou surpreendida, perguntando-se qual seria o motivo pelo qual Zachary, um idealista rebelde, mostrava-se tão desconsolado. Algo ia mal.

— Zach, tem qualidades maravilhosas. É atraente...

— Mas não bonito — Replicou.

— Inteligente... — Mas não preparado. — O ser preparado vai geralmente unido à malícia e me alegra te dizer que disso não tem nada. E agora deixa já de me obrigar a que te suplique e me conte por que vieste. — Seu olhar se tornou mais afiado. — É por Penélope, verdade?

Zachary deu um olhar fixo em seus olhos acesos. Franziu a testa e exalou um prolongado suspiro.

— Sua irmã e seus pais estão em Raiford Park com Wolverton, ocupados nos preparativos do casamento.

— Faltam poucas semanas — Murmurou Lily, esquentando seus pés nus diante do fogo crepitante. — Não fui convidada. A mamãe aterroriza pelo que possa montar uma cena. — Sua gargalhada estava impregnada de melancolia. — De onde tiraria tal idéia?

— Seu passado não é muito recomendável... — Assinalou Zachary, mas ela o interrompeu, impaciente e divertida.

— Sim, naturalmente, já sei.

Fazia tempo que não falava com sua família. Tinha sido ela quem provocara o rompimento fazia anos. Não sabia o que a tinha levado a rebelar-se contra as normas tão arraigadas de sua família, mas já não importava descobrir. Tinha cometido enganos pelos quais jamais a perdoariam. Os Lawson disseram que nunca poderia retornar. Naquela época Lily riu em seus próprios narizes da tal proibição, mas agora conhecia o sabor do remorso. Sorriu a Zachary com tristeza.

— Jamais faria nada que pudesse pôr Penny em uma situação comprometedora, nem, que o céu me perdoe pôr em perigo a possibilidade de ter um rico conde na família. O sonho mais desejado de minha mãe.

— Lily, teve oportunidade de conhecer noivo de Penélope?

— Humm... Não, a verdade. Vi ele em uma ocasião em Shropshire, quando levantaram a proibição. Alto e tristonho isso foi o que me pareceu.

— Se casar-se com Penélope, a vida dela se converterá em um inferno. — Zachary fez aquela afirmação tão dramática e surpreendente com a esperança de que ela reagisse com viveza. Mas Lily não se alterou. Juntou suas escuras sobrancelhas e ficou observando analiticamente.

— Acima de tudo, Zach, devo te dizer que não há nenhuma objeção que valha. Penny se casará com Wolverton. Jamais desobedeceria a meus pais. Em segundo lugar, não é nenhum segredo que está apaixonado por ela...

— E ela me ama!

— Portanto é provável que esteja exagerando. — Arqueou as sobrancelhas. — Humm?

— Sou incapaz de exagerar com respeito a isso! Wolverton se comportará com ela de um modo cruel. Não a quer, e eu morreria por ela. Era jovem e melodramático, mas sem dúvida, sincero.

— Oh, Zach — Lily sentia compaixão por ele. Cedo ou tarde todos acabam amando alguém inalcançável.

— Felizmente ela só necessitava de uma lição para aprender. — Recorda que te aconselhei faz tempo, que persuadissem a Penny para fugir com você. Ou isso ou desonrá-la com o fim de que meus pais autorizassem o casamento. Mas agora já é muito tarde. Encontraram um pombo mais gordo que você para depenar.

— Alex Raiford não é nenhum pombo — Afirmou Zachary pesaroso. — Mas bem parece um leão... Uma besta fria e selvagem que fará infeliz sua irmã pelo resto de seus dias. É incapaz de amar. Penélope está aterrorizada. Pergunta a qualquer um. Todo mundo vai contar a você a mesma história... Não tem coração. Um homem sem coração. Desses Lily conhecia muitos. Suspirou.

— Zachary, não posso te oferecer nenhum conselho — Disse causando pena. — Quero bem a minha irmã e naturalmente eu adoraria vê-la feliz. Mas não posso fazer nada por vocês dois.

— Poderia falar com sua família — Suplicou ele. — Poderia advogar por minha causa.

— Zachary, sabe que sou uma ingrata. Minhas palavras carecem de peso em minha família. Faz anos que estou mal com eles.

— Por favor. É minha última esperança. Por favor.

Lily observou a expressão de angústia de Zachary e sacudiu a cabeça, impotente. Não gostava da idéia de ser a última esperança de alguém. As suas, fazia tempo que tinham expirado. Incapaz de permanecer sentada por mais tempo, levantou-se de um salto e começou a perambular pela sala. Ele permaneceu sentado, imóvel como um morto.

Depois de um momento de silêncio Zachary disse, com a sensação de que uma palavra mal escolhida representaria sua ruína:

— Lily, pensa em como deve sentir sua irmã. Tenta imaginar o que isto significa para uma mulher que não tem nem sua força nem sua liberdade. Assustada, dependente, impotente... Oh, sei perfeitamente que esses sentimentos parecem estranhos para alguém como você, mas...

Uma cáustica gargalhada o interrompeu. Lily tinha deixado de dar voltas e estava junto à janela coberta de entupidos cortinados. Tinha a cabeça apoiada na parede e uma perna flexionada de tal maneira que o joelho aparecia por entre as dobras de cor marfim do grosso penhoar. Seu olhar era brilhante e zombador e sorriu com ironia.

— Estranhos — Repetiu.

— Penélope e eu estamos perdidos... Precisamos da ajuda de alguém para seguir juntos nossos caminhos.

— Querido, que poético é.

— Oh, Deus, Lily, sabe o que é amar? Acredita nisso? Lily deu meia volta e puxou as mechas de seu cabelo curto e emaranhado. Arranhou a frente, irritada.

— Não, não esse tipo de amor — Respondeu distraidamente. Sua pergunta a preocupava. De repente tinha vontades de que partisse, levando seu olhar de desespero.

— Acredito no amor que uma mãe sente por seu filho. E no amor entre irmãos. Acredito na amizade. Mas em minha vida nunca vi um romance que tivesse um bom final. Todos estão destinados a acabar com

ciúmes, aborrecimentos, indiferença... — Armou-se de coragem e o olhou com frieza. — Te comporta como faria qualquer outro homem, querido. Faz um casamento de conveniência e logo consegue uma amante que te proporcione o amor que necessite durante todo o tempo que queira mantê-la.

Zachary se encolheu como se acabasse de receber um bofetão. Ficou observando como nunca o tinha feito, acusando-a com olhar aceso.

— Não — Respondia ele, confuso. — Não, é...

— Sou. Mas vou ajudar-te, Zachary. Sou das que sempre pagam suas dívidas e temos uma pendente há muito tempo. — Apartou-se de repente e pôs-se a andar pela sala com renovada energia, lambendo os dedos como se fosse um gato polindo-se. — Deixa que pense... Deixa que pense... Zachary, aturdido diante daquela mudança de atitude, permanecia sentado e a contemplava sem abrir a boca.

— Tenho que ver o Wolverton — Disse ela friamente. — Quero avaliar a situação pessoalmente.

— Já te expliquei que classe de homem é.

— Preciso formar minha própria opinião. Se descobrir que Wolverton não é nem tão cruel nem tão horrível como o pinta, abandono o assunto. — Enlaçou seus delicados dedos e os flexionou, como se dispusera a agarrar as rédeas de seu cavalo para iniciar uma caçada.

— Volta para casa, Zach. Assim que tenha tomado uma decisão te falarei sobre isso.

E se averiguar que tenho razão? Então o que ocorrerá?— Farei tudo o que esteja em minha mão para te ajudar a recuperar Penny.

Capítulo Dois



A empregada entrou no quarto, carregada com os ornamentos de noite.

— Não, Annie, não quero o vestido rosa — Disse Lily olhando por cima do ombro. — Para esta noite quero algo especial. Algo perverso. — Sentou em frente à penteadeira, contemplando sua imagem no espelho oval de marco dourado e alisando suas emaranhadas mechas negras.

— Aquele azul de manga curta, muito decotado? — Sugeriu Annie, com um sorriso em suas gordas feições. Nascida e criada no campo, fascinavam-na as sofisticções de Londres.

— Perfeito! Quando o visto, ganho muitíssimo. Os cavalheiros olham o decote em lugar das cartas.

Annie sorriu e desapareceu em busca do vestido, enquanto Lily colocava um diadema de prata e safiras. Deixou com muita graça uns cachos aparecendo por cima da faixa reluzente. Sorriu ao espelho, mas o resultado foi mais uma careta. O sorriso encantador e eficaz que estava acostumado a utilizar tinha desaparecido. Ultimamente, e por muito que o tentasse, não conseguia mais que uma áspera imitação. Possivelmente o motivo fora a tensão que sofria fazia tanto tempo.

Causar pena franziu a testa. Desde que não tivesse sido pela amizade que mantinha com Derek Craven a essas alturas ainda mais amargurada e insensível. Era uma ironia que o homem mais cínico que se cruzou em seu caminho fosse quem a ajudasse a manter seus últimos farrapos de esperança.

Lily sabia que quase todos esses esnobes pensavam que tinha uma diferença com Derek. Tal especulação não a surpreendia absolutamente... Derek não era um desses homens que mantêm relações platônicas com as mulheres. Mas entre eles não existia nenhum tipo de ligação romântica, nem existiria jamais. Nunca tinha tentado beijá-la.

Naturalmente era impossível convencer a alguém disso, já que os haviam visto juntos, unha e carne, nas caçadas mais famosa e em lugares tão diversos como as localidades mais caras da ópera ou os sombrios bares de Covent Garden.

Derek nunca tinha sugerido visitar Lily em sua casa de Londres, nem tampouco o havia convidado. Era como se existissem certas fronteiras que não queriam transpassar. Para Lily aquele acerto ia muito bem, já que desse modo conseguia que outros homens não se atrevessem a aproximações que não gostava absolutamente. Ninguém ousava meter-se no que se considerava território privado de Derek Craven.

Durante o transcurso dos dois últimos anos Lily tinha chegado a admirar certos aspectos de Derek: sua força e sua total falta de medo. Naturalmente tinha também seus defeitos. O dinheiro soava como música, e mais doce que gerada por um violino ou um piano. Derek não apreciava absolutamente nem a pintura nem a escultura; sim em troca a perfeição da forma de um dado. E além dessa carência de refinamento cultural, Lily devia admitir também que Derek era egoísta até a medula... Razão pela qual, suspeitava que não tinha se apaixonado jamais. Nunca chegaria a ser capaz de antepor às necessidades de outro às suas. Mas de ter sido

menos egoísta, de ter sido um indivíduo sensível e amável, sua infância teria acabado com ele.

Derek confessou a Lily que tinha nascido em uma boca-de-lobo e que sua mãe o abandonou. Criou-se entre fanfarrões, prostitutas e criminosos que o adestraram no lado escuro da vida. Desde jovem conseguia dinheiro roubando tumbas, mas logo descobriu que não tinha estômago para isso. Posteriormente trabalhou no porto... Limpando excrementos, selecionando pescado. Sendo ainda um menino, e estando ele carregando caixas de garrafas vazias em uma licoreria, por casualidade se fixou nele uma dama de alto berço que passava por ali em sua carruagem. E apesar do suja e descuidada aparência, houve algo nele que atraiu à mulher, quem o convidou a subir ao veículo.

— Isso é mentira — tinha interrompido Lily olhando para Derek com os olhos arregalados.

— É a pura verdade — disse ele com desinteresse diante da lareira de seu apartamento e estirando suas intermináveis pernas. Tinha o cabelo escuro e a tez bronzada, e embora suas feições não eram nem peculiares nem ordinárias, era quase bonito. Seus brancos dentes estavam ligeiramente sobrepostas e davam a seu sorriso um caráter leonino. Sorriso quase irresistível, embora não alcançasse nunca a frieza de seus olhos verdes. — Colocou-me na carruagem, de verdade, e me levou a sua casa em Londres.

— Onde estava seu marido?

— No campo.

— E o que pretendia fazer com um menino sujo que acabava de recolher na rua? — perguntou Lily com receio, pondo má cara ao ver o sorriso de Derek. — Não acredito Derek! Nenhuma maldita palavra de tudo o que me contaste!

— Primeiro me obrigou a me dar um banho — recordou Derek, com expressão pensativa. — Deus... Água quente, sabão, e cheirava tão doce... E o tapete no chão... Quente. A primeira coisa que fiz foi lavar os braços e os cotovelos... Minha pele parecia tão branca... — Sacudiu a cabeça, sem deixar de sorrir, e deu um gole em seu conhaque. — E acabei tremendo como um mequetrefe recém-nascido.

— E então imagino que convidaria a sua cama e que resultou ser um magnífico amante, acima de tudo o que ela conhecia — sentenciou Lily com tom sarcástico.

— Não. O pior, suponho. Podia saber como satisfazer uma mulher? Só sabia como satisfazer a mim mesmo.

— Mas gostou igualmente? — perguntou Lily, cética. Sempre que se falava desses temas se sentia tremendamente confusa. Não tinha nem idéia de qual era o motivo que podia chegar a atrair a homens e mulheres, nem por que desejavam tanto compartilhar uma cama e acoplando em um ato tão doloroso, violento e triste. Não ficava a menor duvida de que os homens desfrutavam com isso muito mais que as mulheres.

Por que procuraria as mulheres um estranho com quem deitar-se? Baixou a vista ao sentir o rubor em suas bochechas, embora seguisse escutando a continuação do relato do Derek.

— Ensinou-me o que gostava — disse ele. — E eu queria aprender.

— por quê?

— por quê? — Derek ficou indeciso, bebeu um gole e fixou a vista nas chamas. — Os homens ficam

quentes, mas poucos se preocupam de agradar à mulher e ver uma mulher assim, ficando a ponto de se atrever... Isso dá força ao homem, entende? — Olhou de esguelha o rosto de perplexidade de Lily e pôs-se a rir. Não, imagino que não, pobre cigana.

— Eu não tenho nada de pobre — replicou ela, enrugando o nariz para mostrar seu desacordo. — E o que quer dizer com «força»?

Dirigiu um sorriso um tanto repulsivo.

— Se uma mulher faz cócegas onde corresponde e da forma adequada, faz tudo o que você queira.

Lily o corrigiu educadamente a palavra e disse aturdida, sacudindo a cabeça:

— Não estou de acordo com você, Derek. Eu me... Quero dizer: fiz... Isso... E não resultou absolutamente agradável, E Giuseppe tinha fama de ser o amante italiano mais perito. Dizia todo mundo. Os olhos verdes de Derek brilharam zombadores.

— Está segura de que o fez bem?

— Suponho que sim, pois concebi uma filha resultado do ato — replicou Lily.

— Qualquer homem pode ser pai de milhares de bastardos e seguir sem fazê-lo bem, encanto. Está mais claro que a água... Não tem nem idéia.

«Macho arrogante» pensou Lily lançando um olhar eloquente. Era igual como todos, era impossível que fosse uma experiência satisfatória. Franziu o sobrecenho ao recordar a úmida boca de Giuseppe sobre sua pele, o peso sufocante de seu corpo, a dor que tinha provocado até deixá-la rígida em uma silenciosa tristeza...

« É isto tudo o que pode me oferecer? — tinha perguntado a ele em italiano sem deixar de percorrer seu corpo com as mãos, Encolheu-se ao recordar a audácia com que a esteve amassando e que não tinha contribuído mais que confusão e dor. — Ah, é como qualquer inglesa... Mais fria que um peixe!»

Mas muito antes que tivessem lugar tais acontecimentos tinha aprendido que não se podia entregar o coração aos homens, e que escravizar-se assim, com o homem que fora, seria um degrado.

Derek, como se estivesse lendo seus pensamentos, levantou-se para aproximar-se dela. Enlaçou as mãos por detrás de sua cabeça e ficou olhando fixamente com seus fulgurantes olhos verdes. Lily se moveu, incômoda, como se estivesse apanhada.

— Não me tente, carinho — murmurou Derek. — Eu adoraria ser o homem que te demonstrasse quão prazeroso pode chegar a ser.

Lily, desgostosa pelos sentimentos que se apoderavam dela, disse a ele:

— Jamais permitiria que pusesse a mão em cima de mim, pobre narigudo.

— Poderia fazê-lo se quisesse — replicou ele sem alterar-se e conseguiria que você gostasse. De todas as mulheres que conheço é a que mais necessita uma boa queda. Mas não serei eu quem vai te dar isso.

— Por que não? — perguntou Lily, tentando fazer sua voz refletir aborrecimento. Mas soou trêmula, e ele voltou a sorrir..

— Se fizesse, perderia você. — respondeu. — Isso é o que está acostumado a ocorrer. Encontrará um homem que te abra as pernas. E quando voltar para mim seguirei estando aqui. Sempre.

Lily permanecia imóvel e seu olhar errante se deteve naquele rosto que tanta segurança aparentava. Possivelmente, pensou, que fosse esse o nível máximo que Derek podia alcançar quanto a querer a alguém que não fora ele. Via o amor como uma debilidade, e ele odiava a debilidade. Mas ao mesmo tempo dependia da profunda amizade que os unia. Não queria perdê-la... Bem, tampouco ela queria o perder.

Lily olhou de esguelha com expressão zombadora.

— O que se supõe a fazer? Uma declaração de afeto? —perguntou a ele.

A tensão se rompeu. Derek sorriu e alvoroçou o sedoso cabelo de Lily.

— O que você quiser, carinho.

Depois da visita de Zachary, Lily foi a Craven's em busca de Derek. Seguro que sabia um pouco de Wolverton, pois conhecia a situação financeira de qualquer, homem da Inglaterra, incluindo escândalos e passados, falência, dívidas pendentes e compromissos. Além disso, e graças a seu próprio serviço de inteligência, Derek conhecia até o conteúdo de seus testamentos, se tinham amantes, quanto pagavam por elas e as notas obtidas por seus filhos em Eton, Harrow e Westfield.

Lily chegou a Craven's sem companhia alguma, vestida com um traje azul celeste cujo decote redondo com um brilhante laço cor de nata ressaltava seus pequenos seios. Sua presença no lugar chamou pouca à atenção. Havia por ali habitualmente, uma singularidade aceita, a única mulher aceita por Derek em Craven's, que em troca tinha pedido completa sinceridade. Ele conhecia seus mais escuros segredos.

Apareceu a cabeça a todas as salas para avaliar o ambiente. As salas de jantar se achavam abarrotadas; os assistentes desfrutavam da boa comida e bebiam sem escrúpulos.

— Pombos — murmurou Lily sorrindo.

Essa era a palavra que Derek utilizava para qualificar a seus hóspedes, embora ninguém mais que ela tinha ouvido pronunciar.

A primeira coisa que faziam os pombos era desfrutar da melhor cozinha de Londres, preparada por um chef a qual Derek pagava o incrível salário de duas mil libras ao ano. O jantar estava acostumado a uma seleção de vinhos franceses e do Reno que Derek obsequiava, como se quisesse com isso dar provas de seu bom coração. Tanta generosidade animava os sócios a gastar mais resolutamente o dinheiro nas mesas de Jogo.

Acabado o jantar, os membros do clube se dirigiam às salas de jogo. Luis XIV se sentia ali como em sua casa, rodeado de espelhos tintos, candelabros majestosos, metros e metros de veludo azul e quadros deslumbrantes de valor incalculável. A sala de teto em arco estava situada no centro do edifício, como se fosse uma pedra preciosa. A atmosfera que ali se respirava era de silenciosa atividade.

Lily se deteve na porta absorvendo o som dos jogo de dados de marfim sobre a mesa, o ruído surdo das cartas, o murmúrio das vozes. Sobre a mesa oval pendurava um abajur que concentrava todo seu fulgor no toalha de mesa verde e nas marcas de cor amarela. Aquele dia, amontoados ao redor da mesa, havia vários oficiais da embaixada alemã, uns quantos exilados franceses e um bom número de cavalheiros britânicos. Lily esboçou um sorriso irônico e compassivo vendo se esforçarem. As apostas e as tiragens de jogo de dados se repetiam com uma regularidade hipnótica. Um estranho que nunca antes tivesse visto jogar, bem poderia ter

pensado que ali tinha lugar um ritual religioso.

Para tratar de ganhar era preciso jogar calculando muito bem os riscos. Mas a maioria dos ali presente não jogavam para ganhar, faziam-no pela emoção de abandonar-se ao destino. Lily jogava sem o coração e ganhava de vez em quando, mas bastante. Derek dizia que ela era uma vigarista, o qual para ele representava um elogio.

Darnell e Fitz, dois dos da mesa, saudaram-na discretamente com a cabeça à vendo passar.

Suas relações com os empregados de Derek, incluindo os da cozinha, eram excelentes. O chef, monsieur Labarge, sempre insistia em que provasse e valorizasse suas últimas criações: bolo de lagosta gratinado, diminutos suflês de batatas, perdiz guisado com avelãs e trufas, omeletes de fruta confeitada, confeitaria e um mingau com massa rangente que faziam dar água na boca.

Lily jogou deu uma olhada na sala procurando a silhueta esbelta e morena de Derek, mas não estava ali. Quando se dirigia a uma das seis portas com arco percebeu uma ligeira carícia em seu braço enluvado. Voltou-se com um meio sorriso, esperando ver o enxuto rosto de Derek. Mas não se tratava dele, mas sim de um alto espanhol que brilhava na manga a insígnia dourada de ajudante da embaixada. Saudou-a brevemente e olhou para ela com insolente familiaridade.

— Acaba você de chamar a atenção do embaixador Álvarez —informou ele. — Venha, deseja conhecê-la. Venha comigo.

Lily se soltou, percorreu a sala com o olhar até dar com o embaixador, um homem gordo e de povoado bigode, que a observava com avidez e a animava a aproximar-se sem ocultar suas intenções. Lily voltou a olhar ao ajudante.

— Aqui há um engano — disse amavelmente. — Diga ao senhor Álvarez que me adula seu interesse, mas que tenho outros planos para esta noite.

Deu meia volta, mas o ajudante voltou a sujeitar pelo braço, fazendo-a retroceder.

— Venha —insistiu. — Pagará por seu trabalho.

Era evidente que a tinham confundido com uma das mulheres do Craven's, mas nem sequer elas eram merecedoras de um trato como aquele, como se fosse uma prostituta recolhida em qualquer esquina.

— Não sou uma das fulanas da casa — resmungou Lily. — Não estou a venda, entende? E agora me solte.

O rosto do ajudante se obscureceu de frustração.

Começou a falar em espanhol, tentando levá-la a força até a mesa onde Álvarez seguia esperando. Alguns homens deixaram de jogar para observar o alvoroço. Lily, colérica, lançou um olhar assassino a Worthy, o encarregado de Derek, que abandonou sua mesa, situada em uma esquina, e se encaminhou para eles. Antes que Worthy alcançasse o ajudante, Derek apareceu milagrosamente, como de um nada.

— Bem, senhor Barreda, vejo que já conhece a senhorita Lawson. Uma beleza, verdade? — Enquanto falava, Derek arrancou habilmente Lily das mãos do espanhol. — Mas se trata de uma convidada muito particular... Minha convidada particular. Se o embaixador assim o desejar, temos outras mulheres ao seu dispor, e de mais doce sabor. Esta é como uma maçã amarga.

— E você já sabe o que é — resmungou Lily.

— Ele quer esta — insistiu o ajudante.

— Não pode ter ela — disse Derek com tom amável.

O palácio de jogo era seu reino, e sua palavra, lei.

Pelo brilho de seu olhar, Lily se precaveu do violento semblante que tinha o espanhol. A única ocasião que tinha tido para enfrentar-se com Derek tinha sido suficiente para inteirar-se do amedrontador que podia chegar a ser. Derek, como de costume, estava vestido com roupa cara: jaqueta azul, calças cor de cinza pérola, camisa branca imaculada e gravata. Mas apesar de seu traje de gosto delicioso mantinha o aspecto duro e abrindo trilha para quem tinha passado grande parte de sua vida nas ruas. Naqueles momentos se acotovelava com a flor e a nata da alta sociedade, mas todo mundo sabia que seus cotovelos em outros tempos roçavam corpos menos distinguidos.

Derek fez um gesto a suas duas mais belas fulanas, que saíram disparadas fazendo ostentação de seus decotes para o mal-humorado embaixador.

— Não, o asseguro, gostará mais dessas duas. Olhe... Vê mais feliz que um camundongo diante de um queijo.

Lily e Barreda seguiram a direção de seu olhar e comprovaram que a Álvarez, e graças aos peritos cuidados de ambas as mulheres, tinha mudado seu rosto. O ajudante, não sem antes franzir a testa por última vez, desculpou-se murmurando umas palavras e se afastou.

— Como se atreve? — Exclamou Lily, indignada com o rosto aceso.

— E como atreve você? Sua convidada particular? Não quero que ninguém pense que necessito de um protetor, e te agradeceria que reprimisse suas hipóteses, especialmente diante de...

— Tranquila, te acalme. Deveria haver deixado que provasse da sua sorte, não é isso?

— Não, mas podia haver referido a mim com certo respeito. E onde diabos estava? Quero falar com você sobre alguém...

— Respeito você, carinho, muito mais do que qualquer mulher possa merecer. E agora me acompanhe para dar uma volta. Minha orelha, ou o que fica dela, é toda para você.

Lily não pôde reprimir uma gargalhada e deslizou sua mão pelo magro, mas forte braço de Derek, que desfrutava frequentemente levando-a com ele em seus passeios pelo clube, como se fosse um exótico troféu que acabava de ganhar. Atravessaram a entrada principal, e antes de subir a escada dourada Derek se deteve para dar a boa-vinda a dois dos membros do clube que chegavam naquele momento, lorde Millwright e lorde Nevill, barão e conde respectivamente. Lily lhes ofereceu um de seus radiantes sorrisos.

— Edward, espero que seja indulgente comigo quando jogarmos cribagge. — disse Lily a Nevill. — Desde que perdi para você na semana passada, estou impaciente por me redimir.

Como resposta, o rosto bochechudo de Nevill se iluminou com um sorriso.

— O asseguro, senhorita Lawson, também espero impaciente a próxima partida. — Nevill e Millwright se dirigiram a sala de jantar, e Derek e Lily puderam ouvir Nevill comentar: É bastante inteligente para ser

uma mulher...

— Não é ouro tudo o que reluz — assinalou Derek. — Ontem ficou em contato comigo por um empréstimo. Não tem os bolsos bastante cheios para agradar a uma pequena vigarista como você.

— Bem, então, me diga quem — disse Lily, provocando um sorriso em Derek.

— Tenta com o jovem lorde Bentinck... Quando joga forte seu pai se faz cargo dê suas dívidas. — Subiram juntos pela majestosa escada que conduzia ao andar superior.

— Derek — disse Lily de repente. — Vim te perguntar o que sabe a respeito de certo cavalheiro. — Quem?

— O conde de Wolverton, lorde Alexander Raiford. — Esse pássaro de conta com o qual sua irmã está comprometida.

— Sim, chegaram-me algumas desagradáveis especulações sobre seu caráter. Eu gostaria de saber que opinião tem dele.

— Por quê?

— Porque temo que vai ser um marido cruel para minha irmã. E ainda tem tempo de tentar algo. Faltam quatro semanas para o casamento.

— Você nunca moveu um dedo por sua irmã — disse ele.

Lily o olhou com reprovação.

— Isso demonstra o pouco que me conhece! Certo é que nunca nos parecemos muito, mas adoro Penny. É amável, tímida, obediente... Tem qualidades que são de admirar em qualquer mulher.

— Não necessita sua ajuda absolutamente.

— Sim, Penny é doce e indefesa como um cordeiro.

— E você nasceu com unhas e dentes — comentou ele brandamente.

Lily levantou o queixo.

— Se a felicidade de minha irmã está ameaçada, acredito que é minha responsabilidade fazer algo.

— Uma Santa, isso é o que é.

— E agora me conte tudo o que sabe de Wolverton. Sabe tudo de todo o mundo. E deixa já de te andar pela grama... Não pretendo cometer nenhuma imprudência.

— Sim, como o inferno existe. — Derek ria a gargalhadas, imaginando a nova confusão no que ia meter se.

Lily corrigiu a pronúncia de Derek.

— Hoje não viu o senhor Hastings, verdade? Adivinho sempre quando falta a classe.

Derek lançou um olhar de advertência.

Só Lily sabia que Derek recebia lições de um professor com o fim de suavizar sua dicção. Era uma causa perdida. Depois de anos de estudando duro só tinha conseguido elevar sua fala no nível de um peixeiro de Billingsgate ao de... Bom, um condutor de carros de aluguel ou um comerciante de Têmpera Bar. Uma leve melhora, mas que apenas se notava.

— Falham as letras — explicou — uma vez o professor a Lily, desesperado.

— Consegue as pronuncia bem se o tentar, mas sempre se esquece. Para ele seguirei sendo sempre o senhor Hastings, até que exale seu último suspiro.

Lily replicou, sorrindo com simpatia;

— Você tem razão, senhor Hastings. É questão de paciência. Surpreenderá o dia que menos o espere. Não vai ficar sempre estagnado na letra H.

— Não tem ouvido — disse o professor, melancólico.

Lily não discutiu. Sabia que Derek jamais falaria como um cavalheiro, mas isso não importava absolutamente. De fato gostava da forma de falar, a mistura de VS e VS dobra, a imprecisão das consoantes, que soavam estranhamente agradáveis.

Derek a conduziu para a varanda com molduras douradas da qual se dividia o andar principal.

Aquele era seu lugar favorito para conversar, pois dali controlava os movimentos das mesas. Sua cabeça não cessava jamais de fazer complicados cálculos. Não havia quarto de, recontagem de cribagge ou carta que se deslizasse entre destros dedos que escapasse a seu olhar.

— Alex Raiford — murmurou pensativo. — Sim, colocou o nariz por aqui um par de vezes. Não é um pombo, acredito.

— De verdade? — disse Lily surpreendida. — Não é tão pombo? Isso é quase um elogio, vindo de você.

— Raiford joga com a cabeça... Tem rajadas, mas nunca se afunda. — Derek sorriu. — Nem você poderia o fraudar.

Lily ignorou o insulto.

— É realmente tão rico como falam?

A pergunta provocou uma cabeçada.

— Mais.

— Algum escândalo familiar? Segredos, problemas, assuntos passados, alguma dívida que pudesse ser o motivo de seu caráter? Tem o aspecto de um tipo frio e cruel?

Derek se agarrou ao corrimão com suas largas mãos de fortes tendões e olhou para baixo, para seu pequeno reino.

— É reservado. Calado. Particularmente, faz um ou dois anos, o fodeu a mulher da qual estava apaixonado.

— Fodeu? — interrompeu Lily, meio que rindo, meio que horrorizada.

— Por que tem que ser sempre tão vulgar?

Derek fez caso omissso da situação.

— A senhorita Caroline Whitmore, Whitfield ou um pouco parecido. Dizem que quebrou o pescoço em uma caçada. Maldita louca, diria eu.

Lily, irritada e conhecendo o significado de seu olhar, corrigiu a dicção por enésima vez. Gostava montar a cavalo nas caçadas, mas nem Derek aprovava que as mulheres realizassem atividades tão perigosas.

— Eu cavalgo tão bem como um homem. Melhor que a maioria.

— Joga-te o pescoço — respondeu ele com indiferença.

— Exatamente. Bem, não pode ser que seja isso tudo o que sabe sobre Wolverton. Conheça-te. Esconde-me algo.

— Não. — Lily observou a profunda frieza dos olhos de Derek, que cintilavam zombadores deixando entrever uma advertência. Disse uma vez mais que Derek, apesar da amizade que os unia, não ia ajudar se buscava problemas. Sua voz parecia escurecida por uma força interior tão preocupada como estranha. — Escute-me, cigana. Deixa que seja como tem que ser... O casamento,que seja. Raiford não é um tipo cruel, mas não é trigo limpo. Afaste-te dele. Você já tem muitos problemas.

— Franziu os lábios e corrigiu sua pronúncia.

Lily considerou seu conselho. Derek tinha razão, naturalmente. Devia reservar forças, não pensar em outra coisa que não fosse em reunir-se com a Nicole. Mas, pela razão que fosse o enigma de Wolverton tinha impregnado fundo nela, e não ficaria tranquila até conhecê-lo. Pensava em quão dócil tinha sido sempre Penny, em que jamais se comportou mal nem tinha desobedecido a seus pais. Bem sabia Deus que Penny não tinha ninguém que a ajudasse. Recordou o rosto suplicante de Zachary. Devia a ele. Lily suspirou.

— Devo conhecer Wolverton e tirar minhas próprias conclusões — declarou com teima.

— Então vá à caçada de Middleton, que se celebra esta semana — disse Derek, concertando sua pronúncia. De repente soava quase como um cavalheiro. — É muito provável que esteja ali.

Alex estava junto aos estábulos, esperando com outros a que os entregassem os cavalos a seus proprietários. A excitação flutuava no ambiente; todos os participantes sabiam que aquele ia ser um dia excepcional. Fazia frio e o ar era seco. O concurso de Middleton era muito famoso, tanto por sua qualidade como pelo prêmio (superior a três mil guíneas).

Alex levantou a cabeça, franzindo a boca com impaciência e observou o céu resplandecente. Segundo o programa, a caçada devia iniciar-se as seis em ponto. Mas começariam com atraso. Mais da metade dos participantes ainda não dispunham de suas montarias. Pensou que o melhor era dar uma volta e conversar com alguém.

Havia muitos conhecidos ali, e algum outro companheiro de estudos. Mas na realidade não tinha vontades de cercar nenhuma conversa. Desejava cavalgar, concentrar-se na perseguição até ficar tão esgotado que o fora impossível pensar ou sentir algo.

Olhou a paisagem, a fria neblina estava sobre a erva amarela e bordejando os escuros bosques de tons cinzas e esverdeados. Os matagais próximos eram espessos e estavam repletos de plantas e flores douradas e cheias de espinhos. De repente, um brilho de luz iluminou sua memória...

— Caro, não irá à caçada..

Sua noiva, Caroline Whitmore, pôs-se a rir. Era uma moça encantadora, com pele de pêssego, brilhantes olhos amendoados e cabelo escuro.

— Querido, não estará pensando em me privar de tal diversão, verdade? Não corro nenhum perigo. Sou uma amazona excelente, como diriam os ingleses.

— Você não sabe o que é isso, saltar com tanta gente ao redor. Está acostumado a haver colisões, empinamentos, pode cair do cavalo...

— Cavalgarei com a maior prudência. Acredita acaso saltarei os obstáculos às cegas? Faço-te saber, querido, que o sentido comum é uma de minhas virtudes. Além disso, já sabe que é impossível me fazer mudar de idéia quando coloco algo na cabeça. — Caroline suspirou com dramatismo. — Por que faz ficar tão difícil?

— Porque te quero.

— Então, não me queira. Ao menos até manhã pela manhã...

Alex sacudiu a cabeça para afastar aquelas lembranças. Deus, é que ia ser sempre assim? Fazia dois anos que tinha morrido e seguia o atormentando.

O passado envolvia Alex em uma rede invisível. Depois de várias tentativas inúteis, deu-se conta de que jamais poderia liberar-se de Caroline. Era evidente que existiam mais mulheres como ela, com seu mesmo temperamento, paixão e beleza, mas não queria nem ouvir falar de mulheres. Caroline havia dito uma vez que a ele que ninguém chegaria a amar o suficiente. Tinha passado muitos anos privado do carinho de uma mulher.

Sua mãe tinha morrido de parto sendo Alex um menino. E sua morte foi seguida, um ano mais tarde, pela do conde.

Comentou que se havia suicidado, deixando a suas costas dois filhos e uma montanha de responsabilidades. Dos dezoito anos Alex se fez cargo dos negócios, os arrendatários, as terras, as casas e a família. Tinha uma propriedade em Herefordshire, extensas terras de irrigado, milharais e rios repletos de salmão, e outro imóvel em Buckinghamshire, em uma comarca muito bela, que incluía as longínquas e escarpadas colinas de Chiltern.

Alex tinha se dedicado intensamente ao cuidado e educação de seu irmão mais novo, Henry, adiando suas próprias necessidades e quando encontrou uma mulher a quem amar venceram os sentimentos aprisionados durante tanto tempo. A perda de Caroline quase acabou com ele. Jamais na vida voltaria a ser escravo do amor, que tanta dor o tinha proporcionado.

Foi esse o motivo pela qual tinha pedido a mão de Penélope Lawson, uma recatada, a quinta essência britânica, que tinha atraído sua atenção por suas deliciosas maneiras em vários bailes da alta sociedade londrina. Penélope era o que ele necessitava. Queria casar-se e ter herdeiros. Penélope não podia ser mais diferente do que Caroline.

Compartilharia sua cama, criaria seus filhos, envelheceria junto a ele, sem problemas e em paz; sem formar parte dele. Alex se sentia cômodo diante da presença pouco substancial e absorvente de Penélope. Seus bonitos olhos castanhos não tinham vivacidade, seus comentários eram intransigentes, nada que ameaçasse ferindo seu coração. Jamais ocorreria discutir com ele nem levar ao contrário. A cordialidade distante que existia entre os dois era algo que tampouco ela parecia querer estender mais à frente.

De repente os pensamentos de Alex se viram interrompidos pela imagem de uma mulher cavalcando entre a multidão, uma jovem montada em um esbelto cavalo branco. Alex retirou o olhar imediatamente, mas a visão ficou gravada, em sua cabeça. Sem querer, franziu a testa.

Exótica, com gestos masculinos, chamativa, tinha saído do nada. Excetuando a agradável protuberância

de seus seios, era tão magra como um menino. Seu cabelo era curto, escuro e encaracolado, e o levava preso com uma faixa para impedir que caísse sobre a testa. Alex, sem poder acreditar observou que montava com as pernas abertas, como um homem, e levava calças debaixo do vestido de amazona. Calças cor framboesa, pelo amor de Deus. Apesar disso ninguém parecia surpreender-se. Quase todos os homens a conheciam, já que conversavam com ela faziam comentários jocosos, de lorde Yarborough até o velho e arisco lorde Harrington. Alex contemplou boquiaberto à mulher com calças cor framboesa rodear aonde foram soltar as raposas. Havia algo nela que parecia estranhamente familiar.

Para Lily custou reprimir um sorriso de satisfação ao ver que Wolverton tinha o olhar cravado nela.

— Milord — disse Chester Harrington, um robusto ancião cavalheiro que levava anos sendo seu admirador, quem é esse homem que me olha com tanto descaramento?

— Por quê? É o conde de Wolverton — respondeu Harrington. — Lorde Raiford. Tinha suposto que já o conhecia, considerando que vai se casar muito em breve com sua deliciosa irmã.

Lily sacudiu a cabeça e sorriu.

— Não, sua senhoria e eu nos movemos em círculos bastante distintos. Conte-me, é tão grosseiro como aparenta?

Harrington lançou uma franca gargalhada.

— Gostaria que o apresentasse para formar-se você mesma uma opinião?

— Obrigado, mas acredito que apresentarei a Raiford eu mesma.

— E antes que ele pudesse responder, Lily dirigiu seu cavalo para Wolverton. Enquanto ia aproximando-se sentiu uma estranha sensação na boca do estômago. Olhou-o no rosto e de repente o reconheceu. — Meu Deus — disse e suspirou, detendo o cavalo junto a ele. — É você.

Recebeu um olhar mais afiado que um estoque.

— A festa no navio — murmurou. — Você é a que saltou pelo muro.

— E você o que me olhava com reprovação. — Lily sorriu. — Esse dia me comportei como uma tola — admitiu sinceramente. — Estava um pouco aturdida. Embora suponha que não vai você considerar isso como uma desculpa aceitável.

— O que quer? — Sua voz conseguiu fazer com que Lily arrepiasse o pêlo das costas. Soava muito.

— O que quero? — Ela riu ligeiramente. — Você é direto. Uma qualidade que eu gosto nos homens.

— Não teria se aproximado se não quisesse algo.

— Tem razão. Sabe quem sou, Milord?

— Não.

— A senhorita Lily Lawson. A irmã de sua noiva.

Alex a estudou com atenção, ocultando sua surpresa. Parecia impossível que essa criatura fosse irmã de Penélope. Uma irmã tão agradável e angelical, a outra escura e provocadora... Mas existia certa aparência. Tinham os mesmos olhos castanhos e uma doçura única na curvatura dos lábios. Tentou recordar o que Penélope tinha contado sobre sua irmã mais velha. Prefiro não falar dela, salvo para assinalar que Lily (ou Wilhemina, como a chamava sua mãe) tornou-se «um pouco louca» depois que com a idade de vinte anos,

deixassem-na plantada frente ao altar.

Posteriormente tinha partido para o estrangeiro. Ali, e com sua tia viúva como permissiva companhia, lançou-se a uma vida desordenada. Aquela história despertou em Alex pouco interesse... Agora desejava ter emprestado mais atenção.

— Falou minha família alguma vez de mim?—Perguntou ela.

— Descreveram-na como uma excêntrica.

— Pergunto-me se ainda preocupa saber se sigo existindo. — inclinou-se para acrescentar, como se estivesse conspirando: Tenho muito má reputação... Levou-me anos de esforço para consegui-la. Os Lawson não me dão sua aprovação. Bom, como dizem eles, é o destino quem escolhe à família.

Muito tarde para me arrancar da árvore da família. — Lily olhou o rosto tão próximo ao seu e deixou de falar com aquele tom tão informal. Só Deus sabia o que se tramava atrás desse olhar. Era evidente que a afabilidade de Lily não inclinaria a Wolverton a ser indulgente com ela nem a somar-se ao jogo dos desconhecidos na sociedade.

Lily perguntou se seria a franqueza o melhor modo de confrontá-lo.

— Wolverton — disse bruscamente, quero falar de minha irmã.

Ele seguia sem dizer uma palavra e olhando-a com olhos frios como o gelo.

— Conheço melhor que ninguém as ambições de meus pais com respeito a Penny — assinalou Lily. — É uma garota encantadora e competente, verdade? Seria um casamento brilhante. A senhorita Penélope Lawson, condessa de Wolverton. Não existe ninguém em minha família que tenha alcançado semelhante título. Mas me pergunto... Será converter-se em sua esposa é o que mais interessa? Explico-me, cuidaria de minha irmã, lorde Raiford?

O rosto do conde permanecia impassível.

— Quanto seja necessário.

— Pouco me diz com isso.

— O que a preocupa, senhorita Lawson? —perguntou com tom sarcástico. — Que maltrate a sua irmã? É que ela não tem nada que dizer neste assunto? Penélope parece satisfeita de como vão às coisas. — Abriu mais os olhos para prosseguir, em voz baixa. — E só se por acaso estivesse você a ponto de oferecer uma de suas atuações teatrais, senhorita Lawson, advirto-lhe... Que eu não gosto das cenas.

Lily, diante da ameaça de sua voz, jogou a cabeça para trás. Oh, não gosta absolutamente! Ao princípio tinha considerado quase entretido, um alto e ligeiramente pomposo aristocrata com água gelada em lugar de sangue correndo pelas veias.

Mas agora intuía que a natureza daquele homem não só era gelada, mas também cruel.

— Não acredito que Penny esteja satisfeita — replicou.

— Conheço minha irmã, e sem dúvida meus pais estiveram intimidando-a para que seguisse o caminho que eles queriam. Você deve ter Penny aterrorizada. De fato, importa sua felicidade? Ela merece um homem que a ame de verdade. Meu instinto me diz que a única coisa que você quer é uma garota obediente e fértil que dê uma enxurrada de herdeiros para perpetuar seu sobrenome. Se for assim, poderia encontrar com

verdadeira facilidade uma centena de garotas que...

— Já é suficiente — interrompeu ele com secura. — Meta-se na vida de outro, senhorita Lawson. Veremo-nos no inferno... Não, eu mesmo a mandarei para lá se seguir entremetendo-se em meus assuntos.

Lily lançou um olhar ameaçador.

— Tenho descoberto o que queria saber — disse, disposta a partir.

— Bom dia, Milord.

— Espere.

— Antes que Alex pudesse dar-se conta do que estava fazendo se encontrou agarrando uma das rédeas de seu cavalo.

— Me solte! — exclamou Lily, zangada e surpreendida. Aquela atitude era escandalosa. Sujeitar as rédeas de um cavaleiro sem ter permissão para fazê-lo, fazer perder o controle do cavalo, era um ato degradante.

— Não irá na caçada — disse ele.

— Acredita que vim até aqui só para desejar boa sorte? Sim intervirei na caçada. Não tema, não obrigarei a ninguém que se atrase.

— As mulheres não deveriam caçar.

— Naturalmente que devem, se assim o desejarem. — Só no caso de ser viúvas ou filhas de caçadores de primeira. Se não...

— Um simples acidente não vai impedir de me caçar. Sou uma amazona curtida e não necessito nenhuma indulgência. Posso saltar qualquer obstáculo, por elevado que seja. Você preferiria que ficasse dentro com o resto das mulheres, bordando e mexericando.

— De estar ali reduziria os riscos de outros. Mas fora os põe em perigo.

— Temo-me que só uma minoria compartilha sua opinião, lorde Raiford.

— Nenhum homem que esteja em sã consciência a quereria aqui.

— Suponho que teria que desaparecer — murmurou Lily, envergonhada e cabisbaixa. Como me atrevo a entorpecer um passatempo tão varonil como a caça? Bem, não dou nem isto — fez estalar os dedos enluvados — por você nem por suas virtuosas opiniões. E agora me solte!

— Não cavalgará... Resmungou Alex. Naquele instante se liberou uma mola em seu interior que o fez abandonar toda atitude racional. «Caroline, não. OH, Deus...»

— Arrumada estaria se não o fizesse! — Lily atirou da rédea, já que o cavalo estava realmente nervoso. Alex seguia sem soltá-la. Lily, que não saía de seu assombro, ficou olhando fixamente aqueles olhos azuis que pareciam um espelho. — Está louco — murmurou. Ambos permaneceram imóveis.

Lily foi a primeira a reagir quando, furiosa, descarregou uma chicotada que roçou a parte inferior da mandíbula de Alex deixando uma marca avermelhada que acabava no extremo do queixo.

Esporeou o cavalo e aproveitou o puxão para liberar-se dos dedos do conde. Afastou-se cavalgando sem voltar à vista. A briga transcorreu tão rapidamente que ninguém se precaveu do que acontecia. Alex limpou o sangue que tinha no queixo, apenas consciente da aguda dor. A cabeça dava voltas e se perguntava o que estava acontecendo. Durante uns segundos tinha sido impossível separar o presente do passado.

A agradável e longínqua voz de Caroline ressonava em seus ouvidos.

«Querido Alex... “Então, não me quer...” estremeceu-se. O coração começou a pulsar com força recordando o dia da queda...

— Um acidente — disse serenamente um de seus amigos. — Tem cansado do cavalo. Assim que caiu soube...

— Chamem um médico — ordenou Alex com Voz rouca.

— Alex, não faz falta.

— Maldito seja, vai à procura de um médico, se não...

— quebro seu pescoço.

— Não...

— Alex, está morta...

A voz de sua governanta o devolveu ao presente.

— Milord?

Alex pestanejou e olhou o reluzente cavalo de pelagem cor avelã que tinha escolhido por sua excelente combinação de força e flexibilidade. Agarrou as rédeas, montou com agilidade e olhou em direção ao claro.

Lily Lawson estava conversando e rindo com o resto dos cavaleiros. Quem a visse jamais poderia imaginar o enfrentamento que acabavam de ter.

As raposas ficaram em liberdade, esparramando-se pelo campo e farejando freneticamente.

— As raposas saíram! — ouviu-se gritar. A espera foi aumentando até que a caça maior fez soar a tromba e os cavaleiros iniciaram a perseguição.

Dirigiram-se para o bosque, enfurecidos e lançando gritos, parecia que se tornaram loucos.

A terra tremia sob a carreira de cães e cavalos, e gritos de impaciência alagavam o ambiente.

— Em marcha! — Vai!

— A por eles!

O grupo esporeava sua caça e a caçada foi adquirindo a formação requerida: os caçadores seguindo de perto aos adutores mais adiantados, as caças junto aos cães e guiando aos mais atrasados para que não se desprendessem do grupo.

Lily Lawson cavalgava como uma posses, pulando os obstáculos como se tivesse asas. Sua segurança parecia importar pouco. Em circunstâncias normais, Alex teria estado cavalgando em vanguarda, mas no momento se mantinha atrás. Estava decidido a seguir Lily e observar suas ações suicidas. Aquela caçada era soada e da mais divertida, mas Alex se achava imerso em um autêntico pesadelo enquanto seu cavalo se esticava nos saltos e cravava os cascos no chão. Caroline... Tempo atrás tinha decidido deixar de lado toda lembrança do passado no mais recôndito de sua mente.

E agora se sentia indefesa diante aqueles pensamentos que assaltavam sem prévio aviso, sentia a boca de Caroline sob a sua, seu cabelo sedoso nas mãos, a doce tortura de abraçá-la. Levou-se com ela uma parte dele que jamais ia recuperar.

«Está louco», disse com raiva. Estava convertendo a caçada em uma macabra visão de seu passado. Um

louco perseguindo sonhos perdidos... E galopava atrás de Lily, observando seus saltos sobre sarjetas e sebes. Apesar de que ela não girava a cabeça, Alex intuía que era consciente de que ele a observava. Quando levavam uma hora cavalgando, transpassaram os limites de um condado e entraram em outro.

Lily esporeava seu cavalo com decisão, muito excitada. Nunca tinha dado grande importância ao propósito das caçadas, ao feito de conseguir peças, mas cavalgar... OH, não existia nada que pudesse comparar. Aproximou-se alegremente a um espetacular sebe com forma de corno de boi e espinheiros de ambos os lados.

Durante um segundo pensou que era muito alto, mas uma força maligna a impulsionou a seguir adiante. No último momento o cavalo se negou a saltar, e a tolice fez com que Lily saísse disparada de seus arreios.

Pareceu estar suspensa no ar, e quando viu aproximar o chão protegeu o rosto com as mãos. Caiu contra o terreno úmido. Seus pulmões ficaram sem ar e lançou um grito sufocado, retorcendo-se de dor, enquanto suas mãos tratavam de agarrar-se a algo.

Apenas se precavia de que alguém a punha de barriga para cima e a incorporava. Abriu a boca, lutando por respirar. Manchas vermelhas e negras dançavam diante de seus olhos. A neblina foi desvanecendo-se pouco a pouco para revelar um rosto de pele dourada. Lily se encolheu ao descobrir que se achava coberta por umas musculosas pernas. Sentia-se frouxa e indefesa como uma boneca. Necessitava de ar, o peito subia e baixava rapidamente. Sentia a mão do homem pressionando sua nuca com força, fazendo danos.

— Disse que não saísse a caçar — grunhiu Wolverton. — Tentava se suicidar?

Lily quis falar e levantar a cabeça, sumida em um estado de confusão. Ele levava o pescoço da camisa manchado de sangue pela ferida que tinha provocado com o chicote. Lily sentia a força de sua mão na nuca. De havê-lo querido podia haver quebrado os ossos como se fossem palitos. Precaveu-se então de quão forte e fibroso era, do poder oculto que escondia seu corpo. Seu rosto congestionado tinha uma expressão primitiva, uma mistura de ódio e de algo que era incapaz de identificar. Escutou um nome, como um zumbido... Caroline...

— Está você louco — murmurou ela com esforço. — Meu Deus. Teria que estar em Bedlam¹. Que se sucede? Sabe você onde demônios estou? Tire as mãos de cima, ouviu?

Suas palavras pareceram despertar o conde. O brilho assassino desapareceu de seu olhar e o contorno de sua boca se adoçou. Lily percebeu que aquela tensão abandonava seu corpo. Soltou-a de repente, como se estivesse queimando.

Lily caiu de costas sobre as folhas e a lama e o olhou de esguelha enquanto ele se erguia. Não estendeu a mão para ajudá-la a levantar-se mas esperou a que ela conseguisse ficar em pé. E uma vez que se assegurou de que não estava ferida montou em seu cavalo.

Lily, com as pernas tremulas, apoiou-se em uma árvore. Devia recuperar as forças antes de voltar a montar. Olhou com curiosidade o inexpressivo rosto de Wolverton enquanto respirava profundamente.

— Penny é muito boa para você — conseguiu dizer. — Antes só me dava medo que pudesse fazê-la infeliz. Agora acredito que até poderia causar danos físico.

— E que demônios importa a você? — grunhiu ele. — Faz anos que não tem nenhum contato nem Com

sua irmã nem com sua família e é evidente que eles não querem saber nada de você.

— Você não tem idéia de nada! — disse ela acalorada.

Pensar nesse monstro junto a Penélope por toda vida...

Sua irmã envelheceria prematuramente. A indignação se apoderou dela. Como podia permitir-se que um ogro como Wolverton se casasse Com Penélope estando apaixonado por ela alguém tão carinhoso e amável como Zachary?

— Não terá Penny —exclamou.

— Não permitirei!

Alex seguia olhando-a impassível.

— Até onde pode chegar sua loucura, senhorita Lawson?

Perjurando, soltando os piores palavrões que conhecia, Lily observou Wolverton desaparecer no lombos de seu cavalo.

— Não a conseguirá — disse quase sem respiração. — Juro. Não será dela!

Capítulo Três



Assim que chegou a Raiford Park, Alex foi dar bom dia a Penélope e a seus pais. O fazendeiro e lady Lawson eram, de qualquer ponto de vista, um casal do mais singular. George era um erudito que desfrutava encerrando-se dias inteiros para ler livros em latim e grego, até o ponto de que tinham que levar ali a comida. O mundo exterior não o interessava. Tinha perdido por simples falta de atenção as propriedades e a fortuna que herdasse em seu dia. Sua esposa, Totty, era uma autêntica cascavel, atrativa, de olhos grandes e abundantes cachos de cabelo dourados. Adorava as fofocas e as festas e a maior ilusão de sua vida era ver sua filha bem casada.

Alex entendia que tivessem podido gerar uma filha como Penélope. Tranquila, tímida, bonita, uma combinação das melhores qualidades de ambos. Mas Lily... Era difícil imaginá-la como uma Lawson. Era compreensível que a tivessem expulsado da família. Se não fizesse, nenhum deles teria podido viver tranquilo. Onde ela estivesse haveria problemas, colocaria os narizes em tudo e os teria atormentado até deixá-los loucos. Lily tinha abandonado a propriedade de Middleton depois da caçada, mas Alex tinha sido impossível deixar de pensar nela. No fundo agradecia o fato de que sua família estivesse inimizada com Lily.

Com um pouco de sorte nunca voltaria a tropeçar com ela.

Lady Totty, muito contente, pôs os acontecimentos dos preparativos do casamento. O padre tinha previsto visitá-los última hora da tarde.

— Bem — replicou Alex. — Me avise assim que chegar.

— Lorde Raiford — disse Totty, iludida e indicando um espaço no sofá entre ela e Penélope, não gostaria de tomar o chá conosco?

Alex se precaveu de repente, com ironia, de que Penélope parecia um coelhinho frente ao lobo. Declinou o convite, pois não gostava de aguentar o bate-papo de Totty a respeito dos acertos florais e outras tolices relacionadas com o casamento.

— Obrigado, mas tenho uns assuntos que atender. Vê-las-ei na hora do jantar.

— De acordo, Milord — murmuraram as duas mulheres, uma decepcionada e a outra aliviada, mas sem demonstrar.

Alex se encerrou na biblioteca e deu uma olhada ao montão de documentos e livros de contabilidade que tinha que examinar. Podia ter dado essas tarefas para seu administrador, mas da morte de Caroline trabalhava intensamente; era um recurso diante da solidão e as lembranças. Na biblioteca passava mais horas que em qualquer outra estadia da casa, desfrutando da paz e a ordem que ali reinavam. Os livros estavam catalogados e ordenados corretamente e a mobília distribuída com acerto.

Inclusive as garrafas de licor que havia na cantoneira italiana pareciam dispostas com precisão geométrica.

Não havia nenhum pingo de pó, nem ali nem em nenhum lugar da mansão de Raiford Park. O responsável era um exército de cinquenta criados. Outros trinta estavam ao cargo dos terrenos adjacentes, os jardins e a entrada. As visitas ficavam boquiabertas admirando a cúpula de mármore da entrada e o enorme salão de teto em forma de arco decorado com escarola. A mansão possuía salões de verão e inverno, extensas galerias repletas' de obras de arte, uma sala para o café da manhã, duas salas de jantar, inumeráveis quartos (todos eles com seu correspondente vestuário), uma cozinha imensa, biblioteca, salão de caça e um par de salas que podiam comunicar-se e converter-se em um grande salão de baile.

Era uma propriedade enorme, mas Penélope sabia como dirigi-la. Desde sua mais tenra infância tinha sido educada para isso. Alex não tinha a menor duvida de que seria fácil converter-se na senhora da propriedade. Era uma garota inteligente, embora dócil e tranquila. Não tinha tido ainda oportunidade de apresentar a seu irmão mais novo, Henry, mas sendo ele um moço educado estava seguro de que se dariam bem.

Uma leve batida na porta rompeu o silêncio da biblioteca.

— Quem é? — perguntou Alex com brutalidade.

Abriu-se a porta e apareceu a loira cabeça de Penélope. Suas maneiras extremamente cautelosas o incomodaram. Pelo amor de Deus, parecia como se visitar ele fosse uma presa perigosa. Seria verdade que era tão aterrador? Era consciente de que às vezes se comportava com excessiva brutalidade, mas duvidava de poder remediá-lo.

— Sim? Entra.

— Milord — disse Penélope timidamente. — Eu gostaria de saber como foi a caçada. Se foi bem.

Alex suspeitou em seguida que era sua mãe, Totty, quem a tinha enviado. Penélope não procurava jamais sua companhia por própria iniciativa.

— A caçada esteve bem — comentou, amontoando os papéis de um lado do escritório e voltando-se para ela. Penélope Se agitou nervosa, como se seu olhar a violentasse. — O primeiro dia aconteceu algo muito interessante.

O rosto dela mostrou uma vaga expressão de interesse.

— OH, houve algum acidente?

— Poderíamos chamar assim — respondeu secamente. — Conheci sua irmã.

Penélope sufocou um grito.

— Estava Lily? OH, minha querida... — interrompeu-se, a olhando indecisa.

— É bastante particular. — O tom de Alex estava longe de querer expressar completamente.

Penélope assentiu com a cabeça e engoliu a saliva.

— Com Lily não existem meias tintas. Ou gosta tremendamente Ou... — Deu de ombros, impotente.

— SIM — respondeu Alex, sarcástico. — Eu pertenço aos últimos.

— OH. — Penélope franziu a testa. — Naturalmente. Tanto ela como você são... Categóricas.

— É uma maneira cortês de dizer. — Alex a olhou fixamente. Era impossível reconhecer o eco das feições de Lily no rosto doce e delicado de Penélope. — Falamos de você — disse de repente.

Ela arregalou os olhos, assustada.

— Milord, quero deixar claro que Lily não é a pessoa indicada para falar de mim ou do resto da família.

— Já sei.

— O que disse? — perguntou ela timidamente.

— Sua irmã supõe que te caso medo. É isso certo?

Ela se ruborizou com uma apreciação tão crua como aquela.

— um pouco, Milord — admitiu.

Esse doce acanhamento irritou Alex. Perguntava se ela seria capaz de levar algum dia ao contrário, se repreenderia ele em caso de que fizesse algo que não gostasse. Ao levantar-se para aproximar-se dela se deu conta de que Penélope se estremecia. Ficou a seu lado e a abraçou pela cintura. Apesar de que Penélope inclinasse a cabeça para dissimular, Alex se precaveu de que respirava com dificuldade, e subitamente recordou o momento em que socorreu Lily depois que caísse e abraçou suas ligeiras formas. Apesar de que Penélope era mais alta e robusta que sua irmã, parecia insignificante.

— Me olhe — disse Alex, sem perder a calma, e Penélope obedeceu. Ele observou seus olhos castanhos. Eram idênticos aos de Lily, à exceção do brilho de inocência, sem o menor reflexo de escura paixão. — Não tem que te sentir incômoda. Não vou fazer mal a você.

— Sim, Milord — sussurrou.

— Por que não me chama de Alex? — Já o tinha pedido antes, mas parecia que era tremendamente difícil chamá-lo por seu nome.

— OH... Eu, não poderia.

Ele fez um grande esforço para ocultar sua impaciência.

— Tenta.

— Alex — murmurou Penélope.

— Bem. — Inclinou a cabeça e roçou os lábios com os seus. Penélope não se moveu, simplesmente acariciou seu ombro com a mão. Alex prolongou o beijo, incrementando a pressão de sua boca. Procurava, pela primeira vez, algo mais que uma dócil acolhida. Seus lábios seguiam frios sob os seus. De repente, dando-se conta de que Penélope considerava aquele abraço como um dever, Alex se apartou, perplexo e aborrecido.

Contemplou seu apazível rosto. Parecia uma menina obediente depois de tomar uma colherada de algum remédio desagradável. Jamais em sua vida tinha tropeçado com mulher alguma que considerasse uma amarga obrigação o beijar! Alex juntou suas povoadas sobrancelhas, aborrecido.

— Maldita seja, isto é intolerável — grunhiu. Penélope ficou rígida.

— Milord?

Alex sabia que devia comportar-se como um cavalheiro e tratá-la com respeito e ternura, mas sua virilidade exigia uma resposta.

— Volta a me beijar — ordenou, apertando-a contra seu corpo.

Penélope lançou um guincho de surpresa, separou-se dele e deu uma bofetada.

Não foi uma bofetada na realidade. Alex não teria aborrecido com um resolvido bofetão, como Deus manda. Mas não foi mais que um tapinha de reprovação na bochecha. Penélope ficou junto à porta, e olhando com lágrimas nos olhos.

— Milord, tenta me pôr à prova?

— Perguntou, ferida.

Alex a olhou um bom momento com o rosto inexpressiva. Excedeu-se. Não devia esperar nada que ela não pudesse ou estivesse disposta a oferecer. Amaldiçoou-se em silêncio, perguntando por que havia se descomedido.

— Peço-te perdão.

Penélope assentiu com a cabeça, insegura.

— Suponho — disse — que são os efeitos da excitação da caçada. Conforme me havia dito, aos homens os afeta muito a atmosfera de primitivismo desses acontecimentos.

Sorriu com ironia.

— Pode ser que seja isso.

— Desculpa-me, agora?

Sem dizer uma palavra, ele assentiu.

Penélope se deteve na porta e voltou à cabeça para olhar por cima do ombro.

— Milord, não pense mal de Lily, por favor. É uma mulher muito peculiar, valente e de idéias fixas. Quando era pequena me protegia sempre de todo mundo e de algo que me assustasse.

Alex se surpreendeu com o pequeno discurso de Penélope. Não era habitual ouvir mais de duas frases seguidas em sua boca.

— Dava-se bem com seus pais?

— Só com nossa tia Sally. Sally era tão excêntrica como ela, perseguia a aventura e adorava desafiar as normas. Ao morrer, faz alguns anos, deixou para Lily toda sua fortuna.

Assim era disso do que vivia Lily. Essa informação melhorou muito pouco a opinião que Alex tinha dela. Era provável que tivesse procurado expressamente ganhar o favor da anciã, e que depois tivesse dançado ao redor de seu leito de morte pensando no dinheiro que herdaria.

— Por que não se casou?

— Lily opinou sempre que o casamento é uma instituição horrorosa, criada única e exclusivamente para o benefício dos homens.

-Penélope tossiu delicadamente. — Não tem boa opinião dos homens. Embora pareça ser que o passa bem em sua companhia... Nas caçadas, disparando, jogando, etc...

— Etcétera — repetiu ironicamente Alex. — Tem sua irmã algum amigo em especial?

A pergunta surpreendeu Penélope. Apesar disso se dispôs a responder em seguida.

— Especial? Bem... Lily está acostumado a desfrutar da companhia de um homem chamado Derek Craven. Mencionou-me isso em suas cartas.

— Craven? — O retrato ficava naquele momento perfeitamente definido. Alex franziu a boca,

aborrecido. Ele era membro do Craven's; tinha coincidido com o proprietário em um par de ocasiões. Tinha sentido que Lily tivesse escolhido atar-se com um homem dessa índole, um morador pobre desdenhosamente conhecido nos círculos elegantes como um novo-rico. Sem dúvida, e dado que sua «amizade» com Craven não podia significar outra coisa, Lily tinha uma moral equiparável a de uma prostituta. Como podia uma mulher nascida no seio de uma família decente, com educação e com todos os bens materiais que pudesse desejar, afundar-se em tal degradação? Lily tinha escolhido livremente, incluindo aquele, passos que tinha dado na vida.

— Lily é muito alegre para levar o tipo de vida que corresponde por seu berço — disse Penélope, intuindo seus pensamentos. — Desde que a deixaram plantada, anos atrás, tudo foi distinto para ela. Suponho que a traição e a humilhação desse abandono são o que a levou a atuar de um modo tão imprudente. Ao menos isso é o que diz mamãe.

— Por que ela não...? — Alex se interrompeu e olhou para a janela. Acabava de ouvir o ruído de uma carruagem sobre o cascalho do caminho. — Espera visitas sua mãe?.

Penélope negou com a cabeça.

— Não, Milord. Possivelmente se trata da ajudante da costureira que vem a me fazer alguma prova. Mas pensava que viria amanhã.

Alex tinha um pressentimento... Um mau pressentimento.

— Vejamos quem é. — Abriu bruscamente a porta da biblioteca, cruzou a grandes pernas a entrada pavimentada com mármore cinza e branco, com Penélope pisando os calcanhares, e roçou ao passar por Silvern, o mordomo mais veterano da casa. — Já me ocupo eu — disse, e se dirigiu para a porta principal.

Silvern sorveu pelos narizes com o comportamento tão pouco ortodoxo de sua senhoria.

Uma elegante carruagem negra e dourada de brasão desconhecido acabava de deter-se no extremo do caminho. Penélope tremia junto a Alex, pois o ligeiro vestido que levava apenas a protegia da brisa daquele dia úmido e frio de primavera, com o céu repleto de brancas nuvens.

— Não reconheço a carruagem — murmurou.

Um criado com uma esplêndida de cor azul e negra abriu a porta da carruagem. Colocou com grande solenidade uma escada com o fim de facilitar a descida do passageiro.

Então apareceu ela.

Alex ficou de pedra.

— Lily! — exclamou Penélope. Pôs-se a correr para sua irmã lançando gritos de alegria.

Lily baixou rindo a gargalhadas.

— Penny! — Estendeu os braços e espremeu Penélope com todas suas forças, e logo a apartou para observá-la.

— Por Deus, parece uma mulher das mais elegante! Encantadora! Tantos anos sem verte... Desde que era pequena, e agora, olhe! A garota mais bonita da Inglaterra.

— OH, não, a mais bonita é você.

Lily se pôs-se a rir e voltou a abraçá-la.

— Muito amável de sua parte, adular a sua pobre irmã solteirona.

— Já não parece uma solteirona — disse Penélope.

Alex, apesar de seu assombro, apesar de sentir-se tão tenso, como se reunisse forças para iniciar uma batalha, reconheceu que Lily estava preciosa, com um traje de cor azul escuro e uma capa de veludo enfeitada de arminho. Levava o cabelo preso com um diadema, de modo que uns cachos caíam graciosamente sobre sua testa e os cachos de cabelo cobriam suas encantadoras orelhas. Era difícil admitir que se tratava da mesma mulher extravagante que vestia calças cor framboesa e montava de perna aberta. Rosada e sorridente, mas bem parecia uma acomodada e jovem esposa em uma visita de cortesia, ou uma cortesã distinguida.

Lily reparou nele quando olhou por cima do ombro de Penélope. Separou-se de sua irmã e sem embaraço algum se dirigiu para Wolverton, que seguia imóvel na escada circular. Estendeu a mão e sorriu com descaramento.

— De novo em campo inimigo — murmurou. Ao ver a tormentosa expressão de Raiford seus escuros olhos brilharam de satisfação, mas evitou sorrir abertamente. Por havê-lo feito, Raiford se tivesse posto como uma fera. De todos os modos, estava muito zangado. O último que esperava era vê-la aparecer em sua propriedade. Lily não imaginava que aquilo pudesse chegar a ser tão divertido. Jamais tinha desfrutado tanto provocando um homem.

Não sentia remorsos pelo que tinha planejado. Emparelhar a Wolverton com sua irmã era uma atrocidade. O engano era evidente com apenas olhá-los. Penny era frágil como uma anêmona de pétalas brancas e seu brilhante cabelo dourado parecia o de uma menina. Estava indefesa ante qualquer ameaça e não restava outro remédio que inclinar-se como uma delicada bengala diante duma violenta tormenta.

E Wolverton parecia dez vezes pior que na caçada. Suas feições, tão duras e perfeitas, tão distantes, esses olhos tão claros e transparentes severa protuberância de seu queixo... Um rosto que carecia de delicadeza e compaixão. Apesar do civilizado traje, a força bruta de seu corpo era perceptível, músculos e nervos em tensão. Necessitava de uma mulher tão cínica como ele, insensível às agressões.

Alex ignorou a mão de Lily. Ficou olhando com frieza.

— Parta — grunhiu. — Agora mesmo.

Lily, apesar de ver-se obrigada a reprimir um grito, sorriu.

— Milord, eu gostaria de ver minha família. Levo muito tempo sem vê-los.

E antes que Alex pudesse replicar, ouviram-se as exclamações de Totty e George.

— Wilhemina!

— Lily... Por Deus bendito...

Reinou o silêncio, como se todos eles ficassem petrificados e formassem parte de um quadro.

Todas as olhadas convergiam na frágil e delicada silhueta de Lily. A presunção e a suficiência desapareceram de seu rosto como por arte de magia e se converteu em uma menina insegura. Nervosa, mordeu o lábio inferior.

— Mamãe? — inquiriu calidamente. — Mamãe, poderá me perdoar?

Totty estalou em lágrimas e avançou um passo, abrindo o par de seus roliços braços.

— Wilhemina, teria que ter vindo antes. Dava-me tanto medo pensar que não ia verte nunca mais!

Lily correu para ela, rindo e chorando de uma vez. Ambas as mulheres se abraçaram sem deixar de falar as duas ao mesmo tempo.

— Mama, não trocaste nada... Fez um trabalho magnífico com Penny... É a celebridade da temporada...

— Querida nos contaram histórias tão terríveis sobre você. Preocupo-me sempre, já sabe... Por Deus santo, o que te tem feito no cabelo?

Lily, um pouco coibida, levantou a mão para suas mechas e sorriu.

— Tão espantoso é, mamãe?

— Sinta-te bem — admitiu Totty. — Favorece-te.

Ao ver seu pai, Lily se precipitou para ele.

— Papai!

George, bastante incômodo, deu uns tapinhas nas costas e se separou amavelmente dela.

— Está bem, está bem, não é necessário que siga. Caramba, você gosta de montar cenas, Lily. E diante de lordes Raiford. Tem algum problema? Por que vieste aqui? E precisamente neste momento?

— Não tenho nenhum problema — disse Lily, sorrindo a seu pai. Eram de estatura similar. — Teria vindo antes, mas não estava segura de como iriam me receber. Desejava compartilhar a alegria do casamento de Penny. Naturalmente, se minha presença incômoda ao conde, partirei imediatamente. Não quero ocasionar problemas. Pensei, simplesmente, que me permitiria passar aqui uma semana. — Olhando de esguelha ao Alex, acrescentou com cautela: Levar-me-ei muito bem, como uma Santa.

Alex lançou um olhar gélido. Atacava a tentação de colocá-la na carruagem e ordenar ao condutor que partisse rapidamente para Londres, ou a qualquer outro lugar longínquo.

Diante de seu silêncio, Lily parecia incômoda.

— Bom, possivelmente não haja um quarto disponível. — Inclinou o pescoço teatralmente e deixou vagar o olhar pelas intermináveis fileiras de janelas da mansão.

Alex apertou os dentes. De boa vontade a jogaria. Sabia perfeitamente o que pretendia. Mas recusá-la faria ficar como um canalha com os olhos da família. De fato, Penélope estava olhando nervosa e consternada.

— Alex — suplicou Penélope, pondo a mão no braço. Pela primeira vez o tocava de forma voluntária. — Alex, há um quarto para minha irmã, verdade? Se disser que vai comportar-se bem, estou segura de que o fará.

— Penny — interveio Lily afetadamente, não ponhamos a sua senhoria em um compromisso. Já encontraremos outra ocasião para conversar, prometo isso.

— Não, quero que fique — exclamou Penélope, aumentando a pressão de seus dedos no braço de Alex. — Por favor, Milord, permita que fique!

— Não há nenhuma necessidade de suplicar — murmurou Alex. Como recusar o rogo de sua prometida diante de toda sua família, o mordomo e os criados? Olhou para Lily esperando ver um brilho triunfante em seu olhar e uma careta de ironia em seus lábios. Em troca a expressão indulgente de seu rosto bem parecia a

da Juana de Arco. Maldita seja! Faz o que queira — disse a Penélope. — A única coisa que te peço é que a mantenha fora de minha vista.

— OH, obrigado! — exclamou Penélope encantada; abraçou Lily e logo a Totty.

-Mamãe, não é maravilhoso?

Lily, passando por cima a corrente de agradecimentos de Penélope, aproximou-se de Alex tranquilamente.

— Raiford, temo-me que você e eu tenhamos tido um mau princípio —disse. — Foi minha culpa.

Poderíamos esquecer aquela maldita caçada e começar de novo?

Mostrava-se tão sincera, franca e atrativa que Alex não podia emprestar crédito a suas palavras.

— Senhorita Lawson — disse com lentidão, se fizer algo que prejudique meus interesses...

— O que fará? — Lily sorriu, o provocando. Nada podia fazer a ele que conseguisse feri-la. Já tinha sofrido o pior muito tempo atrás. Não tinha medo.

— Farei que se arrependa pelo resto de seus dias — murmurou Alex.

Assim que ele se deu a volta o sorriso de Lily se esfumou. Recordou o conselho de Derek. «me escute,cigana. Deixa que seja como tem que ser... Te afaste dele.» Lily se deu de ombros e afastou aquelas palavras de sua mente.

Alex Raiford não era mais que um homem e ela podia lhe dar cem voltas. Não acabava de ganhar um convite a permanecer sob seu teto durante o transcurso de nos próximos dias? Olhou a sua mãe e a sua irmã e pôs-se a rir.

— Perguntei ao Wolverton se te queria.

Lily tinha aproveitado a primeira oportunidade que lhe tinha apresentado para levar-se ao Penélope a uma estadia onde pudessem estar a sós e cercar com ela o que qualificou de «bate-papo de irmãs».

Começou a relatar o acontecido na caçada de Middleton; estava decidida que Penny soubesse com que homem se achava comprometida.

— OH, Lily, não pode ter sido capaz! — Penélope tampou os olhos com as mãos e soluçou. — Mas por que fez uma coisa assim? — De repente surpreendeu Lily rugindo de risada. — Não imagino como responderia sua senhoria!

— Não vejo graça — disse Lily, muito digna e perplexa. Preciso ter uma conversa séria a respeito de seu futuro, Penny.

— Meu futuro está em boas mãos! Ou estava, ao menos. — Penélope, que não podia parar de rir, cobriu a boca com a mão.

Lily se perguntava indignada por que o relato de seu encontro com o Wolverton trazia tanta graça a sua irmã em lugar de alarmá-la.

— A resposta de Wolverton foi grosseira, insultante. Não é um cavalheiro e não te merece.

Penélope se deu de ombros, indefesa.

— Toda Londres reconhece que é um excelente partido.

— Sinto estar em desacordo. — Lily não tinha cessado nem um momento de perambular acima e abaixo diante da cama, golpeando a palma de sua mão com uma luva de pele. — Me diga, quais são as qualidades

que fazem dele um bom partido? Sua aparência? Bem, admito que o considere bonito... Mas só de um modo frio e nada sobressalente.

— Suponho... Suponho que é uma questão de gostos.

— E quanto a sua fortuna — prosseguiu Lily, muito enérgica, existem outros homens com dinheiro suficiente para te oferecer uma boa vida. Seu título? Seria extremamente fácil ficar com alguém com mais sangue azul e com uma linhagem mais impressionante. E não me venha agora com que Wolverton você gosta, Penny.

— O compromisso foi um acerto entre papai e lorde Raiford — replicou Penélope com voz fraca. — E é certo que não o amo. Esse sentimento chegará com o tempo, com um pouco de sorte. Assim são as coisas. Eu não sou como você, Lily. Sempre fui mais convencional.

Lily soltou um taco e ficou olhando fixamente, frustrada. Algo havia nas maneiras prosaicas de sua irmã que a fez voltar para os sentimentos de sua rebelde juventude, quando era impossível compartilhar a visão do mundo com outros. Por que razão um casamento sem amor era aceito por todo mundo menos por ela? Certo era que levava muito tempo desfrutando de uma liberdade excessiva. Sentou-se na cama, junto a Penélope.

— Não compreendo por que te mostra tão benevolente com a perspectiva de te casar com um homem que não ama. — Aquilo soou muito lastimoso, apesar de seus esforços por conseguir um tom enérgico.

— Simplesmente estou resignada. Perdoa o que vou dizer te, Lily, mas é uma romântica, e no pior sentido da palavra.

Lily franziu a testa.

. — Não! Tenho um caráter tremendamente prático. Deram-me paus suficientes para desenvolver uma percepção realista do mundo e de como funciona, e pelo que eu sei...

— Queridíssima Lily. — Penélope agarrou a mão e a apertou entre as suas. — Desde muito pequena pensei sempre em você como a mais bonita, a mais valente. Mas não a mais prática. Prática, jamais.

Lily se soltou e olhou para sua irmã surpreendida. Penélope não se mostrava tão colaboradora como ela tinha esperado. Bem, tinha que seguir adiante com seu plano. Tratava-se da felicidade de Penny, admitisse ela ou não que precisava ser resgatada.

— Não quero falar de mim — disse Lily secamente — mas sim de você. Algum pretendente haverá, entre todos os que tem em Londres, que prefira a Wolverton. — Arqueou as sobrancelhas com expressão de cumplicidade. — Como, por exemplo, Zacharias Stamford. Humm?

Penélope permaneceu um bom momento em silêncio, como se seus pensamentos vagassem por um lugar muito longínquo. Em seu rosto se desenhou um sorriso melancólico.

— Querido Zachary — murmurou. E sacudiu a cabeça. — Minha situação é um caso fechado. Lily, sabe bem que nunca te pedi nada. Mas agora te rogo, do mais profundo de meu coração, que não te meta na cabeça me ajudar. Penso acatar a decisão de papai e mamãe e me casar com lorde Raiford. É minha obrigação. — Estalou os dedos como se acabasse de passar uma idéia e por sua cabeça. — por que não nos ocupamos de te buscar a você um marido?

— Meu deus. — Lily franziu a testa. — Não necessito dos homens para nada. Nas caçadas e nas salas de jogo podem chegar a ser muito divertidos, mas fora dali são prejudiciais. Os homens são criaturas avaras e exigentes. Não suporto a idéia de estar submetida à vontade de alguém ou de ser tratada como um menino e não como uma mulher com opiniões próprias.

— Os homens são de utilidade se o que deseja é formar uma família. — Para Penélope, como à maioria das jovens de sua classe social, tinham inculcado a idéia de que criar filhos era a função mais venerável de toda mulher.

Aquelas palavras provocaram em Lily um sentimento de angústia, desencadeando dolorosas emoções.

— Sim — disse amargamente. — A verdade é que são realmente úteis na hora de fazer filhos.

— Você não desejará ficar sempre sozinha, não?

— Melhor isso que permitir que um homem me ponha à mão em cima! — Lily não se precaveu da intensidade de sua voz até ver a confusão refletida no rosto de Penny. Sorriu e se inclinou para agarrar o xale pendurado em uma cadeira. — Está dispostas? Darei uma volta por aí. Aqui o ambiente está muito carregado.

— Mas Lily...

— Seguiremos falando mais tarde. Prometo isso. Lhe... Verei você na hora do jantar, carinho. — Lily partiu precipitadamente, atravessou a entrada a grandes passos e desceu pela fastuosa escada sem deter-se pensar aonde se dirigiria.

Caminhava cabisbaixa, ignorando o esplendor que a rodeava. — Meu Deus, tenho que andar com cuidado — murmurou. No domínio de si estava muito debilitado nos últimos tempos, e não cuidava o suficiente de suas palavras. Perambulou pelo salão principal até dar com uma galeria de uns trinta metros de comprimento iluminada pela luz procedente de uma extensa fileira de portas de vidro.

Através dos vidros transparentes se via um jardim muito bem cuidado, com grama verde e atalhos flanqueados por arbustos. O que necessitava naquele momento era dar um breve passeio. Jogou-se o xale por cima dos ombros e saiu fora, agradecendo o ar fresco.

O jardim era majestoso e exuberante, dividido em numerosas zonas por plantas de disco esquisitamente podados. Um pequeno riacho que acabava em um lago de forma circular repleto de lírios brancos rodeava o jardim da capela. A seguir havia uma, multidão de flores formando um enorme e singular arbusto de rosas de Ayrshire. Lily seguiu a parede do jardim que estava coberta de parras e roseiras. Subiu por uns antigos e desgastados degraus que desembocavam em um terraço da qual se divisava o lago artificial. Perto dali, havia uma fonte junto à que passeavam orgulhosos uma dúzia de perus reais. A serenidade do jardim era absoluta; parecia um lugar encantado, onde nada de mal pudesse ocorrer.

Dirigiu então sua atenção para uma plantação de árvores frutíferas situada no extremo leste da propriedade. Fez recordar o jardim de limoeiros da vila italiana em que tinha vivido durante dois anos. Ela e Nicole passavam a maior parte do tempo no jardim ou sob a colunata da loggia situada na parte posterior da casa. De vez em quando levava Nicole para passear pelo sombrio Bosque próximo.

«Não pense nisso — disse, e suspirou. — Não faça.» Mas a lembrança era muito nítida, como se

correspondesse a feitos do dia anterior. Sentou-se na beira da fonte e se enrolou com o xale. Voltou à cabeça em direção aos longínquos bosques que se vislumbravam mais à frente do lago, olhando sem ver, recordando..

— Domina! Domina, trago o melhor do mercado...pão, queijo tenro e bom vinho. Ajude-me a recolher um pouco de fruta do jardim. Para comer prepararemos...

Lily se interrompeu ao dar-se conta de que o silêncio que reinava na casa não era normal. Seu amplo sorriso se desvaneceu. Depositou a cesta no chão e entrou. Levava uma saia de algodão e uma blusa de manga curta, ao estilo das mulheres do lugar, e um enorme lenço cobrindo o cabelo. Era frequente que tomassem por uma italiana devido a seus cachos escuros e a seu impecável acento.

— Domina? — chamou com cautela.

A governanta fez sua aparição de repente; seu rosto, enrugado e bronzeado pelo sol, estava alagado de lágrimas. A via desalinhada, decomposta a espessa trança de cabelo grisalho que levava ao redor da cabeça.

— Senhora. — Lançou um grito sufocado e começou a falar de um modo tão incoerente que Lily era incapaz de entendê-la.

Rodeou os ombros da anciã com o braço, tentando consolá-la.

— Domina, o que aconteceu? Trata-se da Nicole? Onde está?

A governanta começou a soluçar. Algo tinha acontecido, de tão terrível que não existiam palavras para explicá-lo. Estaria doente sua pequena? Teria passado mal? Horrorizada, Lily deixou a Domina e correu escada acima em direção ao quarto da menina. — Nicole? —gritou.

— Nicole, mamãe está aqui já passou...

— Senhora, não está!

Lily ficou petrificada, agarrada ao corrimão.

Olhou para Domina, que não deixava de tremer.

— O que quer dizer? — perguntou com voz rouca. — Onde' está?

— Eram dois homens. Não pude detê-los. Tentei, Deu meu, mas levaram a menina.

Lily se sentia como em um pesadelo. Aquilo não tinha nem pés nem cabeça.

— O que disseram? — perguntou com um fio de voz. Domina voltou a soluçar e Lily a amaldiçoou enquanto se precipitava para ela.

— Maldita seja, não chore, me conte o que disseram! Domina deu um passo atrás, assustada diante do rosto desencaixado de Lily.

— Não disseram nada.

— Aonde a levaram?

— Não sei.

— Deixaram alguma nota, alguma mensagem?

— Não, senhora.

Lily olhou fixamente nos olhos da anciã, que pareciam um manancial.

— OH, não pode ser... Não pode ser... — Subiu como uma louca até o quarto da menina, e uma vez ali

caiu pesadamente de joelhos, mas sem sentir dor algum. O pequeno quarto tinha o aspecto habitual: brinquedos pulverizados pelo chão, um vestido enrugado sobre o braço do balancinho... O berço estava vazio. Lily apertou o estômago com uma mão enquanto levava a outra à boca. Estava muito assustada para poder chorar e foi então quando escutou sua própria voz gritando de um modo horripilante:

— Não! Nicole...! Não...!

Sobressaltada, Lily retornou ao presente. Já fazia mais de dois anos aquilo. Dois anos. Perguntava-se desolada se Nicole seguiria lembrando-se dela, se seguiria com vida. Fez um nó na garganta, e custava para respirar. Possivelmente, pensou causa pena, que tivessem arrancado de sua vida a sua pequena não era mais que o castigo pelos pecados cometidos. Mas Deus devia ser misericordioso... Nicole era inocente, não tinha culpa de nada. Lily sabia que acabaria encontrando sua filha, embora custasse toda sua vida.

Alex nunca tinha imaginado que uma mulher tão pequena pudesse comer com tanta voracidade. Possivelmente aquela fora a causa de sua energia inesgotável. Lily, com enorme aprimoramento, deu boa conta de um prato cheio de presunto com molho de madeira, logo batatas e verdura fervida e finalmente confeitaria e fruta, sem deixar de rir nem conversar. A cálida luz da sala de jantar emoldurava como uma aura seu rosto animado.

Alex se surpreendeu várias vezes, com grande desgosto, olhando-a embevecido. Estava muito nervoso, tanto pelo fato de sentir-se fascinado por ela como pela capacidade de Lily para o surpreender continuamente.

Sem importar qual fosse o tema da conversa, Lily tinha sempre algo a acrescentar. Seus conhecimentos de caça, cavalos e qualquer outro assunto masculino outorgavam uma atrativa multidão. Entretanto, quando conversava com o Totty fofocas sobre a alta sociedade ficava tão sofisticada como qualquer mulher refinada. E o mais surpreendente de tudo: havia momentos (breves, isso sim) nos que demonstrava um encanto natural que eclipsava com acréscimo o de sua irmã mais nova.

— Penny será a noiva mais encantada que jamais tenha visto Londres! — exclamou Lily, e sua irmã pôs-se a rir como uma tola por pura modéstia. Ato seguido olhou Totty com ironia. — Mamãe, me alegro de que ao fim tenha conseguido o casamento de seus sonhos. Sobre tudo depois dos anos de martírio que te impus.

— Não é que me tenha martirizado muito, querida. E tenho que te dizer que ainda não perdi as esperanças de chegar a te casar.

Lily manteve sua expressão afável diante daquele comentário, mas disse. Para seu íntimo: «Que me leve o diabo antes de me converter na esposa de alguém.» Olhou de esguelha para Alex, que parecia absorto no prato que tinha diante de si.

— O homem com o qual consentiria me casar é muito difícil de encontrar.

Penélope a olhou com curiosidade.

— De que classe de homem se trata, Lily?

— Não sei se existir uma palavra que pudesse o descrever — respondeu Lily muito séria.

— Lambido? — sugeriu Alex.

Lily o olhou jogando fogo pelos olhos.

— Por isso venho observando, parece ser que o assunto de casamento é sempre muito mais vantajoso para os homens. Quem leva sempre o comando é o marido, tanto no aspecto legal como no financeiro, enquanto que a pobre esposa passa os melhores anos de sua vida criando filhos e velando por seu bem-estar, até dar-se conta de que está mais queimada que uma vela a ponto de apagar-se.

— Wilhemina, as coisas não são assim — exclamou Totty. — Toda mulher necessita do amparo e o conselho de um homem.

— Eu não!

— Estou seguro — particularizou Alex, olhando-a com ironia. Lily devolveu o olhar, incômoda. Era evidente que se inteirou de sua relação com Derek Craven. Sua opinião importava o mínimo. E não era de sua incumbência o que ela tivesse ou não uma confusão com alguém!

— Sim, pode está-lo — respondeu ela com frieza. — Se algum dia chegar a me casar, Milord, farei com um homem que não considere a força sinônimo de brutalidade. Com alguém que veja em sua esposa a uma companheira e não a uma escrava de categoria. Com alguém...

— Lily, já é suficiente! — disse seu pai com cara sombria. — Quero paz a cima de tudo. Cale-te.

-Eu gostaria que prosseguisse — disse Alex com calma.

-Nos conte senhorita Lawson, o que outras coisas procura em um homem?

Lily se deu conta de que ardiam suas bochechas. Sentia uma sensação estranha no peito... Tensão e calor.

. — Não — murmurou — acredito que já pôde fazer uma idéia. — Começou a mastigar uma parte do frango, mas de repente aquele bocado delicioso ficou com gosto de serragem e foi difícil de engolir. Todos permaneciam em silêncio, e o olhar distraído de Penélope vagava sem cessar entre sua irmã e seu prometido.

— Apesar de tudo, mamãe — disse Lily por um momento, olhando à ruborizada Totty — vou sentando a cabeça com o passar dos anos. Talvez possa encontrar a alguém capaz de ser indulgente comigo, tolerante com minhas maneiras selvagens. — Fez uma pausa. — De fato, acredito que já o encontrei.

— A quem te refere querida? — perguntou Totty.

— Dentro de um ou dois dias receberei uma visita. Um jovem absolutamente delicioso... E vizinho de, lorde Raiford.

Totty manifestou sua alegria.

— Brinca, Wilhemina? Trata-se de alguém que conheço? Por que não o mencionaste antes?

— Não estou segura de como seguirá a relação — disse Lily. — E o conhece, efetivamente. É Zachary...

— O visconde Stamford?

Os rostos de assombro de sua família provocaram o sorriso de Lily.

— Não há outro. Como bem sabem, Zach e eu iniciamos uma amizade depois do afastamento de Harry. Com o passar dos anos fomos pegando carinho. Se damos muito bem: Suspeito que os sentimentos entre nós maduraram ultimamente. — «Perfeito», pensou com orgulho. Acabava de dar a notícia da melhor forma possível, contente, com certo acanhamento.

Alex queria perguntar como via a situação Derek, seu amante. Pensava no casal que formariam Stamford

e ela. Stamford era um cachorrinho desamparado sem pingo de malícia; Lily tinha pegado o pobre tolo.

Lily sorriu para Penélope como querendo desculpar-se.

— Naturalmente, querida Penny, todos sabemos que em seu dia Zach mostrou certo interesse por você. Mas ultimamente Zach começou a ver-me com novos olhos. Espero que a idéia de um enlace entre nós não te cause mal-estar.

A expressão do rosto de Penélope era realmente estranho, o assombro lutando com o ciúmes. Conseguiu sorrir com valentia.

— eu adoraria que encontrasse alguém capaz de te dar toda a felicidade que merece, Lily.

— Zach será um bom marido para mim — murmurou Lily. — Embora tenha que afinar sua pontaria. Não é tão esportista como eu...

— Bem — disse Penélope com forçado entusiasmo. — O visconde Stamford é um homem sério e gentil.

— Sim, é—murmurou Lily. Com Penny ficava muito fácil ler entre linhas. Surpreendia que o homem que com tanta paixão a cortejasse em seu dia estivesse considerando a possibilidade de contrair o casamento com sua irmã mais velha. Pouco a pouco, as coisas foram ficando no lugar que os correspondia. Lily olhou para Alex, radiante de satisfação.

—Confio em que não ponha nenhuma objeção de que receba visitas, Milord.

— Jamais sonharia em atrapalhar uma oportunidade matrimonial que se cruzasse em seu caminho, senhorita Lawson. Quem sabe quando poderá ter outra?

— Muito amável por sua parte — replicou ela com aspereza, e se inclinou para trás quando aproximou um criado para retirar seu prato vazio.

— Senhorita, trago algo da cozinha? Uma taça de chá, possivelmente?

Abriram as cortinas. Lily resmungou, emergindo das cálidas profundidades do sonho. O resplendor diurno dava totalmente nos olhos. Voltou à cabeça e a dor nos músculos do pescoço provocou uma careta.

‘Tinha dormido muito, a noite inteira com sonhos estranhos, alguns deles relacionados à Nicole. Perseguia a sua filha, tentava alcançá-la, tropeçava em passadiços intermináveis de lugares desconhecidos.

A criada seguia a perseguindo com perguntas. Era provável que sua odiosa senhoria tivesse enviado seus criados a qual despertassem à uma hora inoportuna. Lily amaldiçoou Wolverton em silêncio enquanto esfregava os olhos e se sentava na cama.

— Não, não quero chá —murmurou. — A única coisa que gosta é de ficar na cama e...

Lançou um grito sufocado assim que jogou uma olhada a seu redor. Deteve o coração. Não estava na cama. Estava... OH, Deus, achava-se na biblioteca no andar de baixo, em uma das poltronas de pele. Tinha diante dela, de pé e esfregando as mãos, à donzela, uma jovem de cachos ruivos sob uma touca de cor branca. Quando Lily se olhou, viu que não levava em cima mais que sua fina camisola branca; ia sem bata e sem sapatilhas. A noite anterior se chegou no quarto que tinham atribuído...

O mau era que não recordava ter saído da cama nem ter descido as escadas. Não se lembrava de nada.

Havia tornado a acontecer.

Desorientada, Lily passou a mão pela frente encharcada de suor. Por ter bebido mais da conta poderia ter

entendido a situação. Quando levantava o cotovelo, como dizia Derek, era capaz de qualquer loucura. Mas a noite anterior não tinha bebido mais que um licor depois do jantar, seguidos além de uma boa taça de café forte.

Já tinha ocorrido anteriormente em duas ocasiões. A primeira quando se deitou no quarto de sua casa em Londres e despertou à manhã seguinte na cozinha; e outra quando Burton, o mordomo; encontrou-a dormindo no salão. Burton tinha pensado que estava sob os efeitos do álcool ou alguma outra substância.

Naquela ocasião Lily não teve sangue-frio o suficiente para explicar que estava mais sóbria que um juiz. Senhor, não podia permitir que alguém se inteirasse de que perambulava sonolenta pela casa... As mulheres em sã juízo jamais se comportavam daquele modo.

A criada seguia olhando, à espera de uma explicação.

— Eu... Eu, ontem à noite não podia descansar e desci para tomar uma taça — disse Lily. — Vá tolice ficar dormindo nesta poltrona. — A garota olhou ao redor, mas não viu nenhuma taça. Lily conseguiu soltar uma estrondosa gargalhada. — Sentei-me aqui para pensar em... Algo... E dormi antes de fazer minha maldita taça!

— Sim, senhorita — assentiu a criada, indecisa. Lily arrumou os cachos despenteados. A enxaqueca doía na fronte.

— Voltarei para meu quarto agora mesmo. Poderia me trazer um pouco de café?

— Sim, senhorita.

Lily abandonou a biblioteca apertando a camisola contra seu corpo. Cruzou a entrada. Na cozinha se ouvia o típico ruído da servidão nas tarefas da manhã. Tinha que chegar ao quarto sem que ninguém a visse. Subiu voando pelas escadas, recolhendo a camisola.

Mas quando estava a ponto de alcançar o andar superior, vislumbrou uma silhueta escura e imponente. Veio o mundo em cima. Lorde Raiford, disposto a fazer um passeio cedo a cavalo, vestia roupa de montar. Lily pôs as mãos na parte da frente da camisola, tentando ocultar seu corpo quanto fosse possível.

O olhar de Wolverton parecia transpassar a leve malha e detectar todos os detalhes do corpo oculto.

— O que faz indo assim pela casa? — perguntou secamente.

Lily travou a língua. Em um arranque de inspiração, levantou o queixo e o olhou com altivez.

— Pode ser que eu estivesse seduzindo a um de seus criados. Não se esperaria um comportamento assim de uma mulher como eu?

Seguiu o silêncio. Lily sustentou o olhar durante uma eternidade, e logo tentou retirar o olhar. Era impossível. De repente teve a sensação de que os olhos de Raiford irradiavam um intenso calor. Permaneceu imóvel e o mundo pareceu reduzir-se a eles dois. Cambaleou e se agarrou ao corrimão.

Quando Wolverton falou, em sua voz havia uma gravidade estranha.

— Se o que quer é seguir sob meu teto, senhorita Lawson, não quero mais exhibições de seu corpo, nem para o desfrute dos criados nem de ninguém mais. Entendeu-me?

Seu desprezo era pior que um bofetão em pleno rosto. Corpo? Lily respirou profundamente. Não recordava ter o odiado tanto como nesse momento, lembrando, certamente, a Giuseppe. Tivesse gostado

convenientemente, mas de repente a única coisa que desejava era que a terra a engolisse.

— Entendido — respondeu e passou por seu lado o roçando.

Alex não se voltou. Desceu pelas escadas quase na mesma velocidade com que ela as tinha subido.

E em lugar de dirigir-se a entrada principal entrou na solitária biblioteca fechando a porta na suas costas com tanta força que fez tremer as ombreiras. Suspirou repetidamente, suspiros largos e abrasadores. Tinha desejado não mais vê-la com aquela camisola branca quase transparente. Seu corpo tremia de excitação. Teve vontade de possuí-la ali mesmo, nas escadas, jogá-la sobre o tapete e penetrá-la. Seu cabelo, esses cachos curtos e endiabrados, induzia seus dedos a deslizar-se entre eles... A delicada brancura de sua garganta, as tentadoras pontas de seus seios...

Alex esfregou o queixo recém barbeado. Com Caroline o desejo ia misturado com amor e ternura. Mas seu desejo atual nada tinha a ver com o amor. Aquela avalanche de excitação parecia uma traição a Caroline. Lily era mais perigosa do que suspeitava. Seu domínio se debilitava quando a tinha perto. Mas não sucumbiria, nem pensar, Por Deus, nem que o esforço acabasse com ele.

Capítulo Quatro



— Zachary! Querido, querido Zachary, quanto me alegra que tenha vindo me visitar! — Lily se adiantou e agarrou suas mãos, dando boas-vindas como se fosse à proprietária da mansão. Ficou nas pontas dos pés e estampou um convencional beijo no rosto. Zachary, muito bonito, com um elegante traje de montar e gravata negra, era o protótipo do cavalheiro rural. O mordomo, muito discretamente, recolheu o casaco, as luvas e o chapéu de Zachary e desapareceu. Lily arrastou o jovem para uma esquina da entrada e sussurrou ao ouvido: Estão tomando o chá no salão... Mamãe, Penny e Wolverton. Recorda que deve atuar como se estivesse apaixonado por mim... Se te ocorre olhar a minha irmã com bons olhos, belisco-te! Vem.

— Espera — murmurou Zachary nervoso, apertando a mão com mais força. — Como está Penélope?

Lily sorriu.

— Não se preocupe tanto. Ainda tem uma oportunidade, velho amigo.

— Quer-me ainda? Havia dito isso dito?

— Não, não quer admitir — respondeu Lily a contra gosto. — O que tenho claro é que não ama Wolverton.

— Lily, morro de amor por ela. Nosso plano tem que funcionar.

— Assim será — afirmou ela com determinação. — E agora... À abordagem!

Atravessaram a entrada.

— Acredita que a hora de minha visita é a adequada? Não será muito tarde? — Perguntou Zachary elevando a voz, para que os ocupantes do salão pudessem o ouvir.

Lily piscou os olhos.

— Claro que não, querido. É a hora do chá. — Fazê-lo entrar no salão com um amplo sorriso nos lábios. A sala era deliciosa e muito ampla: paredes cor amarela, mobília de madeira de ébano trabalhada e enormes janelas. — Aqui estamos — anunciou alegremente. — Conhecemo-nos todos; não necessitamos apresentações. Perfeito!

— Apertou orgulhosa o braço de Zachary. — Devo te dizer, Zach, que o chá do Raiford Park é excelente. Quase tão bom como o que eu estou acostumado a oferecer em Londres.

Zachary sorriu enquanto dava uma olhada no salão.

— O chá de Lily é o melhor que provei. Uma mistura especial que ninguém é capaz de reproduzir.

— Descobri no transcurso de uma de minhas viagens — replicou Lily sentando-se em uma delicada cadeira com patas em forma de garras de animal. Olhou para sua irmã e pôde ver, encantada, mas o intenso olhar que dirigiu a Zachary. O rosto de Penny ficou por um instante impregnada de tristeza e desesperançada melancolia. Pobre Penny — pensou Lily. — Farei todo o possível por sua felicidade. Possivelmente você e Zach demonstraram que existe amor verdadeiro.

Zachary, mostrando deliciosas maneiras, dirigiu-se ao sofá onde estavam Totty e Penélope, e ao precaver-se de quão sufocada estava Penélope, dirigiu a primeira palavra a sua mãe.

— Lady Lawson, é um prazer voltar a ver, tanto a você como a sua encantadora filha. Espero que vocês estejam bem.

— Estupendamente — replicou Totty incômoda. Zachary gostava, apesar de que em seu dia tinha desaprovado que cortejasse sua filha. Além disso era consciente, como todo mundo, de que o amor que Zachary sentia por Penélope tinha sido sincero e honrado. Entretanto, qualquer família com limitações financeiras devia ser prática. Lorde Raiford era, de longe, um partido muito melhor.

Alex seguia apoiado no suporte de mármore da lareira enquanto ascendia um charuto e contemplava as apresentações. Lily o olhou de soslaio. Era um mal educado. Os cavalheiros não estavam acostumados a fumar na presença das mulheres. Isso só desculpava a algum ancião cavalheiro que fumasse em cachimbo.

Zachary saudou Alex com um movimento da cabeça, cautelosamente.

— Boa tarde, Wolverton.

Alex respondeu do mesmo modo e levou o charuto à boca. E quando exalou a primeira baforada de fumaça seus olhos se converteram em brilhantes fendas chapeadas.

«Besta mal-humorada», pensou Lily com desdém. A presença de um homem tão distinto, encantador, cavalheiro, apreciado por todos, parecia ameaçadora. Embora Wolverton se passasse cem anos tentando, jamais conseguiria que a gente sentisse o mesmo por ele. Olhou carrancuda e a seguir dirigiu um sorriso a Zachary.

— Sente-se, Zach, e nos conte as últimas novidades de Londres.

— Sem você é do mais aborrecido, como sempre — replicou Zachary, tomando assento na cadeira mais próxima a ela. — Recentemente assisti a um jantar e observei que Annabelle está esplêndida desde que se casou com lorde Deerhurst.

— Me alegre — comentou Lily. — Merece ser feliz depois de dez anos de casamento com esse velho sir Charles.

— Wilhemina! — exclamou Totty. — Como pode dizer isso de sir Charles, que em paz descanse, uma coisa tão horrorosa...

— E por que não? Quando se casarão, Annabelle não tinha mais de quinze anos, E ele podia ser seu avô! E não nenhum segredo que sir Charles não se comportava bem com ela. Pessoalmente me alegre de que desaparecesse e Annabelle pudesse encontrar um marido com idade adequada.

Totty franziu a testa.

— Wilhemina, parece que não tem coração. Zachary se inclinou para dar um tapinha na mão Lily, saindo em sua defesa.

— É muito franca, carinho. Mas todos os que conhecem bem sabem que possui o mais compassivo dos corações.

Lily lançou um olhar de agradecimento, e sentiu que sua irmã ficou sem fala. Penélope não aceitava que seu amado estivesse chamando Lily de «carinho». No mais fundo do peito de Lily tinha começado uma

batalha entre sua alegria pelo bem que o estava passando e a tristeza de ver sofrer sua irmã. Queria poder dizer a Penélope que todo aquilo não era mais que uma farsa.

— Tentarei morder a língua — prometeu Lily rindo a gargalhadas, embora seja só por esta tarde. Sigamos com suas novidades, Zach. Servirei um pouco de chá. Leite, sem açúcar, correto?

Enquanto Zachary seguia entretendo-os com seus relatos londrinos, Alex observava Lily. Viu-se obrigado a reconhecer que existia a possibilidade de que ambos estivessem considerando a idéia do casamento. A familiaridade que havia entre eles indicava uma longa amizade. Era também evidente que se agradavam e se sentiam bem juntos.

As vantagens que pudesse conduzir um casamento como aquele eram óbvias. Zachary, como terceiro filho que era, aumentava a fortuna de Lily, muito mais importante que qualquer renda que pudesse chegar a herdar. E Lily era uma mulher atrativa. A cor de sua pele tinha um formoso brilho rosado, ressaltado pelo vestido verde mar que usava para a ocasião, e tanto seu cabelo escuro como seus olhos eram realmente exóticos. Poucos homens poderiam resistir à tentação de deitar-se com ela. Além disso, e de cara o entorno social, Lily poderia considerar-se afortunada de pescar um homem de boa família e com semelhante caráter, especialmente depois de ter estado a beira do abismo durante tanto tempo.

Alex franziu a sobrancelhas ao imaginar os dois juntos. Não havia por onde agarrá-lo. Zachary, apesar de seus trinta anos, era um menino sem um pinga de malícia. Jamais poderia levar dar ordens em casa, e muito menos a uma mulher do aspecto de Lily. Zachary preferiria acatar seus desejos antes que discutir com ela. Lily acabaria desprezando um marido tão inexperiente. O casamento estava condenado ao fracasso desde o começo.

— Milord? — Lily e outros se olhavam. Alex se precaveu de que tinha ido a fundo e tinha perdido o fio da conversa. — Milord — disse Lily, acabo de perguntar se já fizeram o fossa no jardim.

Alex se perguntou se tinha ouvido corretamente.

— Fossa?

Lily o olhou, orgulhosa de si.

— Sim, para o novo lago.

Alex a contemplava mudo de assombro. Mas conseguiu que saísse a voz.

— De que demônios está falando?

Todos, exceto Lily, pareceram surpreendidos. E ela seguia sem que seu sorriso sem alterar o mínimo.

— Ontem pela tarde tive uma conversa encantadora com seu jardineiro, o senhor Chumley. Dava umas idéias para melhorar o jardim.

Alex tirou o charuto da boca e o jogou na lareira.

— Meu jardim não necessita nenhuma melhora. — Tem vinte anos!

Ela sacudiu a cabeça.

— Isso eu sei. Expliquei que tem um aspecto completamente passado de moda. Os jardins modernos estão rodeados por vários lagos. Indiquei ao senhor Chumley o lugar exato onde se devia começar a cavar o novo lago.

Alex ficou vermelho de ira do pescoço até as têmporas. Queria estrangulá-la.

— Chumley não tiraria nenhuma pazada de terra sem me consultar.

Lily se deu de ombros, inocente.

— Parecia entusiasmado com a idéia. Não me surpreenderia que já tivesse começado a cavar. Na verdade, acredito que adora mudanças.

-Ofereceu um sorriso afetuoso e fraternal. — Assim sempre que passar junto ao lago pensará em mim.

Em Wolverton desencaixaram as facções. Saiu do salão precipitadamente, emitindo um som similar a um rugido.

Totty, Penélope e Zachary olhavam Lily fixamente.

— Parece-me que não gostou da idéia — particularizou ela, com semblante decepção.

— Wilhemina — disse Totty quase sem voz, reconheço que fez sem má intenção. Entretanto sou da opinião de que não deveria voltar a tentar fazer melhoras na propriedade de lorde Raiford.

Uma das cozinheiras, embelezada com um avental branco e uma boina franzida, entrou no salão.

— Lady Lawson, Cook desejaria falar com você sobre o banquete do casamento assim que sua senhoria tiver um momento. Não tem nem idéia do que fazer.

— Como? — perguntou Totty, perplexa. — Ela e eu tínhamos arrumado tudo, até o último detalhe. Não sei por que motivo anda agora confundida.

Lily se esclareceu delicadamente.

— Mamãe, é possível que Cook queira discutir as mudanças que sugeri para o banquete.

— OH, querida Wilhemina, o que tem feito? — Totty se levantou e saiu correndo da sala, com os cachos agitando-se.

Lily sorriu para Zachary e Penélope.

— Bom, por que não passam um momento junto enquanto tento emendar os estragos que causei?

-Saiu do salão fechando a porta a suas costas e fazendo caso omisso dos débeis protesto de Penélope. Esfregou as mãos e sorriu. «Bem feito», disse, e teve que reprimir as vontades de assobiar de contente enquanto caminhava em direção à galeria. Abriu as venezianas e saiu para o jardim.

Decidida a desfrutar do dia tão claro que fazia e a sentir a brisa agitando o cabelo, dispôs-se a passear entre os plantas e as árvores. Tentou passar despercebida, particularmente para ouvir vozes. Os gritos ameaçadores de Wolverton retumbavam como um trovão. Não pôde resistir à tentação de escutar. Aproximou-se e se ocultou atrás de uma árvore de disco.

—... Mas Milord — protestava Chumley. Lily imaginava sua cara gordinha, a luz do sol brilhando. — Milord, ela simplesmente fez uma sugestão e eu jamais teria feito nada sem o consultar.

— Me é indiferente o que sugira, seja interessante ou não. Não faça — ordenou Wolverton. — Nem retirar um ramo, nem cortar uma erva! Nem mover uma pedra! — Sim, Milord, de acordo.

— Neste jardim não necessitamos nenhum maldito lago mais!

— Não, Milord, tem razão.

— Me informe se tenta meter-se de novo em seus assuntos, Chumley e faça saber ao resto da criadagem

que não haverá nenhuma mudança em suas atividades habituais. Sua próxima idéia poderia ser pintar a casa de rosa e lilás.

— Sim, Milord.

Parecia que Wolverton tinha acabado de dar a conversa por concluída. Lily ouviu ruído de passos, encolheu-se mais atrás da árvore. Por desgraça, um sexto sentido tinha alertado Wolverton de sua presença. Lily não se movia, mas apesar disso ele inspecionou a árvore até encontrar ela. Lily se encontrou olhando seu rosto aceso de ira.

— Senhorita Lawson! — vociferou Wolverton.

Lily levantou a mão para proteger os olhos do resplendor do sol.

— Sim, Milord?

— Ouviu ou tenho que repetir a você?

— Seria impossível não o ouvir em um quilômetro. E se por acaso serve de consolo, nem me teria passado pela cabeça pintar a mansão de cor lilás. Embora...

— O que está fazendo aqui? — interrompeu ele. Lily teve que inventar uma desculpa com rapidez. — Bem, Zachary e eu tivemos uma... Pequena briga. Saí para me refrescar.

— Está sua mãe com Zachary e Penélope?

— Suponho que sim — respondeu com ar inocente, Wolverton ficou olhando como se fosse capaz de ler os pensamentos.

— O que está tramando? — perguntou com tom assassino. De repente deu meia volta e se afastou pelo atalho que conduzia a casa.

OH, não. Lily ficou gelada pensando que podia encontrar Zachary e Penélope em uma situação comprometida. Tudo seria inútil. Devia encontrar algum modo de o deter.

— Espere — gritou, correndo atrás dele — Espere! Então seu pé se enredou em algo e caiu de bruços lançando um grito de dor.

Voltou-se renegando para ver com o que tinha tropeçado. Era a raiz de uma árvore que me sobressaía no chão. Tentou levantar-se, mas sentiu tal pontada de dor no tornozelo que voltou a derrubar-se na grama.

— Foder...

Ouviu-se uma exclamação de Wolverton, assombrado com uma expressão como aquela.

— O que aconteceu? — inquiriu, enquanto se aproximava dela. — Torci o tornozelo! — disse Lily, zangada e surpreendida.

Alex lançou um olhar eloquente e deu meia volta.

— Maldita seja, é verdade! — gritou ela. — Venha e me ajude. Estou segura de que inclusive você pode fazê-lo; espero que tenha recebido a educação suficiente para ser capaz de fazê-lo.

Alex se aproximou, mas não fez o menor gesto de ajudá-la.

— De que perna se trata?

— Precisa saber?

Alex agachou e levantou a prega do vestido até deixar descoberto os tornozelos.

— Qual é? Esta?

— Não, a... Ai! — Lily gritava de dor. — O que esta fazendo! Ah! Dói muitíssimo! Me tire sua condenada mãos de cima, sádico cruel...

— Bem, acredito que não está fingindo. — Alex a agarrou pelos cotovelos até colocá-la em pé.

— Naturalmente que não! Que demônios fazia essa raiz ali? Isso é tremendamente perigoso!

A resposta de Alex foi um olhar furioso.

— Sugere algum outro tronco em meu jardim? — Sua voz estava carregada de violência reprimida.

Lily sacudiu a cabeça e manteve a boca fechada.

— Bem — murmurou ele, e entraram a caminho para casa.

Lily, indefesa, caminhava a seu lado com muita dificuldade.

— Não pensa me oferecer o braço?

Alex ofereceu o cotovelo e Lily se agarrou a ele, deixando descansar o peso do corpo. Atravessando o jardim Lily fez tudo o que pôde para diminuir o passo de Wolverton. Queria que Zachary e Penélope estivessem juntos todo o tempo possível. Lily olhou discretamente a seu acompanhante. O loiro cabelo de Wolverton estava enredado, não brilhava o penteado imaculado de costume. O ambiente úmido fazia com que frisasse à altura da nuca. Penduravam um par de mechas sobre a fronte. A verdade era que para tratar-se de um homem, tinha um cabelo precioso. E percebeu também o agradável aroma que desprendia: uma mistura de tabaco, linho engomado e algo atrativo e subterrâneo que não chegava a identificar. Apesar de que doía o tornozelo, quase desfrutava caminhando a seu lado e se sentia tão fraca por isso que provocou uma nova discussão.

— Não pode andar um pouco mais devagar? — perguntou.

— Que correria é esta? Foder! Wolverton, se minha ferida piorar, não esquecerei.

Alex franziu a testa mas diminuiu o passo.

— Senhorita Lawson, tem você uma linguagem do muito suja.

— Assim falam os homens. Não vejo o motivo pelo qual eu não possa fazê-lo também. Além disso, os cavalheiros meus amigos admiram o meu variado vocabulário.

— Incluindo Derek Craven?

Lily alegrou saber que estava à par de sua amizade com Derek. Era bom que soubesse que contava com um aliado poderoso.

— O senhor Craven me ensinou algumas das palavras mais úteis que conheço.

— Não duvido.

— Pensa seguir me arrastando desta maneira?

— Não sou nenhuma mula obstinada da qual deva andar a um ritmo desumano. Poderia andar a uma velocidade mais razoável? E a propósito, Milord, cheira a charuto.

— Se isso a ofender, caminhe sozinha.

Seguiram discutindo até entrar na casa. Quando passaram pela galeria e pela entrada principal de mármore, Lily começou a falar com voz bastante alta para que Penélope e Zachary soubessem que estavam

de volta. E quando Wolverton abriu a porta do salão e arrastou Lily ao interior, os desventurados amantes se achavam respeitavelmente sentados a uma distância adequada um do outro. Lily se perguntava o que teria passado durante o momento de intimidade que tinham desfrutado. Zachary brilhava o bom humor que era característico, enquanto que Penélope estava rosada e sufocada.

Alex lhes deu uma olhada e falou com tom seco. — A senhorita Lawson me mencionou uma discussão.

Zachary, que se tinha posto em pé ao vê-los entrar, lançou a Lily um olhar de perplexidade.

— Meus impulsos de gênio são legendários — interveio Lily com uma gargalhada. — Mas o ar fresco reflito melhor. Estou perdoada, Zach?

— Não há nada que perdoar — respondeu Zachary com grande galanteio, e se inclinou para beijar sua mão.

Lily soltou o braço de Alex para agarrar-se ao de Zachary.

— Zach, temo-me que terá que me ajudar a chegar a uma cadeira. Acabo de torcer o tornozelo. — Agitou a mão desdenhosamente, assinalando em direção ao jardim de Wolverton. — Uma raiz, quase da grossura da perna de um homem!

— Parece-me um pouco exagerada — comentou Alex ironicamente.

— Bem, era grande. — dirigiu-se mancando, com grande dramatismo e ajudada por Zachary, para uma cadeira e se acomodou nela.

— Teremos que preparar um cataplasma —disse Penélope. — Pobre Lily... Não te mova! — Saiu precipitadamente do salão.

Zachary mostrava grande preocupação.

— Acredita que está ferida gravemente? Só te dói o tornozelo?

— Estou bem. — Lily fez uma careta exagerada de dor. — O que te parece se voltar amanhã para ver como estou?

— Virei cada dia até que esteja melhor —assegurou Zachary.

Lily sorriu para Wolverton, olhando por cima da cabeça de Zachary e perguntando se aquele rangido que ouvia seria o de seus dentes.

No dia seguinte o tornozelo de Lily se recuperou e unicamente uma pequena dor lembrava que tinha torcido. A temperatura era excepcionalmente cálida e fazia sol. Zachary chegou pela manhã, disposta a levá-la a dar um passeio em sua carruagem, e Lily insistiu para que Penélope os acompanhasse. Alex declinou um pouco admirado pela proposta de Penélope para que se unisse a eles, e preferiu ficar a atender os assuntos relacionados com sua propriedade que tinha pendentes. Tanto Lily como Penélope e Zachary se sentiram aliviados com a negativa de Alex. Se tivesse participado do passeio a situação teria sido bastante tensa.

Partiram os três na carruagem descoberta. Zachary, muito perito, levava as rédeas e olhava de vez em quando por cima do ombro, sorrindo com os comentários de suas duas passageiras. Lily e Penélope se sentaram juntas, protegendo seus rostos sorridentes do resplendor do sol com chapéus de palha. Foi Zachary quem sugeriu tomar o caminho que parecia menos transitado, e assim chegaram a um lugar muito belo. Zachary deteve o veículo para admirar a ampla e verde pradaria situada diante deles, as violetas, os trevos e

os gerânios silvestres.

— É precioso! — exclamou Penélope, apartando um cacho que cobria os olhos. — Vamos? Eu gostaria de pegar umas violetas para levar para mamãe.

— Humm. — Lily sacudiu a cabeça. — Temo-me que o tornozelo me dói ainda um pouco – mentiu. — Acredito que hoje não posso brincar de correr. Possivelmente Zachary queira te acompanhar.

— OH, eu... — Penélope ficou olhando o atrativo e sério semblante de Zachary e se ruborizou. — Não acredito que seja o mais apropriado.

— Por favor — suplicou Zachary. — Seria um grande prazer.

— Mas... Só nós dois...

— Venha, todos sabemos que Zach é um perfeito cavalheiro — disse Lily. — E não penso tirar os olhos de cima em todo o momento. Farei companhia de longe. Naturalmente, Penny, se não gosta de passear, eu adoraria que ficasse aqui comigo, admirando a paisagem..

Penélope, obrigada por ter que decidir-se entre passear sem companhia pela pradaria com o homem que amava ou ficar sentada junto a sua irmã, mordeu o lábio. Venceu-a tentação. Sorriu discretamente para Zachary.

— Bem, um passeio curto.

— Retornaremos assim que quiser — replicou Zachary, saltando agilmente da carruagem.

Lily, orgulhosa e divertida, observou Zachary ajudar Penny a descer. Logo ambos iniciaram lentamente seu passeio pela pradaria. Eram um casal perfeito. Zachary era um jovem honrado, suficientemente forte para protegê-la e bastante infantil para não intimidá-la. E Penny era exatamente a garota doce e inocente que ele necessitava.

Pôs os pés, sem descalçar, sobre o assento de veludo e alargou a mão para agarrar a cesta cheia de fruta e bolachas. Mordiscou um morango e logo jogou longe o caule verde. Desfez-se o laço do chapéu, pegou outro morango e ofereceu seu rosto ao sol.

Na Itália, fazia muito tempo, ela e Giuseppe tinham estado comendo estendidos em uma pradaria muito similar aquela, uns dias antes que se convertessem em amantes. Naquela época Lily era bastante sofisticada. Foi mais tarde quando se deu conta da estúpida e ingênua que tinha sido.

— O ar do campo é estupendo — disse ela, com os cotovelos nus apoiados sobre a manta enquanto mordiscava uma pêra amadurecida, macia como uma manteiga. — Aqui tudo fica melhor!

— Cansaste dos prazeres da cidade, meu amor? — Os formosos olhos de Giuseppe, de um negro líquido e provido de largas pestanas, olhavam-na com sensualidade.

— A alta sociedade é muito mais chata aqui que na Inglaterra — refletiu Lily, olhando a erva. — Todo mundo trabalha em excesso por suas e cobiças, todos falam e ninguém escuta.

— Eu escuto, caríssima. Escuto tudo o que você diz. Lily voltou a cabeça e sorriu.

— Sim? De verdade? E por que, Giuseppe?

— Porque estou apaixonado por você — respondeu ele apaixonadamente.

Ela se pôs a rir.

— Você te apaixona por todas.

— E há algo de mal nisso? Possivelmente na Inglaterra, mas não na Itália. Posso oferecer um amor especial a cada mulher. Um amor especial para você. — Agarrou um succulento cacho de uvas e o aproximou dos lábios de Lily sem deixar de olhá-la.

Lily abriu a boca; sentia-se adulada e o coração pulsava com força. Agarrou um grão de uva entre os dentes e sorriu. Jamais um homem a tinha cortejado com um cavalheirismo tão ardente. Seu olhar oferecia promessas de ternura e de prazer; e apesar de que sua cabeça resistia a acreditar, seu coração o buscava desesperadamente.

Estava muito tempo sozinha, e desejava conhecer esse mistério que tanto parecia satisfazer a todo mundo.

— Lily, minha formosa inglesinha — murmurou Giuseppe. — Posso te fazer feliz. Imensamente feliz, bela.

— Não deveria dizer isso. — Lily desviou os olhos e tentou esconder suas bochechas tão rosadas. — Ninguém pode prometer uma coisa assim.

— Porque não? Deixe-me tentar. Preciosa Lily, sempre com esse sorriso triste, poderia te fazer sentir melhor. — inclinou-se lentamente para beijá-la. A carícia de seus lábios foi quente e agradável, e nesse instante Lily decidiu que seria ele quem a faria mulher. Entregaria a ele. Por fim ninguém acreditava que era virgem. Sua inocência não importava a ninguém.

Recordando o passado, Lily não entendia por que tinha considerado que os homens e o amor podiam representar algo tão misterioso e fascinante. Tinha pagado caro seu engano por Giuseppe e seguiria pagando o preço de seus pecados. Suspirando, olhou a sua irmã, que passeava com Zachary. Não estavam dando as mãos; entretanto se percebia uma atmosfera de intimidade entre eles.

«Esse é um homem que nunca vai trair te, Penny —pensou. — O qual, pode acreditar, é uma autêntica raridade.»

Depois que Zachary partiu, Penélope estava radiante. Entretanto durante o transcurso das horas seguintes mudou de maneira notável. O brilho tinha desaparecido de seus olhos por completo na hora do jantar, estava pálida e parecia deprimida. Lily se perguntava quais seriam seus pensamentos e emoções naqueles momentos, mas só tiveram oportunidade de falar quando foram para cama.

— Penny — disse, desabotoando o vestido de sua irmã pelas costas.

— O que acontece? Ficou toda a tarde muito séria e apenas provou o jantar.

Penélope se dirigiu a penteadeira e tirou os passadores que prendiam o cabelo, deixando que seu cabelo dourado caísse livre até a cintura. Ficou observando Lily, com expressão cheia de tristeza.

— Sei o que tenta fazer. Não deve preparar mais encontros entre Zachary e eu. Não conduzem a nada, e não é correto!

— Arrepende dê ter estado com ele? — perguntou Lily. — Colocou-me em uma situação difícil, verdade? Me perdoe...

— Não, foi maravilhoso — exclamou Penélope, e a seguir a olhou envergonhada. — Não devia haver dito isto. Não sei o que me passa! Estou confusa...

— O motivo é que sempre estiveste obedecendo a papai e mamãe e fazendo o que se esperava de você. Penny, em sua vida não tem feito nada por egoísmo. Está apaixonada por Zachary, sacrifica-te por seus pais. Penélope se sentou na cama e baixou a cabeça.

— Não tem a menor importância de quem esteja apaixonada.

— A única coisa que importa é sua felicidade! Por que está tão triste? Ocorreu algo?

— Lorde Raiford falou comigo esta tarde — explicou Penélope com um fio de voz. — Justo depois que retornamos de nosso passeio.

O olhar de Lily se tornou mais frio.

— O que te disse?

— Fez perguntas... E me deu a entender que Zachary não é seu pretendente. Que Zachary está comportando-se de forma desonrosa e tenta me cortejar.

— Como se atreve a dizer uma coisa assim?

— É certo — disse Penélope muito triste. — Já sabe que é.

— Claro que é... Fui eu quem planejei! — Isso era o que pensava.

— Mas como se atreve a nos insultar com uma acusação semelhante?

— Lorde Raiford acha que se Zachary tentou casar-se com uma garota como eu, jamais pretenderia casar-se com alguém como você.

Lily franziu ainda mais a testa.

— Alguém como eu?

— «Perita», essa foi a palavra que utilizou — disse Penélope, muito incômoda.

— Perita? — Lily perambulava pelo quarto como um tigre enjaulado.

— Deve pensar que não sou bastante desejável para pescar um marido.

Bem, há homens que me acham muito atraída, homens que têm algo mais que água gelada nas veias. Vá, olhe quem me critica! Está bem, vou pôr as coisas em seu lugar, e agora...

— Lily, por favor — suplicou Penélope com voz fraca. — Tudo isto me amadurece. Por que não deixamos as coisas como estão?

— Sim, de acordo. Mas só depois de esclarecer com sua senhoria umas coisas!

— Não! — Penélope colocou uma mão na frente, como se aquela situação fosse mais do que capaz de suportar. — Não deve fazer lorde Raiford ficar zangado! Tenho medo!

— Ameaçou você? — Felizmente Penélope não pôde ver o olhar vingativo de Lily, que a teria apavorado.

— N-não, não precisamente. Mas é um homem tão severo, não acredito que tolerasse nenhum tipo de traição. Não é um homem para se aborrecer!

— Penny, se Zachary te pedisse que...?

— Não — exclamou Penélope, com os olhos alagados de lágrimas. — Não, não sigamos falando sobre isto! Não escutarei, não penso fazê-lo!

— Está bem — disse Lily tranquilizando-a. — Não falemos mais por esta noite. Não chore. Tudo irá bem, verá.

Alex descia a toda pressa pela escada. Ia vestido com roupa de viagem: jaqueta de lã, colete de popelina e calças de algodão. Devia ir a Londres em resposta a uma mensagem que tinha recebido no dia anterior. Seu irmão Henry ia ser expulso de Westfield. Era a primeira vez que um Raiford se via obrigado a abandonar uma escola tão renomada.

Alex, zangado e preocupado, perguntava-se qual teria sido o incidente que tinha provocado a expulsão. Henry tinha sido sempre um menino muito vital e travesso, mas tinha bom coração. A nota enviada pelo diretor de Westfield não continha nenhuma explicação, só dizia que a presença do menino já não era bem vista na escola.

Alex suspirou pensando que não tinha aconselhado ao menino como era devido. Quando tinha sido necessário fazer entrar em vereda Henry por suas maldades, não o tinha castigado severamente. Henry era muito pequeno quando morreram seus pais, e Alex tinha sido mais um pai que um irmão para ele. Perguntava se tinha trabalhado bem com o menino, se não deveria haver-se casado e introduzir assim na vida de Henry uma mulher maternal e amável.

Os pensamentos de Alex foram interrompidos pela visão de uma delicada figura feminina de camisola que subia depressa as escadas. Lily outra vez, perambulando pela casa quase nua.

Ao ver ela se deteve uns degraus de distância. Deu uma olhada a seu severo semblante, grunhiu e se levou as mãos à cabeça.

— esqueceu do acordo?

— Não, senhorita Lawson — respondeu Alex com aspereza. — Quero que me explique de onde vem e o que esteve fazendo.

— Não vai tirar me nada — disse ela entre dentes. Alex a observou. Podia ser que houvesse dito a verdade, que tivesse um tête-à-tête com algum dos criados.

Ao menos seu aspecto não o desmentia: em camisola, descalça, com cara cansada e olheiras, como depois de uma noite de desenfreio. Sem saber por que, sentiu raiva em pensar naquilo. O normal era que enquanto não o incomodassem o importasse o que fizessem com os outros. Mas naquele momento se sentia furioso.

— Sim, voltava a acontecer isto — enunciou friamente. — Penso fazer suas malas pessoalmente. Pode ser que em Londres se admire a imoralidade, mas aqui não a tolero.

Lily sustentava o olhar, o desafiando, e decidiu prosseguir seu caminho, murmurando algumas obscenidades...

— O que está dizendo? — perguntou ele com um grunhido.

Lily lançou um sorriso adocicado por cima do ombro.

— Desejava a você um dia esplêndido, Milord.

Quando entrou em seu quarto pediu que preparassem um banho. As criadas, muito eficientes, encheram a banheira de porcelana que havia na sala de vestir ao lado, acenderam a pequena lareira e dispuseram as toalhas no cabide. Uma vez terminada sua tarefa, Lily as despediu.

Introduziu-se na banheira e começou a tornar-se água pelo seio distraidamente. As paredes em papel exibiam motivos chineses, flores e pássaros. O suporte de porcelana da lareira estava decorada com dragões.

Passado de moda. Ela não daria nada por essa parede empapelada há vinte anos. «Se pudesse colocar mão aqui, duvido que não trocaria essas coisas», pensou e se inundou integralmente na água. Tirou logo a cabeça com o cabelo jorrando decidida a refletir sobre o que estava acontecendo.

O sonambulismo começava a ser mais frequente que de costume. No dia anterior se despertou na biblioteca, e agora no salão, estendida no divã. Como tinha chegado ali? Como tinha descido as escadas sem cair? Podia haver partido o pescoço!

Não podia permitir que isso continuasse. Lily, assustada, perguntava se teria que acabar atando-se na cama todas as noites. Mas e se alguém chegasse a descobrir que o fazia? Sorriu nervosa pensando se Wolverton não agarraria por surpresa. Provavelmente pensasse que era a mulher mais depravada sobre a face da terra.

Podia tentar beber antes de deitar-se. Estando bem bêbada... Não, aquilo seria uma carreira veloz para a ruína. Em Londres tinha visto muita gente aniquilada pela bebida. E se visitasse um médico para que receitasse algo? Diria que estava louca. Lily passou os dedos pelo cabelo molhado e fechou os olhos.

— Possivelmente estou louca — murmurou, apertando os punhos. Qualquer mulher podia acabar louca se roubassem seu filho.

Depois de lavar o cabelo e o corpo com esmero, saiu da banheira e se secou com uma enorme toalha. Vestiu-se com uma muda de encaixe branco, vestiu umas meias de algodão e um vestido com um estampado de pequenas florzinhas de cor rosa que a fazia parecer quase tão jovem como Penélope. Enxugou os úmidos cachos se sentou em frente à lareira, disposta a elaborar o plano do dia.

— Acima de tudo — disse estalando os dedos, devo convencer Wolverton de que Zachary está me fazendo a corte A. mim, não a Penny. Isso o despistará.

— Senhorita? — A voz denotava surpresa. A donzela estava junto à porta do vestidor. — Dizia algo?

— Não, não, não. Falava sozinha.

— Devia recolher as toalhas.

— Leve também a camisola. OH, me diga onde está lorde Raiford. Desejo falar com ele.

— foi-se para Londres, senhorita.

— Para Londres? — Lily entreabriu os olhos. — Por quê? Por quanto tempo?

— Disse a Silvern que estaria de volta esta noite. — Bem, uma viagem rápida. O que pretende fazer em tão pouco tempo?

— Ninguém sabe a que foi.

Lily tinha o pressentimento de que a criada sabia algo mas não queria dizer. Os criados de Wolverton mantinham a boca fechada e eram fiéis a seu amo. Lily se deu de ombros.

Westfield ficava em um dos três promontórios situados ao noroeste de Londres. Quando fazia bom tempo, do alto da colina era possível avistar quase uma dúzia de condados. Westfield era uma das escolas públicas mais famosa; tinham saído dela grandes políticos, artistas, poetas e militares. Alex tinha estudado ali. Recordava a disciplina estrita dos professores e a tirania dos meninos mais velhos, e recordava também os dias divertidos, os amigos íntimos e as travessuras. Tinha esperado que Henry encaixasse bem ali, mas evidentemente não tinha sido assim.

Um menino taciturno acompanhou Alex até ao escritório do diretor. O doutor Thornwait estava de pé frente a um escritório cheio de gavetas e saudou Alex sem esboçar um sorriso. Era um homem magro, de cabelo grisalho, rosto largo e enrugado e povoadas sobrancelhas escuras. Falou com voz tênue e tom de desaprovação.

— Lorde Raiford, eu gostaria de expressar o alívio que sinto pelo fato de que deva recolher ao pequeno delinquente. É um jovem com um caráter perigosamente inconstante, algo que não encaixa nem Westfield de maneira nenhuma.

Alex ouviu a voz de seu irmão a suas costas.

— Alex! — Henry, que tinha permanecido sentado em um banco de madeira encostado à parede, precipitou-se para ele a grandes passadas, e tentou mostrar um semblante arrependido. Incapaz de reprimir um sorriso, Alex o agarrou pelo cangote para se aproximar dele. Agarrou seguidamente pelo ombro e o olhou bem.

— Por que dizem que é perigoso, menino?

— Uma travessura — confessou Henry.

Alex sorriu com tristeza com uma resposta como aquela. Henry tinha um conceito muito amplo do que era divertir-se, mas era um bom menino, alguém do qual qualquer podia sentir-se orgulhoso. Embora um pouco baixinho para os doze anos que tinha, era forte e robusto. Sobressaía-me em esportes e matemática e escondia uma paixão pela poesia.

O habitual era que seus olhos de cor azul intensa brilhassem com uma alegria contagiosa, e devia pentear com frequência seu cabelo loiro, quase branco, para domar seus cachos. Era enérgico e atrevido, algo que supria sua falta de estatura, e se tinha convertido no cabeça de seu grupo de amigos. Se fazia algo mal, em seguida pedia perdão. Alex não se imaginava o que tinha provocado sua expulsão. Rasgar as páginas de uns livros, ou pôr um cubo de água sobre uma porta entreaberta. Bem, tentaria aplacar a ira de Thornwait, pedir desculpas e convencer de que permitisse Henry a ficar.

— Que travessura foi? — perguntou Alex, olhando ora ao doutor Thornwait, ora para Henry.

A resposta veio de Thornwait.

— Voar a porta principal de minha casa — afirmou. Alex olhou fixamente a seu irmão.

— O que fez?

— Pólvora — confessou Henry.

— A explosão poderia haver causado graves feridas — disse Thornwait, fazendo que suas sobrancelhas, parecessem aranhas, juntassem-se quase com seus olhos, — ou a minha secretária.

— por quê? — perguntou Alex sem poder acreditar em Henry, isso não é normal em você.

— Ao contrário — assinalou o doutor Thornwait. — É típico dele. Henry é um menino de espírito rebelde... Ignorante da autoridade, incapaz de aceitar disciplina alguma....

— A merda se eu for! — replicou Henry, com o olhar cravado no diretor. — Fiz o que devia!

Thornwait olhou para Alex como que dizendo: «Vê?»

Alex agarrou amavelmente a seu irmão pelos ombros.

— Me olhe. Por que fez voar a porta?

Henry permaneceu um momento em silêncio. Thornwait interveio.

— Henry é um menino que não...

— Já escutei sua opinião — interrompeu Alex, lançando um olhar tão frio que o fez calar imediatamente.

Voltou a olhar a seu irmão, de forma mais cálida.

— Henry, conta-me

— Não importa — murmurou Henry.

— Me conte por que o fez — disse Alex carinhosamente. — Agora.

Henry olhou de esguelha.

— Foi pela surra.

— Te bateram? — Alex franziu a testa. — Por qual motivo?

— O que você fez! — Henry estava soando. — Com um pau, com uma vara... Fazem-no sempre, Alex!

— Olhou para Thornwait desafiante. — Uma vez por que cheguei um minuto tarde para tomar o café da manhã, outra porque atirei os livros diante do professor de inglês, outra por que não estava com o pescoço bastante limpo... Levam um mês me dando uma surra três vezes por semana, e estou até os cansado! — impus os mesmos castigos a outros meninos rebeldes — disse Thornwait secamente.

Alex seguia sem alterar-se exteriormente, mas por dentro jorrava faíscas.

— Sinal disse a Henry, cortante.

Henry sacudiu a cabeça, ruborizado.

— Alex...

— Sinal insistiu Alex.

Henry suspirou, olhando para seu irmão e ao diretor.

— Por que não? Thornwait está farto de vê-lo. — voltou-se, despojou-se da jaqueta, colocou as mãos na cintura e baixou as calças uns centímetros.

Alex cortou a respiração ao ver o que tinham feito a seu irmão. Tanto a parte inferior das costas de Henry como suas nádegas eram uma massa de roxo, crostas e arranhões. Era impossível que alguém considerasse aquilo um trato normal ou necessário, nem inclusive atendo à disciplina mais estrita. Não era a disciplina a causa dessas surras, a não ser um homem que desfrutava com o prazer perverso de infligir dor. Alex, tentando dominar a ira, levantou sua mão tremula e acariciou a nuca de Henry. Não se atrevia a olhar para Thornwait, porque desejava matar esse bastardo. Henry subiu as calças e se voltou. Ao ver a frieza do olhar de Alex e a cor que subia por suas bochechas, abriu muito os olhos.

— Foi totalmente justificado — declarou o doutor Thornwait. — As chicotadas formam parte da tradição de Westfield...

— Henry — disse Alex, titubeando. — Henry, têm feito algo mais além de te pegar? Têm feito mal de algum outro modo?

Henry o olhou perplexo.

— Não. O que quer dizer?

— Nada — Alex se dirigiu para a porta. — Sai-disse tranquilamente. — Vou em seguida.

Henry o obedeceu sem dar-se pressa, o olhando com curiosidade. Assim que a porta se fechou, Alex se dirigiu para o doutor Thornwait, que instintivamente retrocedeu.

— Lorde Raiford, é um método aceito na educação dos meninos...

— Eu não aceito! — Alex agarrou sem nenhum olhar e o lançou contra a parede.

— Farei com que te prendam — gritou o diretor sufocado.

— Não pode...

— Não posso o que? Te matar, como desejo? Possivelmente não. Embora possa me aproximar bastante.

— Alex agarrou pelo pescoço da camisa e levantou Thornwait até que as pontas de seus pés logo que roçavam o chão. Saboreou o ofego que provinha da apertada garganta do diretor. Thornwait não via mais que o olhar de aço do Alex e seus branquíssimos dentes — Sei perfeitamente que classe de perverso bastardo é você. Apazigua suas frustrações com os meninos. Desfruta açoitando a qualquer pobre moço até o fazer sangrar. Não merece nem que o chamem de homem.

— D... Disciplina... — conseguiu resmungar Thornwait.

— Se ficarem sequelas em meu irmão do qual você chama disciplina, ou se Henry me confessar que abusou dele de outra maneira, advirto que será melhor que se ponha a correr antes que ponha a mão em cima. — Então Alex pressionou a garganta de Thornwait como se fosse grades para modelar.

O homem se retorcia aterrorizado. Alex esperou que o diretor ficasse com o rosto roxo.

— Estamparei seu rosto na parede do quarto de Henry —grunhiu. — Em memória de seus dias em Westfield. Acredito que vá gostar. — Soltou Thornwait de repente e este caiu de bruços no chão. O diretor respirava com dificuldade. Alex afundou as mãos nos bolsos de seu casaco depois de abrir a porta da secretaria com tanta força que golpeou contra a parede saltando uma das dobradiças.

Encontrou ao Henry na entrada, agarrou pelo braço e partiram apressados.

— Por que não me disse nada? — perguntou. Para Henry custava seguir.

— Não sei.

De repente ressonaram nos ouvidos de Alex as acusações de Lily, que ele era distante e não tinha sentimentos. Seriam atinadas essas palavras? Franziu a testa, pesaroso.

— Pensava que não seria amável com você? Que não o entenderia? Teria que haver me contado isso!

— Demônios! — disse Henry entre dentes. — Pensei que as coisas melhorariam... Ou que poderia me arrumar sozinho...

— Com explosivos?

O menino não respondeu. Alex lançou um suspiro.

— Henry, não quero que faça as coisa sozinho. Ainda não tem idade para isso, e está sob minha responsabilidade.

— Sei:-disse Henry, ofendido. — Mas sabia que estava ocupado com outras coisas, como o casamento...

— Ao diabo com o casamento! Não a utilize como desculpa.

— O que quer de mim? — perguntou o menino.

Alex apertou os dentes e se obrigou a manter a calma.

— Quero que entenda que se tiver problemas tem que contar para mim. Problemas de qualquer classe.

Nunca estarei ocupado se for pra te ajudar.

Henry assentiu com a cabeça.

— E agora o que vamos fazer?

— Vamos para casa, em Raiford Park.

— De verdade? — A idéia fez com que no rosto do menino quase se desenhasse um sorriso. — Ainda

tenho fazer coisas na casa...

— Algo importante?

— Não, acredito que não...

— Bem. Deixaremos tudo aqui.

— Terei que voltar? — perguntou Henry, temeroso.

— Não — respondeu Alex com resolução — Contratarei um tutor. Pode estudar com os meninos do povoado.

Henry lançou um grito de alegria e atirou ao ar o chapéu da escola. Caiu no chão atrás deles e aí ficou.

— Shhh. Acredito que chega. — Lily, vendo que a carruagem de Alex entrava no atalho, fez sair Zachary da sala de música. Ele, Lily, Totty e Penélope levavam ali um bom momento cantando e tocando o piano.

— Lily, me explique o que está planejando — disse Zachary quando entraram na biblioteca.

— Imagino que Alex, depois de um dia de viagem, virá à biblioteca a tomar uma taça. E quero que nos veja juntos. — Lily empurrou Zachary sobre um sofá de pele com todas suas forças. Sentou-se em seu colo, e como ele protestava, tampou a boca com as mãos. — Fica quieto, Zach... Não ouço nada. — Lily inclinou a cabeça para escutar melhor os passos que se aproximavam. Pisadas fortes e compassadas... Tinha que ser Wolverton. Retirou a mão da boca de Zachary e rodeou seu pescoço com os braços. — Beije-me. E faz o de forma convincente.

— Mas Lily, devemos fazer? Meus sentimentos para Penny...

— Não me importam — disse ela, impaciente.

— Mas é neces...

— Faz, maldito seja!

Zachary obedeceu.

O beijo resultou igual aos que Lily tinha provado com antecedência, quer dizer, do mais normal. Sabia Deus por que motivo os poetas se empenhavam em descrever algo tão desagradável como se fosse a experiência mais arrebatadora.

Ela opinava como Swift, o escritor, que se perguntava: «Quem seria o louco que inventou o beijo?» Mas já que os apaixonados pareciam desfrutar desse costume, a Wolverton não ficaria outro remédio que pensar que ela e Zachary estavam realmente apaixonados.

A porta da biblioteca se abriu. Lily acariciava o fino cabelo castanho de Zachary como se estivesse absorta naquele beijo apaixonado. Logo levantou bruscamente a cabeça e olhou para a porta. Ali estava Wolverton,

com a roupa poeirenta e enrugada. Seu rosto bronzeado era todo um poema. Lily sorriu com insolência.

— Vá, se for lorde Raiford, sempre com tão boa cara. Como vê, Milord, acaba de interromper um momento muito íntimo entre... — Calou ao precaver-se da presença do menino junto a Wolverton. Um menino baixinho, loiro, de inquisidores olhos azuis que esboçava um sorriso. Não contava com a possibilidade de que alguém mais fosse testemunha de seu beijo com o Zachary. Lily se precaveu de que estava ficando vermelha como um tomate.

— Senhorita Lawson — disse Alex com expressão de tempestade, — este é meu irmão mais novo, Henry.

— Olá, Henry — conseguiu dizer Lily.

O menino contemplou com interesse seu triste sorriso:

— Por que estava beijando o visconde Stamford se pensa te casar com Alex?

— OH, eu sou outra senhorita Lawson — replicou Lily com inapetência. — Você se refere a minha pobre... Quero dizer a minha irmã mais nova.

— Deu-se conta então de que seguia sentada sobre o colo de Zachary. Levantou-se de um salto e quase caiu ao chão. — Penny e mamãe estão na sala de música — disse dirigindo-se a Alex. — Estão cantando hinos.

Alex assentiu com a cabeça.

— Vêem, Henry — disse sem alterar-se. — Apresentarei Penélope.

Henry seguia com o olhar cravado em Lily, que estava arrumando o vestido.

— Por que leva o cabelo curto dessa forma? — Perguntou.

Lily não pôde menos que rir com a pergunta sobre o corte de cabelo da moda.

— Assim não fica nos meus olhos quando caço.

— Caças? — Henry a olhava fascinado. — Isso é perigoso para as mulheres, sabia?

Lily advertiu que Wolverton não tirava a vista de cima. Não pôde evitar um sorriso zombador.

— Por que, Henry? Seu irmão me disse o mesmo o dia que me conheceu. — Houve um intercâmbio de olhares. De repente se formou, uma comissura da boca de Alex, como se tentasse reprimir um sorriso irônico. — Milord — prosseguiu Lily maliciosamente, não se preocupe, não penso ser uma má companhia para Henry. Estou acostumado a ser muito mais perigosa para os homens mais velho.

Alex pôs os olhos em branco.

— Acredito, senhorita Lawson. — levou-se Henry sem voltar a cabeça.

Lily ficou imóvel. Sentia-se confusa e o coração pulsava de forma irregular. Ao ver tão cansado e despenteado, com aquela mão protetora sobre o ombro de seu irmão... Tudo aquilo a fazia sentir-se estranha. Ela não era uma dessas mulheres que fazem festas aos homens; entretanto sentia de repente o desejo de acariciar o cabelo, e preparar um jantar ligeiro e conseguir que confessasse o motivo da preocupação que se refletia em seu olhar.

— Lily — disse Zachary, pensa que acreditou que nosso beijo era de verdade?

— com certeza que sim. Por que não?

— Não escapa nenhuma.

— Está começando a encher o saco por que todo mundo o sobrevaloriza — disse Lily, e imediatamente foi mal ter respondido assim. Mas a imagem que acabava de passar por sua cabeça a tinha deixado assombrada e turvada. Sua imaginação tinha um mal que passava pela sua cabeça: abraçava Wolverton, sentindo sua boca na sua, seu loiro cabelo sob suas mãos. Só de pensar encolhia o estômago. Levantou a mão para acalmar o comichão que sentia na nuca. Só uma vez tinha estado entre seus braços: quando na caçada de Middleton caiu do cavalo e Wolverton a recolheu, quase estrangulando-a. Naquela ocasião assustaram a força de suas mãos e a violência de sua expressão.

Duvidava de que alguma vez tivesse mostrado aquela parte de si a Caroline Whitmore.

Lily sentia uma curiosidade imensa pela tão misteriosa Caroline. Amaria Wolverton de verdade, ou teria acessado a casar-se com ele por sua extraordinária riqueza?

Ou possivelmente por sua linhagem aristocrática? Lily tinha ouvido dizer que os americanos impressionava muitíssimo todo o relacionado com títulos e sangue azul.

E como se comportaria Wolverton com Caroline? Seria possível que tivesse chegado a mostrar-se carinhoso e sorridente? Fazia feliz Caroline?

Essas perguntas intrigavam Lily. Mas se disse que não devia se importar absolutamente como fora ou deixasse de ser o amor perdido de Wolverton. O único importante era resgatar Penélope de suas mãos.

Alex despediu do tutor e suspirou. Aquele homem, um tal Hotchkins, era o quarto que entrevistava, e nenhum deles tinha sido de seu agrado. Pelo visto encontrar um tutor com um equilíbrio de autoridade e compreensão adequada para as necessidades de Henry levaria tempo. Alex estava muito ocupado com isso e com as reuniões que aqueles últimos dias vinha mantendo com os arrendatários. Os agricultores estavam furiosos porque uma irrupção de lebres e coelhos destroçava seus cultivos. E para cúmulo seu guarda-florestal acabava de informar de que o número de caçadores furtivos tinha aumentado grandemente.

— Que cacem coelhos não é mau, senhor — disse o guarda-florestal, mas põem armadilhas e caçam de noite. Assim acabarão com os faisões. Este ano não poderemos caçar faisões!

Alex resolveu o problema oferecendo aos arrendatários uma compensação pelas colheitas perdidas em troca de que restringissem a caça furtiva, que de entrada se negaram a admitir que praticavam. Alex celebrava também reuniões com agentes do distrito onde estava situada sua propriedade em Buckinghamshire, discutindo o pagamento dos arrendamentos e outros aspectos relacionados com o governo do imóvel.

— Deveria contratar um administrador a tempo completo — aconselhou — Lily depois de ter escutado às escondidas algumas das discussões.

— Como fazem outros em sua situação.

— Sei como dirigir meus assuntos — respondeu Alex.

— Naturalmente. — Lily obsequiou com uma de seus sorrisos. — Prefere fazê-lo todo a seu modo. Seguro que te economizará tempo para isso até gostaria de cobrar pessoalmente os aluguéis a seus arrendatários. Assombra-me que não gradeia e pule os chãos de sua mansão ou amasse o pão na cozinha... Por que ter um criado sendo você tão capaz de fazê-lo?

Alex a teria esbofeteado por intrometer e de chamá-lo de tirano.

No fundo, entretanto, considerou seu ponto de vista. Grande parte do trabalho que fazia podia delegá-lo. Mas o que fazer com mais tempo livre? Passá-lo com Penélope? Apesar de que a relação entre ambos era amável, nem ele nem Penélope desfrutavam juntos.

Existiam outras opções, como jogar, caçar, festas e discussões políticas em Londres.

Alex pensou que poderia recuperar antigas amizades. No transcurso dos dois últimos anos tinha evitado a companhia de seus amigos mais e muito em particular daqueles que tinham conhecido Caroline tinham expressado seu pesar por sua morte. Havia sido incapaz de suportar seus olhares compassivos.

De mau humor, Alex decidiu ver Penélope, que seguia sua mãe como se fosse sua sombra. Tentou conversar com elas tomando o chá morno que ofereceram. Penélope estava bordando com um bastidor de madeira. Fazia um desenho com fios de seda de cores utilizando uma pequena agulha, e de vez em quando olhava timidamente. Seu aspecto, com aquelas mãos deslizando-se delicadamente sobre a musselina branca, era virginal e refinada. Transcorrido um momento naquele ambiente tão comedido escapou, murmurando que tinha trabalho pendente.

Da galeria provinham risadas. Foi investigar, curioso. Pensou que Henry estava com algum amigo que tinha ido visitá-lo. Sentados com as pernas cruzadas vislumbravam duas miúdas figuras jogando cartas. Uma, evidentemente, pela forma das costas, era Henry. Mas a outra... A outra... Alex franziu a testa ao reconhecer Lily; embelezada com sua calça cor framboesa! Além disso, Henry tinha emprestado uma camisa e um colete. Alex se dirigiu com passo resolvido para eles com a intenção de repreender Lily por sua traje tão pouco apropriada. Ao chegar a seu lado, ficou olhando Lily com olhos acesos, e engoliu saliva. Estava sentada de tal maneira que as calças se ajustavam a suas pernas pondo em evidência os esbeltos contornos.

Deus, era a mulher mais perturbadora que tinha visto em sua vida. Em seus tempos tinha conhecido mulheres muito sedutoras, tanto vestidas como nuas, embelezadas com suntuosos trajes de noite e com camisolas transparentes, nuas no banheiro, em roupa francesa de seda com laços... Mas jamais tinha visto algo mais tentador que Lily Lawson com calças.

Alex se precaveu de que acendia o rosto e estava tremendamente excitado. Lutou desesperadamente para convocar a imagem de Penélope. E não conseguiu, escavou mais longe tratando de recordar Caroline. Era incapaz de ver o rosto de Caroline... Demônios, apenas recordava... Não via mais que os joelhos de Lily, sua cabeça escura e frisada, os peritos movimentos de seus dedos com o baralho. Conseguir que sua respiração mantivesse um ritmo regular se converteu em uma batalha. Pela primeira vez era impossível recordar a voz de Caroline ou a forma de seu rosto... Era nebuloso. Seus sentidos o traíam e arrastavam para Lily, cuja vibrante beleza era o foco de toda a luz reinando na galeria.

Com um breve olhar, Lily sentiu o sabor de Alex que se precaveu de sua presença. Esticou os ombros à espera de qualquer comentário negativo. Vendo que não passava nada, seguiu com sua demonstração. Cortou e baralhou as cartas como um professor.

— Agora olhe, Henry —disse. — Metem estas cartas entre as outras... E saem nele mesma ordem que antes. Vê? O ás segue estando em último lugar.

Henry pôs-se a rir e agarrou o baralho para praticar.

Alex observou que o menino assinalava as cartas.

— Sabe fazer armadilhas com as cartas? — perguntou. — Só conheço as torpes — disse Lily antes que o menino falasse. — As boas nunca se pescam. — Indicou um lugar no chão junto a eles, e com graça, igual a uma dama oferecendo um assento no salão mais elegante, disse: Importaria unir-se a nós, Milord? Ensinando a seu irmão meus melhores truques, estou quebrantando uma de minhas regras mais estritas.

Alex se inclinou e se sentou junto a ela.

— Deveria estar agradecido? — perguntou. — Converter meu irmão em um trapaceiro... Lily sorriu.

— Não. A única coisa que pretendo é que este menino se inteire dos métodos que podem utilizar para aproveitar dele.

Henry mostrou seu desgosto por sua falta de habilidade deslizando os dedos pelas cartas e as pulverizando no chão.

— Está bem — disse Lily. — Pratica, Henry. Guardou rapidamente.

Lily se inclinou e recolheu as cartas e Alex não pôde deixar de observar as voluptuosas e arredondadas formas de seu traseiro. Sobreveio uma nova onda de excitação, sentia o calor na flor da pele. Atirou das pontas de sua jaqueta para cobrir o colo. Pensava ficar em pé e partir, mas o que fez, em troca, foi ficar na galeria iluminada pelo sol sentado no chão junto à mulher mais exasperem que tinha conhecido ao longo de sua vida.

Henry baralhou as cartas.

— O que tem meu tutor, Alex?

Alex apartou sua atenção de Lily.

— Ainda não encontrei ninguém que encaixe.

— Bem — disse o menino. — Parecia um porco asqueroso.

Alex franziu o sobrecenho.

— Um quê?

Lily se inclinou para Henry, como se fosse contar um segredo.

— Henry, não utilize as palavras que te ensinou tia Lily até que Alex parta.

Alex, sem pensar duas vezes, agarrou o ligeiro antebraço de Lily.

— Senhorita Lawson, você está demonstrando que tenho razão ao pensar em mantê-la afastada dele. — Lily, sobressaltada com o contato, olhou esperando topar-se com uma gelada expressão. Mas encontrou um sorriso de menino arrependido que fez pulsar outra vez seu coração de forma irregular. Era estranho que fazer sorrir proporcionasse a sensação de que tinha realizado uma façanha. Sorriu e logo disse a Henry:

— Sabe por que seu irmão não te conseguiu ainda um tutor? Porque não ficará satisfeito até que tenha encontrado Galileu, Shakespeare e Platón reunidos na mesma pessoa. Sinto por você, menino. Henry fez uma careta para expressar quão horrível aquilo podia chegar a ser.

— Alex, diga que isso não é certo!

— Tenho meus princípios — admitiu Alex, retirando a mão do braço de Lily. — Encontrar um tutor qualificado leva mais tempo de que supunha.

— Por que não deixa que seja Henry quem escolha? — sugeriu Lily. — Enquanto ele faz as entrevistas, você teria tempo de ocupar-se de seus outros assuntos. E uma vez eleito o apresentaria para que você outorgasse sua aprovação.

Alex bufou com ironia.

— Eu gostaria de ver o tutor que escolhe Henry.

— Penso que é uma pessoa responsável por suas decisões. Além disso será seu tutor. Portanto também ele tem algo que opinar sobre o tema.

Parecia que Henry levava o assunto a sério.

Seu olhar azul topou com a de Alex.

— Escolheria um estupendo.

A idéia era pouco convencional. Mas Henry poderia beneficiar assumir aquela responsabilidade. Não faria nenhum dano tentar.

— Considerarei — declarou Alex a contra gosto. — Mas serei eu quem dá o visto final.

— Bem — disse Lily satisfeita. — Pelo visto, às vezes pode você chegar a ser razoável. — Agarrou as cartas das mãos de Henry para as baralhar consciência, e logo as depositou no chão. — Importaria cortar, Milord?

Alex a olhou fixamente, perguntando se atuaria assim em Craven's, com aqueles olhos castanhos brilhantes convidando a jogar e sua fina mão apartando os cachos que penduravam sobre a testa. Jamais poderia converter-se em uma esposa recatada e convencional. Seria sempre um atrativo companheiro de jogos com ardis cortês, uma combinação de jogador perito... Cem coisas distintas ao mesmo tempo, mas nenhuma das quais ele necessitava.

— O que joga? — Perguntou.

— Estou ensinando Henry os segredos de vinte-e-um. — No rosto de Lily se desenhou um sorriso desafiante.

— Considera-se bom neste jogo, Wolverton?

Ele, muito devagar, colocou a mão sobre o baralho e cortou.

— Dê.

Capítulo Cinco



Lily descobriu com grande consternação que Alex era um hábil jogador. Teve que recorrer às armadilhas para ganhar. Olhava as cartas situadas na parte superior do baralho às escondidas enquanto aconselhava Henry de vez em quando dava as agarrava de baixo. Em uma ou duas ocasiões baralhou um modo especial, um truque que tinha aprendido com Derek e que tinha levado quantidade de horas de prática frente ao espelho. Se Alex suspeitava, não dizia nada.

— E agora — disse Lily a Henry quando foram pela última mão. Trata-se de um lance em que o ás pode valer tanto um como onze. A melhor estratégia é apostar pelo número mais alto e em caso de que isso não funcione dar ao ás o valor de um.

Henry, seguindo as instruções, tirou uma carta e sorriu satisfeito.

— Vinte —disse. — Ninguém poderá me superar..

— A menos — assinalou Alex secamente — que a senhorita Lawson o proponha.

Lily olhou receosa, perguntando se teria precavido de que estava fazendo armadilhas. Seguro. Sua expressão resignada não tinha outra explicação. Deu a última carta com um rápido movimento.

— Henry ganha — disse alegremente. — A próxima vez jogaremos com dinheiro, Henry.

— Isso nem pensar — exclamou Alex.

Lily pôs-se a rir.

— Não jogue espuma pela boca, Wolverton. Pretendia somente apostar um par de xelins, não extorquir ao pobre menino toda sua herança.

Henry se incorporou e soltou um assopro.

— A próxima vez jogaremos em uma mesa, sentados em cadeiras —sugeriu. — Estou acostumado a está mais duro que mil demônios!

Alex olhou.

— Como está?

— Bem. — Henry sorriu, compreendendo a preocupação de Alex. — Estou bem, Alex, de verdade.

Alex sacudiu a cabeça. Lily viu a mesma preocupação que tinha alagado seus claros olhos a noite anterior, e que agora persistia depois de que Henry desapareceu caminhando de um modo um tanto estranho.

— O que aconteceu? — perguntou Lily. — Por que perguntou a Henry?

— Senhorita Lawson — interrompeu Alex, enquanto se levantava, jamais tinha visto uma dama que fizesse armadilhas com tanta habilidade.

O comentário fez graça a Lily.

— Anos de prática — admitiu com modéstia.

Alex sorriu, surpreso com sua falta de vergonha, e seus dentes branquíssimos contrastaram com o bronzeado de sua pele. Deu a mão e a ajudou a levantar-se. Deslizou o olhar por seu corpo.

— Tanta necessidade tinha de ganhar de um menino de doze anos?

— Não era essa minha intenção. A quem pretendia derrotar era você.

— por quê?

Boa pergunta. Não teria que haver importado ter ganho ou perdido com ele. Lily, incômoda, devolveu o olhar desejando de todo coração mostrar-se indiferente.

— Parecia-me o mais apropriado.

— Seria interessante jogar limpo algum dia. Se for capaz disso.

— Joguemos limpo agora mesmo, Milord. Quem perde deverá responder qualquer pergunta que faça o vencedor. — Lançou duas cartas ao chão com grande habilidade, de modo que uma delas ficou de barriga para cima aos pés de Alex, um sete, e a outra frente a ela, uma rainha.

Alex observou a cabeça inclinada de Lily. Tinha a seu lado. imaginou, de repente, cobrindo aquela cabeça entre suas mãos, afundando o rosto naqueles cachos, aspirando seu perfume... Imaginou caindo de joelhos, apertando seus quadris até perder-se no calor de seu corpo. Sentindo-se cada vez mais sufocado e tenso, tentou afastar imagem proibida. Lutava por dominar-se.

E quando ela levantou a cabeça para olhar, teve a segurança de que se precaveria do vergonhoso curso de seus pensamentos. Mas ela não parecia haver-se dado conta de nada.

— Outra? — perguntou Lily. Ele assentiu com um movimento de cabeça. Mostrando uma cautela exagerada, ela agarrou a primeira carta do baralho e a lançou ao chão. Um dez.

— Planto — disse ele.

Lily agitou no ar a carta seguinte; que correspondia a ela, e sorriu vendo que era um nove:

— Ganhei, Wolverton. E agora me diga por que se vê tão preocupado com Henry. Por que tirou ele da escola? Pelas notas?

— Fez três perguntas — assinalou Alex com ironia. — E antes que responda eu gostaria de saber por que tem tanto interesse.

— Esse menino eu gosto — replicou Lily, muito digna. — Eu pergunto francamente preocupada.

Alex pensou que provavelmente estivesse dizendo a verdade. Parecia que ela e Henry se davam muito bem.

— Não foi pelas notas — respondeu com brutalidade. — Henry tinha problemas. Atrasos, travessuras, o normal. O diretor o castigou... — A mandíbula de Alex ficou tensa.

— Açoites? — Lily observava. Suas feições pareciam especialmente duras desde aquele ângulo, as de um sátiro dourado. — É esse o motivo pelo qual às vezes caminha um pouco rígido? Foi horrível, verdade?

— Sim, foi horrível. — Sua voz soava rouca. — Tive vontade de matar Thornwait. Ainda gostaria de fazer.

— O diretor? — Lily quase sentia pena daquele homem, apesar de sua aversão para qualquer pessoa capaz de cometer tal crueldade com um menino. Imaginava que Thornwait não sairia muito bem.

— Henry se tomou a revanche colocando fogo a um montão de pólvora sob a porta principal da casa de Thornwait — prosseguiu Alex.

Lily se pôs a rir.

— Não esperava menos dele! — Mas sua alegria se desvaneceu ao observar o rosto de Alex. — Mas há algo mais que te preocupa... Não havia dito nada Henry sobre o que estava acontecendo?

O silêncio de Alex foi eloquente. De repente Lily entendia tudo. Alex, com seu irracional sentido de responsabilidade, jogava-se a culpa do acontecido. Era evidente que adorava o menino. Teria sido uma oportunidade perfeita para fazer sentir pior ainda. Mas em troca se achou tentando se descarregar da culpa.

— Não me surpreende — disse com naturalidade. — Já sabe que a maioria dos meninos da idade de Henry são muito orgulhosos. Não me diga agora que você não era. É normal que Henry tentasse arrumar as coisas por si só. Não queria que você o ajudasse. Assim é como pensam os meninos.

— E o que sabe você de meninos? — murmurou ele. Lançou um duro olhar..

— Por muito que se empenhe em culpar-se, não foi uma falha dele, Raiford. É você muito responsável...

— O que agora preciso é que você me explique seu conceito de responsabilidade — disse ele causticamente. Mas a olhava sem a hostilidade habitual, e a clara profundidade de seus olhos desconcertou Lily. — Senhorita Lawson... — Assinalou o baralho que ela tinha na mão.

— Importaria jogar outra partida de verdade?

— Por que não? — Lily, sorrindo, arrojou outro par de cartas. — O que gostaria de perguntar, Milord?

Ele seguia sem tirar a vista de cima. Lily tinha a estranha sensação de que apesar de que estavam separados ele estava tocando-a, a mesma sensação sufocante com Giuseppe, ameaçada, dominada...

Alex, ignorando as cartas, olhou-a fixamente.

— Por que odeia aos homens?

Não pôde evitar de perguntar. Sua curiosidade tinha sua origem nas palavras que tinha ouvido, nos olhares que tinha arrojado, a ele, a seu pai e inclusive a Zachary. Mantinha as distâncias entre ela e qualquer homem que se aproximasse. Com Henry, entretanto, Lily se comportava de um modo distinto. Claro que Henry era muito jovem para que Lily pudesse o considerar uma ameaça. O instinto dizia que Lily considerava os homens inimigos aos que podia utilizar e manipular seu desejo.

— Por que eu? — A voz de Lily foi desvanecendo-se até transformar-se em um perplexo silêncio. Só Derek tinha sido capaz de desarmar daquele modo com tão poucas palavras. Por que perguntaria uma coisa assim?

Estava segura de que seus sentimentos pessoais não o interessavam absolutamente. Por muito bastardo que fosse perguntava por que pressentia que podia feri-la.

E tinha razão... Odiava aos homens. O que tinha encontrado neles? Seu pai a tinha ignorado, seu prometido a tinha plantado, Giuseppe tinha abusado de sua confiança. Quem levou a sua filha eram homens. Inclusive sua amizade com Derek começou como uma chantagem. Que se fossem todos ao diabo!

— Já estou farta de jogos por esta tarde — disse, e atirou o baralho chão. Deu meia volta e abandonou a galeria. Escutou os passos do Alex atrás dela. Saiu em três passos.

— Senhorita Lawson... — Agarrou-a pelo braço. Ela se voltou, tentando desfazer-se violentamente da pressão daquela mão.

— Não me toque — murmurou entre dentes. — Não volte a pôr a mão em cima de mim nunca mais!

— Está, bem — respondeu ele sem perder a calma. — Tranquelize-se. Não tinha nenhum direito de fazer essa pergunta.

— Pretende ser isto uma desculpa?

— Sim. Estava desconjurado. — Alex não esperava que sua pergunta despertasse tal fúria. Lily lutava por sossegar-se. Normalmente parecia muito segura de si mesmo. Mas agora se sentia frágil, debilitada por uma tensão terrível.

— Tem você toda a razão! — Lily levou a mão à cabeça e seus cachos caíram sobre na testa na mais completa desordem. Seu profundo olhar estava cravado no rosto impenetrável de Alex, incapaz de deter uma de acusações. — Aqui tem sua maldita resposta: ainda não conheci um homem capaz de merecer minha confiança. Jamais topei com nenhum, desses que se fazem chamar cavalheiros, que tivesse a menor idéia do que significa a honestidade ou a compaixão. Todos vocês adoram presumir com a honra, mas na hora da verdade...

— Na hora da verdade... — disse Alex, animando-a que acabasse a frase. Gostou de conhecer, o mínimo, daquela pequena parte de sua complexa personalidade. Deus, nem em toda uma vida chegaria a conhecê-la.

Lily sorriu e negou com a cabeça. A energia de suas emoções se desvaneceu por completo, para transformar-se em uma teima que Alex pareceu equiparável à sua. Observava com um sorriso insolente.

— Vá se chatear, Milord — disse alegremente Lily, e se afastou.

No meio da manhã uma aguda dor de cabeça que não desapareceria em todo o dia afligiu Lily. Passou o resto da jornada em companhia de Totty e Penélope, prestando pouca atenção a seu bate-papo. Chegada a noite, desculpou-se à hora de jantar e logo que mordiscou o assado frio de boi e o pão que levaram à seu quarto. Mas bebeu um par de taças de vinho tinto. Logo se deitou. O dossel de seda adamascada formava um círculo sobre sua cabeça e a envolvia em uma sombra. Começou a dar voltas na cama, até ficar de barriga para baixo, abraçando o travesseiro. Sentia o peito alagado de solidão.

Precisava falar com alguém, desabafar. Necessitava a tia Sally, a única pessoa que sabia da existência de Nicole. Sally a tirava de qualquer apuro com sua sabedoria e seu senso de humor nada convencional. Quando nasceu Nicole esteve ajudando à parteira e cuidou de Lily com a ternura de uma mãe..

— Sally, quero meu bebê — sussurrou Lily. — Se estivesse aqui, ajudaria me a decidir o que devo fazer. Acabou o dinheiro. Estou desesperada. O que vou fazer?

Recordou o dia em que alagada pela tristeza e a vergonha confessou a Sally que tinha um amante e que estava esperando um filho como resultado de uma noite de paixão. Pensava então que aquilo era o pior que podia haver acontecido. Sally a consolou com seu sentido comum.

— consideraste a idéia de abandonar o bebê?-Perguntou. — De pagar a alguém para que o crie?

— Não, jamais faria isso — replicou Lily chorando. — O bebê é inocente, não tem que pagar por meus pecados.

— Então, se sua intenção é ter seu filho, viveremos na Itália as duas juntas, tranquilamente. — Os olhos de Sally se iluminaram, iludidos.

— Seremos uma família.

— Não posso te pedir isso...

— Não tem feito. Eu me ofereci. Olhe-me, Lily. Sou uma velha rica que pode fazer o que tenha vontade. Tenho o dinheiro suficiente para cobrir suas necessidades. Importa-nos um caminho o resto da gente e sua hipocrisia.

Sally, para desgraça de Lily, morreu antes que nascesse o bebê. Lily sentia falta, mas encontrou consolo em sua filha.

Nicole se converteu no centro de sua vida, e a enchia de amor e de assombro. Enquanto teve Nicole, tudo foi bem.

Lily se deu conta de que estava chorando e tinha molhado o travesseiro: A dor de cabeça se estendeu até a garganta. Nunca tinha derrubado ninguém, nem inclusive Derek. Derek possuía algo que não permitia mostrar-se vulnerável. Também ele tinha sofrido o seu. Mas já não comoviam as lágrimas de uma mulher. Lily se perguntava o que teria sido de Nicole, e quem, a havia, poderia consolá-la quando chorava.

Alex estava dormindo, mas se agitava e balbuciava em sonhos; estava imerso em um terrível pesadelo. Sabia o que acontecia não era certo, mas era incapaz de despertar. Caiu até o mais fundo daquele mundo de brumas, sombras e movimentos. Lily estava ali. Sua risada zombadora rodeava. O brilho de seu olhar não se separava dele. Sorria com crueldade e mordida no ombro ligeiramente. Ele se queixou e tentou apartá-la, mas de repente achou seu corpo nu engrenado com o seu. Seus membros sedosos se deslizavam sobre ele e a cabeça dava voltas.

— Me diga o que quer, Alex — sussurrava ela sorrindo.

— Te aparte de mim — respondeu ele com voz rouca, mas não o fazia caso, ria e ria. Então agarrou a cabeça para empurrá-la ao lugar onde queria sua boca...

Alex despertou sobressaltado e respirando de forma entrecortada. Levou a mão à frente. Tinha o cabelo ensopado de suor e doía o corpo de tão excitado estava. Começou a amaldiçoar, agarrou o travesseiro, apertou-a e a lançou ao extremo oposto do quarto. Desejava uma mulher. Jamais se tinha visto tão desesperado. Tratou de ignorar o martelar de seu coração e recordar quando tinha sido a última vez que se deitou com uma mulher. Não o tinha feito, o mínimo, desde que se tinha comprometido com Penélope. Pensava que devia ser fiel e que uns meses de celibato não iriam acabar com ele. «Idiota», disse. Tinha que fazer algo. Podia irromper o quarto de Penélope. Não gostaria, protestaria e começaria a chorar, mas acabaria acatando sua vontade. Podia forçá-la a se deitar com ele. Ao fim de forçarem a casar se dentro de umas semanas.

A idéia não era descabelada, a menos para um homem excitado. Mas a idéia de fazer o amor com Penélope...

Embora, naturalmente, algum tipo de alívio proporcionaria.

Não, não era isso o que desejava. Não era ela quem desejava.

«Que demônios me passa?» Perguntou, saltando da cama. Abriu as cortinas que penduravam nas janelas para permitir que o resplendor da lua penetrasse na estadia. Dirigiu-se à bacia, situada sobre um suporte em forma de tripé, e se refrescou o rosto. Desde que tinha conhecido Lily parecia uma confusão. Precisava apaziguar o fogo que ardia em seu interior, pôr suas idéias em claro.

Necessitava duma taça. Conhaque. Não, um pouco daquele uísque estupendo de Highland, com sua palidez inconfundível e seu sabor de fumaça. Queria algo que pusesse a garganta ardendo, que queimasse os sentimentos que não deixavam de torturá-lo. Ficou um roupão acolchoado de cor azul e saiu do quarto. Atravessou a entrada que conectava com a grande escada central.

Ao escutar um «cric» traiçoeiro em um dos degraus, diminuiu o passo. Deteve-se e inclinou a cabeça. «Cric.» Outra vez. Alguém descia pelas escadas. Sabia perfeitamente de quem se tratava.

Em seu rosto se desenhou um sorriso. Tinha a oportunidade de encontrar Lily em uma de suas entrevistas clandestinas com algum dos criados, o qual daria uma desculpa para mandar ela embora de sua casa. Se ela desaparecia as coisas voltariam para seu curso normal.

Alex se deslocou sigilosamente para um extremo do corredor. Viu Lily abaixo, no centro da entrada de teto em arco. Caminhava pelo chão de mármore arrastando a prega de sua delicada camisola branca. Ia ao encontro de seu amante. Partia tranquilamente, como se estivesse saboreando o que esperava. Alex se sentia invadida por uma amarga sensação, difícil de identificar, uma mistura de ira e confusão. Pensar no que Lily estava a ponto de fazer com um homem o fazia desejar castigá-la.

Alex se dirigiu para a escada, mas então se deteve..

O que estava fazendo? O conde de Wolverton ocultando-se na escuridão de sua própria casa. Quase doente de ciúmes... Sim, ciúmes... Devido às palhaçadas de uma louca e suas entrevistas a meia-noite.

Caroline teria rido a gosto. Ao inferno com Caroline. Ao inferno contudo. Pensava deter Lily. Antes morto que permitir que ela pudesse desfrutar de uma noite de prazer. Desceu pelas escadas decidido e procurou provas a mesa de madeira e porcelana situada na entrada e na qual estava acostumado a haver um abajur. Ao acendê-la surgiu um quente halo de luz. Dirigiu-se ao lugar por onde Lily tinha desaparecido, para a cozinha da planta baixa. Mas quando passou por diante da biblioteca, que tinha a porta entreaberta, escutou uns suspiros. Alex arqueou as sobrancelhas, furioso, vendo que se tratava de Lily murmurando um pouco parecido a Nick... “Nick...».

Alex abriu de repente a porta.

— O que acontece? — Percorreu a biblioteca com o olhar, e não viu mais que a delicada figura de Lily enroscada em uma cadeira. Abraçava-se o corpo. — Senhorita Lawson. — aproximou-se. A luz do abajur iluminava os olhos de Lily e outorgava um brilho dourado a sua pele. Movia-se espasmodicamente, retorcia-se e seus lábios formavam palavras silenciosas. Enrugava a testa, rugas provocadas por uma imensa tristeza.

Uma careta de desprezo se desenhou nos lábios de Alex. Lily sem dúvida se deu conta de que andava seguindo-a.

— Pequena farsante — murmurou. — Aqui não valem fingimentos.

Ela parecia não o ouvir. Tinha os olhos entreabertos, como se achasse em um misterioso transe.

— Já é suficiente — disse Alex, depositando o abajur em uma mesa próxima. Comprovou cada vez mais zangado, que ela pretendia seguir o ignorando. — Senhorita Lawson, arrastarei para fora daqui se for necessário. É isso o que quer? Montar uma cena? — Como se negava a olhar, sua paciência chegou ao limite. Agarrou-a pelos ombros e a sacudiu com força. — Disse que já é suficiente...

A explosão de movimento que seguiu a seguir agarrou ao Alex por surpresa. Lily lançou um grito animal, saltou da cadeira e começou a lançar golpes ao ar freneticamente. Tropeçou contra a mesa, e o abajur teria cansado se Alex não: tivesse o evitado. Ele jogou a cabeça para trás tentando esquivar os arranhões de uns dedos quase convertidos em garras. Apesar de tratar-se de uma mulher miúda, se o fazia difícil dominá-la. Por fim conseguiu sujeitá-la contra ele. Ela ficou rígida, respirando agitadamente. Alex deslizou os dedos entre seus espessos cachos de cabelo e a obrigou a recostar a cabeça contra seu ombro. Murmurou uma enxurrada de tacos e logo tentou consolá-la.

— Por Deus, Lily, está bem. Lily, relaxe-se... relaxe-se. Seguia abraçando-a com tanta força que Lily logo que podia mover-se. Ela estava tão desorientada que era incapaz de falar com coerência. Situou a cabeça debaixo de seu queixo e começou a balançá-la com delicadeza.

— Sou eu — murmurou. — Sou Alex. Tudo vai bem. Acalme-se.

Lily ia recuperando-se lentamente, como se estivesse despertando de um sonho, e advertiu que estava cativa em um abraço inexorável. Um pêlo espesso fazia cócegas no rosto e uma encantadora fragrância masculina a envolvia. Era Alex Raiford, tinha-a entre seus braços, pensou surpreendida..

Deslizava a mão pelas costas lentamente. Não estava acostumada a que ninguém a acariciasse com tanta familiaridade. Teve o impulso de apartar-se dele, mas aquele movimento circular ajudava a apaziguar a tensão de seu corpo.

Alex a sentia cálida e ligeira, suas delicadas formas se estremeciam. Dentro dele algo doce e tenso se retorcia o assustando. Parecia que o profundo silêncio da estadia estivesse se aproximando ainda mais.

— Wolverton?

— Tranquila. Ainda não está bem de tudo.

— Que. O que passou?

— Esqueci-me que não podia te despertar-disse ele secamente. — Um pouco relacionado despertando aos sonâmbulos.

Tinha-o descoberto. OH, Deus, e agora o que ocorreria? Seus temores deveram traí-la já que ele começou de novo a acariciar suas costas, como a um menino super excitado.

— Isso é o que passou outras noites, verdade? — A palma de sua mão se deslizava com delicadeza pela coluna vertebral em toda sua longitude. — Me deveria haver dito isso.

— E ficar em bandeja para que me ingressasse em um manicômio? — replicou ela, tremula, tentando apartar-se.

— Fique quieta. Teve um sobressalto.

Nunca tinha ouvido falar com um tom tão amável... De fato, não parecia sua voz. Lily pestanejou, confusa. Jamais em sua vida a tinham abraçado daquele modo. Nem Giuseppe, com todo o ímpeto de sua

paixão a tinha abraçado assim durante o tempo que durou sua relação. sentia-se insegura, desamparada. Nunca poderia imaginar encontrar-se em uma situação semelhante. Alex Raiford com um roupão, sem gravata nem nada parecido.

O peito que tinha sob seu rosto era forte como o casco de uma fragata e as pernas musculosas que sentia junto às suas não podiam ser mais robustas. O batimento de seu coração retumbava no ouvido. O que fazia parecer indestrutível?

— Gosta de uma taça? — perguntou Alex, severo. Tinha que soltá-la. Isso ou derrubar-se no chão com ela. Estava a beira do desastre.

Ela assentiu com a cabeça apoiada em seu peito.

— Conhaque. — Reuniu as forças necessárias para apartar-se dele. Sentou-se em um sofá de pele enquanto Alex se dirigia para a cantoneira onde guardava as bebidas. Seu cabelo brilhava como um dobrão de ouro ao resplendor do abajur. Lily mordeu o lábio, sem deixar de olhar. Tinha por um arrogante, pelo último homem no mundo de quem teria aceito ajuda. Mas durante um momento havia sentido a salvo e protegida em seus braços.

Enquanto ele se aproximava recordou que era seu inimigo. Devia recordá-lo.

— Aqui está. — Alex pôs a taça entre as mãos e se sentou a seu lado.

Lily bebeu um gole. O conhaque era suave, muito distinto das destilações que Derek estava acostumado a armazenar. Aquele licor antigo a ajudou a tranquilizar-se. Lily bebeu lentamente, observando Alex. Não se atrevia a perguntar se pensava contar a alguém o acontecido.

Ele pareceu ler o pensamento.

— Sabe alguém mais?

— Saber o que?

A boca do Alex se esticou de impaciência.

— Acontece frequentemente?

Lily olhou a taça de conhaque e a agitou, fingindo-se absorta.

— Você vai falar comigo, Lily — disse ele sorridente.

— Me chame senhorita Lawson — replicou ela com presteza. — Estou segura de que sente curiosidade por conhecer meus hábitos noturnos, mas não se misture.

— dá-se conta de que podia haver-se feito mal? E também a outros. Faz um momento quase atira o abajur, e podia ter ocasionado um incêndio...

— A culpa teve você, que me assustou!

— Quanto tempo faz que acontece isto?

Lily ficou em pé e o olhou.

— boa noite, Milord.

— Sente-se. Você não parte sem antes responder umas perguntas.

— Pode ficar sentado todo o tempo que tenha em vontade. Eu vou para o meu quarto. — dirigiu-se para a porta.

Alex a agarrou por um braço, obrigando a voltar e o olhar.

— Ainda não acabei com você.

— Tire às mãos de cima!

— Quem é Nick? — Alex, ao ver seus olhos abrindo-se de par em par, como dois profundos lagos de medo, soube que havia mexido com seu ponto fraco. — Nick — repetiu com sarcasmo. — O homem com quem se deita? Um amante?

E seu Derek conhece a existência de Nick ou tem você...?

Lily jogou o conteúdo da taça no seu rosto.

— Não volte a mencionar esse nome!

O conhaque escorregou sobre o rosto de Alex formando riachos dourados.

— Um amante adicional — afirmou ele zombador. — Imagino que uma mulher de sua índole não importa absolutamente ir saltando de cama em cama.

— Como se atreve a fazer uma acusação assim? Eu ao menos limito minhas infidelidades aos vivos! — O rosto de Alex ficou branco. — Está pensando em casar-se com minha irmã mas segue apaixonado por Caroline Whitmore. Uma mulher morta faz anos! Que mórbido! Além disso é uma injúria a Penélope, e você sabe. Que marido pretende ser para minha irmã, bruto obstinado, insistindo em viver ancorado ao passado? Lily deixou de falar quando se deu conta de que tinha chegado muito longe. O rosto de Alex parecia uma máscara mortuária. Recordou então umas frases que lesse em uma ocasião, e que descreviam à perfeição: «Mais feroz e muito mais inexorável que os tigres famintos ou que o mar enfurecido...» Olhava-a com os olhos tão abertos e com uma intensidade tal que se sentiu aterrorizada. A taça caiu de sua mão sobre o tapete italiano. Deu-se a volta disposta a sair correndo, mas era muito tarde, Alex a tinha agarrado. Jogou a cabeça para trás sem que ela pudesse fazer outra coisa que retorcer-se de dor, desamparada.

— Não — gemeu, pensando que ia partir seu pescoço. O que aconteceu, em troca, foi que a boca de Alex se aproximou da sua enquanto com uma mão a agarrava pelo pescoço para imobilizá-la. A surpresa e a dor fizeram com que Lily apertasse os lábios com tanta força que se mordeu e o sabor do sangue se misturou com o do conhaque.

Então, de repente, Alex levantou a cabeça e gemeu. Seus olhos cinzas brilhavam de paixão, sua pele bronzeada ardia. Seus dedos, um a um, foram separando-se de sua nuca. Deslizou o polegar até a comissura dos lábios de Lily.

— Maldito bastardo — gritou Lily como um menino rancoroso. Ele voltou a inclinar a cabeça. — Não.

Descendeu sobre seus lábios de forma selvagem, sossegando, afogando-a. Ela se viu obrigada a inspirar com todas suas forças pelo nariz. Tentou soltar-se, mas Alex a apertava com força contra ele, deslizando a mão pelas costas. Entre dentadas e empurrões, conseguiu amoldar-se a sua boca, desejando o tato sedoso de seu interior, afundando com a língua. Ela lutava por apartar seu poderoso corpo, e o roupão azul caiu ombros abaixo. Lily apoiou a mão sobre a superfície felpuda do peito e sentiu o tremendo batimento do coração de Alex, que exalou um som gutural e imobilizou a cabeça com as mãos para o ataque de sua língua. Lily sentia o calor de sua respiração no rosto.

Alex apenas consciente do que estava fazendo, foi deslizando os lábios garganta abaixo, e acariciando a pele. Tremia o corpo de paixão. Era como se os anos de solidão se desvaneceram. Enfebrecido, apoiou os lábios em seu quente ombro.

— Não pretendo te fazer mal — murmurou; ela sentia o calor de sua respiração através do fino tecido da camisola. — Não, não te aparte... Caro...

Lily necessitou uns segundos para precaver-se do que significava aquele par de sílabas. ficou gelada.

— Me solte — disse com despeito.

De repente ficou livre. Olhou aturdida. Ambos deram um passo atrás. Lily se deu de ombros e cruzou os braços.

Alex esfregou o queixo para tirar os restos de conhaque. Excitado e envergonhado, batalhava contra a necessidade que sentia de voltar a abraçá-la.

— Lily.

Ela. respondeu com rapidez, evitando seu olhar.

— Eu tive culpa. — Lily...

— Não. — Não tinha a menor idéia do que ele ia dizer, mas sabia que não devia escutá-lo. Seria desastroso. — Não ocorreu nada. Eu... Eu... Boa noite. — Fugiu da estadia aterrorizada.

Alex sacudiu a cabeça com a intenção de expulsar os restos de paixão e se dirigiu para uma cadeira. Caiu nela com todo seu peso. Sentia as mãos tensas e as abriu; ficou contemplando as Palmas.

«Caroline, o que tenho feito?»

«Pobre tolo. — Ouvia a voz zombadora de Caroline. — Pensava que poderia seguir unido a mim para sempre. Planejou te casar com uma doce inocente como Penélope para não me abandonar jamais. Como se tivesse lembranças suficiente.»

— As lembranças são suficiente — disse com teima.

« — por que te consideraste sempre por cima da debilidade que é normal no gênero humano? Por cima da dor e da solidão. Pensa “que necessita menos que outros homens, quando a verdade é que necessita mais, muito mais...”»

— Basta — grunhiu, agarrando-a cabeça, mas a voz zombadora de Caroline persistia.

« — Leva muito tempo sozinho, Alex. Já é hora de que remedeie...”»

— Sim — disse, confuso. — Com Penélope serei um homem novo. Deus me ajudará, aprenderei a cuidar dela, farei...

Alex, notando que falava sozinho como um pobre louco, que estava mantendo uma conversa com um fantasma, emudeceu. Levantou a cabeça e ficou olhando, sem vê-la, a lareira vazia. Se quiser preservar seu estado de saúde mental devia livrar-se de Lily.

Lily se deitou e se tampou com a colcha até o pescoço. Não deixava de tremer.

Como ia olhar Alex no rosto depois do acontecido? Sabia que estava vermelha como um tomate. Como podia haver feito aquilo? O que estava passando? Sufocada, afundou o rosto no travesseiro, recordando sua boca, seus braços rodeando-a.

Tinha sussurrado o nome de Caroline.

Lily dava voltas na cama, resmungando; sentia-se humilhada, estranhamente ferida. Tinha que deixar esclarecido o assunto entre Zachary e Penélope e abandonar Raiford Park o antes possível.

Era impossível dominar Alex com as armas que estava acostumado a utilizar com outros homens: seu sarcasmo, seu caráter e encanto. Igual a Derek, mostrava-se insensível acima de tudo isso.

Estava começando há compreender um pouco o que Alex escondia atrás daquele rosto impenetrável. Sua menção do nome de Caroline deixava claro que não tinha superado sua morte. Não conseguiria nunca. Todo seu amor o tinha dado a Caroline, e ela o tinha levado a tumba. Seguiria obcecado pelo resto de seus dias. Odiava às mulheres pelo mero feito de que não fosse Caroline. Penélope, tão inocente, passaria a vida tentando o agradar sem conseguir mais que dor como contrapartida.

— OH, Penny —murmurou. — Devo te afastar dele. Afundará na desgraça sem que possa fazer nada para evitá-lo.

Contrariamente ao que Zachary esperava, sua chegada a Raiford Park não foi anunciada a Lily. Conduziram à biblioteca, onde esperava o conde Wolverton.

— Raiford? — Zachary estava surpreso por seu aspecto.

Alex se achava convexo em uma poltrona com as pernas abertas. Apoiava em um joelho uma garrafa de licor meio vazia. O via pálido, com escuras olheiras, o rosto sulcado por duras e amargas rugas. O aroma de uísque impregnava o ambiente, assim como um áspero aroma de tabaco. Devia levar um bom momento fumando a julgar pela espessa fumaça que alagava a biblioteca. Apertava com força um charuto entre os dedos. Nesse momento Zachary duvidava de que muita gente tivesse tido a oportunidade de ver Alex Raiford em um estado como aquele. Alguma desgraça espantosa devia haver sobrevivido.

— Algo vai mau?

— Não, o que vai — respondeu Alex com brutalidade. — por que a pergunta?

Zachary sacudiu a cabeça e tossiu umas vezes para esclarecer a garganta.

— Por nada. Pensei que possivelmente... esteja cansado.

— Estou bem. Como sempre.

— Sim, naturalmente. Bem. Vim ver Lily, possivelmente...

— Senta-se. — Alex, meio bêbado, fez um sinal com a mão lhe indicando uma cadeira.

Zachary, nervoso, acatou seus desejos. Um raio de sol madrugador que entrava pela janela iluminou os cabelos castanhos.

— Tome uma taça — disse Alex, exalando uma baforada de fumaça.

Zachary se mexeu na cadeira.

— Não estou acostumado a beber a tarde...

— Igual eu. — Alex levou a taça aos lábios e deu um bom gole. Observava seu convidado com olhar calculador. Apesar de ser mais ou menos da mesma idade, pensava Alex, Zachary apenas se parecia mais velho que seu irmão Henry. A luz do sol iluminava seu rosto infantil, a pele pálida e os olhos castanhos cheios de sonhos de juventude e idealismo. Era perfeito para o Penélope. Qualquer um podia dar-se conta

disso.

Carrancudo, disse que Caroline tinha desaparecido. Estaria bom que ele não pudesse ter a mulher que amava e que Zachary pudesse ficar com Penélope. Alex, apesar de ter a cabeça pelos efeitos do álcool, era consciente de que sua atitude era egoísta, cruel e vingativa... Mas não importava. Nada importava agora.

Excetuando possivelmente um pequeno detalhe que vinha o incomodando ultimamente por alguma razão desconhecida.

— A quem esteve prometida a senhorita Lawson? — perguntou.

Zachary ficou surpreso com a brutalidade da pergunta.

— Se refere, ao... O acontecido a dez anos? Quando Lily era a prometida de lorde Hindon?

— Que lorde Hindon? O filho de Thomas Hindon, Harry?

— Sim, Harry.

— Esse presunçoso cavalheiro que se detém olhar-se qualquer espelho com o que tropeça? — Alex soltou uma gargalhada. — Foi esse seu grande amor? Era de supor que tivesse escolhido a alguém com mais vaidade que inteligência. E era amigo dele?

— Naquela época, sim — admitiu Zachary. — Harry tinha certo encanto...

— Por que a deixou plantada?

Zachary se deu de ombros.

— Por nada em concreto.

— OH, vamos — falou Alex. — Deve tê-la decepcionado por algo, a humilhou publicamente O...

— De fato, decepcionou. Lily era então muito jovem, ambiciosa e confiada. E ingênua. Apaixonou-se por Harry por sua atitude, sem dar-se conta do frívolo de seu caráter. Lily fez provisão de toda sua inteligência e sua firmeza para o conquistar e cativou mostrando-se como uma cabeça oca. Não acredito que depois montasse um plano para a decepcionar. Simplesmente adotou com toda naturalidade as qualidades que intuía que ele poderia admirar.

— E Hindon acabou descobrindo como era na realidade.

— Sim, começou a dar-se conta em poucos meses ao comprometer-se. Harry se comportou de um modo desonroso. Lily estava destrocada. Eu me ofereci para substituir Harry, mas ela me recusou. Disse que seu destino era não casar-se jamais. Sua tia a levou ao estrangeiro uns por alguns anos. Estiveram uma temporada vivendo na Itália.

Alex seguia concentrado em seu charuto, sem levantar a vista e ocultando seus pensamentos. Falou então com um tom muito mais tranquilo que antes.

— Devia fazer estragos no continente.

— Na realidade desapareceu. Os anos foram acontecendo e ninguém sabia dela. Algo deve ter acontecido na Itália, mas nunca contou a ninguém. Mas estou seguro de que ali sofreu algum percalço. Faz dois anos, quando voltou para a Inglaterra, estava completamente mudada.

-Zachary franziu a testa, pesaroso.

-A tristeza nunca desaparece de seu olhar. É uma mulher de mundo, única, com um valor equiparável ao

de muito poucos homens.

Zachary disse ainda algo mais, mas Alex não escutava.

Olhava fixamente aquele jovem saudável que tinha sentado em frente, recordando a imagem de Lily beijando Zachary na biblioteca. Um intento descarado para tratar de convencer de que eram amantes. Mas o resultado tinha sido o contrário; a cena só tinha servido para confirmar que entre eles não existia mais que uma amizade platônica. Lily estava amorosamente amontoadada junto de Zachary, mas ele tinha os braços tensos pendurando a ambos os lados do corpo. Queria ter estado na pele de Zachary...

Alex separou de sua cabeça aquele pensamento e dirigiu a Zachary um olhar melancólico.

— Lily é uma atriz esclarecida mas não bastante boa.

— Ouça, está se passando da raia! Lily é autêntica, em suas palavras e em seus atos. É evidente que não a conhece absolutamente.

— Não, é evidente que você é quem não a conhece e está igualmente equivocado no que a mim se refere, Stamford, se pensa que vou acreditar nessa representação de meninos que estão representando você e a senhorita Lawson.

— O que? Não entendo...

— Você não está apaixonado por Lily — disse Alex ironicamente. — Como poderia está? OH, não digo que não goste. Mas também te dá medo.

— Medo? — Zachary se ruborizou. — De uma mulher que não me chega nem ao ombro?

— Sejam os francos, Stamford. Você é um cavalheiro de qualidade, incapaz de ferir alguém, que defende seus princípios. Lily, em troca, faria algo por conseguir seus objetivos. Algo. Não tem princípios nem respeito aos outros. Seria você um louco por não temer. Pode ser que agora seja seu amigo, mas depois será seu peão. Não pense que estou o insultando. Você me é simpático.

— Ao inferno com sua simpatia! — estalou Zachary.

— Penélope, por outro lado, é o sonho de todo homem. Uma jovem com uma aparência e um comportamento quase angelical. Você mesmo admitiu que houve uma época em que esteve apaixonado por ela...

— Mas agora não!

— Stamford, não sabe mentir. — Alex amassou a ponta do charuto e sorriu com crueldade. — Esqueça-se de Penélope. Nada deterá meu casamento. Aconselho que atira aos primeiros bailes da temporada... Poderá encontrar dúzias de garotas como ela. Garotas bonitas, inocentes, ansiosas por descobrir o mundo e suas tentações. Qualquer delas o basta para cobrir suas necessidades.

Zachary se levantou da cadeira de um salto. Estava na alternativa de suplicar ou repreender Alex.

— Lily me disse o mesmo em uma ocasião. Pelo visto, nenhum de vocês dois é capaz de encontrar em Penélope o que eu encontro. Certo é que não tem um caráter muito firme, mas é algo mais que uma bonequinha de cabeça oca! Você é um canalha egoísta, Raiford! Por isso acaba de dizer, deveria...

— Zachary. — Era a voz de Lily. Achava-se na porta, tranquila, mas resolvida, embora com olheira e tão esgotada como Alex.

— Não siga — disse com um encantador sorriso. — Já é hora de parti. Encarrego-me.

— Quero liberar minhas próprias batalhas...

— Esta não, querido. — Lily o indicou a porta com um movimento de cabeça. — Zach, deve ir. Agora mesmo.

Zachary avançou para ela e agarrou suas mãos, dando as costas a Alex.

— falhou o plano —murmurou. — Devo enfrentar a ele, Lily. Tenho que acabar com isto.

— Não — disse Lily. Ficou nas pontas dos pés para o abraçar, e acariciou carinhosamente a nuca —

Confia em mim — sussurrou ao ouvido. — Juro-te que terá Penélope. Mas deve fazer o que eu te digo, querido. Agora vá para casa.

— Como pode dizer isso? — sussurrou ele a sua vez. — Como pode estar tão confiante? Estamos perdidos, Lily, estamos...

— Confia em mim — repetiu ela, separando-se dele. Zachary se voltou para olhar Alex, que seguia na poltrona como um rei depravado em seu trono.

— Como pode suportá-lo? —soltou ela. — Não importa que a mulher com que está a ponto de casar-se esteja apaixonada por outro?

— Fala como se eu estivesse apontando Penélope com uma pistola.

— Disse Alex. — Ela me aceitou por sua livre vontade.

— Aqui não existe a liberdade! Não tinha outra escolha. Arrumou tudo sem contar com ela...

— Zachary —interrompeu Lily.

Zachary, resmungando, olhou a ambos e logo partiu. Por pouco, ouviram-se os cascos de seu cavalo galopando pelo atalho empedrado.

Estavam a sós. Alex tinha o olhar cravado em Lily. Observou, com um sorriso de satisfação, que parecia tão esgotada como ele. Levava um traje de cor lavanda com uma delicada gola nas pontas dos pés que ressaltava sua palidez e as sombras sob seus olhos. Seus lábios estavam vermelhos e inchados, claro testemunho de sua brutalidade a noite anterior.

— A vê fatal — comentou Alex secamente, acendendo um novo charuto.

— Não pior que você. Um homem bêbado é sempre o mais desagradável. — Lily se aproximou até a janela coberto com cortinados de veludo para abri-lo, deixando que o ar fresco penetrasse na biblioteca. Quando observou as queimaduras de charuto na toalha de pele da mesa, uma peça deliciosa' sobre a qual se expor livros curiosos de grande formato, apertou os lábios. Ao voltar-se, descobriu que Alex a observava com expressão de desafio e recriminação.

— Por que — perguntou Lily — está bebendo como um porco ? Levanta o cotovelo tanto tempo depois de ter perdido a Santa Caroline? Ou é que está com ciúme porque Zachary é muito melhor que você possa a ser?

— É por sua culpa — grunhiu Alex, lançou a garrafa de conhaque, sem se importar com o desastre. — Porque a quero longe daqui, longe de minha vida, longe de mim. Daqui a uma hora terá partido. A Londres, ou aonde queira.

Lily o olhou com desdém.

— Imagino que pretende que jogue a seus pés e te suplique. «OH, por favor, Milord, permita ficar.» Bem, pois não conseguirá, Raiford! Nem penso suplicar nem penso partir. Possivelmente quando estiver sóbrio possamos discutir o motivo de sua birra, mas até então...

— A pesar do conhaque, custa-me muito tolerá-la, senhorita Lawson. Acredite, não gostaria de estar sóbrio.

— Imbecil presunçoso! Decidiu que eu sou a causa de todos seus problemas, quando na realidade seus problemas estão em sua cabeça estúpida e atordoada...

— Comece a fazer as malas. Do contrário, farei-as eu mesmo.

— É pelo de ontem à noite? Por um beijo insignificante? Asseguro que para mim não representa mais que...

— Disse que parta — disse Alex com sombria lentidão. — Não quero nem rastro de você aqui. Basta de jogos de cartas, passeios a meia-noite, intrigas e enormes olhos castanhos.

— Antes terá que passar por cima de meu cadáver! — Lily o encarou, disposta a resistir. Ao ver abandonar a biblioteca, ficou com um palmo de narizes. — Aonde vai? O que vai A...? — Seguiu ele. Alex se dirigia com passo decidido para seu quarto. — Não se atreverá! Porco, inóspito, monstro presunçoso e arrogante...

Lily subiu correndo as escadas e chegou ao quarto ao mesmo tempo que Alex. A criada que estava trocando os lençóis ficou boquiaberta, e depois saiu correndo. Alex abriu o armário com violência e começou a colocar a roupa na primeira mala que encontrou.

— Tire suas patas de minhas coisas! — Furiosa, Lily agarrou uma delicada figura de porcelana da China que estava sobre a mesa e a lançou. Alex se esquivou com agilidade e a estatueta foi a estourar se contra a parede.

— Era de minha mãe — grunhiu ele terrivelmente raivoso.

— e o que pensa que diria sua mãe se o visse neste momento, um canalha violento com o coração murcho a quem só se preocupa satisfazer suas necessidades egoístas? Ah! — exclamou Lily quando Alex abriu a janela. Luvas, meias e outros objetos femininos saíram disparados da mala entreaberta quando esta voou através da janela. Lily olhou ao redor em busca de outro objeto que lançar. E viu sua irmã na porta.

Penélope os olhava horrorizada.

— Ficaram loucos — exclamou sufocada.

Alex, que estava tentando colocar um vestido em uma caixa de chapéu, deteve-se ao ouvir Penélope. Estava irreconhecível, meio bêbado, despenteado e com as feições desencaixadas.

— Olhe bem, Penélope! — disse Lily. — Este é o homem com quem decidiste te casar. Encantador, verdade? Quando um homem está bêbado é quando aparece realmente seu caráter. Olhe, transpira maldade por cada poro!

Penélope tinha os olhos exagerados. Então Alex disse secamente:

— Seu antigo amante não voltará a aparecer por aqui, Penélope. Se for ele a quem quer; vá com sua irmã.

— Fará — exclamou Lily. — Pegue suas coisas, Penny, vamos para casa de Stamford.

— Mas... Mamãe e papai não iriam — disse Penélope titubeando.

— Não, não o iriam — confirmou Lily. — O que é que te importa mais: isso ou o amor que sente por Zachary?

Alex lançou um arrepiante olhar para Penélope.

— Bem, o que faz?

Penélope olhou o rosto desafiante de Lily e logo o ameaçador de Alex, e deu meia volta, branca como papel. Lançou depois um grito de terror e correu em busca do refúgio de seu quarto.

— Valentão! — exclamou Lily. — Cão de presa! Sabe bem como intimidar a essa pobre menina e fazer dela o que quer!

— Deve escolher. — Alex depositou no chão a caixa do chapéu. — E agora pensa acabar você de fazer a bagagem ou tenho que seguir eu?

Houve um longo silencio.

— Está bem — replicou Lily, com tom depreciativo. — Saia. Me deixe em paz. Acabarei em uma hora.

— Se o conseguir antes, melhor.

— Por que não explica a situação a meus pais? — convidou Lily com uma careta zombadora. — Estou segura de que estarão de acordo com o que você decidiu.

— Nenhuma palavra mais a Penélope — advertiu Alex, e saiu do quarto.

Lily respirou fundo e se obrigou a relaxar-se. Sacudiu a cabeça, rindo em silêncio.

— Porco arrogante — murmurou. — Pensa que vou me dar por vencida com tanta facilidade?

Capítulo Seis



Um desfile de criados com expressão intimidado carregou na carruagem as malas e os baús de Lily.

Tratava-se de uma coberta, envernizada e decorada com o brasão dos Raiford.

Alex tinha dado ordens ao condutor de levar Lily em sua casa de Londres e retornar sem perda de tempo.

A hora que tinha dado a Lily chegava a seu fim. Percorreu a mansão em busca de seu pai. Encontrou em um das salas de star do andar superior, sentado diante duma mesa com montões de livros.

— Papai — disse Lily com voz neutra.

George Lawson, olhou para sua filha por cima do ombro. Subiu os óculos.

— Lorde Raiford me informou que vai.

— Vi-me obrigada.

— Esperava — disse ele com tristeza.

— Saiu em minha defesa, papai? — Lily enrugou a testa. — Disse que me deixasse permanecer aqui? Ou te alegria de que me parta? Tem alguma preferência em um ou outro sentido?

— Tenho leituras pendentes — respondeu George, meio aturdido e assinalando os livros.

— Sim, naturalmente — murmurou Lily. — Sinto muito.

George fez girar a cadeira para poder vê-la melhor. Parecia triste.

— Não tem que me pedir perdão, filha. A estas alturas já não surpreende nada do que faça ou os enredos que possa ocasionar. Faz tempo que não me surpreende. Jamais me decepcionaste, porque jamais esperei nada de você.

Lily não sabia exatamente o que tinha ido procurar ali. Se pouco esperava seu pai dela, menos inclusive esperava ela dele. De pequena estava acostumada a importunar e provocar constantemente, entrando às escondidas em seu quarto, o amassando de perguntas, derramando tinta em sua mesa, escrevendo com sua pluma...

Tinha demorado anos para aceitar o fato evidente de que não sentia nenhum tipo de interesse por ela, nem por suas idéias, suas perguntas ou seu comportamento, bom ou mau. Durante muito tempo Lily pensou que precisava das qualidades necessárias para que seu pai se interessasse por ela. Antes de abandonar seu lar confessou a Totty seu sentimento de culpa; e ela conseguiu apaziguá-lo.

— Não, carinho, sempre foi assim — explicou — Totty sem perder a calma

— Seu pai é um homem introvertido. Mas não é cruel, Lily. Há tantos homens que pegam a seus filhos por desobedecer! Tiveste sorte de ter um pai tão amável como ele.

Lily considerava em seu foro interno que sua indiferença resultava quase tão cruel como se a tivesse maltratado. Naqueles momentos não se assombrava nem estava ressentida por sua indiferença, a não ser resignada, e em certa maneira triste. Tentou encontrar palavras capazes de descrever como se sentia.

— Sinto muito ser uma idiota-disse. — Possivelmente, eu fosse um varão, teríamos conseguido se darmos bem. Fui rebelde e tenho feito loucuras. Também cometi enganos terríveis. OH, se soubesse te envergonharia de mim. Mas deveria senti-lo, papai. Para mim foste pouco mais que um estranho. Tive que me forjar meu próprio caminho desde pequena. Jamais me castigou nem me bateu, nem fez nada que demonstrasse que foi consciente de minha existência. Mamãe ao menos chorava. — Mexeu o cabelo e suspirou. — Sempre necessitei alguém que me desse uma mão... Poderia me haver apoiado em você. Mas você sempre com seus livros e seus tratados filosóficos. Tem uma cabeça do mais elegante e cultivada, papai.

George a olhou de soslaio, com um olhar cheio de queixa e recusa. Lily sorriu com tristeza.

— Só queria te dizer que ainda me importa, apesar de tudo. Eu gostaria... Eu gostaria que pudesse sentir o mesmo. — ficou esperando, sem apartar a vista de seu rosto, fechando as mãos. Silêncio.

— Me perdoe. Acredito que mamãe esteja com Penélope. Diga que as quero. Adeus, papai. — Deu meia volta bruscamente e saiu.

Descendeu pela majestosa escada tentando dominar suas emoções. deu-se conta com pesar de que jamais poderia retornar a Raiford Park. Surpreendia descobrir o carinho que começava a sentir pela tranquila grandeza daquele lugar e o suntuoso desenho clássico. Era uma pena. Se não tivesse sido pelo caráter desanimado de Alex, aquele era o lugar perfeito para desfrutar de uma vida esplêndida.

Depois de despedir-se com um gesto do mordomo e de duas criadas de rosto compungido, Lily se aproximou da saída. Protegeu os olhos do resplendor do sol porque parecia ver uma figura solitária enfiando no caminho. Tratava-se de Henry, de volta depois de ter ido na manhã no povoado em companhia de uns amigos. Levava uma vara na mão e jogava com ela enquanto andava.

— Graças a Deus — disse Lily aliviada. Fez um sinal indicando que se apressasse. Henry aliviou o passo e a interrogou com o olhar ao chegar a seu lado. Lily apartou carinhosamente um par de cachos de cabelo dourados que penduravam sobre a testa.

— Temia que não voltasse a tempo — disse.

— O que acontece? — Henry jogou uma olhada a carruagem. — A tempo do que?

— Da despedida. — Lily sorriu de causar pena. — Seu irmão e eu discutimos, Henry. Devo partir.

— Discutiram? Por quê?

— Parto para Londres —disse Lily, fazendo caso omissso da pergunta.

— Sinto não ter podido te ensinar todos meus truques com as cartas, velho amigo. Bem, possivelmente nossos caminhos voltem a cruzar-se algum dia. — Pôs cara de dúvida e se deu de ombros. — Possivelmente inclusive em Craven's. Ali passo muito tempo, já sabe.

— Craven's? — repetiu Henry com temor reverencial. — Não me tinha mencionado isso.

— Bom, tenho uma boa amizade com o proprietário.

— Com o Derek Craven?

— Assim ouviste falar dele. — Lily sorriu com satisfação. Henry tinha mordido o anzol, como era de esperar. Nenhum menino em seu sã julgamento era incapaz de resistir a tentação do mundo varonil e proibido de St. James Street.

— Por que não? Vá a vida é sua! Craven conhece os homens mais ricos e capitalistas de toda a Europa. É uma lenda. O homem mais importante da Inglaterra... Excetuando o rei, naturalmente.

Lily sorriu.

— Eu não diria precisamente isso. Se Derek estivesse aqui, o mais provável é que te dissesse que ele é um dom ninguém. Apesar disso tem um local de jogo precioso.

— Na escola, meus companheiros e eu estávamos acostumados a falar de quando pudéssemos ir a Craven's e jogar nas mesas e ver as mulheres que há por ali. Faltam anos, naturalmente. Mas já chegará o dia.
— Henry suspirou com melancolia.

— Por que algum dia? — perguntou Lily em voz baixa. — Por que não agora?

Ele a olhou surpreso.

— Não me permitiriam nem cruzar a soleira. A minha idade...

— Claro, ali nunca entrou um menino de doze anos — admitiu Lily.

— Derek tem suas normas a respeito. Mas faria algo que eu pedisse. Se viesse comigo, poderia entrar, ver as salas de jogo com seus próprios olhos, jantar cozinha francesa e te deixar acompanhar por uma ou duas das garotas da casa. — Sorriu com malícia. — Até poderia te dar um apertão de mãos a Derek para que te desse boa sorte... Ele diz que influi.

— Brinca — disse Henry, receoso, embora seus olhos azuis brilhassem.

— Eu? Vêem comigo a Londres e averigua-o. Sem que seu irmão se inteire, é obvio. Teria que te esconder na carruagem. — Lily piscou os olhos. — Vamos a Craven's, Henry. Prometo-te uma aventura.

— Alex me mataria.

— OH, zangará-se. Não me cabe a menor duvida.

— Mas não me surraria — disse Henry, pensando. Nem muito menos, depois das marcas que me deixaram nessa maldita escola.

— Então do que tem medo?

Henry sorriu encantado.

— De nada!

— Venha, sobe a bordo — disse Lily, e soltou uma gargalhada. Logo acrescentou, baixando a voz-: Que não te veja o chofer, nem ninguém, Henry. Seria terrível que o pegassem.

Foi-se. Alex contemplou a carruagem da janela da biblioteca até vê-lo desaparecer pelo caminho. Esperava uma sensação de alívio, mas não chegava. Justamente o contrário, sentia um vazio. Perambulava pela mansão como um tigre enjaulado, queria liberar-se de algo. Mas não sabia do que. A casa estava estranhamente tranquila, como tinha estado durante anos até que chegou ela. Já não haveria mais discussões, nem problemas, nem palhaçadas. Logo se sentiria melhor.

Sua consciência o empurrou a ver Penélope. Estaria assustada pela demonstração provocada pela bebedeira. Enquanto subia as escadas se propôs converter-se a partir daquele momento em um modelo de paciência. Faria todo o possível para agradar Penélope. Imaginava o futuro com ela... longos anos de tranquilidade, totalmente previsíveis. Um triste sorriso apareceu em seus lábios. Todo mundo estava de

acordo em que casar-se com o Penélope era o mais certo.

Ao aproximar-se de seu quarto escutou o som de um pranto que destroçava o coração e uma voz tão vibrante e apaixonada que fez pensar por um segundo que se tratava de Lily.

— Quero, mamãe — soluçava Penélope. — Sempre vou querer Zachary. Se tivesse a metade da coragem de Lily, nada me tivesse impedido de ir com ele!

— Tranquila, tranquila. — Era a voz consoladora de Totty. — Não diga isso. Se te converter na esposa de lorde Raiford, seu futuro e o de sua família estarão seguros. Seu pai e eu sabemos o que é melhor para você. E também lorde Raiford.

O pranto de Penélope não cessava, mas conseguiu dizer, sufocada:

— Eu não acredito assim.

— Me faça caso nestes assuntos-continuou Totty. — Te esqueça das sugestões de sua irmã. Quero a Wilhemina com todo meu coração, sabe de sobra, mas ela não para até ter feito desgraça a todo mundo. Devemos uma desculpa a lorde Raiford, um homem tão educado, de tão bom caráter... Apenas acredito que Lily tenha o tirado do sério! Nunca deveríamos haver permitido que ficasse.

— Ela tinha razão em tudo — soluçava Penélope. — Sabe quanto nos queremos Zachary e eu... OH, se eu não fosse tão covarde...

Alex se retirou, apertando os punhos e com um sorriso meio zombador. Teria gostado de poder jogar a culpa de tudo em Lily, como Totty, mas era impossível. A culpa era dela, por perder a prudência e desejar o que não podia conseguir.

Durante o trajeto Henry considerou imprescindível relatar tudo o que Alex fazia por ele, remontando-se até sua mais tenra infância. E como a audiência se reduzia a Lily, esta não teve mais remédio que o escutar, e o fez com a Santa paciência. Henry, uma vez sentado frente a ela, rememorou a ocasião em que ficou apanhado no alto de uma árvore e Alex subiu para resgatar, contou como Alex tinha ensinado a nadar no lago, sem esquecer as inumeráveis tardes que tinham ficado juntos jogando soldados, e que Alex tinha ajudado a aprender matemática...

— Henry — interrompeu — Lily finalmente. Sorriu e disse: Tenho a impressão de que tenta me convencer de algo. Possivelmente de que seu irmão não é um canalha sem coração como parece?

— Sim, isso — respondeu Henry, impressionado por sua sagacidade.

-Exatamente! OH, já sei que há ocasiões em que Alex se passa da conta, mas é um amigo estupendo. Que me pendurem se não.

Lily sorriu com aquela afirmação.

— Querido menino, não importa o que eu opine de seu irmão.

— Mas se conhecesse Alex, se o conhecesse de verdade, você gostaria. Enormemente.

— Não pretendo conhecer ele mais do que já sei.

— Conte-te do cachorrinho que me deu de presente de Natal, quando eu tinha sete anos e...?

— Henry, há algum motivo em particular pelo qual esteja tão empenhado em que eu goste de seu irmão?

Henry sorriu e desviou o olhar, como se estivesse considerando sua resposta.

— Quer evitar que Alex se case com Penélope, verdade?

Lily pensou com ironia que tinha cometido o mesmo engano que a maioria dos adultos: valorizando a inteligência de um menino. Henry era um menino muito perceptivo, e se tinha precavido da situação.

— De onde tiraste uma idéia assim?

— Quando brigam são do mais escandaloso — fez saber Henry. — E os criados mexericam. — Sabe que tentei impedir o casamento?

O menino sacudiu a cabeça.

— OH, Penélope não é má... Mas Alex não a quer. Não como A...

— Caroline — disse Lily, sem alterar-se. Cada vez que se mencionava aquele maldito nome de mulher sentia uma punhalada no estômago. O que teria de tão maravilhoso essa Caroline para fazer perder a cabeça Alex daquela maneira?. — Lembra dela, Henry?

— Sim, muito bem. Apesar de que naquela época eu não era mais que um menino.

— E agora já é tão velho que tem... Quantos? Onze? Doze?

— Doze — declarou sorridente. — Sabe? Parece-te bastante com ela. Embora você seja mais bonita. E mais velha.

— Bem, não sei se me sentir adulada ou ofendida. Me conte o que pensava dela..

— Eu gostava dela. Caroline era uma garota muito animada. Jamais fazia zangar Alex, como faz você. O fazia rir. Agora logo que ri.

— É uma pena — disse Lily, recordando o breve e deslumbrante sorriso de Alex quando tinham estado jogando às cartas.

— Pensa em casar com o Derek Craven? —perguntou Henry timidamente.

— Não, Por Deus.

— Poderia te casar com Alex assim que se libere de Penélope.

Lily soltou uma gargalhada.

— Se liberar dela? Céu santo, diz como se pensasse jogá-la No Támesis! Acima de tudo, querido, não pretendo me casar com ninguém, jamais. E em segundo lugar, seu irmão eu não gosto dele.

— Não te contei da época em que me dava medo a escuridão e Alex vinha a meu quarto e...

— Henry... —zangou, Lily.

— Deixa que acabe só com esta história — insistiu ele. Lily lançou um grunhido e ficou cômoda, descansando a cabeça sobre o almofadão de e disposta a escutar a continuação da lista interminável de feitos virtuosos de Alex Raiford.

Derek e Worthy estavam trabalhando na mesa da sala de jogos central. A superfície de ébano estava totalmente coberta por montões de papéis relacionados com os preparativos de uma festa de máscara. O único acordo ao que tinham chegado era o de decorar o clube como um templo romano. Derek queria que o baile fosse um reflexo da decadência da civilização romana em seu momento mais frio. Por desgraça, a forma em que ele e Worthy queriam conseguir tal efeito, não coincidia.

— Está bem, está bem — disse Derek finalmente; seus olhos verdes cintilavam de exasperação. — Terá

suas colunas e seus enfeites de metal pendurando da parede, mas em troca vais deixar me fazer o que eu queira com as garotas.

— Pintá-las de branco e as envolver em lençóis para que pareçam estátuas? — Perguntou Worthy com cepticismo. — E o que fariam desse modo durante toda a noite?

— Ficar quietas em seus pedestais! — Não vão poder aguentar na mesma posição mais de dez minutos.

— Eu as pago para que façam o que eu ordeno — insistia Derek.

— Senhor Craven — disse Worthy. Sua voz, normalmente tranquila, tremia de frustração, embora sua idéia fosse possível, que não o é, penso que outorgaria ao acontecimento um ar indigno e pouco decoroso que nada tem que ver com o Craven'S.

Derek franziu a sobancelhas.

— Que demônios quer dizer com isso?

— Quer dizer — a voz alegre de Lily surgiu atrás deles — que não seria de bom gosto, pobres cafajestes.

Derek se voltou. Ao ver Lily em seu rosto bronzeado se desenhou um sorriso. O vestido cor lavanda adornado com encaixes de metal conferia Lily o aspecto de uma sobremesa deliciosa. Ela se tornou nos braços de Derek e riu a gargalhadas quando ele a levantou a fez girar como um molinete.

— Já temos aqui à senhorita cigana, de volta do campo — disse Derek.

— Deu a Wolverton seu castigo?

— Não — replicou Lily, entreabrindo os olhos. — Mas ainda não acabei com ele. — Sentindo-se imersa em sua atmosfera familiar exalou um suspiro de prazer e sorriu alegremente ao encarregado. — Worthy, muito bonito diabo, como ficou tudo durante minha ausência?

O homenzinho com óculos devolveu o sorriso.

— Assim assim. Tê-la entre nós é sempre um prazer, senhorita Lawson. Deseja algo da cozinha?

— Não, não. O monsieur Labarge adoraria me inchar de pudins e bolos.

— Necessita — afirmou Derek. — Parece um passarinho. — Rodeou com o braço suas delicadas costas e a conduziu a uma esquina da sala. — Esta fatal.

— Parece ser que hoje todo mundo pensa o mesmo de mim — disse ela secamente.

O agudo olhar de Derek detectou o brilho enfebreado de seu olhar e a palidez de seu rosto.

— O que acontece, carinho?

— Wolverton é intratável. Vi-me obrigada a tomar medidas drásticas.

— Drásticas?

— Para começar, sequestrei seu irmão mais novo. — O que? — Derek olhou para onde assinalava o dedo indicador de Lily e viu um encantador menino loiro em um canto da sala. O moço girava sobre si mesmo contemplando o que o rodeava com os olhos arregalados. — Santo céu! — exclamou Derek.

Lily o corrigiu a dicção observando entre desafiante e envergonhada.

— Estou armando uma armadilha para Wolverton —disse. — Henry é a presa.

— Jesus, esta vez sim você esta encrencada. — Derek estava maravilhado e seu tom provocou a Lily um calafrio.

— Quero que me faça um favor, Derek. Deixarei Henry aqui. Só por esta noite.

A expressão amistosa desapareceu do rosto de Derek como por arte de magia. Lançou um olhar frio como o gelo.

— Não permito a entrada de meninos em meu clube.

— Henry é um anjo. Não te ocasionará nenhum problema.

— Não.

— Vêem o saudar pelo menos — suplicou Lily.

— Não!

— Por favor, Derek. — Apertou o braço. — Henry está mais excitado com a idéia de te conhecer. Pensa que é o homem mais importante da Inglaterra depois do rei.

Derek abriu os olhos.

— Por favor — suplicou Lily.

— De acordo — disse ele, por fim. — Direi olá e acabou.

— Obrigado. — Lily deu uns tapinhas no braço.

Derek, murmurando, deixou-se arrastar até onde estava Henry.

— Senhor Craven — disse Lily, eu gostaria de apresentar a lorde Henry Raiford, irmão do conde de Wolverton.

Derek adotou o sorriso mais educado da qual era capaz (a que reservava para quando recebia visitas da realeza) e saudou Henry elegantemente.

— Bem-vindo a Craven's, Milord.

— Isto é inclusive melhor do que imaginava — exclamou Henry, e estreitou com força a mão de Derek.

— Assombroso! Magnífico! — afastou-se e pinçou em um recipiente que continha fichas de cribbage. Depois percorreu com a mão os trabalhados respaldos das cadeiras uso Império. Aproximou-se da mesa de jogo com a mesma reverência com que tivesse entrado em uma capela..

— Joga? — perguntou Derek, divertido com o entusiasmo do menino.

— Não muito bem. Mas a senhorita Lawson está me ensinando. — Sacudiu a cabeça maravilhado. Não posso acreditar que esteja aqui. Craven's. Maldição, o que deve haver custado para construir isto! — Olhou para Derek pasmado. — É você o homem mais assombroso que conheci em minha vida. Só um gênio podia ter feito isto.

— Gênio. — Nem a metade.

— Mas você é — insistiu Henry. — Pensar que começou de um nada e chegou tão alto... Craven's é o clube mais famoso de Londres. Que me pendurem se não for você um gênio! Meus companheiros da escola e eu o admiramos mais que a ninguém!

Lily pensava que Henry estava passando da conta com tantas adulações.

Por sua parte Derek estava sentindo simpatia pelo menino. Voltou-se para o Lily, satisfeito.

— A verdade é que não tem um cabelo de tolo.

— Não faço mais que repetir o que diz todo mundo — afirmou Henry com franqueza.

Derek, de repente, deu um tapinha em suas costas.

— Brilhante como uma moeda nova —disse. — Bom menino. Venha comigo. Apresentarei umas garotas muito bonitas.

— Não, Derek — disse Lily. — Nada de jogo de dados, bebida nem mulheres. Seu irmão me cortaria a cabeça.

Derek olhou para Henry com ar de cumplicidade.

— pensa que estamos em uma maldita creche? — levou Henry com ele.

— Tenho as garotas mais preciosas da Inglaterra. Não há homem que resista aos encantos de minhas meninas.

Lily e Worthy intercambiaram olhadas arrependidos.

— Gostou do menino — comentou Worthy.

— Worthy, não consinta que ocorra nada a Henry. Não o perca de vista. Entretém-se uma hora inteira com um baralho. Te assegure de que ninguém o corrompa ou te faça mal.

— Descuide. Quando quer que o devolva?

— Amanhã pela manhã. — Lily suspirou pensativa e preocupada.

Worthy ofereceu seu braço gentilmente.

— Acompanharei à carruagem, senhorita Lawson. — Lorde Raiford estará histérico a estas horas perguntando onde está Henry.

— Deixou você algum bilhete? — inquiriu Worthy,tranquilo.

— Não; o conde não é tolo. Não vai levar muito tempo para adivinhar o que se passou com Henry. Estará em Londres esta mesma noite. E eu estarei preparada para me enfrentar com ele.

Worthy podia aprovar ou não a idéia, mas sentia por ela a mesma fidelidade que para Derek.

— Posso ajudá-la em algo?

— Envia o conde a minha casa. No caso de que apareça por aqui. Esconde Henry.

— Senhorita Lawson — disse o encarregado muito respeitosamente — tenho uma das mulheres mais valentes que conheci em minha vida...

— Obrigado.

— Mas sabe o que está fazendo?

— claro que sim! — Lily mostrou um sorriso de satisfação. — Estou me preparando para dar uma lição a lorde Alexander Raiford que nunca esquecerá.

Assim que se precaveram do desaparecimento de Henry e começaram a procurá-lo, uma das criadas confessou ter visto o menino conversando com a senhorita Lawson pouco antes que ela partisse. O chofer retornou de Londres e ficou surpreso com tantas perguntas que esperavam. Disse não ter visto entrar o senhor Henry na carruagem, embora o moço podia haver-se escondido sem que ninguém desse conta.

Alex estava seguro de que seu irmão estava com Lily. Aquela maldita mulher levou Henry para me forçar a ir até a Londres. Bem, iria à cidade e a rastrearia palmo a palmo. Acharia Lily, que se arrependeria do dia em que cruzou em seu caminho.

Ao chegar em Grosvenor Square tinha escurecido. Alex saltou da carruagem de quatro lugares antes de que parasse. Subiu correndo as escadas do número 38, com rosto de poucos amigos, e esmurrou a porta com o punho. Um mordomo alto e barbudo abriu a porta quase imediatamente. Era um homem impressionante. Levava a dignidade escrita na cara.

— Boa noite, lorde Raiford. A senhorita Lawson estava o esperando.

— Onde está meu irmão? — Alex entrou sem deter-se esperar a resposta. — Henry! — gritou, fazendo tremer as paredes.

— Lorde Raiford — indicou — o mordomo educadamente. — Quer me acompanhar...

— Onde está meu irmão? — roubou Alex. — Onde está? — Alex subiu os degraus de dois em dois, esquecendo do passo comedido do mordomo.

— Henry? Henry, vou fazer você em pedaços! E quanto a você, senhorita Lawson, demonstraria ter juízo se subisse a sua vassoura e escapasse antes que desse com você!

Escutou a voz alegre de Lily assim que chegou à altura da sala situado no segundo andar.

— Wolverton, depois de me expulsar de sua casa invade você a minha!

Alex, seguindo o som da voz, abriu de repente a primeira porta com a qual tropeçou. Tratava-se de uma sala vazia.

— Onde está?

A risada enlouquecedora de Lily alagava a sala.

— Em meu quarto.

— Onde está Henry?

— e por que teria que saber? Deixe de gritar dessa maneira, Wolverton. Nem um urso ferido faria tanto ruído como você.

Alex arremeteu contra a porta seguinte e entrou no quarto. Viu a mobília de madeira com adornos dourados e os cortinados de seda verde, e quando começava a voltar a cabeça recebeu um tremendo golpe nela. Caiu ao chão a quatro lançando um rugido. Nublou a vista. Agarrou a cabeça e ficou sumido na mais completa escuridão.

Lily baixou o braço que seguia sustentando a garrafa e permaneceu de pé junto a ele, triunfante e ao mesmo tempo consternada. Alex, com sua dourada cabeleira pulverizada sobre o tapete de tons rubi, parecia um tigre cansado.

— Burton! — gritou Lily. — Vêem em seguida. Ajude-me a levar lorde Raiford para cama.

O mordomo contemplou da porta do quarto a garrafa envolta em um trapo que tinha Lily na mão e o corpo prostrado de Alex. Tinha sido testemunha de centenas de aventuras de Lily, mas pela primeira vez notava visivelmente que estava chateado. Conseguiu entretanto que seu rosto recuperasse sua impassibilidade.

— Sim, senhorita — disse por fim, e se inclinou para recolher o enorme corpo de Alex.

— Cuidado, não o faça mal — disse Lily, nervosa. — Quero dizer... Não mais danos do que eu possa haver feito.

Burton, ofegante, conseguiu depositar o corpo de Alex sobre a cama. Logo se ergueu, recuperou a compostura e devolveu a seu devido lugar a jaqueta, o colete e a gravata. Deu por terminada o trabalho depois de pentear a mecha de cabelo grisalho que pendurava de um lado da cabeça.

— Deseja algo mais, senhorita Lawson?

— Sim — disse ela, e se sentou junto ao corpo de Alex. — Cordas.

— Cordas — repetiu Burton sem alterar-se.

— Para amarrá-lo, naturalmente. Não podemos permitir o luxo de que nos escape, verdade? OH, e encontre depressa, Burton. Poderia despertar em qualquer momento. — Olhou a seu prisioneiro com rosto pensativo. — Suponho que deveríamos tirar o casaco e as botas...

— Senhorita Lawson?

— Sim?

Burton engoliu saliva.

— Permita me perguntar quanto tempo vai ficar o conde conosco?

— OH, somente esta noite. Acomoda ao chofer para que passe a noite aqui.

— Muito bem, senhorita.

Enquanto Burton ia em busca das cordas, Lily se aproximou do gigante adormecido que tinha em sua cama. De repente se sentia surpreendida pelo que acabava de fazer. Alex não se movia. Estendido ali, com os olhos fechados, parecia jovem e vulnerável. Sem sua carrancuda expressão habitual se via tão inocente...

— Tive que fazer — disse com remorso. Inclinou-se e acariciou o cabelo alvoroçado.

Decidiu pôr cômodo e afrouxou a gravata negra. A seda conservava o calor de sua pele. Sem deixar de o contemplar, desabotoou então o colete e os dois primeiros botões da camisa branca de linho. Ao roçar com os dedos a pele tensa de sua garganta, um estranho e prazeroso calafrio percorreu seu corpo.

Perplexa, acariciou a dourada bochecha, a dura curvatura de sua boca, seus sedosos lábios. Aquelas horas da noite começava a aparecer a barba e sua pele parecia um áspero veludo. Jamais um anjo cansado tivesse podido possuir tal atrativo misturado de luz e escuridão. Contemplou a tensão de seu rosto, uma tensão que seguia presente ainda em sua inconsciência. Muita bebida e pouco sonho. E a dor acumulada a tanto tempo que tinha jogado sobre suas feições uma sombra permanente.

— Você e eu somos iguais, em certa maneira — murmurou. — Orgulho, caráter e obstinação. Moveria montanhas com intuito de conseguir seus objetivos... Mas você, minha pobre besta, nem sequer sabe onde está a montanha. — Sorriu ao recordar como tinha jogado seus objetos pela janela.

Inclinou-se sobre ele com um impulso repentino e pressionou delicadamente os lábios contra os seus. Sua boca era quente. Pensou naquele beijo desumano da biblioteca. Levantou a cabeça para o olhar.

— Acorda, príncipe adormecido — murmurou. — Já chegou a hora de que te dê conta do que sou capaz.

Alex começou a despertar. Irritado, perguntava-se quem estaria esmurrando um tambor. O som retumbava dentro de sua cabeça. Voltou-a então, com uma careta de dor, para a pressão fresca e calmante que sentia a seu lado.

— Não é nada — sussurrava uma voz. — Não é nada, ficará bem. — Alex abriu os olhos e viu um rosto

de mulher. Pensou que voltava a sonhar com Lily. Eram seus olhos, da cor do pão de gengibre, e sua boca, com um sorriso encantador. Sentiu a quentura de uns dedos acariciando sua bochecha.

— Maldita seja — resmungou. — Pensa seguir me obcecando toda a vida?

O sorriso de Lily se acentuou.

— Isso depende de você, Milord. Não, não se mova, faria cair o gelo. Sua pobre cabeça. Tentei golpear com a maior delicadeza possível, mas bastante forte para não me ver obrigada a fazê-lo duas vezes.

— Q-o que? — perguntou ele meio aturdido.

— Bati na sua cabeça.

Alex pestanejou, começava a ver tudo claro, começava a entender que aquilo não era um sonho. Recordou que tinha entrado em seu quarto... O golpe na cabeça. Proferiu uma palavra confusa. Lily se achava sentada junto a ele com as pernas cruzadas. E ele estava estendido na cama tão comprido que era. E por cima da preocupação de Lily reinava seu olhar vitorioso, que o pôs furioso e alerta.

— Henry...

— Não se preocupe, está bem: Perfeitamente. — Sorriu. — Está passando a noite com meu amigo. — Que amigo? Quem?

Lily o olhou com cautela.

— Não emita conclusões.

Ele lutava tentando sentar-se.

— Me diga com quem está!

— Com Derek Craven.

— Esse estelionatário que se rodeia de putas e ladrões...

— Henry está completamente a salvo com Derek, tem você mi...

Lily lançou um grito sufocado e saltou da cama de um salto quando Alex gritou:

— Sua puta!

Estava amarrado com cordas aos pilares da cama, tanto pelos punhos como pelos tornozelos. Voltava à cabeça para direita e para esquerda com os olhos exagerados pela surpresa. Rugiu e teve tal ataque de raiva que fez tremer e ranger a cama. Lutava com as cordas igual a uma besta selvagem. Lily o contemplava com inquietação, mas se relaxou ao comprovar que a estrutura da cama era capaz de suportar uma resistência tão feroz como aquela. Finalmente a luta de Alex cessou. Respirava com dificuldade.

— Por quê? — perguntou. — Por que?

Lily voltou a sentar-se na cama e o olhou sorrindo com menos confiança que antes. Não gostava de vê-lo amarrado e indefeso, apesar da vitória que isso significava. Não era natural. E as cordas estavam começando a irritar seus punhos... O roçar deixava marca avermelhadas.

— Ganhei, Milord — disse com calma. — Deveria aceitar de bom grau. Admito que minhas táticas pouco tiveram de esportivo... Mas vale tudo, como costumam dizer. — massageou os músculos doloridos do pescoço e bocejou. — Enquanto nós falamos, Zachary Stamford se encontra em Raiford Park. Esta noite fugirá com Penélope para Gretna Green, onde pensam casar-se. Emprestei meus serviços voluntariamente

com o fim de te reter. E quando o deixar em liberdade já não poderá fazer nada. Não podia permitir que ficasse com Penélope, não com Zachary tão apaixonado por ela. Fará ela feliz. E você... Recuperará o orgulho em um abrir e fechar de olhos. — Sorriu ao ver seus olhos injetados em sangue. — Já te disse que nunca seria dela. Deveria ter levado a sério minha advertência. — Inclinou a cabeça com a espera de sua resposta.

— Tudo bem? — Perguntou ansiosa por receber o tributo a sua vitória. — Interessa-me escutar o que opina.

Alex custou responder. Mas o fez com voz de trovão.

— O que tenho a dizer? Você deveria pôr-se a correr. E não deter-se nunca. E rogar a Deus que não consiga apanhá-la.

Somente Alex Raiford podia resultar tão ameaçador inclusive amarrado de pés e mãos. Suas palavras encerravam um propósito mortífero. Lily decidiu que era capaz de se arrumar diante de qualquer dificuldade que surgisse.

— Te fiz um favor — assinalou. — A partir deste momento pode procurar livremente uma mulher mais adequada para você que minha irmã.

— Eu queria a sua irmã.

— Jamais a teria agradado. Meu Deus, não acredito que gostasse da idéia de casar-se com uma garota que alguma vez deixaria de ter medo, verdade? Estou segura de que a próxima vez, tiver juízo, escolherá alguém com um pouco mais de caráter. Mas não... O mais provável é que se comprometa com outra cordeirinha mansa e delicada. Os valentões sempre as querem assim.

A dor de cabeça, o intento de liberar-se e a raiva e o desespero tinham acabado por enjoar Alex. Tinha perdido a todos os seres amados, sua mãe, seu pai, Caroline. Permitiu-se acreditar que jamais ia perder Penélope... Pensou que seria incapaz de suportar algo mais sem ficar louco. Apertou violentamente a boca.

— Lily — disse com voz rouca. — Desate as cordas.

— Não penso fazê-lo se pretendo seguir com vida.

— É a única maneira que tem de consegui-lo.

— Amanhã pela manhã ficará livre — assegurou. — Poderá levar Henry de, voltar para casa e planejar sua vingança. Estando Penny segura, não me importa.

— Você nunca estará segura — resmungou.

— Neste momento me sinto bastante segura. — Sorriu com descaramento. Intuiu naquele instante as emoções ocultas sob a ira de Alex. Seu olhar zombador se desvaneceu e foi substituída por outra mais cálida. — Não deveria preocupar-se com Henry. Estará perfeitamente bem esta noite... O encarregado de Derek se ocupará para não se meta em problemas. — Sorriu com ironia. — Henry não fez mais que elogiar você durante a viagem. Um homem que consegue que um menino o adore desse modo não deve ser tão terrível no fundo. — Situou as mãos a ambos os lados de seu esbelto peito e o olhou fixamente. — Mas não é Henry o que te preocupa. O que é?

Alex fechou os olhos para não vê-la, suplicando a Deus que aquele pesadelo terminasse logo. Mas ela

seguia espetando suas feridas com suas palavras.

— Verdade que ninguém antes tinha empregado a força com você? — Perguntou ela.

Ele se concentrou em sua respiração e tratou de sossegar-se.

— Da onde vem tanta dor por perder minha irmã? Se isso for o que realmente quer, encontrará com facilidade alguma muito parecida com ela. — Lily fez uma pausa e logo acrescentou: Se é que sua intenção é ficar com alguém que não apague a lembrança de Caroline. Que vergonha. — Sacudiu a cabeça. —

Existem poucos homens capazes de levar luto durante tanto tempo. Isso põe de manifesto sua capacidade amorosa, ou sua teima. Pergunto-me qual será a razão.

Alex abriu os olhos. Lily se estremeceu surpreendida ao comprovar que o cinza de seus olhos tinha mudado da cor do gelo ao da fumaça. apoderou-se dela um estranho arrebatamento de compaixão.

— Não é você o único que sofreu uma perda — disse com calma. — Também me aconteceu. Sou uma perita em compadecer de mim mesma. Não serve para nada, deixando à parte o mal que sinto.

Vê-la tão protetora fez enfurecer ainda mais Alex.

— Se pensar que perder esse visconde é comparável ao que me aconteceu com Caroline...

— Não, não refiro a ele. — Lily o observava ligeiramente surpreendida, perguntando-se quanto saberia de seu compromisso com lorde Hindon. Tinha perguntado a Zach. — Meus sentimentos por Harry não foram mais que um capricho. A pessoa que amei e perdi é outra, completamente distinta. Teria morrido por essa pessoa. E ainda o faria.

— Quem?

— É um segredo.

Alex reclinou a cabeça sobre o travesseiro.

— Pode ocorrer que no transcurso da noite vá passando o mau humor — indicou Lily, acomodando com delicadeza a gola da camisa, como se fosse um brinquedo em suas mãos. Sabia de sobra que se continuava mostrando-se indiferente ele se acenderia ainda mais. — Quando pensar com sensatez em tudo isto se dará conta de que é a melhor opção para todos. Incluindo você. — Viu que tentava tirar as cordas, e então acariciou seu braço. — Não faça. Acabarão te machucando. Relaxe. Pobre Alex. Deve ser difícil aceitar que uma mulher o derrotou. — Seus olhos escuros dançavam de alegria. — Guardarei estes momentos em minha memória para o resto de meus dias, como se de um tesouro se tratasse. O conde de Wolverton totalmente a minha mercê. — inclinou-se sobre ele, o roçando quase na boca com os lábios. — E agora me diga, Milord, o que faria se conseguisse liberar-se?

— Estrangulá-la.

— Faria? Ou me beijaria tal como fez na biblioteca?

Ele pestanejou e se ruborizou.

— Considere um engano — murmurou.

Lily se sentiu ferida com o tom desdenhoso de sua resposta. Suas experiências com os homens (a deserção de Harry, o terrível desengano que sofreu com Giuseppe, inclusive a falta de interesse sexual que Derek demonstrava por ela) tinham-na convencido de que carecia daquilo que fazia desejável a uma mulher. Por

que era ela distinta das demais mulheres? Que coisa misteriosa a fazia tão pouco atrativa? Um impulso diabólico a levou a demonstrar a Alex quão indefeso estava. Aproximou-se ainda mais, até que o bafo de sua respiração umedeceu o queixo.

— Na biblioteca eu me achava em inferioridade de condições —disse. — Beijou alguém contra sua vontade, Alex? Possivelmente gostaria de saber o que sente.

Alex a olhava com fixidez, como se houvesse se tornado louca. Ela, sorrindo, estampou um suave beijo nos rígidos lábios, sem abrir a boca. Ele jogou a cabeça para trás, como se acabasse de queimar-se. Sabia que ela se dispunha atormentar. Primeiro um beijo e logo arrancaria um a um os cabelos do peito.

Lily o observava em silêncio. Respirava agitado por algum misterioso motivo. Seria cólera? Ou era possível que o beijo o tivesse afetado de outro modo?

— Devo considerar isto como engano? — perguntou com um sussurro.

Alex a olhava pasmado.

Lily inclinou de novo a cabeça para ele. Alex inspirou profundamente, mas não tratou de apartar-se. Acariciou a boca com delicadeza, sem oferecer mais que uma pressão interrogativa. Alex tolerava o beijo com os olhos fortemente fechados, como se estivesse submetendo a uma dolorosa tortura. A tensão dos braços atirando das cordas fez com que suas costas e seu peito ficassem duros como uma pedra. Quando ela acariciou com os dedos o suave e ardente perfil de seu pescoço, Alex lançou um gemido.

Lily, assombrada, situou-se melhor sobre ele. Queria mais, mas não sabia o que nem como. Então ele moveu a cabeça sobre o travesseiro com o fim de acomodar-se sob a sua. Lily passou a mão por debaixo de seu pescoço e instintivamente apertou a boca com mais força. Perceber a úmida pressão de sua língua provocou nela uma sacudida de prazer. Alex se precaveu do calafrio e do acelerado ritmo da respiração sobre sua bochecha, e elevou a cabeça vorazmente, procurando mais. Ela não se apartou, permaneceu sobre ele, aberta e doce.

Alex apertou os punhos, apanhado entre seu corpo sinuoso, a cama e sua indefesa. Nada podia deter a onda de excitação. Doía todo o corpo, grunhia e amaldiçoava. Retirou a boca para enterrar o rosto na curva cheirosa de seu pescoço.

— Mais não — disse bruscamente. — Me desate ou pare.

Mas por um momento ela seguiu movendo-se até acomodar-se sobre toda a longitude do corpo de Alex, sem deixar de olhar nos olhos. Ele se estremeceu e mordeu o lábio. Sentir todo o peso de Lily sobre sua excitada virilidade fez com que sem dar-se conta se encontrasse empurrando para cima. Não era suficiente. Queria mais, o calor de sua carne a abraçando, queria penetrá-la. Mas conseguiu falar.

— Já é suficiente. Lily... Já é suficiente.

Ela respirava depressa e tinha a mesma expressão temerária que quando saltava os obstáculos na caçada. Alex era incapaz de desentranhar o que estava passando pela cabeça de Lily, até que ela falou.

— Falava agora seu nome — incitou com seu tom de voz. — Diga. — O pescoço de Alex ficou tenso. — Não pode — sussurrou Lily. — Porque é a mim que desejas, não a Caroline. Estou sentindo. Sou uma mulher viva, que respira, e estou aqui. E me deseja.

Naquele instante mil idéias passaram pela cabeça de Alex. Procurava Caroline; mas não estava ali, era uma simples lembrança imprecisa, sombras de cor, sons.

Nada havia mais real que o rosto que tinha em sua frente. Tinha a boca de Lily junto à sua, bastante perto para sentir seu calor.

Não respondeu, mas ela leu a verdade em seu olhar.

Lily podia haver-se afastado nesse momento, triunfante, desfrutando de sua vitória. Mas em troca emitiu um leve som e voltou a beijá-lo. E ele se rendeu, desarmado, incapaz de negar-se. As mãos de Lily se guiam acariciando o rosto e o pescoço de Alex, que suspirou com a necessidade que sentia de acariciá-la, de apertá-la com força contra suas coxas. Mas estava prisioneiro, e o matava lentamente. As cordas apertavam seus punhos cada vez mais.

Lily exalou um grito sufocado ao notar o impulso rítmico dos quadris de Alex. Ao tentar afastar-se deu conta de que tinha o lábio apanhado entre os dentes.

— Volta a cabeça — murmurou Alex. — Volta-a... Ela obedeceu; Alex soltou o lábio e abriu a boca disposto a receber a arrepiante força da sua.

Lily lançou um leve gemido de prazer. Apertou-se contra ele sem poder evitá-lo, empurrando seus seios contra a firmeza de seu peito, esticando o estômago. A fricção dos corpos fez com que a saia de Lily subisse até a altura dos joelhos; mas não se importava, não se importava com nada só com a necessidade que crescia em seu interior.

Alguém batia na porta. Lily ficou rígida.

— Senhorita Lawson? — perguntava a voz apagada do mordomo.

Ela derrubou a cabeça sobre o travesseiro, debilitada, com a respiração entrecortada. Alex voltou a cabeça em direção a seus cachos de cabelo e respirou sua doce fragrância.

Burton insistia.

— Senhorita Lawson?

Lily levantou a cabeça.

— Sim, Burton?

— Acaba de chegar uma mensagem.

Lily se estremeceu. Aquilo só podia significar uma coisa, pois do contrário Burton jamais se atreveria a perturbar sua intimidade.

Alex contemplava absorto Lily, em cujo olhar parecia brilhar o medo. A via aturdida.

— Não pode ser — ouviu-a murmurar. — É muito cedo.

— Muito cedo para que?

A voz do Alex a devolveu à realidade. separou-se dele e baixou a saia. Esquivou o olhar de Alex.

— Vejo-me obrigada a ter que dar as boa noite, Milord e acredito que aqui se sentirá cômodo...

— Não muito, pequena provocadora! — Viu furioso que ela recompunha seu aspecto e abandonava depressa o quarto. Gritou umas quantas obscenidades, acrescentando: Veremo-nos em Newgate! E quanto a seu maldito mordomo... — A porta se fechou com estrondo e ele ficou ali, olhando o teto.

Lily encontrou Burton na entrada. Sustentava uma bandeja de prata com um bilhete. O papel estava selado com um descuidado sinal de lacre.

— Você havia me, dito que o entregasse assim que chegasse, sem importar a hora...

— Sim — interrompeu Lily. Rompeu o lacre e se dispôs a ler os ganchos de ferro. — Esta mesma noite. Maldita seja! Deve ter gente me vigiando, sempre parece saber onde estou.

— Senhorita? — Burton não tinha gozado nunca do privilégio de conhecer o conteúdo dessas cartas. Tinha chegado às reconhecer graças à escritura pouco cuidada e ao aspecto estranho de quem as trazia, quase sempre meninos esfarrapados.

— Me sele um cavalo — disse Lily.

— Senhorita Lawson, queria recordar que não é recomendável que uma mulher cavalgue sozinha por Londres, e especialmente de noite.

— Diga a uma das criadas que me traga o casaco cinza. Que leva capuz.

— Sim, senhorita.

Desceu lentamente as escadas, agarrando-se ao corrimão para não desabar-se.

Covent Garden era uma zona de Londres especialmente desagradável, onde qualquer prazer tinha seu preço, do mais convencional até o mais extravagante.

A publicidade era tão visual como verbal: anúncios e pôsteres nas paredes, os chiados agudos dos estelionatários, os fanfarrões e as prostitutas convidando a todos que passavam por ali. Os soldados saíam dos teatros com suas mulheres e entravam bêbados e cambaleando nos botequins do mercado. Lily tentava evitá-los a todos. Um lorde bêbado podia chegar a ser tão perigoso e desumano como um profissional do crime.

Atravessando zonas iluminadas pela luz de gás e outras em penumbra, Lily experimentou um sentimento de simpatia pelas numerosas prostitutas que estavam na rua. Havia desde juvenzinhas até velhas; algumas estavam nos ossos e outras inchadas pela bebida. Situavam-se nos degraus das casas e nas esquinas, e todas elas compartilhavam o mesmo rosto de aborrecimento e o mesmo sorriso dirigido para os possíveis clientes. Sem dúvida nenhuma teria levado uma vida como aquela se tivesse outra escolha.

Lily pensou estremecendo-se que era a mão de Deus a que as tinha posto ali. Ela haveria suicidado antes de ver-se obrigada a levar uma vida como aquela, ou inclusive a vida das cortesãs carregadas de jóias que ofereciam seus serviços a seu protetor entre lençóis de seda. Apertou os lábios, de pena. Antes morta que ser propriedade de um homem e estar obrigada a satisfazer suas necessidades físicas.

Seguiu por King Street em direção sul até passar por diante da igreja. Fez caso omisso aos assobios e insultos que lançavam das bancas que faziam as vezes de loja e moradia. Cruzou a rua com cautela até a entrada do mercado. A arcada de dois andares estava coroada suportado por colunas toscanas de granito, um desenho singularmente régio para um lugar tão miserável como aquele. Atirou as rédeas do cavalo e se deteve na penumbra. Não restava mais que esperar.

Sorriu com ironia ao precaver-se da atuação de um par de ladrões de carteira ganhando o pão entre a multidão. Pensou então em Nicole. Deus, que tipo de vida estaria levando naquele momento? Cabia a

possibilidade, apesar da jovem que era, de que estivesse sendo utilizada para tirar algum proveito pecuniário dos mais escuros vícios? Só de pensar alagaram os olhos de lágrimas, que enxugou com violência. Não podia deixar-se vencer pelas emoções, e menos naquele momento. Tinha que manter-se fria.

Uma voz lenta emergiu da escuridão.

— Espero que tenha me trazido o que quero.

Lily desmontou lentamente sem soltar as rédeas. Voltou-se, e apesar de que estava tremendo se obrigou a falar sem que quebrassem a voz.

— Mais não, Giuseppe. Nem um quarto de tostão mais até que devolva a minha filha.

Capítulo Sete



O conde Giuseppe Gavazzi possuía o impressionante aspecto de qualquer personagem de um quadro de Renascimento italiano: feições vigorosas, cabelo negro encaracolado, pele bronzada e brilhantes olhos escuros. Lily recordou o dia em que conheceu. Giuseppe se achava em um ensolarado quadrado florentino rodeado por um grupo de mulheres italianas que escutavam atentamente. Lily quase cortou a respiração com seu deslumbrante sorriso e sua beleza morena. A partir daquele momento se cruzaram em multidão de acontecimentos sociais e Giuseppe começou a assediá-la apaixonadamente.

O romantismo da Itália e a excitante e nova sensação de ver-se cortejada por um homem muito bonito mexeram com Lily. Harry Hindon, seu único amor, era sério e muito inglês, qualidades ambas que satisfaziam a seus pais. Lily tinha pensado que a dignidade de Harry podia chegar a influir nela. Mas suas extravagâncias terminaram por provocar o afastamento de Henry. O conde Gavazzi, ao contrário, parecia entusiasmado com sua forma de ser alegre e impulsiva. Dizia que era bonita e excitante. Foi então quando teve a segurança de que finalmente tinha dado com o homem com quem não era necessário fingir e que a deixava ser ela mesma. Ao recordar agora suas loucuras sentia envergonhada.

O aspecto de Giuseppe se tornou vulgar com o passo dos anos; ou possivelmente se tratava simplesmente de que olhava com outros olhos. Naquele momento seus lábios, tão elogiados pelos sinais italianos por sua sensual plenitude, pareciam repulsivos. Apesar de que tinha havido um tempo em que sua atenção a adulava, agora detestava a avidez com que a olhava. Havia algo que conferia a seu aspecto um ar sórdido, possivelmente sua postura: as mãos apoiadas nos quadris com o fim de sublinhar sua excepcional estreiteza. Ao olhar se recordou a noite que passaram juntos revolvendo o estômago. Naquela ocasião tinha se surpreendido se humilhado e pedindo uma compensação, como se ela fosse uma solteirona com a obrigação de pagar um homem para que compartilhasse sua cama.

Giuseppe estendeu o braço e retirou o capuz da cabeça do Lily.

— Boa noite — disse com sua voz sonora e acariciando sua bochecha com o dedo indicador. Afastou a mão e ele pôs-se a rir. — Ah, segue com as garras afiada, querido gatinho. Venho pelo dinheiro, cara. E você vem por notícias da Nicole. Dê-me isso e te corresponderei..

— Já não — disse Lily com voz tremula. — Bastardo nojento. Por que tenho que seguir te dando dinheiro se nem sequer souber se segui com vida?

— Asseguro — isso, está a salvo, feliz...

— Como pode ser feliz sem sua mãe?

— Temos uma menina preciosa, Lily. Sempre sorridente e com um ar... — acariciaram os cachos de ébano. — Preciosa como eu. Chama-me «papai». E às vezes me pergunta onde está mamãe.

Aquilo era mais do que Lily podia suportar. Engoliu saliva e as lágrimas alagaram seus olhos.

— Eu sou sua mãe — disse horrorizada. — Necessita-me e quero que me devolva, Giuseppe. Sabe que

me pertence!

Ele a olhou com um sorriso zombador.

— Possivelmente antes houvesse te devolvido, bela, mas fez armadilha. Tem homens vigiando, perguntando pela cidade, e me seguem depois de nossos encontros. Faz eu ficar zangado. Portanto penso que vou seguir uns anos mais com a Nicole.

— Já te disse isso, não sei do que me fala. — Era mentira, é obvio. Derek tinha homens procurando Nicole, e confidentes em todos os lugares da cidade, zeladores, recepcionistas, comerciantes, prostitutas, açougueiros e prestamistas. Só no último ano tinha chamado Lily em quatro ocasiões para que visse distintas meninas de cabelo escuro cujas características coincidiam com a descrição de Nicole. Jamais perguntou a Derek o que tinha feito com elas depois. Olhou para Giuseppe com os olhos cheios de ódio. — Dei-te uma fortuna — disse com voz rouca. — Já não tenho nada. Conhece a expressão «estar sem nada», Giuseppe? Significa que não posso te dar mais, porque não tenho!

— Então terá que arrumar. Ou conseguirei dinheiro onde seja.. Há muitos homens a quem gostaria de comprar uma garota tão bonita como Nicole.

— O que? — Lily se viu obrigada a tampar a boca com a mão para não lançar um grito de terror. Seria capaz de fazer isso com sua própria filha? Não a venderá isso a mataria... E a mim... OH, Deus, não o terá feito, verdade?

— Ainda não. Mas possivelmente muito em breve, cara. — Estendeu a mão com a palma para cima. — Me pague agora.

— Quanto tempo vai seguir isto? — sussurrou ela-... Quando será suficiente?

Ele manteve a palma estendida.

— Agora.

As lágrimas rodavam pelas bochechas de Lily.

— Não tenho.

— Dou-te três dias, Lily. Trará-me cinco mil libras... Do contrário Nicole desaparecerá para sempre.

Lily ouviu o som de seus passos afastando-se, a estridente gritaria de Covent Garden, o suave relinchar de seu cavalo. Tremia de desespero... Não tinha forças. Dinheiro. Jamais suas contas bancárias tinham estado tão diminuídas. Durante o mês anterior não tinha conseguido em Craven's os benefícios habituais. Bem, sua sorte tinha que mudar, e muito rapidamente. Tinha que jogar forte. Se conseguisse ganhar cinco mil libras... Deus, o que fazer?

Podia pedir um empréstimo a Derek... Não. Um ano atrás já tinha cometido esse engano. Supôs que sendo sua fortuna tão grande não importaria de emprestar mil ou duas mil libras, especialmente se promettesse devolver-lhe com interesses. Mas Derek a surpreendeu fazendo jurar que nunca voltaria a pedir dinheiro. Custou semanas para voltar o bom humor. Lily não entendia o motivo pelo qual se zangou daquele modo. Não é que fora um miserável, justamente o contrário. Era generoso por onde quer que olhasse. O fazia presentes, permitia desfrutar de Craven's, a deixava saborear coisas da cozinha, ajudava a procurar Nicole... Mas jamais tinha dado nem um quarto de tostão. Sabia que era melhor não lhe pedir.

Pensou em alguns dos velhos ricos que conhecia, homens com os quais jogava, flertava e tinha amizade. Lorde Harrington, pensou, com sua barriga, seu amável rosto e suas perucas empoeiradas. Ou Arthur Longman, um advogado prestigioso. Suas feições não tinham nada de atrativo: nariz enorme, sem apenas queixo, e maçãs do rosto afundados, mas seu olhar era agradável e era um homem de honra. Ambos tinham dado amostras, sem abandonar nunca suas maneiras de cavalheiros, de sentir-se atraídos por ela. Podia aceitar qualquer dos dois como protetor. Sem dúvida a tratariam bem e se mostrariam generosos. Mas uma decisão assim mudaria sua vida. Se fechassem definitivamente algumas consequência, converteria-se em uma puta de luxo, se estivesse com sorte. A julgar por sua experiência com Giuseppe, era tão pouco complacente na cama que ninguém queria ficar com ela.

Lily subiu a cavalo e recostou a frente sobre seu cangote quente e cheia de pó.

— Estou tão cansada — murmurou. Cansada e cheia de descrença. Poucas esperanças tinha de que Nicole retornasse. Sua vida não era mais que uma busca contínua de dinheiro. Nunca perdia o tempo com assuntos como o de Penny, Zach e Alex Raiford. Aquilo podia custar a perda definitiva de Nicole. Mas de não ter sido pela distração da semana anterior teria acabado ficando louca.

Começou a garoar. Lily fechou os olhos e levantou o rosto para deixar que a água descesse por suas bochechas. De repente se lembrou de quando banhava Nicole e a pequena tinha descoberto que podia molhar as mãozinhas, as apertar, as sacudir no ar e logo salpicar com a água da banheira.

«Olhe o que é capaz de fazer! — exclamou Lily rindo. — Como te atreve a molhar sua mamãe, patinho? A água é para banhar-se.»

Lily secou a água e as lágrimas e se ergueu. — Só se trata de dinheiro — murmurou. — Já o consegui em outras ocasiões.

O relógio soou nove vezes. Alex levava quase uma hora olhando fixamente. Tratava-se de um relógio de bronze com rosas de porcelana e uma tímida pastora olhando por cima do ombro a um nobre que oferecia um buquê de flores. O resto do quarto de Lily era feminino: as paredes cor verde mar tinham delicados adornos de escarola branca, cortinas de seda rosa cobriam as janelas, e a mobília estava estofados quentes de veludos. E agora que pensava, embora era pouco o que tinha visto, o resto da casa era completamente distinta: escura, rica, quase masculina, como se em seus aposentos privados ela tivesse querido preservar a feminilidade que não se permitia exibir em nenhum outro lugar.

A porta do quarto se abriu e apareceu o mordomo.

— bom dia, senhor — disse Burton. — Descansou bem?

Alex o olhou com rosto de poucos amigos.

Desde que Lily partiu tinha tido que enfrentar-se a intermináveis horas de silêncio. Estava acostumado a encher cada momento de pausa com algum tipo de distração, esporte, diversões sociais, bebida, mulheres, para não ficar a sós com seus pensamentos. Lily, sem querer o, tinha obrigado a enfrentar-se com o que mais medo sentia. Havia-se visto incapaz de impedir que as lembranças caíssem sobre ele como abutres, rasgando seu coração.

A princípio tudo era confusão: aborrecimento, paixão, remorso, dor. Ninguém podia chegar a imaginar

que tinha sofrido durante essas horas de confinamento. Mas a confusão tinha desaparecido para dar passo a uma tremenda clareza. Jamais voltaria a ver a imagem de Caroline refletida no rosto de uma mulher. Formava parte de seu passado e ali pensava deixá-la. Acabou-se a dor, e os fantasmas. E quanto a Lily... Dedicou um bom momento a pensar no que ia fazer com ela. Ao amanhecer caiu em um profundo sonho de escuro veludo.

O mordomo se aproximava da cama empunhando uma pequena faca.

— Posso, senhor? — perguntou Burton, assinalando seus braços.

Alex o com incredulidade.

— OH, por favor — respondeu logo com sarcástica cortesia. O mordomo se dedicou a cortar a corda tão atada. Alex sorriu assim que sua mão direita ficou liberada. A levou ao peito, flexionando os doloridos músculos e sem deixar de observar Burton, que estava rodeando a cama para repetir a operação no lado contrário.

Alex se viu obrigado a admitir que Burton era um personagem verdadeiramente impressionante. Jamais em sua vida tinha visto um mordomo com tanto aspecto de mordomo. Sua barba estava perfeitamente cortada e seu rosto sugeria inteligência e autoridade. E todo isso, em um pacote de impecável referência. Necessitava-se uma boa dose de prumo para dirigir uma situação como aquela com dignidade. Cortava as cordas como se estivesse servindo o chá ou escovando um chapéu.

Burton franziu a testa ao ver os punhos esfolados do Alex, algo que nele podia significar consternação.

— Milord, trarei um unguento para as mãos.

— Não — resmungou Alex. — Já fez o suficiente.

— Sim, senhor.

Alex se incorporou fatigosamente até sentar-se e flexionou os membros intumescidos.

— Onde está?

— Se referi à senhorita Lawson, senhor, não tenho nem idéia. Mas recebi ordens de comunicar que o senhor Henry se encontra no estabelecimento do senhor Craven.

— Se algo aconteceu, considerarei você tão responsável como à senhorita Lawson.

Burton permaneceu impassível.

— Sim, senhor.

Alex sacudiu a cabeça; não saía de seu assombro.

— Se ela o pedisse a ajudaria a cometer um assassinato, verdade?

— Não me pediu isso, senhor.

— Já — murmurou Alex. — Mas e se o fizesse?

— Como empregado que sou da senhorita Lawson, devo — lealdade absoluta. — Burton olhou para Alex de soslaio, mas com grande educação.

— Deseja o jornal, Milord? Café? Chá, possivelmente? Posso oferecer o café da manhã...

— Para começar, deixe de comportar-se como se o acontecido fosse o mais normal do mundo... Ou é? É algo normal oferecer o café da manhã a quem ficou a noite de pés e mãos amarrados na cama de Lily

Lawson?

Burton analisou a pergunta com cautela, negando-se a revelar algo sobre a intimidade de Lily.

— Você é o primeiro, lorde Raiford — admitiu por fim.

— Vá dana-se a honra. — Alex se levou a mão a sua dolorida cabeça, apalpando-a com cuidado. Tinha um galo a escassos centímetros da orelha. — Tomarei um comprimido para dor. Ela me deve isso.

— Sim, senhor.

— E quer que o chofer prepare a carruagem... A menos que você e a senhorita Lawson tenham amarrado a algum poste do quarto.

— Sim, senhor.

— Burton, chama-se assim, não? Quanto tempo leva trabalhando para a senhorita Lawson?

— Desde que ela retornou a Londres, Milord.

— Está bem, seja qual seja seu salário, eu o dobro para trabalhar comigo.

— Obrigado, lorde Raiford. Mas, com todos meus respeitos, lamento ter que recusar sua oferta.

Alex ficou observando, sentia curiosidade.

— por quê? Bem sabe Deus que Lily deve colocá-lo em boas confusões. Conhecendo-a, suspeito que não deve ser isto o pior no que se viu envolvido.

— Temo-me que não, Milord.

— Então por que quer ficar?

— A senhorita Lawson é uma mulher fora de serie.

— Digamos uma excêntrica. Explique-me o que tem feito para ser merecedora de tanta fidelidade.

A fachada impassível de Burton pareceu desmoronar-se, embora só por um instante. Seu olhar era de orgulho.

— A senhorita Lawson tem o coração compassivo, Milord, e uma total falta de prejuízos. Quando ela chegou a Londres, faz dois anos, eu me achava em uma situação bastante difícil. Trabalhava com um senhor que estava acostumado a embebedar-se e era cruel. Em uma ocasião me feriu de lado com uma navalha de barbear. Em outra me encerrou em sua casa e ameaçou me disparando me pondo uma pistola carregada na testa.

— Demônios. — Alex o olhava surpreso. — E por que não procurou emprego em outra parte? Um mordomo de sua categoria...

— Sou médio irlandês, Milord. — Burton vacilou, mas prosseguiu em voz baixa, como se estivesse falando contra sua vontade. — A senhorita Lawson decidiu me resgatar. Quando coloca uma idéia na cabeça não há forma de tirar resgatou muita gente, embora ninguém parece dar-se conta de que é ela quem mais necessita... — Deixou de falar de repente e tossiu para limpar a garganta. — Já falei o bastante, Milord. Me perdoe. Possivelmente você esteja reconsiderado a idéia de um café...

— O que ia dizer? Que Lily necessita que a resgatem? Do que? De quem?

Burton o olhava sem pestanejar, como se estivesse falando em outro idioma.

— Deseja que traga o café junto com a pastilha para a dor de cabeça, Milord?

Henry estava sobre a enorme mesa da cozinha observando a monsieur Labarge e seu exército de ajudantes ocupar-se da preparação de complexos pratos. Na cozinha de ferro fundido ferviam caçarolas repletas de molhos cheirosos e misteriosas misturas. Havia uma parede inteira coberta por uma pasmosa coleção de brilhantes panelas, perolas e moldes, um sortido que Labarge se referia como seu bateria de cozinha.

O chef perambulava pela estadia como um comandante de exército, gesticulando, com uma faca ou uma colher na mão. Seus enérgicos movimentos faziam com que o enorme gorro branco que levava na cabeça se balançasse. O chef estava elaborando um molho muito espesso para um prato de pescado com folhado e aos ajudantes de confeitaria porque tinham deixado que o pão dourasse muito.

As magras e curvadas pontas de seu bigode tremeram ao ver uma das cozinheiras encarregada da verdura cortando as cenouras muito finas. Labarge mudava de humor repentinamente quando se aproximava de Henry para que provasse seus manjares, e lançava olhares de aprovação quando engolia avidamente.

— Ah, cavalheiro, surripie, surripie... Nosso jovem cavalheiro deveria provar um pouco disto... E isto... Esta bom?

— Muito bom — respondeu Henry, entusiasmado, com um bolo cheio de fruta e com nata de limão que estava para chupar os dedos. — Posso provar outra vez essas coisas marrons que vão com o molho?

O chef, com orgulho de pai, aproximou um prato que continha muito finos filetes de boi salteados com manteiga ao conhaque, cebola e molho de cogumelos.

— Esta é a primeira receita que aprendi de menino, quando ajudava a meu pai a preparar o jantar do comitê — informou.

— Isto é melhor que a comida de Raiford Park — disse Henry.

Monsieur Labarge respondeu com um sem-fim de comentários desfavoráveis sobre a comida inglesa, mencionando-a como lixo insípido que não daria nem aos cães. Estava oferecendo cozinha francesa, tão superior à comida inglesa como um bolo ao pão duro. Henry assentiu com a cabeça e seguiu comendo.

Worthy entrou na cozinha quando Henry decidia abandonar o garfo porque se sentia abarrotado.

— Senhor Henry — disse Worthy muito sério, chegou seu irmão. Fez alguns comentários um tanto fortes respeito a quão preocupado está por você. Venha comigo, por favor.

— OH. — Henry abriu seus olhos azuis de par em par, consternado. levou-se a mão à boca para dissimular um arrote e jogou uma última olhada à cozinha. Os empregados observavam com simpatia. — Passará tempo antes que possa voltar — disse Henry com tristeza. — Anos.

Monsieur Labarge estava aflito e seu bigode se agitava nervosamente enquanto dizia:

— Lorde Raiford, é de grande caráter, não? Possivelmente poderíamos oferecer, para começar, poularde a Périgueux... Ou saumon Montpellier... O chef se deteve considerar outras delícias prepararia, seguro de que suas obras eram capazes de aplacar o mau humor mais terrível.

— Não — disse Henry com tristeza. Sabia que nem as ofertas de Labarge conseguiriam tranquilizar Alex. — Não acredito que isso servisse. O agradeço de todos os modos, monsieur. Mereço o castigo que me caia. Passaria um mês encerrado em Newgate em troca de um desses esponjosos bolos com nata de café... Ou

esses suflés de cor verde.

Labarge, comovido, deu a Henry uns tapinhas nas costas, beijou em ambas as bochechas e soltou um breve discurso em francês do qual Henry não entendeu nenhuma palavra. Acabou exclamando:

— Quel jeune homme magnifique... Vá guri!

— Venha, Henry — disse Worthy. Saíram da cozinha e atravessaram a sala de jantar. E antes de entrar na sala, Worthy se sentiu na obrigação de fazer seu sermão.

— Henry... Suponho que ouviu dizer que os cavalheiros devem ser discretos. Especialmente no relacionado com... Digamos... O sexo frágil.

— Sim — assentiu Henry algo perplexo. Olhava Worthy franzindo a sobrancelha. — Significa isso que não posso falar com meu irmão das garotas que ontem à noite me apresentou ao senhor Craven?

— A menos que acredite que exista alguma razão pela qual deva saber.

Henry sacudiu a cabeça.

— Não me ocorre nenhum motivo.

— Bem. — Worthy lançou um suspiro de alívio.

Contrariamente que Henry esperava, Alex não aguardava com cara de poucos amigos. Estava de pé junto à porta do vestíbulo, com as mãos nos bolsos do casaco, e parecia tranquilo. Levava a roupa enrugada e ia barbear. Henry não estava acostumado a ver seu irmão com um aspecto tão sujo. Mas, curiosamente, era a primeira vez em muito tempo que via Alex depravado, com cara de não se importar com nada. Henry se perguntava o que teria acontecido, e por que não tinha acudido a noite anterior.

— Alex — disse, foi minha culpa. Nunca deveria haver ido te avisar, mas eu...

Alex o rodeou os ombros com o braço e observou atentamente.

— Está bem?

— Sim, ontem à noite jantei estupendamente. O senhor Craven me ensinou a jogar cribagge. Deitei-me cedo.

Uma vez que foi confirmado que seu estado era bom, Alex lançou um olhar penetrante.

— Teremos um bate-papo, Henry. Sobre responsabilidade.

O menino assentiu com a cabeça, sentindo-se culpado e pressentindo que o caminho de volta ao lar ia ser longo.

— Milord — interrompeu Worthy, eu gostaria de desculpar, em representação ao senhor Craven e de todos os empregados, que seu irmão é um jovem muito bem educado. Jamais tinha visto o senhor Craven, por não mencionar nosso chef, tão assanhado com alguém.

— Isso é um dom de Deus. Henry é um professor na arte da lisonja desde bem pequeno. — Alex olhou de esguelha a seu irmão mais novo, que sorria timidamente. Logo perguntou ao encarregado: Worthy, anda por aqui a senhorita Lawson?

— Não, Milord.

Alex se perguntou se estaria mentindo. Caberia a possibilidade de que Lily estivesse na cama de Craven naqueles momentos. Notou uma pontada de ciúmes.

— Então onde posso estar com ela?

— Suponho que a senhorita Lawson passará por aqui uma destas noites, Milord. Poderá encontrá-la nos salões. Estou seguro de que assistirá à festa de fantasia que celebraremos na próximo sábado.

— Worthy arqueou as sobrancelhas e observou por cima dos vidros de seus óculos. — Dou algum recado, Milord?

— Sim. Diga que se prepare para o próximo assalto.

Alex, uma vez proferido sua ameaça, despediu-se do encarregado e saiu do Craven's com Henry caminhando a toda pressa atrás dele.

Quando pôs os pés em Raiford Park, Alex se deu conta da inquietação que flutuava no ambiente.

Também Henry se precaveu daquela nuvem invisível de tristeza. Observou a casa silenciosa, realmente surpreso.

— Parece como se morresse alguém!

A aparição de lady Totty veio precedida pelo leve som de alguém que sorvia pelos narizes. Descia a escada arrastando-se, seu rosto de querubim desfigurado pela dor. Olhou Alex como se estivesse esperando que o caísse em cima.

— M-Milord — disse com voz tremula. — Foi-se! Minha querida Penny se foi! Não jogue a culpa a minha menina inocente, eu tenho a culpa de tudo. Qualquer recriminação me dirija !OH, querida, OH, querida...

Nas feições de Alex havia uma cômica mistura de tristeza e inquietação.

— Lady Totty... — Rebuscou nos bolsos com o fim de encontrar um lenço. Olhou para Henry, que se dava de ombros sem entender nada.

— Quer que traga um pouco de água? — perguntou Henry.

— Chá — respondeu Totty entre soluços. — Chá bem carregado, com um leite. E um pingo de açúcar. Só um pingo, se não te importar. — Totty prosseguiu seu monólogo, soluçando sem cessar, assim que Henry desapareceu. — OH, o que vou fazer? Acredito que me tornei uma louca! Como começar explicar...

— Não necessito explicações. — Alex deu por fim com o lenço e o ofereceu. Deu uns tapinhas nas roliças costas em um intento de consolá-la. Estou por dentro da situação... Penélope, Zachary, a fuga, tudo. Muito tarde para procurar culpados, lady Totty. Não se aflija.

— Quando encontrei o bilhete e pedi que George que os seguisse, fazia alguns momento que tinham partido.

— Totty soou com grande educação. — Segue buscando-os. Possivelmente ainda estejamos a tempo...

— Não. — Alex sorriu com benevolência. — Penélope era muito boa para mim. O asseguro, o tempo demonstrará que o visconde Stamford é um marido muito melhor que eu.

— Não estou de tudo de acordo — disse Totty. — OH, lorde Raiford, se tivesse estado ontem à noite aqui. Temo que tenha sido sua ausência o que animou a esses dois cometer tão terrível loucura. — Seus redondos olhos azuis, alagados de lágrimas, imploravam uma explicação.

— Encontrava-me... Retido, sem poder ter evitado — replicou Alex causar pena, arranhando a cabeça.

— Tudo foi obra da Wilhemina — afirmou Totty.

Ele a olhava atentamente.

— Por que diz isso?

— Se não tivesse vindo aqui e tivesse metido essas idéias na cabeça...

Alex, de repente, deu-se conta de que estava rindo até as orelhas.

— Sou da opinião de que as idéias já estavam antes — comentou com amabilidade. — Deixando à parte nossas emoções, lady Totty, acredito que devemos reconhecer que Penélope e o visconde Stamford formam um casal ideal.

— Mas Zachary não é nada comparado com você! — espetou Totty impaciente, secando-as lágrimas. — E agora... Já não vai ser você nosso genro!

— Parece que não.

— OH, pobre de mim. — Totty suspirou abatida. — Desejaria, com todo meu coração... Ter uma terceira filha para te oferecer!

Alex a contemplava sem pestanejar e começou então a emitir um estranho som do mais chocante.

Totty, temendo que estivesse dando um ataque epilético, observou horrorizada que se inclinava sobre os degraus até ficar sentado com a cabeça escondida entre as mãos. Tremia e respirava de forma entre atalho. Lentamente foi precavendo-se de que Alex estava rindo. Rindo. Ficou boquiaberta.

— Milord?

— Deus. — Alex quase perde o equilíbrio. — Uma terceira. Não. Duas é mais que suficiente. Jesus. Lily, vale por dez!

O desconcerto de Totty ia em aumento, e perguntava se os acontecimentos teriam feito perder o juízo de lorde Raiford.

— Lorde Raiford — disse com um fio de voz, não acredito que se possa culpar por... Perder as boas maneiras. Entretanto, acredito... Acredito que tomarei o chá no salão... — Saiu de correndo, movendo seus cotovelos como se fosse uma galinha agitando as asas.

— Obrigado — conseguiu dizer Alex, lutando por dominar-se. Suspirou profundamente, mas o sorriso não se apagava de seu rosto. OH, sim, percebia a luz em seu interior, uma euforia crescente e indescritível. Mas de todos os modos se sentia inseguro, intranquilo, como os meninos quando estão de férias. E aquele sentimento pedia ação a gritos.

Livrou-se de Penélope. E isso significava algo mais que um alívio, era uma verdadeira libertação. Não tinha se dado conta até aquele momento da carga que teria representado esse casamento, um peso que o esmagaria a cada dia seria mais difícil de desaparecer. Era livre. E Penélope era feliz, e provavelmente naquele momento se achava entre os braços de seu amado. Lily, por outro lado, ignorava o que acabava de iniciar. Sim, aquilo só começava...

— Alex? — Henry o olhava com curiosidade. — Dentro de um momento trarão o chá.

— Lady Totty está no salão.

— Alex... O que faz sentado nas escadas? Por que motivo te vê tão feliz? Se ontem à noite não estava

aqui, onde estava?

— Se não me recordo mau, esta tarde tinha duas entrevistas com possíveis tutores. Deveria te dar um banho, Henry, e te trocar de roupa. — Abriu bem os olhos, em sinal de advertência. — E não me sinto feliz. Estou pensando o que fazer com a senhorita Lawson.

— A maior? — Naturalmente, a maior. — e o que pensa fazer?

— Ainda não é o de maior para saber.

— Não esteja tão seguro — disse Henry, piscando os olhos, e subiu correndo as escadas antes que Alex pudesse reagir.

Alex sorriu. Sacudiu a cabeça.

— Lily Lawson —murmurou. — Uma coisa é certa... Vou mantê-la tão ocupada que não poderá estar outra noite na cama de Craven.

Aquela noite ia tão mal como à anterior. Lily perdia com graça e se esforçava por mostrar-se tranquila, para que os homens que tinha ao redor não se precavessem de que estava afogando-se. Levava um de seus vestidos mais encantadores, de encaixe negro sobre fundo de seda cor carne, com o qual parecia envolta só em diáfano encaixe.

Achava-se sentada diante da mesa de jogo acompanhada por um grupo de cavalheiros entre os quais se encontravam lorde Tadworth, lorde Banstead e Foka Berinkov, um arrumado diplomático russo. Sentia o rosto como se fosse uma máscara, rígida e sem vida. As oportunidades de recuperar Nicole se escapavam. Sentia-se vazia. «O que acontece?», pensava Lily, presa de pânico. Nunca tinha jogado tão mal.

Percebia o olhar de Derek, que perambulava pelo salão, cravada nela. Sabia que desaprovava sua atuação. De ter visto Lily a alguém em sua mesma situação, cometendo enganos de tal magnitude, tivesse aconselhado que o tentasse outra noite. Mas não tinha tempo. Ficava essa noite e a seguinte. A necessidade de conseguir cinco mil libras a esporeava sem trégua. Fitz, e crupier, observava suas ações sem comentar nada, sem atrever-se nem a olhar aos olhos.

Lily era consciente de que estava jogando muito forte, muito rápido e correndo riscos desnecessários. Tentava em vão acalmar-se. Achava-se imersa no apetite típica dos jogadores... Resultava ser impossível parar.

Moveu a mão com certa brutalidade e sem pensar duas vezes lançou os três jogo de dados sobre o toalha da mesa.

— Venha, um triplo! — Os jogo de dados rodaram. Um, dois, seis. Nada. Estava quase sem dinheiro.

— Bem — disse dando de ombros para responder o sorriso consolador de Banstead.

— Acredito que esta noite acabarei jogando a crédito.

Derek ficou de repente a seu lado e murmurou ao ouvido com frieza.

— Vêem, demos primeiro uma volta.

— Estou jogando — sussurrou ela.

— Se não tem dinheiro não o fará. — Agarrou-a pelo braço. Lily pediu desculpas, sorriu e prometeu estar de volta em seguida. Derek a arrastou para a mesa de Worthy para falar com ela.

— Bastardo intrometido — resmungou Lily. Sorria, entretanto, para guardar as aparências. — O que significa isso de me tirar quando estou jogando? E não te atreva a me negar um crédito... Joguei a crédito centenas de vezes, E sempre acabo ganhando!

— Parece que sua rajada de sorte desapareceu — disse Derek sem alterar-se. — Acabou-se.

Aquelas palavras foram para Lily como um bofetão.

— Não é verdade. A sorte não existe. São os números, saber os números e ter a oportunidade.

— Chama-o como quer. Acabou-se.

— Não. Penso voltar para a mesa e demonstrar isso

— Perderá.

— Então, deixa que perca — replicou desesperada. — O que acha que está fazendo? Tentando me proteger? Pensa que acaba de adquirir esse direito? Vai-te a merda! Tenho que ganhar cinco mil libras, se não perderei a Nicole para sempre!

— E se esta noite perde mais que isso? —perguntou Derek friamente.

Lily sabia que a resposta era desnecessária. Ele sabia perfeitamente que sua única opção seria vender seu corpo ao mais rico.

— Devolverei-te seu maldito dinheiro. Ou uma libra de carne. O que preferir. Só me importa minha filha, entendeu?

De repente o acento de Derek alcançou uma clássica perfeição.

— Uma puta não seria a mãe indicada para ela.

— O destino dirá — sentenciou Lily, muito tensa.

— Sua filosofia é essa, verdade?

Os olhos de Derek pareciam pequenas peças de jade. Sorriu zombador e a soltou. Lily se sentiu à deriva, igual aquela noite, fazia dois anos, antes que Derek permitisse sua entrada no clube.

Mas Derek estava demonstrando uma vez mais que não era pessoa em quem apoiar-se. No fundo de seu coração sempre tinha tido a esperança de que acabaria ajudando-a quando sua sorte tivesse seu fim. As esperanças se desvaneceram. Não podia culpar Derek por ser assim. Voltou às costas e pôs-se a andar tão depressa que as saias enredaram entre os tornozelos.

Quando chegou à mesa de jogo tinha já um sorriso desenhado no rosto.

— Cavalheiros, por favor, desculpem a interrupção. Onde... — Lançou um grito sufocado ao reparar no novo integrante da mesa.

Alex estava sentado à mesa. Levava calça negra, camisa de seda bordada e uma jaqueta cor verde com botões dourados que realçava o tom bronzeado de sua pele. Sorriu para Lily tranquilamente e ela advertiu que seu aspecto era distinto do habitual. Era como se achasse envolto em uma aura dourada, algo que Lily tinha percebido em inumeráveis ocasiões naqueles jogadores que desfrutavam de incríveis rajadas de sorte e arriscavam suas fortunas de forma temerária.

Sentia-se ainda mais deprimida que antes. Sabia que algum dia ia acabar tropeçando-se com ele... Mas por que naquele momento? Primeiro perder todo o dinheiro, depois a deserção de Derek e agora isso. Aquela

estava convertendo-se em uma das piores noites de sua vida.

— Lorde Raiford —disse.

— surpresa. Não acredito que esta seja sua guarida preferida, verdade?

— Dirijo minhas preferências para qualquer lugar onde possa encontrá-la.

— O louco voltando para suas loucuras — sussurrou ela. — desapareceu antes que acabasse a partida. —

Tinha assuntos mais importantes dos que me ocupar.

Alex deu uma olhada à mesa. Banstead acabava de jogar o dado.

— Tem relação com sua sorte?

Inteirou-se de que levava uma má noite. Tadworth o tinha contado, ou possivelmente Foka, esse fofoqueiro. Lily se deu de ombros, aparentando indiferença.

— Não acredito na sorte.

— Eu sim.

— E esta noite está de seu lado? Por favor, aposte, Milord.

— Apostarei dez mil libra... Em troca de uma noite com você. — Lily se engasgou.

A mesa paralisou.

— O que disse? — perguntava Tadworth, ansioso por inteirar-se.

— O que?

A notícia foi correndo de boca em boca pela mesa e logo pelo resto da sala. Houve um tumulto; todos se apertaram ao redor da mesa, uma centena de olhares ávidos cravados em Lily e Alex.

— Muito divertido — conseguiu dizer Lily com voz rouca.

Alex extraiu uma letra de mudança do bolso de sua jaqueta e a depositou sobre a mesa. Ela, assombrada, olhou aquela parte de papel e logo para Alex. Ele sorria. O pânico se apoderou de Lily. Mas logo tudo pareceu um sonho, sentia-se mais como um observador que como a protagonista principal. A aposta era muito elevada. Se ela ganhasse salvaria sua filha. Mas se perdesse...

Tentou imaginar por um momento. Sacudiu levemente a cabeça e voltou para realidade, gelada de medo. Alex olhou seus lábios trêmulos e o brilho zombador de seus olhos perdeu intensidade. Falou de novo, desta vez com um tom surpreendentemente cortês.

— Que tal se acrescentar outros cinco? Tudo era felicidade a seu redor.

— Acaba de subir para quinze! — exclamava Tadworth.

Os cavalheiros se encontravam na sala de jantar e nas salas de fumantes. Outros foram daqui para lá levando as notícias.

Normalmente Lily gostava de ser o centro da atenção. Ganhara-se de sobras a reputação de extravagante. Ria, dançava, montava escândalos, fazia brincadeiras das quais logo falava Londres inteiro. Mas aquilo não era uma brincadeira, era um assunto de vida ou morte. Necessitava de ajuda... Sua vergonha, sua valentia, suas frágeis defesas se enfrentavam com um par de penetrantes olhos claros. «Não me faça isto», queria suplicar. Seguiu olhando sem abrir a boca.

— Você decide, senhorita Lawson — disse Alex sem perder a paciência.

Que escolha? A cabeça zumbia. Que maldita escolha? Tinha que confiar no destino. Podia ser que aquela proposição tão extravagante a enviasse a divina providência... Tinha que ganhar; ganharia e utilizaria o dinheiro para ter Nicole.

— C-com jogo de dados não — ouviu dizer.

— Nosso jogo habitual? — perguntou ele.

— Iremos a um dos salões de cartas. T-três mãos? — disse com dificuldade.

Os olhos de Alex jogavam faíscas de satisfação.

Assentiu rapidamente com um movimento de cabeça.

— aceitou a aposta! — gritou alguém.

No Craven's jamais se viu um alvoroço como aquele. Os gritos da multidão ensurdeciam Lily. Os homens ficavam ao seu redor, asfixiando-a. encontrou-se apertada contra a mesa, sem poder mover-se. Os homens mais próximos a ela faziam o possível para protegê-la da pressão, mas outros punham todo seu empenho em conseguir um lugar de onde poder observar os acontecimentos.

Lily se sentia aturdida e enjoada, e no canto redondo da mesa cravando-se de lado arrancou uma careta de dor.

— Deixem de apertar, não posso respirar...

Alex se aproximou rapidamente dela e formou uma espécie de jaula com seus braços para protegê-la.

Lily lançou uma gargalhada apagada; o coração pulsava com violência.

— Olhe o que montou. Meu Deus.

— Tudo vai bem — sussurrou ele.

Antes que Lily pudesse perguntar o que queria dizer com aquilo, ouviu-se a voz autoritária de Derek.

— Já está bem — gritou. Enquanto falava se abria caminho entre a multidão.

— Já está bem, todos para trás. Um pouco de ar para a senhorita cigana. Apartem-se e começará o jogo.

Alex soltou Lily, que se voltou para olhar Derek com olhos suplicantes.

Derek brilhava a expressão implacável que lhe era habitual. Fixou a vista no rosto tenso de Lily.

— Worthy me havia dito que temos uma pequena aposta.

— Três mãos de vingt-et-un — informou Lily, tremula. — Precisamos... Precisamos de um salão de cartas...

— Não, que seja aqui. — Um sorriso iluminou as feições de Derek.

— É melhor, todos não caberiam em um salão de cartas.

Lily ficou pasmada diante aquela traição. Nenhuma só palavra que demonstrasse sua preocupação. Derek, simplesmente, ia deixar que acontecesse. Pensava inclusive desfrutar do espetáculo!

A cólera a invadiu e deu forças.

— Como é habitual — disse com frieza — tem um talento especial para montar grandes espetáculos.

— Por algo sou Derek Craven, cigana. — Olhou ao redor em busca do encarregado. — Worthy — gritou, traz um baralho novo. Vejamos o que tem que dizer o diabo em pessoa.

Era a primeira vez na história do clube que acontecia algo semelhante. Os garçons corriam acima e

abaixo servindo bebidas. O dinheiro e as fichas trocavam de mãos constantemente. Cruzavam-se apostas, dobravam-se, a gritaria ia aumentando. Lily, horrorizada e ofendida, ouvia as quantidades que se baralhavam. Com grande amargura descobriu que à maioria dos homens com as quais estava acostumado a jogar adorariam vê-la perder. Estava bem empregado, por atrever-se a invadir um clube de homens. Eram todos uns bárbaros asquerosos.

— Baralho? — perguntou Derek.

— Não — respondeu Lily, cortante. — Worthy é o único homem de confiança.

Derek, zombador, tocou-se a frente como se saudasse enquanto Worthy se abria passo entre a multidão.

O orgulhoso encarregado limpou os óculos com um lenço e logo tirou o ato do baralho.

O silêncio era sepulcral. Worthy baralhou como um perito as cartas, que voavam e saltavam entre suas pequenas mãos. Depositou o baralho na mesa e olhou para Lily.

— Corte, por favor...

Ela o fez com mão tremula. Worthy reuniu os dois montões e ato seguido, com gesto muito preciso e com a lentidão adequada para que o público pudesse vê-lo bem, extraiu a primeira carta e a deixou de um lado. Sua firmeza tranquilizava Lily. Observava todos seus movimentos.

— Três mãos de vingt-et-um — disse Worthy.

— O ás vale um ou onze, conforme dita o jogador. — Entregou um par de cartas a cada um deles, uma de barriga para cima e a outra de barriga para baixo. A carta de Lily era um oito, a de Alex, um dez.

— Senhorita Lawson? — disse Worthy. Tocava começar por ela, já que era o jogador que estava a sua esquerda.

Lily voltou a carta e mordeu o lábio. Um dois.

Olhou para Worthy, indicando que queria outra carta. Um nove. ouviram assobios e exclamações. O dinheiro corria de novo de mão em mão. Lily, já mais relaxada, passou a mão enluvada pela fronte ensopada de suor. Tinha dezenove. A sorte parecia estar a seu favor.

Observou Alex descobrir sua carta. Um sete; dezessete no total. Alex pediu outra carta. Lily afogou um grito ao ver que Worthy a entregava uma carta, o que situava por cima de vinte e um. Tinha ganho a primeira mão. Sorriu ao receber vários tapinhas de felicitação nos ombros.

— Bastardos impertinentes, ainda não ganhei. — Houve risadas; todos agradeciam uma pausa depois de tanta tensão.

Worthy deixou à parte das cartas utilizadas e voltou a baralhar. O público emudeceu. Lily conseguiu um total de dezoito. Pedir outra carta era uma loucura.

— Planto-me — murmurou. Franziu o sobrecenho ao ver a carta que Alex tinha de barriga para cima: um rei, e se o de teve o coração quando voltou a outra. Um nove. Uma mão para cada um. Olhou para Alex, que não parecia nem satisfeito nem preocupado; sua segurança a fazia sentir-se tremendamente incômoda. Como se atrevia a olhá-la com tanta tranquilidade estando sua vida a mercê de uns naipes?

Worthy retirou as cartas que acabavam de jogar e baralhou por última vez. O silêncio que reinava no salão era absoluto, ninguém se atrevia a respirar. Lily olhou sua carta, uma rainha, e voltou de barriga para

cima a segunda. Um três. Fez um sinal solicitando uma terceira. Worthy a entregou um sete. Acabava de conseguir vinte!

— Graças a Deus! — Sorriu para Alex, desafiando a que tentasse derrotá-la. Ia ganhar. Pensou, aliviada e contente, nas cinco mil libras. Até cabia a possibilidade de que tão enorme soma chegasse a ser suficiente para conseguir subornar Giuseppe e conseguir que soltasse Nicole definitivamente. Em última instância, ajudaria a recuperar o tempo perdido. E poderia contratar de novo o investigador que se viu obrigada a despedir por falta de meios. Olhava para Alex, saboreando o triunfo antecipadamente. Sua primeira carta era um dez. Pôs a segunda de barriga para cima. Ás de corações.

Cravou então seu olhar cinza no rosto surpreendido de Lily.

— Vinte e um.

Um natural.

Fez-se o mais absoluto silêncio. Foi Derek quem tomou a palavra.

— Queimada em seu próprio fogo — observou com ironia.

O público pôs-se a gritar; parecia como se estivesse celebrando algum ritual primitivo.

— Final do jogo; ganhador: lorde Raiford — anunciou Worthy, até sabendo que suas palavras ficavam afogadas pelo tumulto. Os concorrentes pareciam mais uma tribo de selvagens que civilizados cavalheiros ingleses. O tapete tinha ficado encharcado de álcool.

Alex não cessava de receber vigorosos apertões de mão e potentes palmadas nas costas e nos braços. Foka tentava jogar vodka sobre a cabeça. Alex as arrumou para escapar do banho de álcool e se dispôs a procurar por Lily. Ela tinha conseguido escapulir entre a multidão para uma das portas.

— Lily! — Alex tentou segui-la, mas a multidão não permitia avançar com rapidez. Soltou um gemido ao vê-la desaparecer.

Em Lily tremia todo o corpo, o estômago pesava cada vez mais e estava tão assustada que não sabia aonde se dirigia.

De repente chocou contra um corpo. Estava enjoada e necessitava de ar; suas pernas já não a sustentavam. Derek, que era quem acabava de deter sua enlouquecida fuga, ajudou-a a manter-se em pé. Seu olhar era gelo verde.

— Me solte — disse ela entre dentes.

— As mulheres carecem de orgulho. Desaparecendo pela retaguarda, não é isso? Fulana.

Lily se debatia entre seus braços inexoráveis, implorando.

— Derek, não posso fazer, não posso...

— Fará. Tem que pagar a aposta, cigana; eu mesmo seria capaz de te arrastar até a cama. E se parti, voltarei a te trazer. E agora vá a meus aposentos e me espere.

— Por que aqui? Eu... Preferiria ir a minha casa.

— Será aqui, e me assegurarei de que cumpra com sua obrigação.

— Não. — Lily sacudia a cabeça, a ponto de estourar em pranto.

— Não.

A atitude de Derek mudou de súbito, desconcertando-a com um tenro sorriso.

— Não? Muito tarde, cigana. É um gole amargo, mas terá que engoli-lo. — Sua voz se tornou tranquila e amável, como se estivesse falando com um menino teimoso. — Se não cumprir com a aposta não haverá lugar em Londres onde possa voltar a jogar, nem no Craven's nem no tugúrio pior da Cozinha do Inferno.

— Por que não me impediu isso, Derek? — Em Lily tocavam castanholas os dentes. — Se tivesse me impedido de algo não teria permitido que acontecesse! Teria evitado que me metesse nessa confusão... Vai fazer — me mal, Derek, não entende...

— Entendo perfeitamente. Não te fará mal. O que quer é ficar com você, querida, isso é tudo.
-e acabou de surpreendê-la estampando um beijo na fronte. — Vamos, coloque um gole no corpo e espera esse tio. — Tentava separar as mãos das mangas de sua jaqueta, mas era impossível, cada vez apertava com mais força.

— e o que faço? — Perguntou sufocada, olhando com olhos muito abertos.

Derek juntou suas escuras sobrancelhas. Sua amabilidade desapareceu de repente e foi substituída por um sorriso insolente.

— Vá para cama e fica ali estendida como um dourado. Fácil. Agora vá e não pergunte de que lado vai ficar. — Sua risada zombadora era a única coisa que podia apartá-la.

Lily se soltou das mangas.

— Jamais te perdoarei!

Derek respondeu com um gesto em direção às escadas que conduziam a seus aposentos particulares. Ela conseguiu reunir a pouca dignidade que ficava, endireitou as costas e ficou em marcha. O sorriso de Derek se esfumou assim que ela teve desaparecido. Entrou na sala de jogo. Chamou a atenção de Worthy para perguntar, só com gestos, onde estava Alex. Worthy assinalou um extremo do salão, onde Alex, com modos pouco convencionais, tentava alcançar uma das saídas.

Alex, fazendo caso omissos das felicitações, tentava abrir caminho entre a multidão. Duvidava entre dirigir-se à cafeteria ou à biblioteca, perguntando-se qual seria a direção que tinha tomado Lily.

— Lorde Raiford?

Alex voltou à cabeça e viu Worthy.

Derek Craven fez sua aparição ao mesmo tempo.

A grosseria e a dureza de sua expressão notavam, mais que nunca, ao ladrão que tinha prosperado mas que jamais conseguiria escapar de um sórdido passado. Olhos verdes e olhos cinzas cruzaram olhares de desafio. Jamais tinham enfrentado, mas mesmo assim a atmosfera de violência e desacordo que reinava entre eles era evidente.

— Milord — disse Derek com calma, acabo de explicar à senhorita cigana que o procurou ela sozinha. Worthy jogou limpo, ninguém poderá dizer nunca...

— Onde está? — interrompeu Alex.

— Primeiro tenho algo que dizer.

— O que?

Uma estranha expressão se desenhou no rosto de Derek. Parecia estar procurando as palavras, como se desejasse dizer algo muito importante.

— Trate-a bem — disse por fim, com uma recôndita nota de fria ameaça.

— Seja amável; do contrário farei pagar o resto de seus dias. — Assinalou ao encarregado. — Worthy o acompanhará ao andar superior, Milord. Lily está... — Sua boca tremia. — Espera ali.

— Muito certo — disse Alex. — Não só vá compartilhar sua mulher mas também, além disso, põe você na cama.

Derek sorriu friamente.

— Eu não compartilho nada do que é meu. Entendido? Sim, já vejo que sim.

Alex o observava desconcertado.

— Então, ela e você não..

— Estivemos a ponto em uma ocasião — disse Derek, com seu sotaque londrino.

— Mas, antes, você...

— Eu só levo putas para a cama. — Derek seguia sorrindo diante do olhar atônito de Alex. — Lily é algo muito especial. Muito delicada para isso.

Alex sentia assombro e frustração. Seria possível que os rumores fossem falsos e que jamais tivesse existido nenhuma confusão entre os dois? Teria que baixar Deus do céu para ajudar a acreditar-se algo tão pouco provável. Mas que necessidade tinham de mentir? Não tinha nenhum sentido. Vá, acabaria descobrindo algum dia quem ou o que era Lily Lawson?

Craven estalou os dedos em direção ao encarregado.

— Worthy — murmurou, e se afastou rapidamente. Alex ficou olhando-o, assombrado.

— O que há entre esses dois?

Worthy observava impassível.

— Nada, exatamente o que contou o senhor Craven. Ele sempre acreditou que o melhor era manter uma amizade platônica com a senhorita Lawson. — Indicou Alex que o seguisse.

— Por que? O que tem de estranho nela? Ou é ele? — deteve-se, e agarrando ao encarregado pelos colarins, obrigou a girar-se.

— Conte-me como é!

Worthy, com grande delicadeza, conseguiu liberar a malha de fio de lã de sua jaqueta dos dedos de Alex.

— Minha opinião pessoal sobre o assunto — sussurrou — é que tem medo de apaixonar-se por ela.

— OH, maldição.

Worthy contemplava com olhar inquisitivo.

— É necessário que sigamos, Milord?

Alex moveu a cabeça em um gesto de negação. Worthy o acompanhou até uma porta muito singela que parecia a entrada da adega ou aos armazéns. Mas não era assim. Depois dela se escondia uma estreita escada de caracol. Worthy subiu por ela e fez um sinal indicando outra porta. Olhou para Alex com a mesma

expressão que tinha Utilizado Derek uns momentos antes, como se queria soltar um discurso e custasse fazê-lo.

— Asseguro Milord, que ninguém vai incomodá-lo. Se necessitar algo, utilize a campainha para chamar os criados. São eficientes e discretos.

— Passou junto a Alex e se desvaneceu como uma sombra.

Alex se encontrou sorrindo diante duma porta fechada. Recordava o cara que tinha posto Lily na sala de jogos quando tinha perdido. Estava afundada. Era evidente que depois de tudo o que tinha feito esperava a pior reação por sua parte.

Entretanto não pensava em fazer mal. De repente estava impaciente por fazer saber que a vingança não tinha nada a ver com tudo aquilo. Agarrou o pomo da porta e o fez girar.

Worthy encontrou Derek em uma dessas salas que estranha vez se utilizavam, com várias cadeiras, uma mesa de, escritório e uma espreguiçadeira, um lugar ideal para poder discutir, negócios na mais estrita intimidade. Derek estava junto à janela, oculto quase pela cortina. E permaneceu em silêncio depois que entrou Worthy, jogando nervoso com as grossas dobras de veludo granada.

— Senhor Craven? — inquiriu Worthy.

Derek respondeu como se estivesse falando consigo mesmo.

— Deus, estava branco como um papel. Tremiam as pernas e reviravam as tripas. Não é essa a reação que espera Raiford. Apostaria o que fosse. — Soltou uma aguda gargalhada.

— Não invejo absolutamente esse pobre bastardo.

— Não, senhor? — Perguntou Worthy. Derek seguia de costas, e respirava com dificuldade. Falou com voz rouca por um momento, esforçando-se em dissimular seu acento de pobre.

— Não sou o bastante bom para ela. Mas sei o que necessita. Alguém de sua classe... Alguém que não passou a metade da vida na rua. Acredito... Acredito que ela poderia haver me querido, mas não permiti que acontecesse. Quero... Quero o melhor para ela.

— esfregou os olhos e lançou uma gargalhada amarga. — Se tivesse nascido cavaleiro, seria eu quem estaria com ela, não esse maldito filho de puta do Wolverton. — Tragou saliva; lutava por dominar-se.

— Quero uma taça.

— Que deseja tomar?

— Algo. O que seja, mas rápido. — Aguardou que Worthy desaparecesse para afundar a cabeça nos cortinados e acariciar o veludo com a bochecha.

Capítulo Oito



Alex transpassou a soleira de uma minúscula sala em arco que fazia as vezes de entrada. Lily estava no centro de uma sala do mais extravagante, recarregada, barroca e alagada de dourados. Ele conhecia prostíbulos decorados com mais bom gosto.

A imobilidade de Lily era decepcionante.

Alex intuiu que estava a ponto de estourar. Tentou olhar só o rosto, mas não pôde evitar percorrer com a vista ao corpo envolto em encaixe negro. Alegrava-se de que não tinha se despido. Queria fazer ele. Ao pensar nisso seu coração pulsou com força e uma onda de calor alagou seu corpo; mas Alex desejava apaziguar aquela ansiedade.

Foi Lily quem rompeu o silêncio, com uma gargalhada nervosa.

— Os aposentos de Derek — disse logo, assinalando as paredes. cruzou os braços e sorriu com ironia.

— Encantadores, verdade?

Alex deu uma olhada ao veludo decadente, os mais caros espelhos e os quadros de cenas mitológicas.

— Encaixa com sua personalidade. — aproximou-se lentamente a ela.

— Quer ir a outro lugar?

— Não. — Lily retrocedeu uns passos.

— Lily...

— Não. Não, espere. Acima de tudo, eu gostaria de te explicar algo.

— dirigiu-se a uma mesa com incrustações de lápis azul. Agarrou uma parte de papel que estava em cima dela e o entregou. Voltou a afastar-se assim que ele o teve nas mãos. — É um pagamento de quinze mil libras. Temo que demorarei algum tempo para reunir, mas te juro que receberá o dinheiro em sua totalidade, incluindo interesses. O interesse que você estipule. Sempre que for razoável, naturalmente.

— Não quero interesses.

— Obrigado. Muito amável...

— Quero uma noite com você. — Espremeu o papel e o jogou ao chão.

— Desejei desde o primeiro dia em que te vi.

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça. — Isso não vai acontecer. Sinto muito.

Alex se aproximou.

— Não te farei mal.

Lily não se moveu, mas um estremecimento visível percorreu seu corpo.

— Não posso fazer isso com você — exclamou, levantando as mãos para proteger-se. — Nem com nenhum homem!

Alex se deteve, olhando-a com ternura. Por que repugnaria tanto a idéia de que se deitasse com ela?

Ocorria com todos os homens? Então uma idéia pasmosa passou por sua cabeça. Tinha sido um arrogante por não havê-lo pensado antes. Respirou fundo. — Você... — começou a dizer com dificuldade. — É que... Prefere às mulheres?

— O que? — Lily o olhou desconcertada, e imediatamente ficou vermelha como um tomate. — Meu deus! Não, não é isso.

Alex pensou que estava ficando louco.

— Então do que se trata? — perguntou muito tenso. Lily inclinou a cabeça.

— Confie em minha promessa — sussurrou. — Aceite o pagarei.

Ele a agarrou com força pelos braços.

— Me olhe — disse, mas ela permaneceu com a cabeça encurvada.

— Conta-me Lily.

Ela lançou uma seca e cortante gargalhada e sacudiu a cabeça.

— Tem-te feito mal a alguém? — perguntou Alex. — Trata-se disso?

— Você está me fazendo mal...

— Não penso te deixar partir. Explique-me do que se trata. — Deixou que seguisse retorcendo-se, até que se precaveu de que era inútil continuar e ficou imóvel, tremula. Ele seguia esperando, e agarrando os braços, com a cabeça inclinada sobre a sua. Então ouviu dizer, sem mostrar emoção:

— Sei o que pensam os homens quando me olham, o que eles esperam de mim. Supõem que estive com muitos homens. Mas só houve um. Faz muitos anos. Sentia curiosidade, estava sozinha... OH, tenho dúzias de desculpas. Foi o primeiro e o último. Odiei cada instante que compartilhei com ele. A experiência resultou penosa, tanto para ele como para mim. Tratava-se de um personagem muito famoso entre a alta sociedade, com reputação de ser um grande amante. Penso, por esse motivo, que a culpa não foi dele, a não ser minha. Sou incapaz de experimentar esses sentimentos. Sou a última mulher que um homem desejaria ter na cama. — Riu com amargura. — E bem, segue me desejando?

Alex deslizou as mãos até seu queixo e obrigou a levantar a cabeça. Seus olhos cinzas desprendiam compaixão e uma luminosidade profunda como uma noite de lua nova.

— Sim.

Lily notou que uma lágrima descia por sua bochecha. Retorceu-se, em um vão intento de separar-se dele.

— Não sinta pena de mim, pelo amor de Deus!

— Parece que sinto pena de você? — Alex a agarrou pelos quadris e a apertou com firmeza contra seu corpo. Parece isso? — Pressionou-a ainda mais contra seu rígido membro olhando-a nos olhos. — Por que odeia isto?

Ela sacudiu a cabeça ligeiramente, franzindo os lábios.

— A primeira vez sempre é doloroso — disse ele. — Não esperava isso?

— Naturalmente. — ruborizou-se, mortificada. — Seguiria odiando-o embora não o tivesse sido.

— Então julga e condenações aos homens te apoiando em uma única experiência. Uma noite.

— Ensinou-me tudo o que precisava saber — sentenciou ela, falando com certa dificuldade.

Alex rodeava sua cintura, obrigando-a a manter-se pega a ele. Falou então com tom de recriminação.

— O que aconteceria portanto se apoiasse minha opinião sobre as mulheres somente em minha experiência com você?

— Então não estaria tão ansioso por contrair matrimônio.

— Bem. — Baixou a cabeça e a beijou no pescoço. Ela retrocedeu. — Quinze mil libras é uma soma muito grande — murmurou. — Está segura de que não quer voltar a considerar a idéia de passar umas horas comigo?

— Zombas de mim — disse ela irada.

— Não. — Seu fôlego acariciou a bochecha de Lily como um beijo. Ela afastou o rosto.

— E te atreve a dizer que sou um teimoso. — Afundou os dedos entre seus cachos negros como o azeviche. — Deixaste que as lembranças machucassem com o passar dos anos, e isso converteu os fatos em algo pior do que na realidade foram...

— OH, siga, siga menosprezando meus sentimentos — exclamou Lily.

— Não sabe a história inteira, e antes morreria se contasse não tente me fazer...

— Está bem. — Alex afundou os lábios em seu cabelo. — Desejo-te — disse com voz rouca e decidida. — Não fale mais. Faremos, muito se encontrarmos uma cama como neste maldito lugar. — Abraçou-a com mais força. — Deixa que aconteça, só isso. Só deixa que aconteça.

Lily fechou os olhos e afundou a cabeça em seu peito.

Os braços que a rodeavam pareciam de aço. Sentia o calor de sua virilidade entre suas pernas. Mas ele, apesar de suas pressas, parecia estar esperando algo, enquanto deslizava as mãos por toda a extensão de suas costas..

— Lily — sussurrou, — não tenha medo. Desejo te agradar. Demonstrarei isso. Confia em mim. Deve confiar em mim.

Uma estranha passividade se apoderou dela, um esgotamento. Levava tanto tempo lutando, fazendo uso de todos seus ardis para manter-se a flutue em um mar enfurecido. Não tinha forças, tinham esgotado as idéias. Não tinha nada que perder. Finalmente tinha tropeçado com uma vontade superior à sua, e parecia não existir mais escolha que deixar-se levar. «Deixa que aconteça...» Virou à cabeça, indecisa, em direção à porta que estava a sua esquerda, a do quarto.

— Acredito... Que é por ali — disse com voz entrecortada. Alex a agarrou em seus braços sem nenhuma dificuldade, e assim atravessaram as dois quartos conjugados até chegar a um iluminado, com suntuosos espelhos de marco dourado e uma cama enorme com golfinhos e trompetistas esculpidos. Alex a depositou no chão e agarrou seu rosto entre as mãos, acariciando a comissura dos lábios com os dedos. Ela contemplava com olhos entreabertos seus traços duros e perfeitos de uma vez, reluzentes como o ouro sob o leve resplendor da luz. Ele inclinou a cabeça e roçou sua boca com os lábios.

Surpreendida com sua própria reação, Lily sentia a ponta da língua de Alex roçando os lábios e deixando um rastro de sedosa umidade. A calidez de sua boca era estranhamente prazerosa, e sentiu de repente que estava a ponto de perder o equilíbrio. Rodeou o pescoço de Alex com os braços para não cair e abriu os

lábios, o convidando sem querer. A introdução da língua de Alex foi lenta e gradual, como se não se atrevesse a violar a barreira dos dentes.

Confiar nele era uma loucura. Sabia que o cavalheirismo se acabaria de um momento a outro. Percebia sua tensão aumentando, o tremor de sua mão ao tirar uma das luvas. Sentia sua força, sua potência refreada que ameaçava estourando. Mas, apesar disso, despojou-a da outra luva com similar delicadeza.

Os dedos se deslizaram logo para o extremo do sutiã, brincando com o contorno do encaixe.

Lily ouvia o som profundo de sua respiração e se perguntava por que ele atuava com tanta lentidão. Possivelmente acabaria mudando de idéia e a deixaria partir... Pensando a enchia de esperanças e um momento uma singular angustia. Então Alex a agarrou pelos ombros, fez a girar e começou a desabotoar a fileira de botões pequenos nas costas do vestido, até que este ficou suspenso só pelas mangas transparentes. Finalmente, muito devagar, a seda e os encaixes se deslizaram até o chão. Alex afrouxou depois a fita das calças e os tirou, deixando-a quase nua, somente ao amparo da transparente regata branca e meias bordadas.

Alex percorreu o ombro de Lily com seus lábios e deslizou o braço com delicadeza para a parte anterior de seu corpo e roçou o seio com a mão. Lily acreditou que o chão se dissolvia sob seus pés. Logo ele deslizou o polegar até dar com o mamilo e o excitou até conseguir que se endurecesse. Para Lily ficou impossível reprimir um ofego, e o movimento que o acompanhou fez com que a mão dele pudesse situar-se ainda em melhor posição. Aquele prazer, entretanto, estava embaciado por uma onda de insegurança. Lily considerava que seus seios fossem muito pequenos... O mais provável era que Alex esperasse encontrar-se com outra coisa; todos seus vestidos estavam desenhados para que os peitos parecessem maiores.

Tinha uma torpe explicação na ponta da língua, mas antes que pudesse pronunciar palavra a mão de Alex abriu caminho por debaixo da regata para posar-se sobre seu seio nu. Os dedos se deslizaram pela suave curvatura até dar com a preciosa protuberância do mamilo.

— É tão bonita — murmurou Alex ao seu ouvido. — Uma mulher perfeita.

— Suspirou profundamente e a fez girar até ficar de rosto com ele; então afastou a blusa até que os seios de Lily apareceram. Seu membro rígido se apoiava sobre o lugar secreto situado entre as coxas de Lily, que se ruborizou intensamente. O leve gemido que ele exalou era a prova evidente de quanto estava saboreando aquela pressão tão íntima. Então pôs as mãos nas nádegas para que não se afastasse.

— Lily... Deus, Lily... — Beijou-a e penetrou profundamente em sua boca com a língua. Ela, rodeando seu pescoço com os braços, rendeu-se com a invasão.

Alex a soltou de repente, emitindo um grunhido. Começou a atirar as mangas de sua jaqueta, tentando despojar-se dela, mas o objeto parecia estar pego a ele. Começou a amaldiçoar e atirou ainda com mais força as mangas.

As mãos de Lily surpreenderam Alex ao descender as mangas, apartadas e deslizar a jaqueta para baixo até que caiu ao chão. Sem olhar nos olhos, Lily acariciou o colete de seda e se dispôs a desabotoá-lo lentamente. O objeto ardia devido ao calor que desprendia do corpo de Alex, que permanecia imóvel apesar que seu coração galopava furiosamente em seu peito. Uma vez que Lily soltava os botões, Alex se despojou do colete

e se afrouxou o nó da gravata.

Vendo despir-se Lily teve uma lembrança que provocou calafrios: a pele morena de Giuseppe coberta de pêlo escuro, a veloz avidez de suas mãos sobre seu corpo. sentou-se na beira da cama, decidida a afastar tais pensamentos e entregar-se às emoções que se apoderavam dela.

— Lily? — Alex tinha ajoelhado e tinha as mãos a ambos os lados dos quadris dela.

As desagradáveis lembranças de Lily se esfumçaram ao observar o cinza intenso do olhar de Alex. Só via ele, como um tigre ameaçador, seu cabelo e sua pele brilhando como o ouro.

Roçou o ombro timidamente; seus dedos, sem saber muito bem aonde dirigir-se, deslizaram-se em direção ao início de seu pêlo encaracolado e acobreado. Estavam tão perto que as panturrilha de Lily oprimiam a rígida musculatura do estômago dele.

Alex deslizou os dedos pela parte superior da coxa dela e com grande destreza desabotoou a liga e se dispôs a despojar a meia. Lily conteve a respiração.

Algo fez deter Alex. Seguia acariciando com o dedo indicador a carne em tensão da parte interna da coxa a que tantos anos de montar escarranchado tinham proporcionado uma firmeza pouco habitual nas mulheres.

Em vão tentava ela tampar-se atirando para baixo da camisa.

— Não — murmurou ele, apartando as mãos. Sua cabeça ia aproximando-se cada vez mais a seu colo. Ela se esticou assombrada ao sentir sua boca na parte interior de sua coxa. O roçar da bochecha e o íntimo calor do fôlego provocaram uma sacudida elétrica em seu corpo. Balbuciando negativas, tentou retirar a cabeça, mas ele a agarrou pelos joelhos com suas enormes mãos e as separou, obrigando-a a permanecer quieta.

Alex ficou com o olhar fixo na tentadora sombra situada sob a prega da regata. Lily seguia movendo-se para liberar-se, mas ele a sujeitou com força. Os sentidos de Alex ardiam diante da calidez misteriosa que tinha ante ele. O murmúrio de protesto de Lily o tirou daquele estado quase hipnótico.

— Tranquila — murmurou. — Tranquila.

Explorou com a boca enquanto apartava com as mãos a delicada beira da regata que interrompia seu avanço. Suspirou ao alcançar o bosque de cachos, tentado por um aroma doce e carnal que estava o deixando louco. Seguiu procurando até descobrir o rincão úmido e trêmulo. Foi abrindo-se passo lentamente com a língua, até dar com o ritmo que fez estremecer as coxas de Lily sob suas mãos.

Seguiu invadindo de forma implacável o lugar delicioso onde o calor se unia com a tensão e inundou a boca em seu interior, pressionando delicadamente, até notar que a resistência desaparecia. Lily acariciava os cabelos de Alex com mãos tremulas, e ele então apartou a cabeça.

Lily estava sufocada, seus olhos brilhavam e olhava aturdida. Permitiu que Alex a deitasse na cama baixasse a regata até a cintura e começasse a acariciar os seios. Logo ele se inclinou e com a língua acariciou o círculo onde a pele, branca como a neve, trocava de cor ao alcançar o mamilo. Tomou a tenra protuberância entre seus lábios e atirou dela até convertê-la em um botão de seda.

Lily deslizou as mãos ao redor de suas largas costas, fazendo uso de todas suas forças para atraí-lo para ela. Um instinto primário reclamava o peso dele sobre seu peito e entre as coxas. Alex abandonou os seios

para procurar a boca. Ela, ao jogar os quadris para cima, roçou o membro que cada vez parecia mais tenso sob as calças. E gemeu ao sentir aquele ligeiro contato e o beijo se tornou violento.

Alex se situou entre suas pernas murmurando:

— Carinho... Cala não te farei mal... Não... — Seus dedos, suaves e delicados, acariciavam sua úmida intimidade. Ela choramingava, tentando escapulir-se primeiro, e logo permanecendo imóvel diante de tanta delicadeza, deixando escapar largos suspiros de prazer. O propósito de Alex de ser paciente se desvaneceu.

O ligeiro corpo de Lily se abria sob seu peso, e ele sucumbiu à onda de avidez, ternura e luxúria. Desabotoou torpemente suas calças, e uma vez livre voltou a situar-se sobre ela e separou as coxas. Foi empurrando devagar até penetrá-la. Ela gritou, tratando inutilmente de evitar sua intrusão, mas era, muito tarde, Alex acabava de afundar-se no calor de seu corpo.

Agarrou sua cabeça entre as mãos e afundou os dedos em seu cabelo, beijando sua boca. Ela abriu os olhos de par em par e o olhou assombrada, quase chorando.

— Faço-te mal? — sussurrou Alex, secando com os polegares a umidade de seus olhos.

— Não — foi sua tremula resposta.

— Carinho, carinho... — Ele seguia entrando e saindo, fazendo com que seus movimentos fossem suaves e delicados. Um prazer imenso ia invadindo seu corpo.

Lily fechou os olhos e respirou fundo, sem deixar de acariciar as costas. Sentia o corpo musculoso de Alex fazendo a sua com um ritmo decidido que provocava dor e prazer nas vísceras.

Suspirou quando a sensação se tornou mais intensa e ele, como resposta, penetrou-a mais profundamente. Lily não pôde evitar um soluço frenético, e se agarrou com força ao corpo escorregadio de Alex.

Os olhos dele brilhavam de selvagem prazer. Inclinou a cabeça e apanhou um mamilo entre os dentes. Um espasmo se apoderou de Alex e Lily se estremeceu. Sujeitou-a com força, concentrado totalmente na tensão da parte interior de suas coxas e nos selvagens calafrios que percorriam seu corpo. Com umas poucas investidas mais alcançou o orgasmo, intenso e vertiginoso.

Lily seguiu estremeendo-se de agrado sob seu corpo, o abraçando pela cintura. Ele tinha o rosto enterrado no calor de seu pescoço, mas arqueou o corpo para liberá-la de seu peso. Ela protestou francamente, pois desejava seguir sentindo aquele calor opressivo sobre ela. Alex ficou de lado e a abraçou pela cintura. Lily decidiu descansar a cabeça em cima do pêlo encaracolado que cobria seu peito e alagar-se de seu aroma masculino. Houvesse sentido muito incômoda aproximada tão amorosamente se a ele tivesse ocorrido proferir algum comentário, irônico ou amável. Mas Alex permaneceu em silêncio, acariciando sua cabeça e brincando com seus cachos. Lily percebia uma estranha sensação de abandono em seu interior, estendida junto a ele, nua, coberta apenas pelo lençol e envolto em um aroma terroso que não era familiar. Assim que o suor se secou começou a sentir frio, salvo onde ele a acariciava. Estava adormecida, como se tivesse bebido vinho. Devia levantar-se e vestir-se...

Sem dar-se conta, dormindo, encontrou-se comentando algo a respeito das mantas. Ele atirou então da regata até tirar Lily, obediente a suas mímicas, deslizou-se sob a suavidade dos lençóis de linho. Alex estava completamente nu. Por um momento Lily surpreendeu a sensação de suas pernas junto às suas.

— Tranquila — sussurrou Alex, acariciando suas costas. Ela relaxou, incapaz de reprimir um tremulo bocejo.

Emergiu em um intenso sonho reparador sem ter a menor idéia de quantas horas tinham transcorrido. Alex dormia profundamente. Tinha um braço em torno dela e o outro dobrado sob sua cabeça. Muito lentamente foi analisando a singularidade de tudo aquilo: aquele corpo pressionando contra o seu, o fôlego junto ao pescoço, o tato sedoso de seu cabelo. Ruborizou-se pensando na intimidade que tinham compartilhado.

Sempre tinha sido uma pessoa de mundo e tinha ouvido as conversas das mulheres do demi nas que louvavam as habilidades de seus amantes. Mas ninguém jamais havia descrito um pouco parecido ao que Alex acabava de fazer essa noite. Perguntava-se sobre seu passado, sobre as mulheres que teria conhecido, sobre suas experiências... Seu rosto se escureceu.

Centímetro a centímetro foi afastando-se dele.

Sentia ferroadas nos lugares mais secretos de seu corpo, mas não eram dolorosas; lembranças das sensações, da invasão abrasadora. Nunca tinha sonhado que pudesse ser assim. Não tinha nada a ver com o experiente Giuseppe. Deixou a cama e ouviu Alex resmungar. Não respondeu, esperando que voltasse a ficar dormindo. Ele reanimou entre os lençóis e logo bocejou.

. — O que está fazendo? — perguntou, com voz sonolenta.

— Milord... Alex pensei que... Deveria ir.

— É de dia?

— Não, mas...

— Volta para a cama.

Sua arrogância até adormecido, falou divertida.

— Falas como um soberano dirigindo-se a um camponês —disse.

— Imagino que na Idade Média te teria encontrado muito a gosto.

— Já. — Não tinha vontades de falar.

Lily retornou muito devagar à cama e se deslizou sob a quente proteção do damasco e o linho. Deitou-se junto a ele, logo o roçando.

— Te aproxime mais — disse ele.

Um sorriso iluminou as comissuras dos lábios de Lily. Acariciou timidamente o pescoço, roçando o torso com as pontas dos seios. Ele não realizou movimento algum, mas o ritmo de sua respiração tinha mudado.

— Mais perto.

Estendeu-se sobre ele. Ao sentir vibrando intensamente contra seu estômago, como um ferro candente, abriu os olhos de par em par. À mão de Alex percorria seu corpo, deixando rastros de fogo. Acariciou a cara coberta pela barba enchente e os lábios.

— Por que foi? — murmurou ele, e beijou a palma da mão, o punho e o delicado cotovelo.

— Pensei que já tínhamos acabado.

— Equivoca-te.

— Acredito que posso me equivocar, às vezes.

Aquilo gostou. Percebeu o sorriso do Alex, a levantou como se fosse um brinquedo até situar os seios à altura de sua boca.

Quando Lily notou o redemoinho da língua em seu mamilo, o coração começou a pulsar descompasadamente. Ele mudou para o outro seio e logo deslizou a boca entre os dois. Ela seguiu estremecendo-se até que Alex a soltou, rindo.

— O que quer? — sussurrou ele. — O que?

Lily era incapaz de dizer, e sua boca desceu, disposta a unir-se à sua. Ele sorriu e foi baixando a mão até acariciar seus esbeltos quadris e a redondeza de suas nádegas. Mordiscava os lábios com ternura e a atormentava com beliscões. Ela foi unindo-se gradualmente ao jogo, com o ritmo de sua respiração ia crescendo. Procurou sua boca e ele a recompensou com uma profunda intrusão de sua língua. Lily empurrou os quadris para frente desejoso de sentir a dura pressão de seu corpo, agarrou-o pelos ombros e disse seu nome. Ele ficou de lado, sem deixar de sorrir, colocou uma mão sobre a coxa de Lily e a obrigou a situar em cima de seu quadril. Ela respondeu no ato, avidamente.

— Deseja-me? — murmurou ele.

— Sim. Sim.

— Então, faz. —Acariciava as costas, animando-a com um rouco Sussurro.

— Vamos.

Ela seguia com as mãos castamente posadas sobre seus ombros.

— Não posso.

Alex abriu a boca com a sua, movendo a língua até obter que sua excitação chegasse ao ponto culminante.

— Se me desejar, terá que fazê-lo você — disse Alex, e o pulso acelerou quando a mão de Lily abandonou seu ombro e ao sentir a carícia de seus dedos, cortou a respiração e seu corpo ficou rígido. A mão se afastou, como se acabasse de queimar-se, mas retornou imediatamente, dúbia, embora disposta a acariciar a tensa superfície. Alex, suspirando de prazer, moveu-se um pouco para facilitar a tarefa. Finalmente ele se deslizou em seu interior com tanta rapidez que ela não pôde evitar um suspiro. — É isto o que queria? — perguntou Alex, e começou a mover-se.

— Assim?

— ou H... Sim... — Lily gemeu e afundou o rosto no oco de seu pescoço. Ele atuava com muita cautela, tentando dominar sua urgência.

— Não tão rápido — murmurou Alex. — Temos horas... E horas...

— Vendo-a arquear-se, pedindo mais, rodou até ficar sobre ela, e a obrigou a permanecer quieta. — Te relaxe — disse, a beijando no pescoço.

— Não posso...

— Tenha paciência, e deixa de ter pressa. — Entrelaçou seus dedos com os dela e levantou os braços até situá-los por cima de sua cabeça e imobilizá-la debaixo dele. Ela ficou indefesa com suas investidas.

— Nisto estive pensando toda a noite — sussurrou Alex, mantendo o ritmo até provocar gemidos de

prazer. — Que me fizesse desejar isso... Que me suplicasse isso...

Ela apenas entendia o significado daquelas palavras meigamente sussurradas, mas um calafrio de medo açoitou seu corpo.

Tremula, suando, sentia o delicioso ataque de seus quadris. Não existia mais que a escuridão, o movimento e o ardor de seu corpo que levou a repetir seu nome entre ofegos.

— De acordo — soou a voz rouca de Alex. — Lembrará disto... Quererá mais... E voltarei a te fazer isso outra vez... Uma e outra vez...

Lily se estremeceu, e gritou ao sentir uma corrente de sensações devastando-a por completo. Suas exclamações se transformaram em um ronrono interminável e Alex a penetrou mais profundamente, até estourar, também ele, com um prazer selvagem.

Alex estava esgotado, faltava o ar, alagado de agrado até a medula. Abraçou-a, e ela ficou adormecida no ato, como uma criança, descansando a cabeça em seu ombro. Acariciava o pescoço e as costas, mas dava medo confiar em sentimento de felicidade que o impedia, embora não tinha outra opção.

Era um realista, incapaz de acreditar que não tinha nenhum sentido antes. Mas a repentina irrupção de Lily em sua vida parecia um dom da providência. Até aquele momento tinha permitido que a dor pela perda de Caroline escurecesse tudo. O não querer abandonar aquele sentimento tinha sido pura teima. Desejava permanecer em seu amargo isolamento e utilizar Penélope para proteger sua solidão. Só Lily, com suas mudanças de humor, seus enganos e seu encanto, tinha obtido que aquilo tocasse seu fim.

Lily falava em sonhos, apertando fracamente os dedos contra seu seio. Alex a fez calar murmurando palavras de consolo e beijando a fronte.

— O que vou fazer com você? — perguntou em voz baixa, desejando que o dia seguinte não chegasse nunca.

O primeiro indício da reação de Londres foi conhecido como «o escândalo», percebeu Lily na loja que Monique Lafleur tinha em Bond Street. Monique, desenhista de modas dedicada a importar de Paris os estilos mais atrevidos para adaptá-los inteligentemente aos gostos londrinos, era sempre a primeira em inteirar-se dos últimos mexericos. Algo em seu acento cantava em seus encantadores olhos azuis provocava as confidências das mulheres, das lavadeiras até as duquesas.

Tratava-se de uma atrativa de quarenta, de cabelo escuro, generoso e de bom coração, incapaz de guardar rancor a ninguém mais de dez minutos. Sua personalidade tão esquisitamente inquisitiva, sua conversa tão encantadora e pormenorizada, tinham-na levado a reunir a uma abundante e devota clientela. As mulheres confiavam seus segredos e esperavam que ela as vestisse adequadamente, sabedoras de que Monique era um desses estranhos espécimes que jamais competia com os indivíduos de seu próprio sexo. Nunca tinha se permitido sucumbir nem aos ardis nem ao ciúmes.

— E a mim o que me importa que uma mulher tenha um amante muito bonito ou que seja muito formosa? — comentou — uma vez a Lily.

— Tenho um marido encantador, uma profissão, muitos amigos e todas as fofocas que gostem! Minha vida é agradável e não tenho tempo de andar cobiçando o que têm as demais.

Lily entrou na loja com sua habitual maneira de andar, rápida e enérgica. Cara, uma das ajudantes de Monique, saiu para recebê-la. A garota, que ia carregada com sedas e musselinas, ficou olhando-a com estranheza.

— Senhorita Lawson! Espere, vou dizer a madame Lafleur que está aqui.

— Obrigado — disse Lily muito tranquila, e perguntando-se qual seria o motivo da excitação tão pouco habitual de Cara. Era impossível que já se inteiraram de sua aposta com Alex. Não tinha passado nem um dia, pelo amor de Deus!

Mas as dúvidas se desvaneceram assim que Monique apareceu entre as cortinas que separavam a parte dianteira da loja da oficina. Monique sabia.

— Lily, chérie! — exclamou a desenhista, abraçando-a com ardor.

— Assim que me inteirei do acontecido soube que viria por aqui o antes possível.

Agora terá que te fazer muitos vestidos novos, n'estce ps?

— Como te inteiraste tão logo? — perguntou Lily, aturdida.

— Lady Wilton acaba de partir. Contou-me tudo. Seu marido estava ontem à noite no Craven'S. Querida, me alegro tanto por você! Que manobra tão brilhante! Um golpe magnífico! Dizem que lorde Raiford está completamente acuado. E, além disso, agora os homens de Londres vão esforçar se por ser o seguinte. Irão atrás. Agora já se sabe que está disponível, poderá pôr o preço que desejar e qualquer deles pagará alegremente por converter-se em seu protetor. Jamais uma mulher pôde dar o luxo de selecionar desta maneira! OH, pensa nas jóias, as carruagens, as casas, nas riquezas que serão tuas! Se jogar bem suas cartas (sem te equivocar, chérie), pode te converter em uma das mulheres mais ricas de Londres! — Empurrou Lily até uma cadeira estofada e colocou um montão de esboços na saia, assim como um exemplar de La Belle Assemblée, uma publicação com os desenhos das últimas tendências da moda. — Maintenant, possivelmente te interesse dar uma olhada a isto enquanto conversamos. Quero que me conte até o último detalhe. Como pode observar, voltam às caudas. Resulta um pouco incômodo isso de ter que as arrastar pelo chão, mas são pitorescas. Cora! Cora, traz essas amostras e café para a senhorita Lawson.

— Não há muito que contar — disse Lily quase sem voz, afundando-se na cadeira e cravando a vista no esboço que tinha em frente.

Monique a contemplava com olhar inquisitivo, mas amistosa.

— Não seja modesta, querida. É uma grande vitória. Muitas a invejam. Que aceitasse o amparo do senhor Craven por um tempo era uma demonstração de sua sensibilidade... A final é o bastante rico para que alguém passar por cima sua vulgaridade, mas já era hora de que mudasse. E lorde Raiford é uma escolha excelente. Tão bem educado, tão bonito e influente, tão autêntico. Descende de uma antiga família de fazendeiros, não como esses cavalheiros que conseguem os títulos com tanta facilidade e que possuem fortunas de origem duvidosa. Chegaste a um acordo com ele, querida?

Se quiser, posso te recomendar a um advogado para que te represente... Ocupou-se do acerto entre Viola Miller e lorde Fontmere...

Lily, enquanto Monique seguia conversando e ensinando esboços repletos de pregas muita recarregadas,

refletia sobre os acontecimentos que tinham tido pela manhã. Vestiu-se enquanto Alex seguia dormindo, e logo desapareceu como uma trombadinha. Ele estava esgotado, seu bronzeado corpo estendido sobre os brancos lençóis. Desde que despertasse, Lily experimentava algo a meio caminho entre a inquietação e uma estranha euforia. Sem dúvida já estariam mexericando sobre ela em todos os salões e cafeterias de Londres.

Mas, por mais que resultasse, não sentia nenhum remorso. Era impossível pensar na noite anterior sem ironia. Jamais teria imaginado que Alex Raiford, com seus frios olhos azuis e sua reserva, pudesse ser um amante tão tenro e apaixonado.

Tudo parecia um sonho. Convenceu-se de que o compreendia, mas naquele momento todo o relacionado com o conde de Wolverton era confusão. Só sabia que devia o evitar até ter as idéias claras. Obrigado Á Deus, o mais provável era que Alex voltasse para campo, satisfeito de ter recebido sua recompensa pela perda de Penélope.

Agora ela devia ocupar-se das cinco mil libras.

Aquela noite no Craven's ia jogar forte. Em caso de não ganhar ali todo o dinheiro que necessitava, empenharia suas jóias e inclusive algum vestido. Conseguiria reunir o suficiente com isso.

— Conta-me alguma coisa dele? — Monique tentava atirar de sua boca. — E sem querer me colocar no que não me importa, chérie, o que há de compromisso entre o Wolverton e sua irmã? Segue tudo igual como antes?

Lily, ignorando suas perguntas, sorriu com ironia.

— Monique, já é suficiente. Vim te pedir um favor.

— O que queira — disse Monique.

— Esta noite há um baile de disfarces no Craven's. É muito importante que leve um traje muito especial. Sei que teria que haver pedido isso com antecipação, que tem muitas coisas pra fazer, mas possivelmente poderia fazer algo...

— Oui, oui, entendo — disse Monique com ênfase. — Trata-se de uma emergência... Sua primeira aparição em público depois do escândalo. Esta noite terá todos os olhares postos em você. Deve levar algo extraordinário.

— Terei que pagar a crédito — disse Lily algo violenta e evitando olhar nos olhos.

— Como queira. Com a fortuna de lorde Raiford a sua disposição poderá comprar a metade da cidade!

Lily se deu de ombros e sorriu sem convicção, reprimindo os desejos de decidir que não tinha a mínima intenção de converter-se na querida de lorde Raiford nem de ninguém. E que de bem pouco dinheiro dispunha.

— Quero levar o disfarce mais atrevido da festa. Se tiver que ser descarada, serei com estilo. — Não ficava outra escolha que enfeitar-se sem pinga de vergonha.

Além disso queria um vestido que distraísse a atenção, para que os homens que jogassem com ela essa noite não pudessem concentrar-se nas cartas.

— É uma garota inteligente. Bem, faremos um disfarce que assombrará à cidade inteira. — Monique a observava com expressão calculadora. — Possivelmente... Seria perfeito se... Ah, sim...

— O que?

Monique sorriu com satisfação.

— Chérie, vou te disfarçar de primeira tentadora.

— Dalila? Ou refere a Salomé?

— Non, MA petite... Refiro-me à primeira mulher, Eva!

— Eva?

— Bem sul, passarão décadas e ainda falarão disso!

— Bem — disse Lily, fracamente, acredito que não vai levar te muito tempo preparar esse disfarce.

Alex se dirigiu ao Swans' Court, uma propriedade situada em Bayswater Road que pertencia à família Raiford desde que a adquiriu de seu bisavô William. Tratava-se de uma mansão de estilo clássico, com asas simétricas, colunas gregas e amplos e frios salões com paredes de mármore e esculturas de escarola branca. Possuía além disso uma entrada enorme e uma garagem capaz de guardar até quinze carruagens. Apesar de que Alex raramente passava ali muito tempo, tinha servidão contratada com o fim de manter o lugar sempre a ponto para receber visitas.

A senhora Hodges, a anciã governanta, foi quem saiu a receber. Mostrou-se surpreendida ao vê-la. Tinha um rosto encantador rodeado de finos cachos de cabelo grisalhos. Acompanhou em seguida ao interior.

— Milord, não tínhamos notícia de que fosse a vir, se não teria preparado...

— Está bem — interrompeu Alex.

-Não pude avisar mas penso ficar toda a semana, ou inclusive mais.

— Sim, Milord. Informarei à cozinheira... Quer ter a despensa sortida? Quer tomar o café da manhã, Milord, ou digo que vá ao mercado?

— Não gosto de tomar o café da manhã — respondeu Alex com um sorriso.

— Vou dar uma volta pela casa, senhora Hodges.

— Sim, Milord.

Alex duvidava de que fosse ter fome nas próximas horas. Antes de abandonar os aposentos de Craven, uma criada havia trazido uma bandeja com ovos, diferentes tipos de pão, pudins, presunto, salsichas e fruta. Um homem, que se identificou como o mordomo de Craven, escovou e preparou a roupa e barbeou Alex com o maior esmero. Os criados encheram uma banheira com água quente e permaneceram ali oferecendo toalhas, sabão e colônia cara.

Nenhum deles respondeu a suas perguntas a respeito de onde tinha passado a noite Craven.

Alex tinha estado perguntando-se por que aquele homem, que tanto se preocupava com Lily, tinha-a empurrado aos braços de outro homem, e insistia inclusive em proporcionar seus próprios aposentos. Craven era um homem singular: ardiloso, cru, avaro e insondável.

Alex sentia uma curiosidade imensa por saber que relação existia entre ele e Lily.

Perambulava pela mansão com as mãos nos bolsos. Como não tinha anunciado sua chegada, grande parte do móveis estavam coberto com capas para protegê-lo do pó. As salas estavam pintadas em tons bolo frios e os chãos coberto com tapetes e magnificamente encerados, Todos os quartos, com encapados com motivos

florais e dosseis de chintz, tinham uma lareira e um amplo vestidor. O quarto de Alex era enorme, com o teto pintado de modo semelhasse a um céu azul com nuvens. A peça central da mansão era um elegante salão de baile decorado em ouro e branco com muito altos pilares de mármore, candelabros suntuosos e opulentos retratos de família.

Alex tinha estado vivendo ali uns meses em tempos de sua relação com Caroline. Tinha organizado bailes e soirées ao qual tinham participado tanto Caroline como sua família. Depois de sua morte tinha procurado evitar aquele lugar e fugir das lembranças que pareciam pulverizar-se pelas diferentes estadias como um perfume. Mas naquele momento as lembranças não ocasionavam dor, tão somente um leve sentimento de ternura.

Queria levar ali Lily. Era tão fácil imaginá-la presidindo um baile, movendo-se entre os convidados com seu deslumbrante sorriso e sua animada conversa, com sua beleza escura ressaltada por um vestido de seda branca. Pensar nela o estimulava, e embargava uma curiosidade imensa. Perguntava-se o que estaria passando por sua cabeça e de que humor estaria naquela manhã. Despertar e descobrir sua ausência tinha sido mais desagradável. Teria gostado de ver seu corpo nu à luz do dia e voltar para fazer amor. Queria escutar seu nome em seus lábios, sentir seus dedos no cabelo e...

— Milord? — A senhora Hodges andava te procurando. — Milord, alguém deseja lhe ver.

A notícia acelerou seu pulso. Pego à governanta, desceu pela escada central, com um corrimão de ferro forjado e patamares iluminados por amplas janelas, coroados com montantes em forma de leque. Cruzou a toda pressa a entrada principal até chegar ao saguão, decorado com delicados painéis pintados. Deteve-se em seco assim que viu o visitante.

— Demônios — murmurou. Não era Lily, a não ser seu primo Roscoe, lorde Lyon, a quem fazia meses que não via.

Ross, um jovem e atrativo golfo, era primo irmão de Alex por parte de mãe. Alto, loiro, transbordando de encanto e saúde, era o favorito de muitas aristocratas com maridos pouco complacentes. Tinha tido numerosas confusões, viajado pelo mundo inteiro e acumulado múltiplas experiências que tinham servido para converter-se em um autêntico cínico. Na família se dizia que Ross estava aborrecido da vida desde os cinco anos.

— Alguma vez me visita menos que queira algo —disse Alex, muito brusco. — Do que se trata?

Ross sorriu.

— Percebo falta de entusiasmo, primo. Esperava outra pessoa? — Ross se orgulhava de responder as perguntas com perguntas, um dos motivos pelos quais sua estadia no exército tinha sido tão curta.

— Como sabia que estava aqui? — perguntou Alex.

— Sentido comum. Podia estar em dois lugares...aqui ou entre certos braços amorosos e descansando contra uns seios pequenos mas encantadoramente provocadores. Decidi provar primeira sorte aqui.

— Parece que já te inteiraste de ontem à noite.

O sério rosto de Alex parecia não impressionar Ross.

— É que fica alguém em Londres que ainda não se inteirou? Permita-me te expressar minha mais

profunda admiração. Jamais suspeitei que pudesse ser capaz de algo assim.

— Obrigado. — Alex assinalou a porta. — E agora, vá.

— OH, não, ainda não. Vim falar com você, primo. Sei simpático. A final somente me vê uma ou duas vezes ao ano.

Alex acabou por sorrir. Ele e Ross vinham mantendo uma relação consistente em brigas amistosas desde que eram meninos.

— Maldito seja. Vêem, me acompanhe a dar uma volta pelo jardim.

Atravessaram a casa em direção ao salão, e uma vez ali abriram as venezianas que davam acesso ao exterior.

— Quando me contaram de meu severo primo com a rebelde Lily, não pode acreditar meus ouvidos. — comentou Ross, enquanto caminhavam pela suave grama verde. — Apostando pelos favores de uma mulher... Não, jamais nosso aborrecido e convencional conde de Wolverton. Devia tratar-se de outra pessoa. — Observava Alex sem perder detalhe.

— Mas tem um certo ar... Não tinha visto você desde a época de Caroline.

Alex se deu de ombros, incomodado. Atravessou o jardim, pequeno mas esquisitamente cuidado, repleto de atalhos flanqueados por leitos de morangos e canteiros de flores. Detiveram-se no centro do jardim, famoso por um enorme e antigo relógio de sol.

— Leva dois anos quase como um recluso —prosseguiu Ross.

— Fiz minhas aparições — disse Alex a contra gosto.

— Sim; mas sempre te via deprimido, e frio, mantendo inclusive as distâncias de seus amigos mais íntimos. Paraste de te perguntar por que o anúncio de seu compromisso com o Penélope foi recebido com tão pouco entusiasmo? A gente se dá conta de que essa pobre garota não te importava, e sentiam pena pelos dois.

— Agora ela já não deve dar pena — murmurou Alex. — A «pobre garota» está felizmente casada com o visconde Stamford. fugiram-se para Gretna Green.

Ross o olhou assombrado, e logo lançou um assobio.

— O bom Zachary. Fez ele sozinho? Não, alguém deve ter ajudado.

— Fez sozinho — disse Alex com ironia.

Ross permaneceu em silêncio, estava considerando as possibilidades. Voltou-se rindo para Alex.

-Não me diga que foi Lily. Essa deve ser a razão de seu comportamento de ontem à noite no Craven's: saldar a conta. Lex talionis

— Essa história não deve ser de domínio público —lhe advertiu Alex.

— Por Deus, se o tiver feito pelo orgulho da família! — exclamou Ross.

— Mas algo passou... Recuperaste as vontades de viver, verdade? Isso confirma minhas suspeitas de que os encantos de Lily Lawson ressuscitam até a um morto.

Alex se apoiou no relógio de pedra e flexionou ligeiramente a perna. A brisa o despenteou. Pensava em Lily entre seus braços. Voltava a invadir essa absurda sensação de felicidade e plenitude. Precaveu-se de que

um sorriso aparecia em seus lábios.

— É uma mulher extraordinária.

— admitiu.

— Ah! — Os olhos azuis de Ross cintilavam de interesse, um pouco não habitual nele. — Pretendo ser o próximo. Quando se levanta a vedação?

O sorriso de Alex se desvaneceu. Olhou a seu primo de forma ameaçadora.

— Não há leilão.

— OH, de verdade? Nos últimos dois anos não houve homem de mais de dezoito que não tenha desejado Lily, a rebelde; mas todos sabiam que estava na reserva de Derek Craven. É evidente que desde ontem à noite as coisas mudaram.

— É minha — disse Alex sem refletir.

Terá que pagar para mantê-la. E agora que se correu a voz em Londres do que aconteceu choverão ofertas de jóias e castelos. — Ross sorriu. — Acredito que minha oferta de uma quadra de cavalos árabes será suficiente, embora possivelmente tenha que me desprender também de uma ou dois diademas de diamantes. Alex, eu gostaria que falasse de mim. Parece-me bem que queira tê-la por um tempo. Mas eu penso ser seu próximo protetor. Não existe mulher como ela, bela e apaixonada. Qualquer que a tenha visto em uma caçada com essas legendárias calças vermelhas deve haver imaginado montada sobre ela...

— Ross — soltou Alex, apartando do relógio. — São cor rosa. E que me pendurem se permitir que você ou qualquer outro a festejem.

— Não poderá evitar que isso aconteça.

A expressão de Alex se tornou sombria e ameaçadora.

— Acredita que não?

— Meu Deus — exclamou Ross maravilhado, está zangado de verdade. Furioso, mas bem. Ardendo como um tártaro. Arrepiado, exasperado, ofendido como um...

— Vate ao inferno!

Ross sorriu, divertido.

— Jamais o tinha visto assim. O que é que está se passando, pelo nome de Deus?

— O que está passando — rugiu Alex — é que vou estrangular a qualquer um que se atreva a aproximar-se dela

— Então, disponha a lutar com a metade dos homens de Londres.

Alex não se precaveu até aquele momento da frieza zombadora do olhar de seu primo, de que tinha cansado no anzol.

— Maldito seja!

Ross lhe falou então com tom sério.

— Preocupa-me. Não me diga que está começando a sentir algo por ela. Lily não é uma mulher que um homem possa manter a seu lado por toda a vida. Poderia dizer-se ela que está domesticada? Não trate de converter um interlúdio em algo duradouro.

O rosto de Alex se tornou mais inexpressivo.

— Vá antes de que te mate.

— Lily é uma mulher amadurecida e experimentada. Fará-te perder a cabeça. Assinalo isso porque sei o que significou para você a perda de Caroline. Esteve no inferno. Não acredito que você gostasse de repetir a viagem. Não entende o que realmente é Lily Lawson.

— E você? — perguntou Alex em voz baixa.

— Entende alguém?

— Por que não pergunta a Derek Craven? — sugeriu Ross, o observando de perto para comprovar se o tinha deixado nervoso.

Alex o surpreendeu com um preguiçoso sorriso.

— Craven não tem nada a ver com tudo isto, Ross. A menos que partir agora. A única coisa que te interessa saber é que se te aproximar de Lily te cortarei a cabeça. Bem, sua visita está chegando a seu fim.

— encaminhou-se para a casa.

Ross o seguiu.

— Me explique tão somente — disse — quanto tempo pensa estar com ela.

Alex sorriu, sem diminuir o ritmo de suas pernadas.

— Busca outra mulher, Ross. Esperar Lily seria perder seu tempo.

Em St. James Street havia uma interminável penetra de carruagens. Tratava-se dos assistentes ao baile de máscara de Craven's. A lua cheia que iluminava a rua arrancava brilhos das lentejoulas dos disfarces e projetava estranhas sombras no pavimento.

A rua estava alagada pela música que surgia das janelas abertas do clube, desde animadas polonesas até elegantes valsas.

Qualquer baile podia transformar-se em uma ocasião ideal para os excessos; e se ao acontecimento somavam as máscaras tudo era mais excitante ainda, e inclusive adquiria perfis perigosos. A gente mascarada estava acostumado a fazer coisas que nem em sonhos faria na vida cotidiana, e além disso as características de Craven's favoreciam a desinibições; inumeráveis lugares escuros, pequenos quartos privados e uma mixórdia de prostitutas com mulheres da alta sociedade, caveiras, cavalheiros... Tudo podia acontecer.

Lily desceu de sua carruagem e caminhou com cuidado até chegar à entrada de Craven's. Sentir seus pés descalços sobre a calçada a fazia estremecer-se. Escondia seu disfarce (ou sua nudez) mediante uma capa negra que a cobria do pescoço até as panturrilhas.

Desde tão excitada que estava se sentia até tensa. A bebida que correria pelo clube, a farra e a pele que ela pensava mostrar favoreceriam seu intento de ganhar cinco mil libras. Depenaria aos assistentes como se faz com os pombos antes de pô-los no forno.

Lily, depois de abrir-se passo entre quão convidados esperavam a que os deixassem passar, saudou o mordomo com a cabeça. Deveria reconhecê-la, apesar da máscara de veludo verde e a larga peruca escura que chegava até os quadris, já que não fez nem o mínimo gesto de detê-la.

Derek aguardava sua chegada. Lily ouviu sua voz a suas costas tão logo pôs os pés na entrada principal.

— Vejo que está bem.

Ela se voltou rapidamente. Derek ia disfarçado de Baco, o deus da libertinagem. Levava toga branca e sandálias e na cabeça uma coroa feita com folhas e cachos de uva.

Observava-a com olhar inquisitivo. Lily notou com desgosto que debaixo da máscara se ruborizava.

— Naturalmente que estou bem —disse. — Por que não deveria estar?

— Sorriu com frieza. — Me perdoe, quero jogar. Tenho que ganhar cinco mil libras.

— Espera. — Pôs a mão no ombro e a contemplou com aquele olhar tão sedutora de velhos amigos.

— Me acompanhe a dar uma volta.

Ela lançou uma gargalhada de incredulidade.

— Pretende que recomeçemos nossa amizade, como se nada tivesse ocorrido?

— Por que não?

— Porque ontem à noite me joguei o corpo às cartas em um momento de absoluto desespero. E não só deixou que acontecesse, mas também além te aproveitou das circunstâncias para entreter aos membros do clube. Esse não é um comportamento de amigo, Derek.

Ele proferiu um grunhido zombador.

— Importa-me que queira te dar um queda com quem é. Eu me deito continuamente com mulheres... Entre você e eu não muda nada.

— Ontem à noite foi distinto — disse Lily sem perder a calma. — Pedi-te que me ajudasse. Queria que detivesse o assunto. Mas me abandonou, Derek.

Alguma escura emoção despertariam aquelas palavras em Derek. Havia um brilho de desconforto em seus olhos e um tremor traiçoeiro em suas bochechas.

— Importou-me —disse. — Mas o que aconteça em uma cama não tem nada que ver conosco.

— Algo que faça é para você como tal coisa, verdade?

— Tem razão — murmurou ele. — Assim tem que ser.

— OH, Derek — murmurou Lily, olhando como nunca o tinha cuidado. Estava começando a compreender coisas que a tinham tido perplexa durante dois anos. Derek sabia desde muito tempo de sua batalha se desesperada em busca de dinheiro, e apesar disso e embora tivesse podido fazê-lo facilmente, jamais tinha devotado sua ajuda. Durante todo aquele tempo tinha estado pensando que não era mais que miserável avareza. Mas não era avareza, era medo. Preferia uma falsa amizade à verdadeira. As enormes penúrias de sua juventude o tinham marcado o coração de um modo terrível.

— Que todos façamos o que nos venha em vontade, verdade?

— prosseguiu Lily. — Você vem suficientemente sentando e observaando, como se estivesse em um teatro de marionetes. Isso é muito mais seguro que comprometer-se, que assumir riscos e adquirir responsabilidades. Que pouco cavalheiresco por sua parte. Bem, não voltarei a te pedir ajuda. Já não a necessito. É estranho, mas desde ontem à noite me sinto como se tivesse perdido todos meus escrúpulos. — despojou-se da capa com elegância e observou, impaciente, a reação de Derek.

Tantos convidados entravam na entrada principal naquele momento calaram e a brocaram com seus

olhares.

A primeira vista, o disfarce de Lily dava a impressão de nudez. Monique tinha criado um vestido de gaze transparente cor carne que se ajustava ao corpo, e tinha acrescentado com arte grandes folhas de veludo verde, que somadas aos largos cachos de cabelo da peruca cobriam o bastante. Mas apesar disso era inevitável vislumbrar tentadores retalhos de pele através da gaze e a esbelta e sinuosa forma de seu corpo. O mais chamativo era a serpente grafite que se enrolava em seu corpo desde um dos tornozelos até o ombro. Uma artista amiga do Monique passou três horas desenhando-a.

Lily, sorrindo tentadora, elevou a reluzente maçã vermelha que levava na mão até a altura do nariz de Derek.

— Gosta de uma dentada? — perguntou com malícia.

Capítulo Nove



Uma vez superado o primeiro momento de surpresa, o rosto de Derek permaneceu inexpressivo. Mas a percepção de Lily parecia haver-se afiado de repente, e advertia que ele tivesse querido impedir que vestisse um disfarce tão descarado como aquele diante de tanta gente. Apesar de tudo não ia fazer nada para detê-la.

Derek, depois de lançar um eloquente olhar, partiu.

— Feliz caçada — disse por cima do ombro.

Lily murmurou a correta pronúncia ao ver largar-se cabisbaixo, como um amante traído. Ao vê-lo assim a fazia sentir-se culpada, responsável por haver causado algum dano, embora não sabia qual. Entregou a capa a um criado e entrou na sala de jogo central com um sorriso radiante. Tinham decorado a estadia de forma muito inteligente como um templo em ruínas, e Lily lançou uma gargalhada de satisfação.

Uns tecidos enormes simulavam o céu e madeiras pintadas, as pedras antigas. Havia colunas de gesso, esculturas e altares. Tinham tirado a mesa de jogo com o fim de fazer lugar para dançar. Os músicos, que interpretavam suaves melodias, estavam nos camarotes do andar superior. As garotas da casa, disfarçadas de bailarinas romanas com túnicas chapeadas e douradas, véus e imitações de instrumentos musicais, mesclavam-se com os convidados.

A entrada de Lily foi recebida com exclamações sufocadas.

Logo que podia dar um passo, já que uma multidão de homens disfarçados se congregou ao redor dela: bufões, reis, piratas, um esplêndido sortido de personagens. As mulheres observavam tão discretamente como descaradamente os homens. Lily, surpreendida, pestanejava diante da perseguição masculina.

— É ela!

— Me deixe passar, devo falar com ela...

— Lady Eva, trarei uma taça de vinho...

— Reservei lugar para você em um dos salões de cartas...

— A criatura mais encantadora...

Derek, para ouvir o alvoroço, foi em busca de Worthy.

O encarregado, pequeno e com óculos, disfarçado de Netuno, levava na mão um tridente.

— Worthy — murmurou Derek, te pegue à cigana e não tire a vista de cima nem um instante. Seria um milagre que esta noite não tentassem violá-la meia dúzia de vezes, os bastardos.

— Sim, senhor. — Worthy abriu passo entre a multidão fazendo uso do tridente.

O duro e verde olhar de Derek se deslizou pela multidão.

— Wolverton, filho de puta — disse para si, onde demônios te enfiaste?

Alex chegou à festa quase a meia-noite, quando o baile e a farra alcançavam seu ponto culminante. As damas, todas muito ligeiramente vestidas, foram de salão em salão aproveitando sua única oportunidade de

poder jogar em Craven's, lançando gritos como se deprimissem cada vez que perdiam ou cacarejando se ganhavam. Casada se sentiam protegidas por suas máscaras e disfarces e paqueravam com qualquer descarado enquanto distinguidos cavalheiros as assediavam. A atmosfera reinavam e fazia quase obrigatórios os manuseios, as conversa estendidas e as condutas imprudentes. O vinho corria como água e os concorrentes, ébrios e alegres, foram esquecendo-se da prudência.

Quando se advertiu a presença de Alex houve felicidades seguidos de brinde em sua honra. Ele os agradeceu sorrindo distraído. Seus olhos cinzas procuravam o de Lily, mas não estava ali. Deteve-se ao contemplar a singular mistura de dançarinas. Um grupo de mulheres, todas elas sorridentes, deslumbrantes e olhando de forma incitadora através de suas máscaras, aproximaram-se dele.

— Milord — ronronou uma delas. Pôde identificá-la pela voz como lady Jane Weybridge. A jovem e bela esposa do velho barão ia disfarçada de amazona. O sutiã cor carne apenas se conseguia reprimir seus opulentos peitorais. — Sei que é você, Wolverton... Essas costas tão largas o delatam, sem mencionar seu cabelo loiro.

Pegou outra mulher, rindo quase silenciosamente.

— por que me parecerá tão apropriado seu disfarce? — perguntou.

Alex levava um disfarce de Lúcifer: jaqueta, calções, colete expulsa e capa de cor vermelha brilhante. Uma máscara demoníaca coroada por um par de chifres cobria seu rosto.

— Deve levar anos ocultando seus impulsos diabólicos — murmurou lady Jane.

— Sempre tinha suspeitado da existência de algo mais detrás do que se via! Alex estava aturdido. Mal humorado, tratou de desfazer-se a cotoveladas daquela mulher. Estava acostumado a ser o branco de olhares sedutores e paqueras... Mas jamais se havia sentido acossado tão diretamente. Era assombroso que a causa de semelhante interesse fora a aposta com Lily. Um comportamento tão escandaloso deveria dar asco, não as excitar!

— Lady Weybridge — murmurou, agarrando a mão que se deslizou dentro de sua jaqueta e estava já rodeando a cintura. — Desculpe-me, estou procurando alguém...

Mas ela seguiu pega a ele, sorrindo e cheirando a conhaque.

— É você um homem bastante perigoso, verdade? — sussurrou ao ouvido, mordiscando o lóbulo de sua orelha.

Alex lançou uma gargalhada, e jogou rapidamente a cabeça para trás.

— Asseguro que sou bastante inofensivo. E agora, se me permitir...

— Contaram-me tudo o que fez ontem à noite — replicou ela, apertando seu corpo contra o de Alex. — Ninguém sabia que fora você uma besta tão escura, perversa e vingativa. — Aproximou seus lábios vermelhos, e sussurrou: Poderia agradar cem vezes mais que a senhorita Lawson. Venha comigo e o demonstrarei.

— Obrigado — disse Alex, tornando-se para trás para afastar-se de suas mãos possessivas, mas estou ocupado. Boa noite.

Deu meia volta, enfasiado, e quase se choca com uma mulher magra e tremula disfarçada de leiteira. Seus

olhos azuis, patéticos e atemorizados, observavam através de uma máscara cor rosa.

— Milord —murmurou, você não me conhece, mas... Eu... Acredito que estou apaixonada: por você.

Alex ficou petrificado. Quando se dispunha a responder, tornou-se em seus braços uma mulher disfarçada de Cleópatra, cuja rosto redondo e voz altiva indicavam que se tratava da condessa de Croydon.

— Aposte por mim! —exclamava. — Estou a sua mercê, milórd.. Arroje suas paixões aos caprichos do destino!

Alex, grunhindo, cruzou a sala açoitado por um corte de mulheres. Quando chegava à porta apareceu Derek Craven. Apesar de sua coroa, o deus do desenfreno parecia, mas bem taciturno. Os dois homens se olharam carrancudos, e logo Derek disse às perseguidoras de Alex:.

— Tranquilas, encantadas. Peço mil perdões, mas o príncipe das trevas e um servidor desejam falar. Parte, por favor.

Alex viu com incredulidade que as mulheres se afastavam.

— Obrigado — disse de todo coração e sacudiu a cabeça. — Depois de ontem à noite o que deveriam fazer é me denunciar.

— Em troca — assinalou Derek com ironia, acaba de converter-se na peça mais apreciada de Londres.

— Não foi minha intenção — murmurou Alex. — Mulheres. Só Deus sabe o que passa pela cabeça. — Importava um cominho o que as mulheres opinassem dele. Só desejava Lily. — Está Lily por aqui?

Derek observava com expressão sarcástica.

— Diria que sim, Milord. Está por aí, nua, rodeada de bastardos babão, tentando ganhar essas malditas cinco mil libras.

Alex ficou pálido.

— O que?

— Já me ouviu.

— E não tem feito nada para detê-la? —inquiriu Alex, furioso.

— Se o que quer é protegê-la — disse Derek entre dentes, terá que fazer-se encargo dela. Eu saio deste assunto de loucos...

— Em que sala está? — perguntou Alex. Tirou-se a mais cara e a jogou no chão.

— A segunda à esquerda. — Derek sorriu com amargura e cruzou os braços enquanto Alex se afastava.

— Sotaque dois-dizia Lily com serenidade, agarrando as cartas pertinentes de monton. Sua sorte tinha melhorado em relação a noite anterior. No transcurso da última hora tinha acumulado um pequeno ganho, que a partir daquele momento certamente começaria aumentar. Os cinco homens que a acompanhavam na mesa estavam jogando fatal, sem apartar seus olhares de Lily e com rostos que trasluciam seus pensamentos.

— Sotaque um — disse lorde Cobham.

Lily tomou um gole de seu conhaque e estudou o rosto do homem. Sorriu levemente ao ver, uma vez mais, seu olhar cravado nas folhas de veludo verde que cobriam seus seios. A sala estava abarrotada de homens e Lily era o centro de atenção. Não importava quem a olhassem. Estava por cima da vergonha e da modéstia... Só pensava no dinheiro. Se sua nudez a ajudava a conseguir o dinheiro que tinha pedido

Giuseppe, bem empregado estava. Faria algo por salvar Nicole, inclusive sacrificar seus últimos retalhos de orgulho. Mais adiante poderia permitir o luxo de ruborizar-se pela exibição de seu corpo. Mas agora...

— Sotaque um — disse soltando uma carta. Vacilou antes de agarrar outra; sentia uma estranha sensação de calor nas costas. Voltou a cabeça lentamente e viu Alex na porta. Não existia anjo bíblico de aspecto mais magnífico; seu cabelo e sua pele brilhavam em contraste com as roupagens que levava a riqueza do ouro velho contraposta ao vermelho sangue. Observava encolerizado o corpo de Lily.

— Senhorita Lawson — disse, posso falar um momento com você?

Lily se sentia incômoda pela expressão com que a olhava. Decidiu apelar a seus dotes de atriz e mostrar-se indiferente.

— Depois, possivelmente — murmurou, voltando sua atenção às cartas. — Joga você, Cobham.

Cobham estava imóvel, olhando Alex, como todos os presente.

Alex seguia com o olhar fixo em Lily.

— Agora — disse, utilizando um tom mais quente, embora sua voz soava tão afiada como se pudesse partir um copo em dois.

Lily o observou e todos seguiram o intercâmbio de olhares com grande interesse. O falar daquele modo diante de todos como se fosse de sua propriedade! Bem, Worthy estava na sala. E parte de seu trabalho consistia em agilizar o jogo e evitar qualquer classe de interrupções. Worthy não permitiria que Alex a incomodasse.

A final, ela era membro do clube, com todos seus direitos. Dirigiu a Alex um sorriso de recriminação.

— Estou jogando.

— Já está deixando — disse ele secamente e tomou o mando da situação em um abrir e fechar de olhos. Lily lançou um grito, ao ver desaparecer as cartas de sua mão e cair pulverizadas sobre a mesa.

Agarrou sua maçã e tentou golpear a cabeça com ela, mas ele a esquivou com facilidade. Encontrou-se de repente envolta na capa vermelha de Alex, que com incrível celeridade a levantou e a carregou à costas, enquanto ela lutava com todas suas forças, até perder a peruca.

— Terão que desculpar à senhorita Lawson — disse Alex aos homens sentados ao redor da mesa. — Decidiu retirar-se por esta noite. Au revoir. — Saiu da sala com Lily nas costas, diante dos olhares atônitos, e sem que ela deixasse de retorcer-se e gritar de indignação.

— Me desça, arrogante filho de puta! Existe uma lei que proíbe o sequestro! Farei com que o prenda, besta despótica! Worthy, faz algo! Onde demônio está? Derek, covarde detestável, me ajude! Malditos sejam!

Worthy seguia Alex com cautela, tentando o deter.

— Lorde Raiford... Lorde Raiford...

— Tem alguém uma pistola? — gritava Lily enquanto avançavam pelo vestíbulo.

O ancião lorde Cobham, que seguia sentado ante a mesa, encolheu-se de ombros.

— Possivelmente seja melhor assim — assinalou. — Acredito que agora jogarei melhor. Uma garota maravilhosa, mas pensa com os pés.

— Certo — disse o conde de Nottingham. Com seu grisalho cabelo e murmurou: Além disso, isso não é

bom absolutamente para meu libido.

Todos riram com o comentário, e se dispuseram a jogar uma nova ronda.

Uma aguda voz feminina, proferindo blasfêmias mais inconcebíveis, ia crescendo por cima das animadas melodias que soavam no salão de baile. Alguns músicos começaram a vacilar e outros olhavam confusos para as portas. Derek fez um gesto autoritário e todos seguiram tocando, sem deixar de olhar com o fim de inteirar do motivo de tanto revôo.

Derek se apoiou na estátua de Mercúrio. Os casais deixavam de dançar para transladar-se ao salão central e averiguar o motivo do alvoroço. Derek, a julgar pela voz de Lily, que ia apagando-se, supôs que Wolverton estaria arrastando a por algum corredor em direção à entrada principal. Era a primeira vez em sua vida que resgatavam Lily, embora ela não parecia dar-se conta disso. Derek, entre aliviado e incômodo, resmungava palavrões e respirava agitado.

Um galã do mais vistoso, disfarçado de Luis XIV, irrompeu no salão principal e anunciou, rindo a gargalhadas:

— Wolverton levou nas costas a nossa lady Eva... Como um autêntico selvagem!

Aquilo parecia uma casa de loucos. Boa parte dos ali congregados se precipitou ao exterior a ver o que acontecia, enquanto o resto se amontoava ao redor da mesa do Worthy lhe pedindo ao encarregado que apontasse as apostas. Worthy, com a eficácia que lhe caracterizava, começou a encher de ganchos de ferro um livro enorme.

— Dois contra um a que seguirá com ela ao menos durante seis meses; vinte contra um a que será um ano...

— Arrumado mil a que se casam — disse lorde Farmington, bêbado de entusiasmo. — O que diz a isto? Worthy considerou a pergunta.

— Cinquenta contra um, Milord.

A multidão, excitada, não cessava de crescer ao redor da mesa do Worthy.

Lily, agitando-se em vão sobre as costas de Alex, viu que muitos os seguiam.

— Isto é um sequestro, bêbados ignorantes! — gritava —. Se não o detiverem, eles declararão cúmplices de sequestro e... OH!

Gritou surpreendida ao receber uma forte palmada no traseiro.

— Cala — disse Alex. — Está montando uma cena.

— Que eu estou montando uma cena? Eu... Maldito seja! — depois da seguinte palmada permaneceu muda e estupefata.

A carruagem de Alex estava diante do clube. Um criado assombrado abriu a portinhola. Alex, sem nenhum olhar, obrigou Lily a introduzir-se no veículo e saltou ao interior atrás dela. Os mascarados contemplavam a cena da escadaria os despediram alegremente. Ouvidos acendeu ainda mais a cólera de Lily.

— Parece-me estupendo — gritou tirando a cabeça pela janela — que a gente aplauda quando vê maltratar a uma mulher! — O movimento brusco da carruagem ao arrancar fez com que Lily caísse de lado sobre o assento. Tentou liberar-se da capa em que se achava presa e acabou caindo ao chão. Alex a

contemplava do outro assento sem a menor intenção de ajudá-la.

— Aonde vamos? — perguntou Lily depois de batalhar com aquele tecido que não a deixava ver nada.

— A Swans 'Court, Bayswater. E deixa de gritar.

— Propriedade da família, verdade? Não se incomode em me levar ali, não penso pôr o pé nesse lugar...

— Tranquila.

— Importa-me nada o longe que esteja! Porei-me a andar tão logo...

— Se não parar — disse Alex com voz firme e ameaçador, vou te dar a surra de sua vida.

Lily deixou de retorcer-se e o olhou raivosa.

— Não me tinham pego nunca. Meu pai jamais se atreveu...

— Por isso precisava — replicou Alex secamente. — E deveriam levar um tiro por isso. Faz anos que te merece uma boa surra.

Lily não replicou ao ver seu olhar, e tratou de livrar-se daquela capa, mas se achava envolta como um bebê em suas fraldas. Raivosa, humilhada, um pouco assustada, tremia em silêncio. Depois da noite anterior tinha chegado a acreditar que já não havia nada nele que pudesse atemorizá-la.

Mas naquele momento Alex dava a impressão de que nada nem ninguém seria capaz de o impedir de fazer com ela o que tivesse vontade.

Alex acabava de destruir sua última oportunidade de ganhar o dinheiro para pagar Giuseppe. Mas Lily também culpava a si mesmo. Se não se colocou Alex nos assuntos! Desde não ter acessado às súplicas de Zachary solicitando sua ajuda, Alex seguiria no campo com o Penélope, ignorante de sua existência.

Recordou que o tinha tido na cama e o medo se apoderou dela. Alex jamais perdoaria essa humilhação. O faria pagar, seu único objetivo seria acabar com ela. Apesar de que não se atrevia a olhar pensava que aqueles inquietantes objetos vermelhos o conferiam um aspecto deslumbrante, formoso e aterrador de uma vez. Duvidava de que pudesse sentir-se pior apanhada pelo diabo em pessoa.

O veículo se deteve. Um dos criados abriu a portinhola. Alex sujeitou Lily e subiram a escada de Swans' Court atrás do criado, que bateu na porta.

— Senhora Hodges — chamava o homem. — Senhora Hodges...

abriu-se a porta e a governanta olhou surpreendida para Alex.

— tornou cedo, Milord. Eu... — Abriu muito os olhos ao ver a mulher que Alex trazia. — Céu santo... Lorde Raiford, está ferida?

— Ainda não — respondeu Alex sorrindo, e entrou arrastando Lily, que lutava.

— Não pode me obrigar a ficar aqui — exclamou, — Partirei!

— Não até que esclareçamos umas coisas.

Lily deu uma rápida olhada ao redor. A entrada larga acabava em uma escadaria com um complicado corrimão de ferro forjado. A casa era fria e luminosa, decorada com graça, mas com estilo eclético.

Resultava surpreendentemente moderna e possuía amplas janelas. Deu-se conta de que Alex estava olhando-a, como se quisesse avaliar sua reação.

— Se o que pretende é arruinar minha vida — disse ela, posso dizer que conseguiu muito mais do que

ambicionava.

— Te afastar do jogo? Te negar a oportunidade de te pavonear com seu corpo diante do haut tom?

— Pensa que eu gosto de fazer? — replicou Lily, indignada, mas cautelosa. — Acredita que tinha outra opção? Se não for por...

Horrorizada, calou-se. Tinha estado a ponto de engolir a língua. Ele a tinha exasperado tanto que quase tinha revelado seu segredo mais escuro.

— Se não fosse por que? — pergunto Alex. — Tem isso algo que ver com as cinco mil libras que mencionou Craven? Para que as necessita?

Lily o olhava aterrorizada; seu rosto empalideceu.

— Contou Derek das cinco mil libras?

— Não podia acreditar. OH Deus, não ficava no mundo ninguém em quem confiar!. — Eu... matarei, traidor...

— trata-se de uma dívida de jogo, verdade? O que aconteceu o dinheiro que herdou de sua tia? Dilapidaste toda sua fortuna nas mesas de jogo, não?

Conforme parece sua existência é agora da mais precária, sobrevive graças a seus lucros no jogo. É mais irresponsável... — Alex apertou os dentes.

Lily voltou o rosto e mordeu o lábio. Queria lhe explicar que não tinha sido nunca uma esbanjadora e que não se jogava o dinheiro a tolas e a loucas, que o tinha gasto em pagar as chantagens e a um investigador, no esforço de recuperar a sua filha. Poderia ter levado uma vida cômoda se não fosse pela perfídia de Giuseppe. Se fosse por ela jamais em sua vida voltaria a pôr o pé em uma casa de jogo. Mas não podia explicar a ele

Alex, contemplando seu rosto ternamente inclinada, morria de vontades de sacudi-la, de beijá-la e castigá-la ao mesmo tempo. Intuíu que Lily se encontrava em um grave conflito, estava metida em algum problema.

Elevou-a, levou-a a um grande quarto e fechou a porta a suas costas. Tirou-lhe a capa. Lily respirou aliviada e flexionou os braços.

Alex deixou a capa em cima de uma cadeira e, logo se aproximou de Lily, que de repente começou a lançar golpes com todas suas forças até dar um bofetão no rosto que o obrigou a girar a cabeça. Quando ela se dirigia à porta Alex a agarrou pelo vestido.

— Ainda não — murmurou ele.

Lily começou a retorcer-se violentamente para livrar-se e lançou um grito sufocado ao ver que o tecido estava se rompendo. Retrocedeu até a parede cobrindo-a parte dianteira do corpo com ambos os braços. Alex se aproximou, pôs as mãos na parede e se inclinou. Parecia triplicá-la em altura e observava o desenho da serpente sobre o corpo de Lily. Havia vários pontos nos que a pintura estava corrida, deixando rastros de cor negra, verde e azul sobre a brancura da pele..

— Não me toque — disse Lily tremendo. — Ou... Voltarei a te pegar.

— Não penso te tocar — replicou ele com sarcasmo. — Esperarei que te tenha lavado essa... — olhava com asco a serpente. —..coisa. Aí tem um vestidor e onde se banhar.

Ela seguia tremendo de ira e terror.

— Tenho algo que te confessar, Milord. Não penso me banhar nem me deitar com você. Sei tudo o que vai dizer me. A resposta é não.

— OH? — Alex arqueou as sobrancelhas. — O que vou dizer?

— Que me encontra atrativa e que me deseja e que portanto quer que seja sua amante até que se canse de mim. Então receberei um generoso presente de despedida e ficarei em liberdade com uma cauda de protetores me esperando, até que meus encantos se desvançam. — Ao acabar, Lily foi incapaz de seguir o olhando.

— Olhe, o que quero é que te tome um banho —disse ele sem perder a calma.

A gargalhada que soltou Lily tinha certo histerismo.

— Esqueça de mim —disse.

— Eu dava nada pelo seus projetos e você se vingou. Estamos em paz. Deixe-me... — Alex a interrompeu com um beijo. Quando levantou a cabeça ela tentou pegar de novo. Mas ele agarrou seu punho antes de que a mão alcançasse seu rosto.

Lutaram e os restos do disfarce caíram ao chão. Lily ficou completamente nua, excetuando os restos de pintura. Ruborizou-se intensamente e tentou tampar-se, mas não havia maneira de que soltasse o braço. O mantinha em alto sem que seu olhar deixasse nem um instante de deslizar-se por seu corpo. Quando Alex se aproximou mais, ela se encolheu contra a fria parede, hipnotizada pelo fogo de seus olhos. Sussurrou uma negativa, mas acariciou os ombros e deslizou as mãos para os seios até abrangê-los em sua totalidade. Lily se estremeceu, e seus mamilos se endureceram. Tinha ele as feições rígidas de paixão e entreabria os olhos contemplando o corpo que estava acariciando.

Lily fazia o possível por não sentir nada, por ignorar o prazer devastador que provocavam as mãos de Alex. Mas seus sentidos pediam a gritos um novo êxtase como o da noite anterior. Sem poder evitar começou a tremer de desejo recordando seu musculoso corpo sobre o seu. Envergonhada, ruborizou-se.

— O que me tem feito? — murmurou.

Ele deslizava as mãos sobre sua pele, convertendo a pintura em atalhos de cor. Muito devagar as pontas manchadas de seus dedos desenharam a redondeza de seu peito para esboçar, ato seguido, uma linha azul esverdeada que atravessava o ventre. Lily pôs as mãos no peito, pressionando levemente com a intenção de afastá-lo. Mas nada podia evitar que ele seguisse acariciando-a e desenhando sobre seu corpo como se fosse um artista em uma obra sensual. A mão de Alex se posou então sobre a cabeça da serpente situada no ombro, apagando-a até convertida em um risco verde brilhante ao longo de suas costas.

Ela quis voltar-se, em um último e desesperado tento de escapar, mas a pressão do corpo de Alex a impediu, e sua boca cálida e voraz se uniu à sua. As mãos de Alex descenderam então rapidamente para suas nádegas nuas, levantando-a. A força de seu desejo era irrefreável, e ela era incapaz de seguir dominando-se.

Lily, tremendo excitada sem poder remediar, levantou os braços para rodear suas costas. Sentir seu corpo nu esmagado contra a suavidade do linho e o veludo de, suas roupas era uma sensação surpreendente. Alex mordiscou seus ombros e ela apoiou a bochecha em seu dourado cabelo.

Alex jogou a cabeça para trás, com o olhar perdido e absorto. Ela sentia seus dedos acariciando-a entre as

coxas. Gemeu e ele voltou com suas mãos às nádegas e a levantou sem esforço. Lily gritou de ansiedade, agarrando pelos ombros.

Ele falou então com voz rouca, de violenta ternura.

— Não tenha medo... Me rodeie com as pernas...Assim está bem.

Ela sentiu uma dura pressão invadindo a e então sua carne se dilatou para acomodar-se à profunda investida. Suspirou e se pendurou nele, enlaçando a cintura com as pernas enquanto Alex a sustentava com seus poderosos braços.

Alex se movia em suas vísceras e afundava o rosto em seu pescoço. Ela gemia de prazer... E ele sentia a vibração em seus lábios. Seguiu irrompendo sem cessar em sua calidez.

O ligeiro corpo do Lily se arqueava e suas mãos começaram a arranhar a nuca de Alex, que a penetrou ainda mais profundamente e colocou uma mão para no triângulo formado entre suas coxas. Seus dedos exploraram com delicadeza entre os quentes cachos.

— Não me importa que demore —murmurou. — Não penso parar até que te goze comigo.

Ela lançou um gemido e apertou o corpo contra o seu, tremendo. Alex correu imediatamente, entre poderosos espasmos. Ficaram um apoiado contra o outro, respirando ao mesmo ritmo, relaxando seus músculos. Alex baixou Lily com cuidado, e a beijou sustentando-a pela nuca para que não perdesse o equilíbrio. Sua boca era cálida e doce e saboreava as últimas reservas de prazer.

Alex abotoou as calças enquanto Lily seguia pega à parede e cruzava os braços para ocultar parcialmente seu corpo. Mostrava a expressão aturdida de que acaba de sofrer uma terrível calamidade. Alex franziu a sobancelha.

— Lily... — Levantou a mão em direção a seu rosto, mas ela esquivou seus dedos manchados. Ele olhou com ironia sua mão. — Tira-se isto ao lavá-lo — perguntou muito sério, ou terei que pensar em que explicações darei?

Lily olhou para baixo, para o arco íris que cobria seu corpo.

— Não sei. — sentia-se confusa e seu coração seguia martelando, como se acabasse de tomar uma droga excitante. Cambaleava, a ponto de chorar. — Vou a casa —disse. — Se tiver uma camisa ou, uma capa...

— Não — disse ele, muito sereno.

— Vou para casa.

— Não assim. Não me refiro à pintura a não ser a seu rosto. Parece que estivesse a ponto de fazer algo drástico.

— Eu sempre faço coisas drásticas. Minha vida não foi um caminho de rosas, Milord, nem de menina. Sobrevivi sem sua mediação, e penso seguir fazendo.

Alex voltou a acariciá-la, fazendo caso omissos de seus protestos. Brincava com seu umbigo, arranhava brandamente seus quadris, deslizava as mãos como se Lily fosse uma preciosa escultura. A compostura de Lily, ou o que ficava dela, desapareceu ao sentir suas carícias. Apartava suas mãos, turvada para lhe ouvir falar com tanta serenidade.

— É o dinheiro seu único problema?

— Não quero dinheiro dele — disse Lily, e conteve a respiração quando os dedos de Alex roçaram o pêlo pintado de ouro de seu ventre.

— É suficiente cinco mil ou necessita mais?

— por que não me diz exatamente que obrigações implicaria isso?

— O olhou de esguelha e sacudiu a cabeça. — Ou se trata de um presente sem condições?

— Há condições.

Lily se pôs-se a rir sem alegria.

— Ao menos é honesto.

— Mais honesto que você.

— Eu não minto.

— Não, simplesmente ocultas à verdade.

Ela baixou a vista, envergonhada dos estragos causados por suas delicadas carícias.

— Parece-me que essa é a única coisa que te ocultei — murmurou, e Alex lançou uma gargalhada.

Rodeou com seu braço a frágil cintura de Lily para se separá-la da parede. Ela, lutando exclamou indignada:

— Não chegamos a nenhum acordo!

— Já sei que não. Prosseguiremos o bate-papo no banheiro.

— Se pensar que vou lhe permitir que olhe como me banho...

Ele se deteve e a beijou apaixonadamente. Lily se retorceu, surpreendida. Logo Alex, sorrindo, arrastou-a até o banho. Ali abriu as torneiras e a água, quente e fria, emanou como uma corrente.

Lily, com os braços cruzados, olhava maravilhada aquele ambiente decadente: uma lareira de mármore, brancos azulejos italianos com desenhos de vivas cores, que ela tinha visto em Florência, de mais de dois séculos de antiguidade, e uma banheira capaz de dar capacidade a duas pessoas.

Alex sorriu ironicamente ante sua atitude. Apartou os braços do peito.

— depois de desfilar por Craven's com pouco mais que uns recortes...

— Não era tão transparente como parecia, e a peruca tampava muito.

— Não o suficiente. — Meteu-a na banheira à força. Lily, com a dignidade de um gato ofendido, ficou ali sentada. Alex se dispôs a despojar-se de seu disfarce. — Isso se acabou — disse.

Lily se deu conta de que se referia a suas atividades em Craven's. Jamais tinha obedecido as ordens de ninguém, nem tão sequer de seus pais.

— Se me desse à vontade, desfilaria nua acima e abaixo por Fleet Street.

Lançou um olhar zombador, mas não replicou. Lily agarrou uma das pastilhas de sabão que havia em um recipiente de cristal. Percorreu braços e seios com o escorregadio sabão e se tornou água. A umidade e o calor da estadia a faziam sentir-se mais relaxada, e de repente exalou um profundo suspiro. Pela extremidade do olho viu que Alex se aproximava. Ao precaver-se de que ia nu, fez um movimento com a intenção de sair da banheira.

— Não —disse. — Não quero compartilhar meu banho com você. Já tive bastante manuseio por esta

noite.

— Sente-se. — Agarrou-a pelo ombro com sua mão obrigando-a a permanecer na banheira. — Bem que você gostou de meus manuseios faz tão somente dez minutos.

Ao notar que entrava na água e se situava atrás dela, ficou rígida. Ele se sentou rodeando-a com suas largas pernas, suspirou e arrancou o sabão da mão. Lily permaneceu em silêncio. Alex roçava um de seus peitos com o joelho enquanto suas mãos ensaboadas vagavam por seu corpo tirando a pintura, que se convertia em espuma cinzenta.

Finalmente sua pele ficou branca e reluzente.

Alex a pressionou com força entre suas coxas, obrigando-a a tornar-se para trás e apoiar-se no arbusto encharcado de seu peito, e deslizou suas mãos por todo seu corpo, deixando um rastro escorregadio.

No silêncio do quarto de banho não se ouvia mais que o suave som da água e de suas respirações. A tensão que Lily sentia nas costas inconstante. Entreabriu os olhos, e enquanto as mãos de Alex a percorriam brandamente, recostou a cabeça em seu ombro. Ele posou os lábios na úmida curva de seu pescoço e no frágil ângulo de sua boca. Lily apertou ainda mais contra ele e inalou profundamente o ar úmido. Transladou a mão para a coxa de Alex de forma espontânea, pressionando com força o duro músculo. O pêlo molhado era suave e aveludado.

Alex ficou imóvel ao sentir a carícia de sua mão. Lily mantinha os olhos fechados, à espera que ele a soltasse e dissesse que aquele interlúdio tinha terminado. Entretanto ele voltou a ensaboá-las e Lily sentiu então a vacilante carícia dos dedos sobre seus seios, rodeando-os como mariposas dançarinas, recreando-se sobre os duros mamilos. Aquela carícia a fez apertar-se ainda mais contra ele e exalar um suspiro de prazer.

Quando Alex voltava a ensaboá-las, era como se estivesse celebrando outro ritual. Suas mãos lubrificadas se moveram logo sobre seu ventre formando círculos e o dedo indicador penetrou curioso na cavidade de seu umbigo. Lily começou então a respirar de forma entrecortada, como se estivesse flutuando em uma piscina de fogo. Seu corpo se esticava de desejo. Alex, com as suas, obrigava-a a separar as pernas, implacável. Deslizou a mão para baixo dando tapinhas ao longo da linha do abdômen até que encontrou o refúgio de cachos ensopados. Lily deu um salto e tentou se apartar.

— Acredito que deveria parar — disse, respirando agitada, e umedeceu os lábios. — Acredito...

— Por que não tenta não pensar? — Sussurrou ele ao ouvido, deslizando o dedo do meio em seu interior. A doçura de sua carícia se disseminou por todo seu corpo, provocando uma urgência dolorosa. Alex penetrou mais e o corpo de Lily se esticou. Ele não cessava de dizer que se esquecesse de tudo, que se concentrasse só naquilo, sem deixar de prodigalizar deliciosas carícias, e a conduziu pacientemente até a cúpula de um prazer infinito, delicioso. O corpo brilhante de Lily se arqueava entre os braços de Alex, e um grito amortecido ressonou no quarto de banho. Quando as sensações de Lily começaram a amortecer-se, Alex a colocou em cima dele e seus lábios se uniram em um beijo embriagador.

— É uma mulher preciosa, Wilhemina Lawson — disse ele com voz rouca, sustentando a cabeça entre as mãos molhadas. Tinha seu olhar cinza cravado em seus olhos escuros e assombrados. — E vais passar a noite comigo.

Lily, se tivesse roupa, armas ou uma faísca de energia, teria tido um modo de desaparecer. Em troca deixou que a secasse com uma grossa toalha quente e que a levasse a um quarto cujo teto parecia um céu com nuvens.

Alex apagou a luz e a meteu na cama junto a ele. Ambos sabiam que lhe daria as cinco mil libras e que no dia seguinte discutiriam os termos do acordo. Um acordo silencioso parecia algo sórdido para Lily, mas a utilização de seu corpo em troca de dinheiro não era outra coisa. Mas também se sentia mais tranquila. Pagaria Giuseppe e voltaria a contratar um investigador para encontrar sua filha. Possivelmente o pesadelo dos dois últimos anos fosse acabar logo.

Alex a apertou contra ele, e Lily não demorou muito em sentir que ele se deslizava no sonho. Mas ela, esgotada como estava, custou muito a dormir. Estava preocupada com o fato de que, apesar de todos seus esforços por evitá-lo, sua vida acabava de iniciar um caminho que ela tinha querido evitar, e possivelmente sem retorno.

O homem que dormia a seu lado a surpreendia enormemente. Tinha-o acusado de brutalidade, mas apesar das muitas oportunidades que tinha tido de te fazer mal a tinha tratado com amabilidade. De fato, acabava de dedicar a lhe proporcionar agrado. Tinha acreditado que era um homem sem coração, mas na realidade seus sentimentos pareciam singularmente profundos. Outros podiam pensar que era um homem frio e distante, mas a tinha provocado reações veementes. No fundo de seu coração tinha que admitir que se alegrava por isso. pôs-se como uma fera quando a viu no Craven's diante de tantos homens disfarçada da Eva. Sorriu ao pensar nisso. Mas o sorriso se esfumou quando recordou que não gostava dos homens possessivos. Então tentou partir, mas ele a abraçou com força, grunhindo em sonhos. Então Lily fechou os olhos e se relaxou.

Alex despertou ao notar as pernas de Lily agitando-se com nervosismo. Sentou-se resmungando. E esfregou os olhos.

— O que acontece? — murmurou bocejando.. Inclinou a cabeça ao escutar um débil pranto a seu lado; parecia a de uma criança.

— Lily? Maldita seja... — inclinou-se; ela se retorcia, tinha os punhos fechados e lutava. Murmurava incoerências e ofegava agitada.

— Lily. — Retirou com ternura o cabelo da frente. — Shhh. Está sonhando.. Não é mais que um pesadelo.

— Não....

— Desperta, coração. Teria seguido falando, mas ouviu o nome que ela tinha sussurrado em Raiford Park em estado de sonambulismo. Tinha acreditado que era Nick, mas agora advertiu que estava repetindo. Um nome de mulher.

— Nico.le... — chorava sem lágrimas, estendia as mãos procurando. algo, tocando com nervosismo seu seio.. Tremia de medo, ou possivelmente de pena.

Alex a contemplava com uma mistura de compaixão e curiosidade. Nicole. Jamais tinha ouvido aquele nome em boca de nenhum membro da família Lawson. Devia pertencer ao passado misterioso de Lily.

Acariciou o cabelo e a beijou na fronte.

— Lily, desperta. Tranquila. Está bem.

Ela suspirava. Alex se aproximou mais e a abraçou. De repente, Lily estourou em pranto, com soluços que expressavam uma dor muito profunda.

— Lily. — Tentou consolá-la acariciando seu corpo tremulo.. Seu pranto. Era arrepiante.

Alex nunca tinha ouvido um som capaz de romper o coração como aquele. Tivesse feito algo, o que fora, aquilo. — Lily — repetiu desesperada.

— Pelo amor de Deus, não chore assim.

Passou muito momento antes de que conseguisse tranquilizar-se, afundando seu rosto úmido em seu peito. Alex queria falar com ela, mas Lily suspirou esgotada e seguiu dormindo, como se as lágrimas tivessem acabado com todas suas forças. Ele olhou o corpo que tinha entre seus braços.

— Quem é Nicole? — sussurrou, apesar de saber que não conhecia. — O que te tem feito?

A cabeça de Lily descansava na dobra de seu braço.. Sentiu que sua tensão diminuía enquanto acariciava o escuro cabelo... Mas logo. Alex se sentiu turbado.. Assombrava sentir-se tão protetor. Desejava cuidar dela, cuidar dessa mulher tão enérgica que tinha deixado claro que não queria nem necessitava da ajuda de ninguém. Sabia que não podia confiar nela, mas de algum modo tinha-lhe entregue seu coração.

Sua vida tinha dado um giro de noventa graus.

Amava-a. Essa era a verdade, assombrosa, mas inegável. Beijou seu cabelo com adoração; a alegria que sentia era incontestável. Desejava atada a ele com palavras e promessas, contudo aquilo que servisse para mantê-la a seu lado... Com o passar do tempo, também ela chegaria a se importar... Valia à pena correr o risco.. Averiguar mais sobre ela seria uma atitude prudente, saber mais de seu passado até que este deixasse de ser um enigma. Entretanto era incapaz de atuar sensatamente, estava apaixonado e a queria tal como era. Tinha sido. cuidadoso e responsável por toda sua vida. E pela primeira vez ia deixar de lado a cautela e seguir as inclinações de seu coração.

Lily se estremeceu de gosto.. Ao abrir os olhos vislumbrou um delicado teto azul e branco iluminado pela luz do dia. Voltou à cabeça lentamente e viu os olhos transparentes de Alex.

Estavam enredados de tal maneira nos lençóis que para Lily era impossível cobrir os seios. Alex deu bom dia sorrindo e perguntou como tinha dormido.

— Bastante bem — respondeu Lily com ironia. Tinha passado a noite imersa em estranhos pesadelos perguntava se não teria deixado dormir e por que não havia perguntas nem olhares suspeitos.

— Temia que desaparecesse antes que despertasse — disse Alex.

Ela apartou o olhar; sentia-se culpada ao recordar que no dia anterior se esfumara como um vulgar trombadinha.

— Não tinha o que me pôr — resmungou.

— Naturalmente. — Deslizou o lençol para os pés. — Te ter nua tem suas vantagens.

Lily, que não tinha notado que ele estava de bom humor, atirou do lençol.

— Agradeceria que enviasse a alguém a minha casa em busca de um vestido e umas coisas mais... Annie,

minha criada, saberá o que necessito...

— Sua presença de ânimo desapareceu quando ele retirou por completo os lençóis e a obrigou a separar as coxas. — Alex — protestou fracamente.

As mãos de Alex jogavam alegremente por todo seu corpo.

— Eu gosto de te ouvir me chamar por meu nome.

— Não pretenderá... — disse ela sem fôlego. — Outra vez não.

— Por que não?

— Não deve ser bom para a saúde...

— Muito mau — respondeu ele, cobrindo seus seios com as mãos.

— Danifica o cérebro.

— De verdade? — Mas imediatamente se precaveu de que ele estava brincando. — Alex!

A boca sorridente dele desceu para seus seios.

Lily sentia a rigidez de sua virilidade contra a coxa. Não protestou quando separou os braços e as pernas e ficou em cima dela. Beijou-a nos lábios e a penetrou facilmente, movendo-se com luxuriosa agilidade.

Ela, ao princípio fraca, pôs as mãos nas costas e levantou as pernas. Ele alcançou rapidamente o orgasmo. Mais tarde se relaxou suspirando.

Lily foi primeira em interromper o silêncio que seguiu. Incorporou-se até sentar-se, agarrou uma ponta do lençol e se cobriu até o pescoço.

— Temos coisas de que falar — disse, esforçando-se para que sua voz soasse enérgica. Tossiu para limpar a garganta. — Eu gostaria de ser franco.

— Para variar alguma vez? — murmurou ele, sorrindo zombador e com o olhar brilhante. Não recordava nenhuma só conversa em que tivesse sido franco com ele.

— Refiro a dinheiro e obrigações.

— OH, sim. — sentou-se frente a ela, que tentou tampar o ventre com o lençol. — Meu dinheiro, suas obrigações.

Ela fez um incômodo gesto de assentimento com a cabeça. O comportamento de Alex era estranho; sua alegria era curiosa e o sorriso de seus lábios a fazia vacilar.

— Ontem à noite mencionou as cinco mil libras — disse.

— Tem razão.

Lily mordeu o lábio, sentia-se frustrada.

— Pretende me dar ainda?

— Que faria.

— Em troca do que?

De repente Alex não sabia como dizer o que queria. Teria sido mais fácil em uma situação mais romântica. Mas a olhava impaciente, apertava os lábios de tenso que estava. Era evidente que a paixão e a adoração que corria por suas veias não eram um sentimento recíproco. Decidiu responder no mesmo tom, como se estivessem falando de negócios.

— Para começar, quero que compartilhe minha cama.

— Esperava — disse Lily secamente. — Considero-me afortunada de valer tal quantidade de dinheiro.

Essa resposta pareceu encantar Alex.

— Valerá ainda mais assim que domine alguns princípios básicos.

Lily apartou a vista, mas não com a suficiente rapidez para evitar que Alex visse o brilho de surpresa e consternação de seus olhos. A ela nem tinha passado pela cabeça que pudesse existir algo mais além do que já tinham feito. Alex sorriu e acariciou a sedosa nudez de seu ombro.

— Não te levará muito tempo.

— Eu gostaria de me instalar em uma casa — disse Lily, sobressaltada.

— Deveria ser o bastante para poder celebrar festas e situada em uma boa zona...

— Você gostaria desta?

Te oferecendo a possibilidade de utilizar uma propriedade da família estava zombando dela, naturalmente, como se colocar ali a uma querida fora do mais respeitável. Lily o olhou de esguelha.

— Bem, e por que não Raiford Park? — soltou. — Se preferir...

lançou um olhar suplicante e irado.

— É que não — entende o difícil que tudo isto me resulta? Você deve estar se divertindo, mas eu tenho vontades de acabar de uma vez! Falemos a sério.

— Falo a sério. — Apertou-a contra seu peito e a beijou; sua boca era cálida e saborosa. Respondeu sem poder evitá-lo, separando os lábios com aquela delicada intrusão. Logo, sem deixar de abraçá-la, Alex disse

— Farei um depósito no banco em seu nome... Não acredito que a quantidade te pareça mal. Porei uma carruagem do estilo que seja de seu agrado a sua disposição. Abrirei contas em todas as lojas que deseje. E apesar de que não deveria fazê-lo, já que você gosta tanto permitirei que jogue no Craven'S. Mas não deixarei que ponha vestidos que não considere adequados, e se te ocorre emprestar atenção a alguém que não seja eu, penso retorcer seu encantador pescoço. Deitará toda noite comigo e me acompanhará sempre que for ao campo. E quanto for caçar disparar e todas essas atividades com as quais parece desfrutar tanto... Permitirei que siga te dedicando a elas sempre que eu esteja presente. Acabou-se montar sozinha. Não tolerarei nenhum comportamento que considere temerário. — Lily estava rígida. Suas condições eram difíceis de digerir para uma mulher que nunca tinha tolerado restrições de sua liberdade. Mas não pôs objeções.

— Não quero exclusividade — prosseguiu Alex.

— Quando o fizer me fará saber isso.

— Deveria saber uma coisa — disse ela quase engasgando. Eu... Tomarei medidas para não ficar grávida. Não quero filhos.

— De acordo.

— Não me diga isso se no fundo pensa ao contrário.

— Se quisesse haveria dito «de acordo» — resmungou ele, que se dava conta da importância daquele diálogo. Com tempo e paciência acabaria descobrindo a origem de seus medos. E em caso de que seus

sentimentos não chegassem a mudar nunca, aceitaria. Henry continuaria com a tradição familiar se ele não tivesse um herdeiro.

— E quando te cansar de mim — prosseguiu Lily com voz firme, humilhada, permitirá que fique com tudo o que me tenha dado.

— Por isso tinha ouvido dizer, esses eram os termos normais dos acordos entre as queridas e seus protetores. De fato, se chegava a meter-se naquilo, estava na obrigação de velar por seus interesses. O repentino silêncio de Alex a deixou perplexa.

— Há algo que ainda não te expliquei — disse ele finalmente.

Lily teve um calafrio de apreensão.

— Não imagino o que possa ser. Está relacionado com o dinheiro? A casa? Se tratar de minha amizade com o Derek, não tem por que preocupar-se; já sabe...

— Lily, cala me escute. — Alex respirou profundamente. — O que quero te dizer é que não quero que seja minha amante.

— Não quer... — Olhava sem compreender, e começou a ferver de furor. Teria estado zombando dela todo o tempo? Trataria de um plano malvado para humilhá-la?

— Então de que demônios estivemos falando?

Alex começou a pregar e alisar uma esquina do lençol como se fosse uma tarefa de singular importância. Levantou logo a cabeça e a olhou fixamente.

— Quero que seja minha esposa.

Capítulo Dez



— Sua esposa — murmurou Lily, humilhada. Tudo tinha sido uma brincadeira... Um jogo deliberado e cruel que tramou no transcurso da longa noite que a teve em sua cama. Talvez, apesar de tudo, ainda queria ser seu amante... Ele controlaria a situação, jogaria com ela e a atormentaria. Perguntava se a desprezaria tanto como ela se desprezava. Estava tão doída que quase não podia zangar-se.

— Você, com seu perverso e desagradável senso de humor, adoce-me...

Ele a fez calar pondo a mão sobre a boca.

— Não, não, maldita seja... Não é uma brincadeira! Quero me casar com você.

Lily mordeu a mão, que Alex apartou vivamente.

— Não tem nenhum motivo para me propor isso Já fizemos acordo em que serei sua querida.

Alex contemplava incrédulo os sinais dos dentes na mão.

— Respeito-te muito para isso!

— Não quero seu respeito. A única coisa que quero são cinco mil libras.

— Qualquer mulher se sentiria adulada com minha proposta. Agradecida inclusive. Estou te oferecendo algo melhor que uma relação escandalosa.

— Suponho que assim deve ser desde seu pretensioso ponto de vista! Mas não me sinto adulada, nem muito menos agradecida. Ou sou sua amante ou nada.

— Será minha esposa — respondeu ele inflexível.

— O que quer é que seja sua propriedade! — acusou Lily, tentando afastar-se dele.

-Sim. — Alex a atirou sobre a cama e se estendeu em cima dela.

— Sim. Quero que olhe a gente e que saibam que é minha. Quero que leve meu nome e possua meu dinheiro. Quero estar dentro de você... Formar parte de seus pensamentos, de seu corpo... Quero que confie em mim. Quero te dar essa maldita coisa impossível, misteriosa, que necessita para ser feliz. Assusta-te? Bem, também me assusta. Pensa que de poder me evitá-lo sentiria assim? Não é que seja a mulher mais fácil do mundo com quem... — interrompeu-se.

— Não sabe nada de mim — disse ela. — Deus, acredito que te danificou o cérebro de verdade!

— Não penso pagar os enganos de Harry Hindon nem desse outro, quem quer que seja esse bastardo. Eu não te traí, Lily. Uma vez te perguntei por que odiava aos homens. É livre de desprezá-los a todos, exceto a mim.

— Acredita que o motivo de me negar são meus desenganos amorosos? — Olhava como se fosse a pessoa mais louca com a qual se tropeçou. — Poderia viver um tempo, possivelmente muitos anos, sob suas malditas condições, caprichos e normas... Mas acredito capaz de me atar dessa maneira pelo resto de meus dias? E em troca do que? Do privilégio de te emprestar meus serviços cada noite? Reconheço que me dá

prazer, mas não vale à pena sacrificar por tudo o que valorizo.

— Prazer — repetiu ele sorrindo.

Olhava desafiante.

— Pesos muito — disse-lhe.

— Não me deixa respirar.

— E agora explique quanto você é feliz, Lily. Desfruta de sua liberdade te vendo obrigada a passar as noites jogando? Não me diga que não há noites em que se sente sozinha, nas que necessitaria de companhia e consolo...

— Tenho tudo o que necessito. — Ela procurava sustentar seu olhar penetrante, mas era tão intensa que teve que olhar para outro lado.

— Eu não — respondeu ele com voz rouca.

— Então procura outra pessoa — disse desesperada, decidida.

— Existem muitíssimas mulheres que gostaria de casar-se com você. Mulheres que necessitam o que você pode oferecer, que amariam...

— Não há outra como você.

— OH? E desde quando me converti para você em um ser tão importante? — Voltou a lhe olhar, e viu um sorriso esboçando-se em suas feições. — O que é que tem tanta graça?

Alex apartou um pouco seu corpo e lhe agarrou o queixo, olhando-a muito sério.

— Atraímos-nos desde o começo. Parecemos um para o outro. Acredito que teríamos acabado juntos inclusive se tivéssemos nascido em continentes distintos. E você sente esta atração tanto como eu.

— Deve estar lendo Byron — murmurou ela. — Te ouvir dizer essas tolices românticas...

— Você me escolheu.

— Não é verdade!

— Só te comprometeste comigo apesar de todos os homens que conheceste em Craven's, ou em caçadas e festas. Provocou uma discussão comigo, apareceu em minha casa e te intrometeu em todos os aspectos de minha vida; conspirou com o fim de evitar que me casasse, enganou-me para que fosse a Londres me atou a sua cama, jogou comigo e apostou seu corpo em troca de meu dinheiro até sabendo que podia perder... Por Deus, necessita mais explicações? Colocaste alguma outra vez na vida de alguém como tem feito comigo? Não acredito.

— A razão de tudo era Penny — disse ela com um fio de voz.

Alex sorriu zombador.

— Ela era uma desculpa. Fez porque me queria.

— Imbecil presunçoso! — exclamou Lily ruborizando-se.

— Acredita que tudo é minha presunção? Então me diga que me quer fora de sua vida.

— Quero-te fora da minha vida — disse ela em seguida.

— Me diga que as duas últimas noites não significaram nada para você.

— Claro que não!

— Me diga que não quer voltar ver-me.

— Eu... — Lily, olhando o atrativo rosto que tinha junto ao dela, não pôde dizer mais.

Alex acariciou seu cabelo com carinho.

— Diga-me isso sussurrou. — Então te deixarei tranquila.

Lily voltou a tentá-lo.

— Eu nunca... — Não podia. Mas tampouco podia permitir que complicasse sua vida. Mas pensar em perdê-lo a enchia de um medo inexplicável. Esperava que ele dissesse algo mais, algo que pudesse convencê-la para inclinar-se por volta de um ou outro lado. Mas Alex não pensava ajudá-la, seguia atormentando-a com seu silêncio. Tentou pôr em ordem seus confusos pensamentos. Se ele fosse submisso e manejável... Ficavam poucas oportunidades de recuperar sua filha.

O coração o martelava com força e dificultava a fala.

— umedeceu os lábios e obrigou a prosseguir. — Partiria de verdade se te pedisse isso? Tão fácil assim?

Alex observou a ponta da língua de Lily deslizando-se pelo lábio inferior.

— Não — respondeu quase sem voz. — Só queria comprovar se era capaz de me dizer isso

— OH, Deus. — Lily riu, assombrada e temerosa. — Acredito que não poderia.

— Por que não?

Lily ficou tremendo. Sempre tinha encarado com valor suas derrotas e seus problemas, e ninguém, nem mesmo Giuseppe, tinham sido capazes de derrubar suas defesas. Unicamente Alex podia fazê-lo.

— Não sei — exclamou, e agarrou a cabeça. — Não sei.

— Carinho. — Alex deu tenros beijos no lóbulo da orelha, no pescoço, nos ombros. Abraçou-a, apertando-a.

— P-preferiria ser sua amante — disse Lily com tristeza.

— Ou tudo ou nada. Assim é como funcionam as coisas entre nós.

-Separou o cabelo da fronte e sorriu. — Além disso, o único modo que tenho de conseguir que Burton seja meu mordomo é me casando com você. — Beijou-a. — Dava que sim. — Enredava seu cabelo com os dedos.

— Diga, carinho — sussurrou.

Lily conseguiu convencer-se de que o fazia por dinheiro. Dava medo admitir que existisse outra razão, inclusive mais convincente ainda, para ter aceito. Sendo esposa de Alex seria imensamente rica. Teria o dinheiro suficiente para comprar a volta de Nicole, e em caso de que Giuseppe seguisse negando-se a acessar a um acordo contrataria a uns, renomados oficiais da cidade dedicados a esses assuntos. O senhor Knox, que tinha contratado tempo atrás, não tinha servido muito, mas de agora em diante poderia pagar uma dúzia de homens como ele. Teria-os rastreando a cidade até encontrar sua filha. E depois já pouco importaria o que pudesse acontecer. Alex, assim que descobrisse que tinha uma filha ilegítima que pretendia manter a seu lado, estaria em seguida de acordo em querer o divórcio. Ela se mudaria com sua filha para algum lugar tranquilo onde pudessem viver em paz. Alex não podia ser pior do que conhecia, excetuando um aborrecimento justificado por haver o enganado. E encontraria outra mulher, alguma bela jovem capaz de proporcionar

uma dúzia de herdeiros.

Enquanto isso Lily tinha a intenção de desfrutar do período que passasse com ele. Tinha muitas noites por diante no quarto com teto de nuvens e céu. Haveria tempo para falar, brincar e o provocar.

Jamais em sua vida tinha mantido esse tipo de relação com um homem. O mais próximo tinha sido sua amizade com Derek Craven, singular e desprovida de paixão. Mas, ao contrário de Derek, Alex se mostrava possessivo com ela, excessivo, protetor, ansioso por compartilhar seus problemas. Lily opinava que possivelmente se deixaria levar e desfrutaria de fato em pertencer a alguém, que durante um tempo saberia o que significava ter um marido.

Alex expôs algo tão impossível como casar-se essa mesma tarde. Lily sabia qual era a origem de suas pressas: o temor de que ela mudasse de idéia. Tinha toda a razão, pois ela mudava de idéia cada dez minutos. Alex mandou procurar sua criada Annie e arrumou tudo para que trouxesse para Swans' Court a roupa e os artigos de asseio necessários.

Lily estava inquieta. Colocou um vestido de algodão amarelo com mangas cheias e de decote recatado enfeitado com um laço.

— Com este vestido pareço uma camponesa — murmurou contemplando-se no espelho enquanto Annie atava o laço de seda das costas. — E muito jovem. Por que não me trouxeste algo mais sofisticado?

— Não é o vestido que a faz parecer mais jovem, senhorita — disse Annie, sorrindo por cima do ombro. — É sua cara.

Lily se sentou frente ao espelho retangular de moldura dourada que estava junto a penteadeira e se observou com curiosidade. Deu-se conta de que Annie tinha razão. Seus lábios estavam mais rosados que de costume e ligeiramente inchados devido aos beijos apaixonados de Alex da noite anterior. Seu rosto parecia outro: cálido, luminoso e vulnerável. Nem com uma noite de amor teria conseguido apagar a cor rosada de sua pele, sempre tão na moda.

Não tinha nada que ver com a mulher audaz que acostumava a fraudar aos pombos de Craven'S. Seu olhar cínico e zombador, da qual estava acostumado a tirar uma partida imbatível, tinha perdido toda sua efetividade. Tinha os olhos abertos e seu olhar era tão inocente como a de Penélope. Sua imagem recordava a adolescente despreocupada, louca por Harry Hindon.

Tais mudanças fizeram com que Lily se sentisse incômoda.

— Trouxeste-me alguma de minhas faixas?

— Perguntou, passando as mãos pelos cachos. — Cai-me o cabelo sobre os olhos. — Annie, muito eficiente, aproximou — as que havia trazido, e Lily escolheu uma faixa dourada adornada com um topázio. A pôs na frente e franziu a sobrancelha ao observar o contraste existente entre o exótico diadema e o juvenil vestido. — Maldita seja! — arrancou o adorno da cabeça e jogou o cabelo para trás com impaciência. — Traga-me umas tesouras, por favor, e me corte um pouco estes cabelos.

— Mas senhorita — protestou Annie. — Fica precioso assim.

— Então, deixa como está. — Enterrou o rosto entre as mãos e começou a gemer. — Não me importa. Não posso seguir adiante com isto, Annie.

— Seguir adiante com o que? — perguntou a criada confusa.

— Esta vergonha... OH, não tem por que saber. Me ajude a sair daqui e diga a lorde Raiford... —Deixou de falar, indecisa.

Uma nova voz se somou à conversa.

— Dizer a lorde Raiford o que? — Alex retornava de uma breve viagem à cidade. Lily soube em seguida, pelo rosto de satisfação que levava, que sua pressa de estar com um pastor que pudesse casá-los imediatamente tinha tido êxito. Deus sabe o que teria contado ao pobre homem.

Annie olhou para Alex surpreendida pois era o primeiro homem que via entrar no quarto de Lily sem antes pedir permissão. E logo se retirou para um canto.

Alex deslizou as mãos pelos ombros de Lily e se inclinou para sussurrar ao seu ouvido:

— Não te escapará.

— Não pensava fazer — mentiu ela com certa dignidade.

— Está preciosa com este vestido. Não sei se poderei esperar para tirar isso

— É isso tudo o que pensa?-perguntou Lily em voz baixa, consciente de que Annie os ouvia.

Ele sorriu e a beijou no pescoço.

— acabaste?

— Não.

— Devemos ir logo.

Lily se levantou e começou a perambular pelo quarto. Logo se deteve frente a Alex.

— Milord — disse agitada, estive pensando nas decisões amalucadas que com tanta pressa tomamos e acabo de chegar à conclusão de que fui prudente me mostrando de acordo com...

Alex estendeu um de seus largos braços e a atraiu para ele, como um gato interrompendo a fuga frenética de um camundongo.

Beijou-a e fez um sinal a Annie indicando que abandonasse a estadia. A donzela desapareceu veloz e discretamente. Alex seguiu beijando Lily com paixão até notar sua resposta e sentir que fraquejavam as pernas. Levantou então a cabeça e olhou fixamente seus olhos escuros e sonolentos.

— Te casar comigo será a coisa menos imprudente que tenha feito em sua vida.

Ela apoiou as mãos nas lapelas da jaqueta de Alex.

— Eu... Eu gostaria de ter alguma garantia.

— E o que conseguiria com isso? — Voltou a beijá-la com crua paixão, separando os lábios e acendendo com a busca de sua língua. Lily enlaçou as mãos por trás de sua nuca com a respiração agitada. Quando ele apartou a boca, seguiu abraçando para manter o equilíbrio.

— Alex... — disse.

— Humm? — Os lábios de Alex esfregavam as sensíveis comissuras de sua boca.

— Não vou ser uma esposa normal. Não poderia embora quisesse.

— Sei.

Olhou de soslaio, receosa.

— Como posso estar segura de que não vais querer que mude?

Ele sorriu com ironia.

— E te converta no que?

— Vai querer que me converta em alguém respeitável, que deixe de montar de pernas abertas, que me ponha a colecionar fórmulas para engordurar as botas e lustrar os sapatos, que me sente no salão com um tambor de bordar...

— Cala — disse ele rindo e tomando o rosto entre as mãos. Roçou a boca com os lábios — Não me surpreende que tenha evitado o casamento durante tanto tempo. Joga ao fogo todos os tambores de bordar que haja na casa se o desejar. Deixa que seja a senhora Hodges quem se ocupe da graxa das botas... — Deslizava as pontas dos dedos pelo grácil pescoço de Lily e brincava com os finos cachos da nuca. — Não quero te mudar, coração. Só te refrear um pouco.

Como ele pretendia, o comentário a picou.

— Tenta se puder — respondeu com secura, e ele estourou em uma gargalhada.

Arrastou-a para rua dando tempo somente de agarrar as luvas, onde os aguardava.

Alex a ajudou a subir, e depois de indicar à governanta que soltasse os cavalos, dirigiram-se para o sul, seguindo a beira do rio. Lily se encontrou desfrutando da viagem. Ia sentada no elevado assento olhando divertida os esforços de Alex por controlar o belo casal de cavalos. Os animais, frescos e transbordantes de energia, requeriam toda sua atenção.

Lily deixou para Alex espaço suficiente no assento para que pudesse mover os braços com liberdade. Os cavalos regularam o passo finalmente e então puderam começar a conversar.

— Por que não cortaste as caudas? — perguntou Lily assinalando as largas caudas negras.

Era costume cortar a cauda dos animais (incluindo algumas vértebras) com fins práticos e também, porque estava na moda. — Poderiam enredar-se com as rédeas.

Alex sacudiu a cabeça e disse entre dentes algo que ela não pôde escutar.

— O que? — perguntou. — O que disse?

— Disse que isso é doloroso para os cavalos.

— SIM, mas a dor dura pouco, e é mais seguro.

— A cauda é a única coisa que têm para proteger-se das moscas.

— Adora crianças e aos animais — disse Lily. — Apesar de sua reputação de insensível, Milord. Venha me deixe conduzir. — Estendeu as mãos para agarrar as rédeas.

Alex a olhou como se a idéia de que uma mulher pudesse dirigir os cavalos fosse completamente estranha.

Lily se pôs-se a rir.

— Faço muito bem, Milord.

— Danificará suas luvas.

— E que importância tem um par de luvas?

— Jamais permiti que uma mulher tomasse as rédeas.

— Tem medo? — inquiriu ela com doçura. — Parece ser que neste casamento só existe a confiança de uma das partes.

Alex deu as rédeas a contra gosto. Ver que as agarrava com destreza o fez sentir-se melhor.

— Te relaxe — disse Lily rendo. — Tenho a impressão de que me vais arrancar isso no momento menos pensado. Jamais derrubei um, Milord.

— Sempre há uma primeira vez. — Não deixava de olhar as rédeas de soslaio.

— Isso dizem — repôs ela, e animou aos cavalos.

Alex, por um par de quilômetros, felicitou Lily por sua forma de conduzir. Sentia-se orgulhoso vendo aquelas pequenas mãos governando tão bem as rédeas. Não é que se sentisse de tudo cômodo sendo seu passageiro... Ele não era dos que renunciavam ao mando à primeira mudança, mas ver o orgulho que sentia Lily de suas habilidades resultava tão excitante como atrativa. Nem ele nem ninguém poderiam intimidá-la facilmente. Seria uma esposa ideal para ele, uma mulher capaz de igualar sua paixão, sua força e sua teima.

Seguiu em direção a Brompton e Chelsea e Alex voltou a agarrar as rédeas na última parte do trajeto. Conduziu o veículo para uma rua lateral, onde estava situada uma pequena igreja de pedra com portas de madeira. Na entrada os esperava um jovem de uns quinze anos discretamente vestido.

— Cuide dos cavalos — disse — Alex, jogando uma moeda. — Demoraremos pouco.

O moço sorriu alegremente.

— SIM, Milord.

Alex desceu da carruagem e estendeu os braços para ajudar Lily. Ela estava como petrificada e olhava com os olhos muito abertos. Ao ver a igreja se deu conta da magnitude do que estava a ponto de fazer.

— Me dê a mão, Lily.

— O que estou fazendo? — disse ela com voz rouca.

— Deixa que te ajude a descer.

Sem deixar de o olhar, Lily levou a mão ao coração, que pulsava a toda velocidade. A atitude de Alex era relaxada, mas seu olhar tinha um brilho parecido ao do aço e em sua voz havia uma nota de advertência. Já não havia escapatória, não deveria ter permitido ir muito longe. Deu-lhe a mão e desceu da carruagem como em um sonho.

— depois de que H-Harry me deixou plantada — gaguejou, cabisbaixa, jurei que nunca me casaria.

Alex a olhava dava-se conta do muito que a tinha ferido a deserção de seu noivo para que a lembrança da humilhação seguisse presente depois de dez anos.

Rodeou sua cintura Com o braço e a beijou na fronte.

— Não te merecia — sussurrou. — Era um louco e um covarde.

— E bastante inteligente para ficar a salvo. E qualquer um diria que você está mais louco ainda ao fazer isto...

— Tenho meus defeitos — disse Alex, massageando os ombros. — Muitos defeitos, e você já conhece a maioria. Mas jamais te abandonarei, Wilhemina Lawson. Jamais. Entendeste?

— Entendi. — disse ela reprimindo uma risada amarga, mas não acredito. Pensa que conhece o pior de

mim, mas não é assim. — Não se atreveu a dizer mais. Esperava que aquilo fosse suficiente para fazê-lo mudar de idéia.

— Sei tudo o que preciso saber — disse ele com serenidade. — O resto guardaremos para mais adiante.

— Entrou com ela na igreja, sem deixar de agarrá-la pela cintura.

O interior chamava a atenção por sua simplicidade e estava iluminado pela luz que se filtrava através de pitorescas janelas com vidros colorido. A luz das velas fazia brilhar os bancos de carvalho. Aguardava-os um ancião padre de rosto curtido e amável. Apesar de não ser mais alto que Lily, sua presença era forte e vibrante.

— Lorde Raiford — disse com um sereno sorriso. Seu claro olhar se posou logo no rosto assustado de Lily. — E esta deve ser a senhorita Lawson. — Surpreendeu Lily agarrando-a pelos ombros e observando-a com atenção. — Faz bastante tempo que conheço Alex, querida, quase desde o dia em que nasceu.

— OH? — exclamou Lily, com uma áspera imitação de seu habitualmente descarado sorriso. — E o que opina dele, pai?

— O conde é um homem bom — replicou pensativo, olhando Alex de soslaio e pestanejando, embora às vezes se mostre algo orgulhoso.

— E arrogante — acrescentou Lily, sorrindo mais a gosto.

O padre sorriu.

— Possivelmente. Mas é além responsável e compassivo, e de seguir a tradição familiar, será um marido singularmente leal. O sangue dos Raiford, já sabe.

Me alegro de que o conde tenha escolhido uma mulher valente como companheira. Leva muitos anos carregado de responsabilidades. — O padre olhou fugazmente para Alex. — Viajou alguma vez por mar, senhorita Lawson? Terá ouvido a palavra «casar» utilizada em náutica. Significa unir duas cordas para conseguir mais força que com uma sozinha. Peço a Deus que isto se converta em realidade em seu casamento.

Lily assentiu com a cabeça. Sentia-se comovida pelo ambiente de paz que reinava na igreja, pelas feições amáveis do padre e pelo rubor de Alex, que seguia com a vista cravada no chão.

— Assim espero — respondeu Lily.

O padre fez um gesto indicando que o acompanhassem até o altar. Lily duvidava o coração palpitava de emoção. Tirou as luvas lentamente e os entregou a Alex. Ele as guardou no bolso e agarrou a mão de Lily, que deu uma trêmula risada. Alex permanecia sério, embora uma faísca de calor iluminasse seu olhar.

Situaram-se frente ao altar com as mãos entrelaçadas. Lily apenas escutava a voz do padre. Tudo aquilo parecia um sonho impreciso e surpreendente. Sua vida tinha dado muitos giros, mas aquele era o mais inesperado. Estava casando-se com um homem logo que conhecia, embora às vezes tivesse a sensação de que o conhecia de toda a vida. Sentir sua mão na sua, quente e úmida, era estranhamente familiar. Sua respiração e o timbre de sua voz ao recitar os votos aliviavam a inquietação e os temores que a tinham acompanhado durante tanto tempo. Ela repetiu os votos quando chegou o final, esforçando-se em dominar sua voz vacilante. Alex levantou a mão e deslizou no dedo um anel de ouro maciço, algo grande para seu dedo, com

um enorme rubi que reluzia como se tivesse uma chama.

O padre os declarou marido e mulher e deu por concluído o rito elogiando a Deus. Assinaram no registro da igreja e escreveram seus respectivos nomes na ata de matrimônio e no certificado. Lily suspirou tremula ao dar a última assinatura. Ouviu-se um ruído na parte traseira da igreja: acabava de entrar um casal de anciões, paroquianos do lugar. O padre se desculpou e se dirigiu para eles, deixando Alex e Lily a sós diante do pesado livro dos registros. Ambos contemplavam seus nomes escritos e a data. Lily olhou seu anel, movendo o dedo de um lado a outro. O rubi e os diamantes que o rodeavam pareciam excessivos para sua pequena mão.

— Pertenceu a minha mãe — declarou Alex.

— É muito bonito — disse Lily olhando aos olhos. Alguma vez... Caroline?

— Não — repôs ele imediatamente. — Nunca o viu. —Acariciou sua mão.

— Jamais te pediria que levasse lembranças de outra mulher.

— Obrigado. — Lily não pôde reprimir um tímido sorriso de prazer.

Apertou a mão até quase machucar.

— Caroline foi para mim alguém importante. De ter seguido com vida me teria casado com ela e...

Acredito que teríamos sido felizes.

— Claro que teriam sido — murmurou Lily, surpreendida com aquele pequeno discurso.

— Mas contigo é distinto... — Incômodo, Alex tossiu para limpar a garganta.

Lily esperava quase sem fôlego que prosseguisse, sentia-se como a bordo de um abismo.

— O que quer dizer com «distinto»? — Olhava fixamente seu rosto bronzeado. — Distinto em que aspecto?

Mas o padre os interrompeu.

— Lorde e lady Raiford, tenho um assunto que atender. Oferecer meu consolo a uns paroquianos...

— Sim, naturalmente — disse Alex. — Obrigado.

A surpresa de que se dirigissem a ela como lady Raiford fez com que Lily se esquecesse da pergunta. Despediu-se do padre com acanhamento e se dirigiu à saída com Alex.

— Sou uma condessa — disse, já longe da igreja, e lançou uma gargalhada de incredulidade. Observou a expressão de surpresa de Alex. — Acha que minha mãe ficará contente?

— Deprimirá-repôs Alex enquanto a ajudava a subir na carruagem, e logo pedirá um chá.

— Sorriu ao ver que ela tomava as rédeas. — Não toque isso, lady Raiford. Vai ser eu quem vai conduzir até casa.

Alex, a pedido de Lily, acompanhou-a ao banco Forbes, Bertram and Company para retirar cinco mil libras.

Lily surpreendeu que Alex não a crivaria com perguntas a respeito de sua dívida. Presumia que se tratava de uma dívida de jogo, que devia dinheiro a Derek.

— Será suficiente? — foi tudo o que perguntou quando a levou a um canto, enquanto o banqueiro se dirigia à sala, onde estavam a câmara couraçada e as caixas de segurança.

Lily assentiu com a cabeça, ruborizada e culpada.

— Sim, obrigado. Esta tarde tenho que me ocupar de algumas Coisa.

— Vacilou, embora apenas notou. — Preferiria ir sozinha.

Alex a olhou fixamente sem que seu rosto se alterasse.

— irás ver Craven?

Lily esteve tentada a mentir, mas assentiu.

— Quero que seja Derek quem primeiro se inteire do casamento. OH, já sei que carece de escrúpulos, mas sempre se mostrou muito amável comigo, e acredito que se sentiria ferido se não o comunicasse pessoalmente.

— Não diga muito — aconselhou Alex. — Também isso poderia o ferir.

— Sorriu sem vontades ao ver sua expressão aturdida. — De verdade que não te deste conta do que sente por você?

— Não, não entende a relação que há entre Derek e eu...

— OH, entendo-a. e portanto é necessário que vá sozinha.

Lily se sentia estranha dando explicações. Abrigava a esperança de que não fosse necessário mentir.

— Possivelmente não retorne antes do anoitecer.

— Quero que a acompanhem uma governanta e um par de escoltas.

— De acordo. — Sorriu. Não importava chegar a Craven's a beira de uma carruagem fechada e com um exército.

Mas à entrevista Com Giuseppe em Covent Garden devia ir sozinha. Agarraria um dos cavalos de Derek e iria às escondidas.

A rápida aceitação de sua sugestão fez com que Alex se debatesse entre a complacência e a suspeita.

— Em sua ausência — disse, irei visitar lorde e lady Lyon.

— Seus tios? — Lily tinha ouvido sua mãe mencionar aqueles nomes.

O assentiu com expressão de desgosto.

— Minha tia é uma mulher muito respeitável e tremendamente perita em assuntos que requerem muita diplomacia.

— Acha que nos ajudará a evitar que isto seja um escândalo? Depois de nossa aposta no Craven's, da cena de ontem à noite, da fuga de Penny e de nosso casamento apressado? — Fêz uma rosto cômico. — Não acredito que o mal já parece, Milord?

— Tomará como uma provocação.

— Um desastre, mas bem — disse Lily, pensando em uma mãe da alta sociedade que tentava suavizar suas descaradas travessuras. Sua risada foi acolhida com enseadas de reprovação dos clientes e empregados.

— Cala — exclamou Alex, embora não podia deixar de sorrir. — Te comporte corretamente. Cada vez que estamos juntos em público montamos uma cena.

— Levo anos fazendo sozinha — replicou Lily. — Mas vejo que se preocupa com sua reputação. No final te verá obrigado a me suplicar que não monte cenas...

Ficou parada quando Alex se inclinou para ela para beijá-la. Exclamações de desaprovação e incredulidade alagaram a sombria sala. Lily pressionava os fortes peitorais de seu marido tentando afastá-lo; mas ele continuou até façam e esquecer onde estavam e provocar um calafrio de prazer. Logo Alex levantou a cabeça e sorriu, seu olhar brilhava desafiante e divertido. Lily estava aturdida, até que de repente pôs-se a rir e a olhou com admiração.

— Touchée — disse, tocando as acaloradas bochechas.

Lily encontrou Derek em um dos salões privados do clube. Tinha juntado duas mesas cheia de livros de contabilidade, cheques, notas promissórias e montões de moedas e enormes faixa de bilhetes amarrados com correias brancas. Lily, no passado, tinha visto contar o dinheiro a uma velocidade incrível. Mas aquele dia estava torpe e examinava seus benefícios com lentidão.

Quando Lily se aproximou se precaveu do aroma agri-doce da genebra, que se tinha derramado sobre a delicada madeira das mesas. Olhou Derek surpreendida.

Vê-lo bêbado não era normal, e particularmente de genebra, o álcool dos pobres.. Ele odiava a genebra; recordava seu passado.

Derek levantou a cabeça e deslizou seu olhar pelo vestido amarelo e as bochechas rosadas de Lily. Parecia um jovem sultão enfasiado; os traços de amargura de seu rosto se viam especialmente pronunciados. Lily observou que tinha perdido um pouco de peso. Tinha as maçãs do rosto afiados e ia desalinhado, um pouco não habitual nele; o nó da gravata desfeito e o escuro cabelo caindo sobre a fronte:

— Worthy não te cuida — disse Lily. — Espera um momento, vou na cozinha a pedir que o enviem...

— Não tenho fome — interrompeu ele; pronunciando com extremo cuidado. — Não te incomode. Estou ocupado.

— Mas vim te dizer uma coisa.

— Não tenho tempo para falar.

— Mas Derek...

— Não....

— Casei-me com ele — disse Lily abruptamente. Soltou uma gargalhada, envergonhada. — Casei-me com lorde Raiford esta manhã.

Derek ficou pálido. Bebeu um gole com lentidão. Apertava o copo com muita força. Com voz neutra e uma expressão indecifrável perguntou:

— Contaste da Nicole?

O sorriso de Lily se esfumou.

— Não.

— E que esperas dele quando descobrir que tem uma filha bastarda?

Ela baixou a vista.

— Espero que me peça a anulação ou o divórcio. Não penso o culpar que me odeie quando o descobrir. Derek, não te zangue. Já sei que o que tenho feito pode te parecer uma loucura, mas tem sentido, de verdade...

— Não estou zangado...

— Com a fortuna de Alex poderei negociar com o Giuseppe... — Lançou um grito sufocado quando Derek se levantou e jogou um punhado de moedas aos pés. Olhou com os olhos exagerados sobre o atoleiro brilhante de moedas.

— Não o tem feito por isso — disse Derek com voz fria. — Não foi por dinheiro me diga a verdade, cigana... Entre você e eu sempre foi assim.

— A verdade é que quero recuperar a minha filha. É a única razão pela qual me casei com ele.

Ele assinalou a porta com mão tremula.

— Se quer mentir, vá de meu clube.

Lily baixou a cabeça e tragou saliva.

— Está bem — murmurou-: Devo admiti-lo. Eu gosto. É isso o que quer que diga?

Derek assentiu, pareceu acalmar-se.

— Sim.

— Se Porta bem comigo — prosseguiu Lily com dificuldade, juntando as mãos. — Não acreditava que pudesse existir alguém como ele: um homem sem rastro de malícia. Não quer que eu mude. Há momentos, quando estou com ele, que me parecem próximos à felicidade. Jamais tinha tido antes essa sensação. Tão bom está, embora seja por pouco tempo?

— Não — murmurou ele.

— Podemos seguir sendo amigos, verdade? Derek moveu a cabeça com um gesto de assentimento. Lily suspirou e sorriu aliviada.

— Devo te dizer algo. — Derek procurava falar corretamente, como gostava. — Necessitava de um homem como Wolverton. Seria uma estúpida se o perdesse. A vida que estava levando teria acabado com você, cigana. As coisas estavam ficando feias. Ele te ajudará a seguir sendo uma pessoa respeitável e cuidará de você. Não conte de sua filha. Não há nenhuma necessidade.

— Algum dia se inteirará, quando encontrar Nicole.

— Nunca a encontrará.

Os olhos de Lily se acenderam de ira.

— Sim, encontrarei. Derek, não deve te mostrar mesquinho só porque tenha feito algo que não é de seu agrado.

— Já passaram dois anos. Nem eu nem seu fiel fomos capazes de achar ela; minha gente esteve indagando em casas de entrevistas, em licorerías, em todos os portais de Fleet Market e Covent Garden...

— calou-se ao ver que a cor desaparecia do rosto de Lily. Mas decidiu prosseguir. — Fiz com que procurassem em cárceres, posadas, oficinas, nas plataformas... Cigana, ou está morta ou faz muito tempo que a venderam e está longe de Londres. — Sua boca ficou tensa. — É muito tarde. Sei o que fazem com as crianças, e o que as fazem fazer... Algo assim me fizeram. É melhor que tivesse morrido. — O frio verdor de seu olhar brilhava recordando longínquos sofrimentos.

— Por que me diz isso? — perguntou Lily com voz rouca. — Por que está me dizendo isto?

— Porque deve desfrutar da oportunidade que Wolverton te oferece. Deve esquecer seu passado; do contrário seu futuro cairá feito pedaços.

— Equivoca-te — disse Lily com voz tremula. — Nicole segue viva. Está em algum canto da cidade. Pensa que não me teria informado se tivesse morrido? Sentiria, algo em meu interior me diria isso... Equivoca-te!

— Cigana...

— Não penso discutir mais. Nenhuma palavra mais, Derek, ou nossa amizade terá acabado para sempre. Recuperarei minha filha, e algum dia penso me desfrutar vendo como te come suas palavras. E agora necessito de um cavalo por uma ou duas horas.

— Vai dar as cinco mil libras a esse italiano filho de puta — disse Derek com rosto sombrio. — Deveria — te seguir e matá-lo.

— Não. Sabe de sobra que se algo ocorre terão desaparecido todas minhas oportunidades de encontrar Nicole.

Ele assentiu, mal-humorado.

— Worthy te preparará o cavalo e depois espero que Wolverton descubra o modo de te manter em casa pelas noites.

Lily chegou ao lugar da entrevista quase a meia-noite. Começava a faiscar, o qual avivava os aromas do lixo.

E o esterco tão típicos do Covent Garden. surpreendeu-se ao ver que Giuseppe já estava aí. deu-se conta, enquanto se aproximava dele lentamente, de que seus habituais ares presunçosos se esfumaram.

Estava tenso. Vestia um traje escuro de corte perfeito embora puído. perguntava-se por que, apesar de todo o dinheiro que tinha dado, não comprava roupa nova. Ao vê-la, a impaciência alagou o rosto bronzeado de Giuseppe.

— Tem o dinheiro?

— Sim — respondeu Lily, mas apesar de que ele estendesse as mãos disposto a receber a sacola, ela a manteve junto a seu corpo.

Giuseppe observava a escura umidade que os rodeava franzindo seus sensuais lábios. A chuva dava passo a uma gélida neblina.

— Sempre chovendo — disse, sempre cinza. Maldita Inglaterra!

— Por que não te parte? — perguntou Lily, o olhando sem pestanejar.

Giuseppe se deu de ombros.

— Não depende de mim. Sigo aqui porque me querem aqui. — Voltou a dar de ombros.

— Assim são as coisas. Quem são eles, Giuseppe? Têm algo a ver com Nicole e esta em chantagem?

Ele parecia preocupado, como se tivesse caído a língua.

— Me dê o dinheiro.

— Não quero voltar a fazer isto nunca mais — disse Lily com dureza. Brilhavam os olhos no pálido rosto marcado pelo capuz. — Não posso, Giuseppe. Fiz tudo o que me pediu. Vim a Londres quando disse que o

fizesse. Dei-te tudo o que tenho sem receber em trocanada que me prove que Nicole segue viva. A única coisa que me deste foi esse vestido que tinha posto quando a levou.

— Dúvidas de que Nicole siga comigo? — perguntou Giuseppe com suavidade.

— Sim, duvido. — Lily tragou saliva. — Acredito que morreu.

— Tem minha palavra que não.

— Bem. — Lily riu desdenhosamente. — Me perdoe por não confiar em sua palavra.

— Equivoca-te, cara — disse Giuseppe Com um gesto presumido. — Não sei por que, mas esta noite me ocorreu te trazer uma prova de que Nicole segue viva. Não quero que duvide de mim. Mostrarei algo para que acredite em mim palavra. — Olhou por cima do ombro para o labirinto das ruelas.

Lily, aturdida, seguiu a direção de seu olhar.

Giuseppe gritou algo em seu dialeto que ela não pôde entender. A vários metros de distância foi emergindo gradualmente das sombras uma figura que parecia envolta em um sudário. Lily contemplava boquiaberta a estranha aparição.

— E agora o que tem a dizer, cara? — disse Giuseppe.

Lily se pôs-se a tremer ao ver que a figura era um homem sustentando pelas axilas uma menina. Ao levá-la, o cabelo negro da menina brilhou como se fosse ônix gentil, contrastando com a cor cinza do céu.

— Não — gritou Lily. O Coração retumbava no peito.

A menina olhava a Giuseppe.

— É você, papai? — perguntou em italiano.

Era sua filha. Era Nicole. Lily soltou o saco e se cambaleou. Giuseppe tampou a boca com a mão para afogar seu grito de agonia. Ela deu selvagens tapas para desfazer-se dele, com os olhos alagados de lágrimas. A voz de Giuseppe soou em seu ouvido como um zumbido.

— SIM, é Nicole, nossa filha. É muito bonita, verdade?

O homem desapareceu com a menina como resposta a uma indicação de Giuseppe, fundindo-se com a escuridão. Este aguardou meio minuto antes de soltar Lily.

— Meu deus — soluçava ela, abraçando-a cintura.

— Como viu, está comigo — disse Giuseppe enquanto comprovava o conteúdo do saco. Suspirou satisfeito.

— Ela fala em italiano — disse Lily tragando saliva e sem apartar os olhos do lugar onde tinha estado sua filha.

— Também fala inglês.

— Há mais italianos no lugar onde a tem? — inquiriu ela com voz quebrada. — É essa a razão de que siga falando?

Giuseppe a olhou de soslaio; seus olhos negros cintilavam.

— Se tenta dar com ela me zangarei.

— Giuseppe, poderíamos chegar a um acordo. Uma quantidade para satisfazer... — A voz de Lily fraquejava. — Para me devolvê-la. Sabe que isso não pode seguir. P-parece que te ocupa de Nicole. No

fundo de seu coração sabe que comigo estaria muito melhor. Esse homem que a tinha é seu sócio? Há mais? Não acredito que te viesse sozinho da Itália, sem uma equipe. — Estendeu-lhe uma mão suplicante. — Acredito que anda metido em uma conspiração ou algo assim. É a única conclusão que tem sentido. O dinheiro que te fui dando... Levaram-se grande parte dele, verdade? Giuseppe, se for certo o que ouvi dizer dessa classe de turmas, Suponho que te encontra em uma situação perigosa, e que você não gostaria que Nicole pudesse sofrer algum dano...

— Já viu que a mantenho sã e salva —disse Giuseppe.

— Sim. Mas por quanto tempo? Está você a salvo, Giuseppe? Possivelmente deve considerar um acordo comigo, tanto por você como por ela. — Reprimia o ódio que sentia por ele, que quase a afogava. Prosseguiu com serenidade, vendo no olhar de Giuseppe que parecia interessado. — Poderíamos conseguir uma quantidade capaz de satisfazer suas necessidades. Seria melhor para os três... Você, eu e, o que é mais importante, nossa filha. Por favor, Giuseppe. — A suplicar produzia um gosto amargo na boca, mas apesar disso insistiu com suavidade. — Por favor.

Ele demorou muito em responder; não parava de olhá-la com avidez.

— É a primeira vez que me pede algo como uma mulher —comentou. — Tão cálida, tão doce. Possivelmente o tenha aprendido na cama de lorde Raiford, não?

Lily ficou gelada.

— Inteiraste?

— Sei que te converteste na querida de Raiford ou pode ser que tenha mudado desde que estivemos juntos. Possivelmente tenha agora algo que oferecer a um homem.

— Como te inteiraste?

— Sei tudo o que faz, cara. Os lugares que vai... — Roçou o rosto com seus dedos quentes e logo a acariciou debaixo do queixo.

Ela aceitou a carícia com passividade, apesar de que o roçar desses dedos sobre sua pele dava asco. Reprimiu um estremecimento de desgosto.

— Consideraria o que te disse? — disse muito firme.

— Possivelmente.

— Falemos então da quantidade que necessitaria.

Ele riu entre dentes ao vê-la tão ansiosa e sacudiu a cabeça.

— Mais adiante.

— Quando? Quando voltarmos a nos encontrar?

— dentro de pouco. Enviarei um bilhete para te avisar.

— Não. — Lily agarrou pela manga vendo que se afastava. — Devo saber agora mesmo.

— Paciência — respondeu ele de forma lenta, saltando-se e sorrindo tenso. — Até mais ver, Lily. — Desapareceu depois de dizer adeus com a mão.

— foi um prazer — disse ela limpando-as lágrimas com amargura. Logo ficou imóvel, apertando os punhos. Seu desespero ocultava uma faísca de esperança. Tinha visto sua filha; era Nicole, sem dúvida.

Recordava sua formoso rostinho, sua fragilidade.

— Deus, mantém sã e salva, mantém sã e salva — Sussurrou.

Aproximou-se do cavaleiro árabe que Derek a tinha proporcionado e acariciou a reluzente crina de cor avelã. Por sua cabeça corriam pensamentos frenéticos. Subiu à cadeira e se arrumou a saia e a capa. Guiou o cavaleiro para o caminho que tinha tomado Giuseppe, sem pensar entrando naquela terra de ninguém que a polícia não ousava patrulhar, nem de dia nem de noite. As escuras ruelas daquele ninho de víboras estavam animadas: jogo, prostitutas e toda classe de malfeitores, desde ladrões de carteira até assassinos.

Era um lugar ideal para o delito, repleto de esconderijos, becos sem saída e esquinas escuras.

Os vagabundos, vendo um cavaleiro tão elegante e a figura tão ricamente vestida que o montava, aproximavam-se de Lily. Um deles a agarrou pela bota; ela se tornou para trás, atemorizada, e esporeou o cavaleiro. Tinha sido uma loucura aventurar-se em um lugar como esse sem armas nem amparo de nenhuma classe.

Conduziu o cavaleiro para uma rua lateral para voltar para a relativa segurança de Covent Garden.

Enquanto se aproximava do extremo da rua ouvia vozes violentas, um grande alvoroço, cada vez mais perto. Entre os desvencilhados edifícios de madeira perambulavam grupos de homens, alguns esfarrapados e outros com elegantes trajes. Pareciam estar presenciando algum espetáculo. Lily franziu a sobrancelha ao distinguir latidos e grunhidos de cães. «Brigas de animais», pensou desgostosa. Aos homens fascinava esse espetáculo sangrento; divertiam-se encerrando animais em um cercado repleto de cães cruéis e contemplando como os destroçavam. Perguntou-se que animais teriam destinado ao açougue dessa noite. A loucura do movimento era jogar aos cães, que com sua pele dura, seus afiados dentes e sua selvagem resistência ofereciam uma luta atrativa ao público embrutecido.

Atalhou entre dois edifícios com o fim de evitar o espetáculo. Sabia com que facilidade os homens que assistiam a essas reuniões ficavam violentos. Não teria nenhuma graça tropeçar-se com algum deles.

Os bramidos selvagens dos assistentes à briga ressonavam através das paredes de madeira do edifício transformado em curral. Lily descobriu entre as carretas e bancas um menino agachado no chão e com a cabeça escondida entre os joelhos. Os ombros tremiam, como se estivesse chorando. Lily, esquecendo toda prudência, deteve o cavaleiro.

O menino levantou a cabeça; tinha o rosto sujo e as lágrimas deixavam sulcos nela. Era muito magro, com feições afiadas. Devia ter aproximadamente onze ou doze anos, a mesma idade de Henry, mas era muito menor, devido a à desnutrição e as enfermidades. Ao ver Lily e seu lustroso cavaleiro deixou de chorar e ficou boquiaberto.

— Por que chora? — perguntou Lily carinhosamente.

— Não estou chorando — replicou, secando o rosto com a manga esfarrapada.

— Têm-lhe feito mal?

— Não.

— Está esperando alguém? — perguntou Lily assinalando a parede de madeira, que tremia por causa de alvoroço.

— SIM...Chegarão logo para levar-me. O menino assinalou a parte traseira de uma carruagem pintada. O desvencilhado veículo tinha escrito o nome de um circo ambulante. Na parte dianteira do carro estava enganchada um pônei cinza e enxuto.

— Ele? — perguntou Lily aturdida. Desmontou. O menino levantou e, mantendo as distâncias, acompanhou-a até a carruagem. Lily lançou um grito sufocado ao ver as grades e a cabeça peluda de um urso. — Maldita seja! — exclamou.

O urso estava com a cabeça recostada sobre as garras. Arqueou as sobrancelhas e a olhou. Parecia triste, como se quisesse perguntar algo.

— Não te fará mal — disse o menino. Alargou o braço e acariciou a cabeça. — É um velho amigo.

— Velho, efetivamente — comentou Lily, contemplando o urso fascinada. Tinha o cabelo áspero e sujo, e enormes calvas, tanto em pescoço como no resto do corpo.

O menino seguia acariciando a cabeça do urso.

— Pode passar a mão nele — disse.

Lily, com cautela, passou a mão entre as grades. O urso respirava tranquilo e tinha os olhos meio fechados. Ela acariciou com delicadeza a enorme cabeça, olhando com pena a grande criatura.

— Jamais havia visto um urso vivo — murmurou.

O menino suspirou.

— Não tem muito tempo de vida.

— É do circo? — perguntou Lily.

— SIM. Meu pai é o domador. Pokey já não recorda os truques. Meu pai me disse que o trouxesse aqui e o vendesse por dez libras.

— Para servir de isca? — perguntou Lily, indignada. Encadeariam e deixariam que os cães o fizessem pedaços.

-SIM — respondeu o menino, pesaroso. — Para animar os cães começam primeiro com ratos e texugos. Depois toca ao Pokey.

Lily estava escandalizada.

— É horrível! É muito velho para defender-se! — precaveu-se, contemplando o urso fixamente, de que as calvas eram na realidade zonas raspadas para indicar as partes vulneráveis, onde os cães podiam destroçar com seus dentes. Tinham preparado especialmente para o açougue.

— Não posso retornar a casa sem as dez libras — soluçava o menino.

— Meu pai me pegaria.

Lily apartou a vista de seu rosto de causar pena. Não podia fazer nada mais que manter a esperança de que os cães fizessem um bom trabalho e o urso não sofresse durante muito tempo.

— Vá — murmurou. O mundo estava cheio de brutalidade. Era inútil tentar lutar contra ela. Ver aquele animal derrotado e indefeso a enchia de amargura. — Sinto muito — murmurou, e se aproximou de seu cavalo. Não podia fazer nada.

— Já está aqui o estripador — sussurrou o menino.

Lily olhou por cima do cavalo e vislumbrou um homem desalinhado que se aproximava. Tinha um pescoço de touro e os braços como troncos. Ia barbear e separou seus avultados lábios mostrando os dentes que mordiam um charuto.

— Onde está, bichinho? — disse a gritos. Seus olhos brilharam de curiosidade ao ver o elegante cavalo árabe: O que é isto? — rodeou o animal, e observou Lily, sua capa, as suaves dobras do vestido amarelo e os brilhantes cachos escuros que caíam sobre a fronte. — Vá pedaço de cabelo — disse, apertando os dentes. — É você a doadora, milady?

A crua resposta de Lily provocou nele uma gargalhada estrondosa. Olhou então o menino.

— Que comer, não? Daremos uma olhada.

— Ao ver o urso tão manso agachado no vagão franziu a boca com desdém. — Os cães o deixarão fácil. E seu pai quer dez libras por isso?

O menino estremeceu.

— Sim, senhor.

Lily já não podia tolerar aquela situação. Já havia bastante crueldade e sofrimento desnecessários no mundo para permitir que se torturasse a esse urso velho e cansado.

— Vou pagar as dez libras que pede por ele —disse. — É evidente que esse pobre animal não serve para nada, senhor. — olhou discretamente no interior do sutiã procurando seu pequeno moedeiro; seu olhar, como se estivesse falando de negócios, quadrava com a secura de seu tom.

— chama-se Rooters — sussurrou o menino. — Nevil Rooters.

Lily se estremeceu ao recordar que estripador era um insulto habitual nos baixos recursos.

A gargalhada do homem eclipsou a gritaria da multidão.

— Dentro há mais de duzentos homens —disse Rooters — que já pagaram para ver sangue. Guarde-a sucata, milady. Levo o urso.

Lily olhou ao redor e viu as pesadas cadeias depositadas sobre uma pilha de caixas.

— Se assim o quiser — murmurou e deixou que o moedeiro se deslizesse entre seus dedos e caísse ao chão. — OH, Deus, meu ouro e minhas jóias! — exclamou.

Rooters olhava o moedeiro com avareza.

— Ouro? — umedeceu os lábios e se inclinou, alargando um de seus fortes braços para o moedeiro.

Ouviu-se um ruído metálico seguido de um grito sufocado. Rooters caiu ao chão, e seu corpo gigantesco ficou imóvel. Lily soltou a pesada cadeia e se esfregou as mãos satisfeita. O menino tinha a mandíbula desencaixada e a olhava surpreso. Lily recolheu o moedeiro a toda pressa e o entregou.

— Te leve isto e dá a seu pai. Compensará de sobra a perda do cavalo e o carro.

— Mas e Pokey?

— Ocuparei-me dele. Não farão nenhum dano.

Ao menino brilhavam os olhos e sorriu inseguro. Atreveu-se a estender o braço para tocar a capa de lã.

— Obrigado. Obrigado. — desapareceu correndo na escuridão. Lily viu partir e se deu pressa em atar seu

cavalo à parte traseira do carro. O urso, precavendo-se da atividade ao outro lado das grades, lançou uma espécie de rugido, o qual pôs nervoso o cavalo.

— Tranquilo, Pokey — murmurou Lily. — Não danifique seu resgate.

— Sentou-se alegremente ao assento de madeira do desvencilhado veículo e tomou as rédeas.

Atirou delas ao sentir que agarravam a pantorrilha.

Olhou para baixo e viu Rooters, que atirava dela.

Lily caiu ao golpear seu traseiro.

— De maneira esta me roubando o urso? — Rooters estava de pé a seu lado; tinha o rosto aceso de ira e caía saliva da boca. — Abandona sua mansão de alto topete, aparece com seu cavaleiro e busca problemas...Pois aqui os tem, milady! — equilibrou-se sobre ela e começou a bater em seu corpo e arrancar suas saias.

Lily gritava e tentava livrar-se dele, mas a tinha apanhada e o peso de seu volumoso corpo apenas a permitia respirar. Acreditou que suas costelas se rompiam.

— Não — resfolegou, lutando por respirar.

Criança de luxo, puta do West End — disse ele. — Venha, volta a me golpear a cabeça!

Ouviu-se uma voz estranha e tranquila.

— É sua mania. Estou tentando que deixe de fazê-lo.

— Quem é...? Seu fanfarrão? — Rootes contemplava ao recém-chegado com olhar ameaçador. Passarei isso quando tiver acabado com ela.

Lily voltou a cabeça. Não podia acreditar, via o impreciso perfil de seu marido. Não podia ser, era uma ilusão.

— Alex — choramingou.

— Tira as mãos de minha esposa — disse Alex.

Capítulo Onze



Rooters observava Alex tentando avaliar a ameaça que podia representar. O urso seguia na jaula, movendo-se inquieto e a causa do ambiente crispado que reinava em redor. Mas os grunhidos de intranquilidade do animal não eram nada comparados com o singular e espantoso grunhido que lançou Alex ao arremeter contra Rooters. Lily ofegou aliviada quando o peso que a oprimia desapareceu. Enquanto tentava que os pulmões se enchessem de ar levou a mão às doloridas costelas e tratou de ver o que estava acontecendo.

Os dois homens lutavam e se moviam a tal velocidade que a única coisa que Lily era capaz de discernir de Alex era o brilho de seu cabelo loiro. Emitia grunhidos assassinos, lançava murros no rosto de Rooters e tratava de segurar o pescoço. Rooters, com as bochechas acesas de ira, agarrou Alex pela gola da camisa e fez voar por cima de sua cabeça. Lily, quando ouviu o som surdo do corpo de seu marido ao golpear contra o chão, chiou e tentou aproximar-se dele. Mas Alex ficou em pé, agachou-se para esquivar o novo murro, agarrou Rooters e o empurrou para o montão de caixas; a madeira se fez lascas sob o peso de seu corpo.

Lily olhava para Alex boquiaberta.

— Meu deus — murmurou. Apenas o reconhecia. Podia ter imaginado uns murros mais ou menos civilizados, algum que outro insulto, que agitava uma pistola. Mas Alex se transformou em um sanguinário desconhecido resolvido a destroçar o seu oponente sem outra coisa que seus punhos. Jamais tivesse imaginado capaz de mostrar-se tão violento.

Rooters se incorporou e se equilibrou de novo sobre Alex, que se esquivou e enterrou um murro em suas costelas. Ato seguido o deixou fora de combate com um golpe nas costas. Rooters caiu com um bramido de dor. Cuspiu uma saliva sanguinolenta e tentou levantar-se, mas acabou por render-se com um gemido. Alex abriu os punhos lentamente. Voltou a cabeça e olhou para Lily.

Ela retrocedeu um passo; o brilho selvagem de seu olhar a assustava. Assim que as duras feições de Alex começaram a adoçar-se, correu para ele sem pensar duas vezes. Abraçou ele tremendo.

— Alex, Alex...

Ele a espremeu entre seus braços e tentou consolá-la.

— Respira fundo. Outra vez...

— chegaste bem a tempo — disse Lily ofegando.

— Já te disse que cuidaria de você — murmurou ele. — Não importa o difícil que me seja isso. — Apertou-a com força, sem deixar de murmurar ao seu ouvido, alternando impropérios com palavras carinhosas. Passou a mão por debaixo da capa manchada de até alcançar o tenso perfil de suas costas e acariciá-la. Ela começou a rir histericamente.

— Tranquila — disse ele. — Tranquila.

— Como soube? Como me achou?

— Lady Lyon não estava em casa. Fui a Craven's e me inteirei de que, apesar de que a carruagem seguia ali, tinha-te ido.

Worthy confessou que te tinha partido sozinha em direção a Covent Garden. — Assinalou com a cabeça o extremo da ruela onde o chofer, Greaves, aguardava-os com um par de cavalos. — Greaves e eu estivemos examinando as ruas até te encontrar. — Jogou a cabeça para trás e a olhou nos olhos. — Quebraste a promessa que me fez, Lily.

— Não. Fui a Craven's acompanhada. Isso foi tudo o que me pediu.

— Não nos coloquemos agora em uma discussão — disse ele sorrindo.

— Sabe perfeitamente a qual me referia.

— Mas Alex...

— Cala. — Alex observou dois de homens robusto que acabavam de aparecer. Olhavam a ele e a Rooters, que seguia imóvel no chão.

— Que demônios? — exclamou um deles, enquanto o outro, meio bêbado, arranhava a cabeça. — Traz o urso... Os cães estão a ponto de acabar com o texugo.

— Não! — gritou Lily, disposta a enfrentar-se com eles. — Não, açougueiros! Por que não jogam um de vocês aos cães? Asseguro que os cães não dariam nenhuma oportunidade! — voltou-se para Alex e o agarrou pela camisa. — Comprei o urso. É meu! Quando vi o que pensavam fazer... A pobre besta me dava tanta pena... Não pude me reprimir. Não permita que o levem, o farão pedaços...

— Lily. — Tomou seu rosto entre as mãos com delicadeza. — Calma, me escute. Isto acontece todo dia.

— É uma crueldade, uma barbaridade!

— Estou de acordo. Mas em caso de que conseguíssemos resgatar o animal, encontrariam outro que ocupasse seu lugar.

Os olhos de Lily se alagaram de lágrimas.

— chama-se Pokey — disse com um fio de voz. Era consciente do irracional de seu comportamento. Jamais se tinha mostrado tão emotiva nem abraçou um homem pedindo que a ajudasse. Mas era como se depois de ver sua filha e dos surpreendentes acontecimentos dos últimos dias se tornou temporariamente louca. — Não permitirei que o levem. Quero-o como presente de casamento, Alex.

— Presente de casamento? — Alex olhou a desmantelada carruagem. O velho urso aparecia o nariz entre as grades. Pouco tempo de vida restava a aquele maldito inseto, lutasse ou não.

— Por favor — sussurrou Lily, com a cabeça apoiada na enrugada camisa de Alex.

Ele, amaldiçoando, separou Lily.

— Vá com o Greaves e sobe a um dos cavalos — murmurou. — Eu me ocuparei disto.

— Mas...

— Fez o que disse ele com serenidade, embora dando o assunto por concluído. Lily o obedeceu, evitando a dureza de seu olhar. Afastou-se caminhando lentamente.

Alex se aproximou dos dois homens.

— O animal é nosso — disse com calma.

Um deles deu um passo à frente.

— Necessitamos de briga.

— Terá que encontrar outro urso. Minha esposa quer este. — Sorriu, mas seu olhar era frio e perigoso.

— Algo á contestar?

Os homens contemplaram com apreensão o corpo de Rooters e a postura ameaçadora de Alex. Era evidente que nenhum deles desejava correr a sorte de seu parceiro.

— Então que demônios damos aos cães? — perguntou lastimando um deles.

— Tenho um bom número de sugestões — respondeu Alex, olhando-os fixamente. — Mas nenhuma gostariam.

Eles retrocederam, amedrontados por seu olhar.

— Imagino que poderemos conseguir mais ratos e texugos — murmurou um.

O outro ficou, aborrecido.

— Mas prometemos um urso...

Alex fez ao Greaves um sinal.

O chofer se aproximou imediatamente.

— Sim, Milord?

— Quero que te leve a carruagem casa. Lady Raiford e eu retornaremos a cavalo.

Para Greaves não entusiasmava a idéia de levar um passageiro como aquele até o Swans' Court. Mas não protestou.

— Sim, Milord — disse, e engoliu saliva. Aproximou-se do extravagante carro com cautela e colocou um lenço em cima do assento. Instalou-se cuidando de não manchar sua elegante roupa. O urso observava o processo com um ligeiro interesse. Alex sorriu e se encaminhou a grandes passos para onde Lily estava o esperando.

A via preocupada.

— Alex, acredita que poderemos construir um cercado ou uma jaula em Raiford Park? Ou possivelmente seria melhor deixá-lo livre no bosque?

— Está muito domesticado para deixá-lo livre.

— Tenho um amigo que tem animais exóticos em sua propriedade.

— Alex lançou um olhar indeciso para o urso e suspirou. — Com um pouco de sorte, conseguirei o convencer de que Pinky necessita de um lar.

— Pokey.

Alex lançou um olhar eloquente e montou.

— Tem planejado alguma escapada mais para amanhã á noite? —perguntou. — Ou poderemos desfrutar de uma noite tranquila em casa?

Lily baixou a cabeça e não respondeu, apesar de estar tentada a recordar que não seria uma esposa normal. Olhou de soslaio sua escura figura despenteada e tentou sobrepor-se ao enjôo que se apoderava

dela. Tivesse encantado poder agradecer a ele por tudo o que tinha feito, mas tinha a língua travada.

— Vamos-disse ele secamente. Ela mordeu o lábio.

— Alex, imagino que já deva estar lamentando te haver casado comigo — Sua voz refletia ansiedade.

— Lamento que me tenha desobedecido e te tenha posto em perigo.

Em outras circunstâncias Lily teria discutido acaloradamente o conceito de obediência da esposa.

Mas agora, depois de que ele a tivesse resgatado, respondeu com uma suavidade nada habitual nela.

— Ninguém podia me ajudar. Devia resolver meus problemas sozinha.

— O dinheiro não devia a Craven — disse ele sem alterar-se. — Entregaste — as cinco mil libras a outra pessoa. — Apertou os dentes ao vê-la assentir com a cabeça. — No que está se metendo, Lily?.

— Preferiria que não me perguntasse — Sussurrou. — Não quero mentir.

— Por que não confia em mim? — disse ele com aspereza.

Ela brincava com as rédeas, sem atrever-se a lhe olhar.

Alex achava na biblioteca em penumbras com uma garrafa de conhaque entre as mãos. Lily estava no andar de acima preparando-se para deitar-se. Era evidente que algo a atemorizava. Ele não sabia o que fazer para ganhar sua confiança. Sempre que a olhava nos olhos intuía que cada vez ficava menos tempo. Não era um problema de dinheiro. Alex tinha deixado claro que ela podia utilizar sua vasta fortuna como desejasse. Iludiu-se como um tolo pensando que uma vez saldada a dívida aquele pânico que tão frequentemente aparecia no olhar de Lily ia desaparecer como por arte de magia. Mas seguia ali. O que acabava de acontecer essa mesma noite não podia ser considerado como a típica animação que alguém se implica por puro prazer... Era um ato de rebeldia selvagem contra uma cruz que levava nas costas e a arrastava para o mais fundo. Conhecia a perfeição o comportamento de quem tenta escapar da dor. Ele mesmo tinha estado praticando durante dois anos.

Deixou a garrafa, sem haver-se servido a taça, e se esfregou os olhos. Ficou imóvel de repente; sabia que Lily estava ali. Seus sentidos se acenderam, sussurrou seu nome e seu corpo ficou tenso.

voltou-se a olhá-la. Ia envolta em uma camisola de cambraia branca, e seu cabelo era uma desordem de cachos escuros. A via vacilante, frágil e sedutora. Seus olhos negros piscaram ao ver as garrafas de licor atrás dele.

— Quer tomar uma taça?

— Não. — Sua voz soou impaciente e cansada. — O que quer?

Ela riu brandamente.

— É nossa noite de casamento — disse.

Todos os pensamentos de Alex se dissiparam, e só desejou possuí-la. Conhecia as formas escondidas sob a delicada cambraia, o quente abraço de sua carne. A excitação o alagou; mas se obrigou a mostrar-se indiferente. Queria que ela tomasse a iniciativa, que admitisse que o desejava.

— Tem razão — disse.

Lily parecia inquieta; levou-se uma mão à nuca e começou a brincar com um cacho, uma atitude que a fazia parecer inocente e de uma vez tremendamente fascinante.

— Está cansado, Milord?

— Não.

Ela decidiu prosseguir o jogo, apesar de que sua voz soava cada vez mais desconcertada.

— Pensa te retirar logo?

Alex se aproximou dela.

— Quer que o faça?

Lily baixou a vista.

— Não me importaria se decidisse...

— Quer que vá à cama com você? — Alex o acariciou os braços.

Lily notou o rubor subindo por suas bochechas.

— Sim — conseguiu sussurrar antes que a boca de Alex se unisse à sua. A abraçou pela cintura. A promessa de seu corpo avivou Alex. Levou-a acima e começou a despi-la delicadamente, e tratou de que ela fizesse o mesmo com ele. Lily, que não estava familiarizada com a roupa de homem, custou a tirar os botões do interior de suas calças. Ele, com grande suavidade, e apesar de que tinha começado a respirar agitadamente ao sentir a mão de Lily roçando o ventre, ensinou o que devia fazer para desabotoados.

Deitou-a na cama e a cobriu com lentidão o corpo de beijos ardentes, afundando o rosto na pele suave, amando a pálida calidez de seus seios, sua cintura e seu ventre. Lily estava muito mais desinibida que nas outras noites que tinham compartilhado; suas mãos vagavam sobre o corpo de Alex com maior liberdade e suas pernas se enlaçavam com as dele mais decididamente.

Um gemido escapou dos lábios de Alex ao sentir aquele corpo ágil e esbelto sob o seu. Custava respirar, mas apesar disso a beijou, e sua mão desceu até o quente pêlo do sexo de Lily. Ela, tremula, separou os joelhos e empurrou para cima ofegante. Ele a acariciou devagar e logo a penetrou com delicadeza com os dedos.

Lily gemeu e se aproximou mais a ele, retorcendo-se diante do convincente movimento de sua mão. Alex a beijou no pescoço e os ombros e a seguir retirou a mão e o separou das coxas.

— Abre os olhos — sussurrou. — Me olhe.

Ela abriu os olhos para contemplar seu profundo olhar. Então Alex entrou nela e as pupilas de Lily se dilataram ao sentir seu estimulante poder. Ele a agarrou pelos quadris para penetrá-la mais profundamente, movendo-se com um ritmo insistente. Lily acariciava a suave superfície de suas costas; mas logo afundou os dedos em sua musculatura quando seu prazer começou a aumentar. Voltou o rosto em busca do roçar de sua bochecha e ouviu Alex sussurrar frases entrecortadas que parecia incapaz de reprimir: quão bonita era, quanto a desejava... Quanto a amava. E Lily sentiu um prazer sedoso explodindo em seu interior; afogava-se em uma corrente de sensações indescritíveis. Ele não a soltou até que ambos alcançaram o orgasmo.

Seguiu o silêncio mais profundo que Lily tivesse conhecido. Apesar de sua cabeça não parava de fazer perguntas, seguia com os olhos fechados. «Amo-te...»

Havia dito isso Alex? De havê-lo dito, certamente não terei que tomar ao pé da letra. Já a tinha advertido sua tia Sally de que nunca devia fazer-se caso ao que um homem dissesse em um momento de paixão.

Quando deu aquele conselho Lily não chegou a entender o seu significado.

Alex fez um leve movimento por um minuto, como se quisesse separar-se dela. Lily, fingindo dormir, seguia com as mãos unidas atrás do forte pescoço de Alex e as pernas fortemente entrelaçadas com as dele. Murmurou como em sonhos e abraçou com mais força. Perguntava-se qual seria a causa de que Alex respirasse de forma tão anormal. Devia recordar o que havia dito, e certamente se arrependia.

E ela, OH, Senhor, queria que fosse certo.

Embora alarmada por seus pensamentos, conseguiu relaxar-se. Alex merecia alguém muito melhor que ela, uma mulher pura, inocente, de reputação impecável. Se na realidade a queria era porque ainda não sabia quem era ela. Abandonaria assim que se inteirasse de sua filha. E Lily acabaria com o coração destrozado se permitia apaixonar-se por ele.

— Não é necessário que acrescente nenhum comentário mais a respeito do desespero que é este assunto — sentenciou lady Lyon, olhando o casal de recém casados como se fosse uma governanta que tivesse visto sua aluna beijando-se com um camponês mau educado. Era uma mulher, elegante, de cabelo grisalho brilhante como a prata; seu olhar azul era direto e a estrutura de sua ossatura indicava que de jovem tinha sido uma beleza.

Alex se deu de ombros, como se com isso pretendesse desculpar-se.

— Mas, tia, a verdade é...

— Não tente me contar a verdade, menino impetuoso! Ouvi os rumores e já ouvi o suficiente.

— Sim, tia Mildred — replicou Alex humilhando-se pela décima vez e olhando de esguelha a sua esposa.

Achavam-se no salão verde da mansão que lorde Hampton Lyon possuía em Brook Street. Lily estava a seu lado, sentada em uma cadeira e sem levantar os olhos de suas mãos entrelaçadas. Alex nunca a tinha visto assim e ficava difícil reprimir um sorriso.

Tinha advertido de antemão que era o que lhes esperava. E sua velha tia, de acordo com as previsões, levava mais de um quarto de hora os exortando com aquele estilo arrogante que era tão próprio.

— Jogo, nudez, promiscuidade e sabe Deus que mais — prosseguiu lady Lyon muito severa, e tudo isso levado a público. Considero-te tão responsável como sua esposa, Alexander. Como te atreve a jogar gratuitamente pela amurada sua excelente reputação e a manchar deste modo o bom nome da família? — Sacudiu a cabeça observando-os muito séria. — O único passo inteligente que destes foi vir para ver-me. Embora me parece que é muito tarde para te arrancar do desastre social. Sua entrada vai ser a maior provocação de minha vida.

— Todas nossas esperanças estão depositadas em você, tia Mildred

— disse Alex, compungido — Se alguém for capaz de conseguir, é você.

— Efetivamente — replicou lady Lyon com tom áspero. Lily levou a mão à boca para ocultar seu sorriso. Estava desfrutando vendo seu marido receber uma bronca. Mas era evidente que a anciã dama adorava Alex, a pesar da enérgica bronca que estava dando a ele.

Lady Lyon olhou para Lily com receio.

— Não consigo compreender por que meu sobrinho se casou com você declarou. — Deveria haver-se

casado com sua irmã e te converter em sua amante.

— Estou completamente de acordo — disse Lily, que até então não tinha aberto a boca. — Eu estava totalmente disposta a ser sua querida. Teria sido um acordo muito mais razoável. — Sorriu para Alex com doçura, fazendo caso omisso de seu olhar irônico. — Persuadiu-me a qual me casasse com ele com uma idéia que agora me parece descabelada: me reformar. — Movia os olhos com grande dramaticidade. — Sabe Deus de onde tirou tal idéia.

Lady Lyon a observava com renovado interesse.

— Humm. Já começo a entender o porquê de tanta atração. É uma rapariga de muitos brios e não me cabe a menor duvida de que é ágil de mente. Mas dá no mesmo...

— Obrigado — interrompeu Lily muito recatada, antes que começasse um novo turno de conversa. — Lady Lyon, não sabe que agradeço sua boa disposição e sua vontade de interceder por nós. Mas conseguir que sejamos admitidos nos ambientes respeitáveis... — Sacudiu a cabeça com resolução. — É impossível.

— Me permita que te relate, senhorita impertinente, que é possível, e o será — disse a anciã com frieza. — A menos que siga te comportando de forma escandalosa!

— Não fará — disse Alex. — Nem eu, tia Mildred.

— Muito bem. — Lady Lyon indicou com um gesto a uma criada que se aproximasse seu tabelionato. — Começarei a campanha — disse com um tom que certamente devia utilizar Wellington no Waterloo. — e vocês, naturalmente, deverão seguir minhas instruções ao pé da letra.

Alex se aproximou de sua tia a grandes passos e beijou sua enrugada fronte.

— Sabia que podíamos confiar em você, tia Mildred.

— Não seja pomposo — replicou com secura, e indicou a Lily que se aproximasse. — Pode me beijar, pequena.

Lily, obediente, estampou um beijo na bochecha da anciã.

— E agora que já te dei uma olhada — prosseguiu lady Lyon, estou segura de que nem tudo o que se diz de você é verdade. O rosto delata sempre qualquer tipo de vida decadente e você tem um aspecto muito menos degenerado do que esperava. — Entreabriu os olhos. — Imagino que com a roupa adequada chegaríamos a te fazer passar por uma mulher de bom caráter.

Lily fez uma leve reverencia.

— Obrigado — disse, com um tom tão submisso e engraçado.

— Seus olhos têm um problema — anunciou — lady Lyon. Escuros, pagãos, cheios de malícia. Possivelmente encontre a maneira de...

— Não fale mais de seus olhos, tia — interrompeu Alex, e agarrou Lily pela cintura. — São seu melhor traços. É o que mais gosto.

A risada silenciosa de Lily se desvaneceu ao firmar seu olhar cativo em Alex. Sentia um calor de plenitude muito especial em seu interior, o coração pulsava velozmente.

De repente era como se o sólido braço de Alex fosse a única coisa que a mantinha em pé. Consciente do minucioso exame a que estava submetendo-a lady Lyon, tentou desviar a vista, mas era incapaz de fazer nada

exceto esperar, indefesa, que ele a soltasse. Alex, finalmente, separou-se.

— Nos deixe a sós um momento, Alexander —disse lady Lyon, menos cortante.

Ele franziu a sobrancelha.

— Tia, temo-me que não temos tempo de seguir falando.

— Não se preocupe — disse lady Lyon secamente. — Asseguro-te que este velho dragão não pensa devorar a sua bonita noiva. Só pretendo dar algum conselho. — Fez um movimento com a mão indicando que desaparecesse. Lily, sem olhar para seu marido, tomou assento no sofá.

Alex lançou a sua tia um olhar de advertência e abandonou a sala.

Lady Lyon pareceu fazer graça o rosto que tinha posto seu sobrinho.

— Está claro que não tolera que o critiquem —assinalou rindo entre dentes.

— A menos que ele seja quem o faça. — Lily estava surpreendida ao ver que as maneiras da grandeza se adoçavam.

Sua resposta obteve lady Lyon que soltasse uma gargalhada.

— Já sabe, é meu sobrinho favorito. O homem mais exemplar que tenha tido a família. Muito mais digno de elogio que meu filho Ross, encantador, mimado e inútil. Jamais chegará a compreender a boa sorte que tiveste dando a Alexander e como segue sendo um mistério para mim.

— Também para mim — respondeu Lily de coração.

— Não importa. Já fizeste certa mudança nele.

— Lady Lyon se deteve para refletir. — Não o via tão alegre desde que era um menino, desde antes de que seus pais falecessem.

Lily, imensamente satisfeita, baixou a vista para ocultar o efeito causado pelas palavras da dama.

— Mas, certamente — disse, quando ele e Caroline Whitmore eram noivos...

— Me permita que te explique um pouco relacionado com a americana — interrompeu a anciã com impaciência. — Era uma criatura formosa, despreocupada, propensa às loucuras e ao romantismo. O certo é que teria sido uma esposa adequada para Alexander. Mas a senhorita Whitmore não o compreendia totalmente, nem se importava consegui-lo. — Seu olhar azul se tornou cálido e pensativo, quase triste. — Nunca teria conseguido apreciar a classe de amor que Alex é capaz de oferecer. Os homens Raiford são algo único neste aspecto. — Fez uma pausa, e logo acrescentou: Permitem que suas mulheres exerçam um poder terrível sobre eles. Seu amor tende a ser obsessivo. Meu irmão Charles, o pai de Alexander, se suicidou depois que sua esposa faleceu. A vida sem ela não tinha para ele nenhum sentido. Sabia?

— Não, senhora — respondeu Lily, surpreendida.

— E Alexander não é distinto. Perder a mulher amada, por morte ou infidelidade, causaria nele o mesmo efeito.

— Lady Lyon, acredito que exagera. O que ele sente por mim não chega a esses extremos. Quero dizer...

— Menina, se não te deste conta de que te ama, é que não é tão ardilosa como eu supunha.

Lily a observava assombrada; não sabia se sentir-se consternada ou abandonar-se a uma emoção profunda e surpreendente.

— Os jovens de agora são muito mais teimosos que a de meus tempos — observou lady Lyon com acidez. — Fecha a boca, pequena, entrarão moscas.

A aspereza de lady Lyon recordava a Lily sua tia Sally, embora Sally, teria se mostrado mais extravagante que aquela elegante mulher respeitável.

— Senhora, não mencionou você que tinha que me dar um conselho?

— OH, sim. — Lady Lyon olhou para Lily com um olhar muito significativo. — Sei tudo a respeito de você e suas condutas amalucadas. A verdade é que me recorda quando jovem: uma garota bonita e alegre. Antes de contrair matrimônio deixei atrás de mim uma esteira de corações quebrados, o suficientemente extensa para que minha mãe se orgulhasse disso. Não tinha pressa nem sentia a necessidade de aceitar que um homem fosse meu amo e senhor. Tinha toda Londres a meus pés. Flores, poesias, beijos roubados... — Sorriu ao recordar. — Era delicioso. Naturalmente, me era espantoso sacrificar tudo aquilo por culpa do casamento. Mas vou contar te o que descobri quando me casei com lorde Lyon: vale a pena um pouco de sacrifício em troca do amor de um homem bom.

Lily não falava com tanta franqueza da morte da Sally. Se, atreveu a abrir um pouco o coração; aproximou-se dela e lhe falou com tom sério.

— Lady Lyon, não queria se casar com ninguém. Levou muito tempo de independência. Alex e eu vamos estar nos atirando à cabeça constantemente. Nos dois somos muito teimosos.

Lady Lyon parecia compreender seus temores.

— Tenha em conta o seguinte. Tanto te quer Alex que está disposto a expor-se à censura e ao ridículo diante de seus colegas. O qual, em um homem o orgulho é tão importante, significa uma grande concessão. Não poderia fazer nada pior que te casar com um homem que não fosse capaz de fazer o ridículo por sua causa.

Lily franziu a sobrancelha, preocupada.

— Ele jamais faria o ridículo. Jamais me ocorreria fazer algo que pudesse te envergonhar. — ruborizou-se recordando o episódio de Covent Garden e o velho urso. Não tinha deixado transcorrer nem um dia depois do casamento para começar a comportar-se de forma escandalosa. — Maldição — murmurou, sem poder reprimir-se.

A anciã sorriu, surpreendendo-a.

— Naturalmente, isso não vai ser fácil. Tem diante de ti uma batalha, uma batalha que vale a pena. Acredito ouvir falar de muita gente ao dizer que será do mais interessante observar seu desenvolvimento.

Lady Lyon deu os passos necessários para que ambos pudessem assistir a festas particulares, no transcurso das quais seu casamento foi anunciado como correspondia.

O escândalo era inevitável, pois os detalhes de seu «noivado» eram a fofoca de toda Londres. Mas lady Lyon tinha conseguido atenuar os efeitos. Lily, ante sua insistência, assistiu a todas as festas vestidas do modo mais decorosa e modesta possível e procurou alternar com viúvas e casadas respeitáveis.

Lily ficou surpreendida nessas reuniões quando homens com os quais tinha jogado e trocado amistosos insultos, com os quais tinha bebido e compartilhado piadas no Craven's, a tratavam com um respeito

inesperado. Em uma ocasião piscou os olhos às escondidas á um dos cavalheiros mais velhos, como se estivessem conspirando. Por outro lado as esposas se comportavam com ela com circunspeção. Não havia ninguém que se atrevesse a dar as costas abertamente, já que lady Lyon e seus amigos se achavam sempre a seu lado. Também ajudava o fato de que Lily possuía um título impressionante, respaldado por uma fortuna mais impressionante ainda.

Lily se sentia satisfeita cada vez que chegava a um porto em uma daquelas reuniões. Era impossível não precaver da mudança na forma como a olhava, das cortesias e os cuidados que a brindavam. Alguns dos aristocratas que se comportaram com ela durante todos esses anos com a mais educada frieza, mostravam-se agora lisonjeiros, afetuosos inclusive, como se tivesse sido sempre sua favorita. No fundo, para Lily pareciam indignos todos aqueles trâmites necessários para converter-se em uma pessoa respeitável, e isso divertia Alex.

— É como se estivesse desfilando diante deles à espera de sua aprovação — dizia Lily. Achavam-se em uma das salas do andar superior, repassando a lista de convidados. — Vejo-me como um desses que levam a cauda repleta de cintas trancadas. «Olhem todos, não parece tão vulgar como temíamos...» A verdade, Milord, espero que tanto esforço valha a pena!

— Tão duro te será ? — perguntou ele com olhos faiscantes.

— Não —admitiu. — Quero que saia bem. Aterroriza-me pensar o que poderia me fazer sua tia Mildred se não conseguir.

— Gosta — assegurou Alex.

— OH, de verdade? É esse o motivo pelo qual anda sempre fazendo comentários a respeito de meu comportamento, meus olhos ou meus vestidos? Outro dia se queixou de que estava brilhando meu o seio meu Deus!

— Tem um seio muito bonito.

Ela olhou com ironia seus pequenos e viçosos seios.

— De pequena, mamãe me obrigava a me jogar água fria no peito para que crescesse. Nunca fiz. O seio de Penélope é muito melhor que o meu.

— Não me tinha dado conta — disse Alex. Jogou no chão os convites e tentou agarrá-la.

Ela se abaixou lançando uma gargalhada.

— Alex! Lorde Faxton aparecerá de um momento a outro para falar da fatura que nos quer apresentar.

— Terá que esperar. — Agarrou-a pela cintura e a empurrou para o sofá.

Lily ria e se esquivava protestando.

— E se vier Burton?

— Burton é muito avisado para fazer isso.

— A verdade, Milord, maravilha-me o orgulho que sente dele. — Lily não deixava de lutar. — Em minha vida tinha visto um homem que sentisse tanta avaliação por seu mordomo.

— É o melhor mordomo da Inglaterra — disse Alex, tratando de sujeitá-la, embora agradecido pela energia que se mostrava. Era uma mulher de força extraordinária para sua pequena envergadura. 'Ela tentava tirá-lo de cima sem poder evitar a risada. Alex então a agarrou os pulsos com uma só mão e as colocou em

cima da cabeça. A outra mão vagou livremente ao longo de seu esbelto corpo.

— Alex, me solte — disse ela sem fôlego.

ele baixou as mangas e tirou seu vestido.

— Não penso fazê-lo até te convencer de quão bonita é.

— Estou convencida. Sou bonita. Encantadora. e agora para já

— Lançou um grito sufocado para ouvir o som da delicada malha rasgando-se.

Alex, olhando-a diretamente nos olhos, seguiu tirando o vestido até deixar os seios ao ar. Acariciava a pele nua, provocando com isso cócegas de prazer. Percorreu brandamente com a ponta do dedo os delicados mamilos, enquanto seus olhos jogavam fogo contemplando a débil curvatura dos seios. A vontades de parar se esfumçou e começou a respirar com dificuldade.

— Milord, podemos esperar. É importante que... — Sua cabeça era um turbilhão de sensações. — É importante que vejamos o Faxton assim que chegue.

— Não existe nada mais importante que você.

— Sei razoável...

— Estou sendo razoável. — Seus lábios se fecharam sobre um mamilo.

Logo beijou os seios com luxuriosa sensualidade. Lily tremia. Voltava à cabeça de um lado a outro, tentava mover os punhos que tinha tão firmemente, presos. Alex levantou as saias para acariciar as pernas, e o calor de sua mão se filtrou através das finas meias de seda.

— Jamais tinha desejado uma mulher como desejo você — murmurou. Sua boca brincava pelo pescoço até acabar lambendo sua orelha. — Poderia te devorar. Adoro seus seios, sua boca, tudo. Acredita? — Vendo que fugia a resposta, acariciou a boca com os lábios, obrigando a responder. — Acredita?

Ouviram então que alguém batia com os dedos na porta fechada da sala. Bêbada de prazer, Lily se negava a aceitar a realidade daquele som. Alex se deteve, entretanto, e levantou a cabeça.

— Sim? — Surpreendentemente, sua voz soou serena.

Ouviu-se a voz de Burton no outro lado da porta.

— Milord, acaba de chegar um bom número de visitas, todas de uma vez.

— Quantas são? Quais são? — perguntou Alex mal-humorado.

— Lorde e lady Lawson, o visconde e lady Stamford, o senhor Henry e um cavalheiro que se identificou como seu tutor.

— Toda minha família — exclamou Lily.

Alex suspirou.

— supunha-se que Henry não chegava até manhã... Verdade?

Ela se deu de ombros.

— Acompanha-os a todos ao salão do primeiro andar, Burton — disse Alex, e diga que em seguida estamos com eles.

— Sim, Milord.

Lily se amontoou contra o peito de Alex; tinha o corpo dolorido pelo desejo insatisfeito.

— Não — choramingou.

— Seguiremos mais tarde — disse ele, acariciando a ruborizada bochecha com a ponta do dedo. Ela, frustrada, agarrou sua mão e a levou ao seio. Ele, lançando uma gargalhada, abraçou-a e beijou seu cabelo.

— Quererão ficar para jantar.

Ela exalou um gemido de protesto.

— Despacha-os — disse, mesmo sabendo que pedia algo impossível.

— Quero estar a sós com você:

Alex esboçou um sorriso e acariciou suas costas.

— Temos milhares de noites por diante.

Lily assentiu em silêncio, apesar de que o desespero alagava a alma... Não podia prometer aquilo sem saber o que ocultava, o segredo que os separaria para sempre.

Alex, sem nenhuma pressa, olhou a beira descosturada do vestido e inclinou a cabeça para beijar o vale profundo entre seus seios.

— Melhor será que te troque de vestido — murmurou. — Não acredito que sua mãe o passasse, embora eu te encontro arrebatadora tal como está.

Lily fez sua entrada no salão embelezada com seu vestido favorito: de seda vermelha escura com adornos e apertado. As mangas de tecido transparentes revelavam brilhos dos esbeltos braços e o ligeiro vôo da saia deixava adivinhar as pernas. Era um vestido que nunca teria aprovado tia Mildred. Mas sentava muito bem, e Lily tinha decidido conservá-lo como um vestido de andar pela casa. Era evidente que Alex, não podia tirar os olhos de cima, aprovava-o também.

— Lily! — exclamou lady Totty entusiasmada. — Minha querida filha, minha favorita, minha encantadora menina, ansiava verte. Fez tão feliz sua querida mãe; estou tão contente e orgulhosa que não posso evitar derramar lágrimas de alegria cada vez que penso em você...

— Olá, mamãe — disse Lily com ironia, abraçando Totty e dirigindo uma careta a Penélope e Zachary.

Ver os dois juntos a enchia de satisfação. Penélope estava sentada junto a Zachary e seu rosto reluzia de amor pelos quatro cantos.

Zachary se sentia também feliz, apesar de que observava Lily com olhar inquisitivo.

— Não podíamos acreditar a notícia — disse adiantando-se para abraçar Lily. — Tínhamos que vir para comprovar que estivesse bem.

— Naturalmente que estou bem — respondeu Lily, coibida de ter que enfrentar-se com o olhar de seu antigo amigo. — Tudo foi muito rápido. Lorde Raiford tem uma forma de cortejar esmagadora, por não dizer mais.

— Estou de acordo com você — disse Zachary, contemplando seu rosto rosado. — Jamais tinha te visto tão bonita.

— Lorde Lawson — disse Alex, estreitando a mão de seu sogro, pode estar seguro de que cuidarei de sua filha e de que não faltará nada para ela. Sinto que não houvesse tempo para solicitar seu consentimento. Espero passar por cima de nossas pressas e abençoar nossa união.

George Lawson o observava com uma careta de ironia. Ambos sabiam perfeitamente que Alex importava que ele desse ou não sua aprovação.

Possivelmente foi o duro olhar de Alex que obrigou a George a respeitar as formalidades e responder com uma calidez que não era habitual nele.

— Têm vocês minha bênção, lorde Raiford, e meus mais sinceros desejos de que desfrutem de uma vida feliz juntos.

— Obrigado. — Alex se aproximou de Lily e a atraiu para si, obrigando ao pai e filha a olhar-se no rosto.

— Obrigado, papai — disse Lily. Ficou surpreendida ao ver seu pai adiantar-se e agarrá-la pelas mãos, pois poucas vezes tinha brindado uma demonstração de afeto.

— Desejo-te o melhor, filha, e não me importa que pense o contrário.

Lily sorriu e devolveu o aperto de mãos; apesar de seu receio seus olhos se umedeceram.

— Acredito, papai.

— Agora me comprimente-disse uma voz jovem. Lily se pôs a rir quando Henry se equilibrou sobre ela.

— Agora é minha irmã! — exclamou, espremendo-a. — Não podia esperar nem um dia mais para te ver. Sabia que Alex se casaria com você. Pressentia! E agora que viverei com vocês me levará a Craven's, cavalgaremos e iremos caçar, ensinará-me a fazer jogar, com as cartas e...

— Shhh. — Lily tampou sua boca e olhou de esguelha para Alex. — Nenhuma palavra mais, Henry, ou seu irmão iniciará os trâmites de divórcio.

Alex, com os olhares assombrados de sua família, acariciou os cachos de Lily e a beijou na bochecha.

— Jamais — declarou, e Lily, com o coração encolhido, permitiu acreditar.

— Lorde Raiford — interrompeu Burton com voz pausada e apresentando um cartão. — Lorde Faxton acaba de chegar.

— Que aconteceu — disse Lily rindo. — Possivelmente queira ficar para jantar.

Compartilharam um largo e prazeroso jantar. Os temas da conversa foram desde considerar se era justa a fatura apresentada por lorde Faxton até o talento do tutor de Henry, o senhor Radburne, um homem sóbrio, embora afável, aficionado à história e à língua.

Lily era a anfitriã perfeita, animando a conversa quando decaía e proporcionando à noite, sem nenhum esforço, um encanto tal que todos os convidados se sentiam a gosto. Alex a observava com orgulho do extremo oposto da mesa. A tensão de Lily, ao menos por essa noite, esfumou para dar passo a uma mulher deslumbrante. Só vacilou em uma ocasião: quando seus olhares se cruzaram e a paixão se apoderou de ambos.

Os cavalheiros se retiraram a tomar uma contribuição e Penélope se levou a Lily com a intenção de manter um bate-papo privado.

— Lily, ficamos tão surpreendidos quando nos inteiramos de que tinha casado com lorde Raiford! Mamãe quase se deprime. Pensávamos que te odiava!

— Também pensava — disse Lily, algo incômoda.

— Bem, o que aconteceu?

Lily se deu de ombros e sorriu envergonhada.

— Será difícil de explicar.

— Lorde, Raiford parece outro, tão amável e sorridente, e te olha como se te adorasse! Por que te casou tão de repente? Não entendo nada de nada!

— Ninguém entende — assegurou Lily. — Nem eu. Penny, não falemos de meu casamento. Quero ouvir como vai o teu. É feliz Com o Zach?

Penélope suspirou extasiada.

— É melhor do que podia ter imaginado! Cada manhã me acordo temendo que tudo vá terminar, como se fosse um sonho milagroso. Já sei que soa ridículo...

— Não de tudo — disse Lily muito devagar. — Sonha maravilhoso. — de repente sorriu com malícia. — Me conte da fuga. comportou-se Zachary como um Dom Juan, ou adotou o papel de noivo tímido e sufocado? Venha, não te guarde só para você os detalhes mas emocionantes.

— Lily — protestou Penélope, vermelha como um tomate. Duvidou um instante, mas a seguir se inclinou para sua irmã e sussurrou: Zach, com a ajuda dos criados, penetrou na casa uma vez que papai e mamãe se retiraram. Veio a meu quarto, abraçou-me e me disse que ia ser sua esposa e que não ia permitir que sacrificasse minha felicidade pela família.

— Bravo por ele — exclamou Lily.

— Pus umas coisas em uma mala e o acompanhei à carruagem que nos estava esperando... OH, tinha tanto medo de que nos agarrassem, Lily! Mamãe e papai podiam descobrir minha ausência a qualquer momento, ou lorde Raiford podia retornar inesperadamente...

— Não. Assegurei-me de que lorde Raiford estivesse indisposto essa noite.

Penélope abriu os olhos Com curiosidade.

— Que demônios fez?

— Não pergunte, querida. Só me diga uma coisa:" comportou-se Zach como um cavalheiro e esperou que chegassem a Gretna Green ou te atacou na carruagem?

— Como pode pensar isso? — reprovou Penélope. — Sabe perfeitamente que a Zachary nunca passaria pela cabeça aproveitar-se de uma mulher. Zachary dormiu em uma cadeira junto à lareira.

Lily fez uma careta.

— Incuráveis — disse, soltando uma gargalhada. — Ambos são honoráveis.

— Bem, também é lorde Raiford — assinalou sua irmã. — Acredito que é ainda mais formal e convencional que Zachary.

Estou segura, de ter estado vocês em nossa situação, lorde Raiford se teria comportado com decência e decoro.

— Possivelmente — murmurou Lily e sorriu. — Mas, Penny... Não teria dormido em uma cadeira.

Os convidados se foram todos muito tarde, e Henry e seu tutor foram acomodados em suas respectivos quartos. Lily quis assegurar-se de que todo o relacionado com a família estava em ordem e correu acima e abaixo até conseguir. Quando subiu ao quarto com Alex se sentia extremamente satisfeita do resultado da

noite. Alex despediu do serviço, e enquanto Lily desfrutava explicando quão feliz estava sua irmã, ajudou-a a despir-se.

— Penny está radiante — disse ela enquanto Alex desabotoava seu vestido pelas costas. — Jamais a tinha visto tão feliz.

— Esta muito bem — admitiu Alex.

— Bem? Resplandece por onde quer que a olhe. — Lily tirou o vestido e se sentou na beira da cama, estendendo a perna para que tirasse a meia. — Vê-la agora me fez pensar em quão infeliz a teria feito, com suas maneiras bruscas. — Sorriu provocativamente, disposta a desabotoar a blusa. — Afastá-la de ti foi a melhor coisa que fiz em minha vida.

— E quase acaba comigo de passagem — brincou Alex, contemplando a meia de seda bordada que tinha na mão.

— OH, não seja dramático. Não foi mais que uma cabeçada. — Lily acariciava o cabelo dourado, arrependida. — Eu não gostava absolutamente da idéia de ter que te fazer mal. Embora não me ocorria outro modo de te reter. É um homem tremendamente obstinado.

Alex se desfez da camisa, franzindo a sombrancelha. Seu largo peito musculoso ficou descoberto.

— Poderia ter pensado em uma forma menos dolorosa de me ter afastado de Raiford Park essa noite.

— Imagino que poderia te haver seduzido. — Na comissura de seus lábios se desenhou um sorriso. — Mas a idéia não me atraía muito.

Alex seguiu despiendo-se sem deixar de observá-la.

— Ainda tenho que te pagar aquela noite com a mesma moeda — disse. O brilho de seu olhar não inspirava confiança.

— Me pagar com a mesma — moeda?—embainhou-se a camisola, desejava cobrir-se entre os lençóis. — Refere-te a me golpear com uma garrafa?

— Não precisamente.

Alex se meteu na cama e começou a brincar com Lily. Ela lutava, rindo, enquanto ele tratava de roubar beijos. Lily desfrutou daquele combate, até que de repente Alex estendeu um braço e atou com presteza seu punho a um dos extremos da cama com uma das meias. Lily riu para ocultar seu temor.

— Alex... — antes que pudesse continuar se encontrou com o outro punho sujeito de igual maneira. Sua risada se desvaneceu, e assombrada começou a atirar as ligaduras. — O que faz? —perguntou.

— Deixa. Me desate agora mesmo.

— Ainda não. — Alex se estendeu sobre ela, olhando-a nos olhos.

Um calafrio de terror e paixão sacudiu o corpo de Lily.

— Alex, não.

— Não te farei mal —disse ele com um fraco sorriso. — Fecha os olhos.

Ela não podia apartar a vista de suas duras e bronzeadas feições, da promessa sensual de seus olhos.

Alex a cobria totalmente com seu poderoso corpo e roçava com as pontas dos dedos seu pescoço. Lily fechou os olhos e gemendo se deu por vencida. Ele percorreu seu corpo com a boca e as mãos, provocando

um prazer ardente que ela era incapaz de devolver. Atormentou-a com delicadas carícias até deixá-la rígida debaixo dele, esperando que aquela doce tortura a fizesse estourar. Elevou a pélvis para ele quando Alex a penetrou muito devagar enquanto dava enlouquecedores beijos. Estreitou com suas pernas, tremendo. Suas sensações convergiram de repente em uma ardente alienação. Gritou fracamente, estremecendo-se, ofegando, enquanto ele chegava à cúpula do prazer em seu interior.

O final foi lento, como um contínuo fluxo crescente. Alex afrouxou as ataduras. Sufocada, rodeou o pescoço com os braços.

— Por fez isso?

Ele a acariciou lentamente.

— Pensei que você gostaria de saber o que sente.

Lily recordou que ela em sua oportunidade tinha dado a mesma explicação, e afogou um gemido.

— Alex, e eu... Não quero voltar a fazer isto com você.

Sentiu a pressão de seus lábios no pescoço.

— O que quer? — perguntou ele com voz rouca.

Lily agarrou a cabeça.

— Quero ser sua esposa — sussurrou, solicitando seus beijos.

À medida que foram acontecendo os dias Lily se deu conta de que desejava as carícias de seu marido, seus sorrisos, o ter junto a ela. Tinha temido que sua vida com ele fosse cinza, como um cárcere. Mas ao contrário era mais emocionante do que tinha experimentado em sua vida. Alex a desafiava e a deixava perplexa a cada momento, era impossível adivinhar Como ia surpreender a próxima Vez. Em ocasiões a tratava com maneiras rudes que devia utilizar com seus amigos quando se reuniam a beber e a discutir de política. Não vacilava absolutamente em levá-la a cavalgar ou a caçar com ele.

Levava, inclusive, a algum combate de boxe e ria observando suas mudanças de atitude: encolhida ante qualquer ação violenta ou saltando para animar a seu favorito. Alex se sentia orgulhoso de sua inteligência e não se esforçava por ocultar sua surpresa ao descobrir sua habilidade no manejo das contas da casa. Lily se explicou brevemente que os dois últimos anos de ganhos tão inseguros a tinham convertido em uma perita em economia e previsões.

A Lily agradava ouvir elogiar seu talento e agradecia que respeitasse suas opiniões. Gostava inclusive do modo em que às vezes a provocava tratando-a como se fosse uma dama pouco distinguida. Em outras ocasiões, pelo contrário, desconcertava-a mimando-a como se fosse uma rosa estranha e delicada.

Havia tardes, quando ela estava banhando-se, em que entrava para lavar seus cabelo e secá-lo como se fosse um bebê, para acabar esfregando o corpo com azeite perfumado.

Nunca tinha se sentido tão plenamente agradecida e mimada. Depois, de tantos anos de ter que valer-se por si mesmo, surpreendia ter alguém que procurava satisfazer todas suas necessidades. Com apenas expressar de um desejo, era concedido, bem fossem mais cavalos no estábulo, entradas para o teatro ou simplesmente que a abraçasse. Despertava com beijos quando tinha pesadelos e a consolava até que dormisse de novo entre seus braços. Quando queria agradá-la na cama se transformava em um amante paciente e dava

lições de erotismo que os excitavam e deixavam plenamente satisfeitos.

Sua forma de fazer amor era imensamente variada: de Um ataque selvagem até a delicada sedução que podia prolongar-se durante horas. Ela às vezes se sentia atordoada, aberta a tudo e espantosamente vulnerável. Apesar disso se sentia mais feliz do que nunca tivesse imaginado.

Alex era capaz de passar da arrogância à amabilidade em Um abrir e fechar de olhos; persuadia a lhe confessar aquelas intimidades que ela jamais teria feito a ninguém.

Impregnava-a com uma claridade assombrosa, compreendia o acanhamento que existia sob sua fachada. Em inumeráveis ocasiões sentiu tentada de lhe contar o da Nicole, embora sempre se tornava atrás. O tempo que estava passando a seu lado se converteu em algo muito precioso. Não podia o perder ainda.

Seguia esperando em vão notícias de Giuseppe, e tinha avisado a Burton, sem que ninguém mais se inteirasse, para que passasse suas mensagens logo que chegassem. Tinha considerado a idéia de Contratar de novo o senhor Knox para procurar Nicole, mas temia que isso pusesse em perigo suas possibilidades de recuperar sua filha. Não podia fazer outra coisa que esperar. Sentia-se tão tensa às vezes que acabava irritando-se com tudo o que a rodeava, incluindo Alex.

Em uma ocasião se produziu uma amarga briga. Na manhã seguinte, envergonhada por seu arrebatamento, apenas podia lhe olhar nos olhos. Além disso dava medo que pedisse uma explicação por seu comportamento tão pouco razoável.

Mas Alex se comportou como se nada tivesse acontecido, e se mostrou amável e afetuoso. Lily se dava conta de que com ela fazia concessões que não se permitiu com ninguém mais. Era o marido que jamais tivesse imaginado que pudesse chegar a existir: generoso, rápido em perdoar e mais preocupado pelas necessidades dela que pelas próprias.

Descobriu, entretanto, que Alex tinha também seus defeitos. Era protetor em excesso e ciumento, fazia cara feia quando um homem olhava sua esposa ou sustentava mais do devido sua mão entre as suas. Lily se divertia com aquela atitude, como se todos os homens de Londres a desejassem. Alex não cessava de advertir que se afastasse de seu primo, Roscoe Lyon, quem o fazia encantadoras proposições cada vez que se viam.

Assistiram a um baile esplêndido, e naquela ocasião Ross a fez rir quando agarrou a mão para depositar intermináveis beijos, como se fosse uma raposa faminta diante de uma deliciosa galinha.

— Lady Raiford — disse depois de um eloquente suspiro, sua beleza é tão deslumbrante que nem a luz da lua se faz necessária. Até me humilha.

— Já humilharei você — interrompeu Alex com cara de poucos amigos, recuperando a mão de sua esposa.

Ross envolveu Lily com um sorriso sedutor.

— Não confia em mim.

— Nem eu — murmurou ela.

Fez cara como de sentisse ferido.

— Só desejo solicitar uma valsa, madame — protestou, para acrescentar com um sorriso-: Jamais dancei com um anjo.

— Prometeu-me isso — respondeu Alex, sombrio, levando sua Lily.

— O que me diz do seguinte? — disse Ross, seguindo-os.

— Prometeu-me todos isso — respondeu Alex por cima do ombro.

Lily, rindo, advertiu:

— Alex, mamãe sempre tentou me ensinar a dançar com graça, mas não houve maneira. Diz que meu estilo é comparável ao galope de um cavalo desbocado.

— Não pode ser tão mau.

— Asseguro isso, é!

Alex pensou que brincava. Mas logo descobriu que estava certa. No salão de baile teve que valer-se de todas suas habilidades para reprimir o vigor atlético de sua esposa, e em muitas ocasiões manobrou com destreza para evitar que ela caísse.

— Me siga — disse Alex, tratando de guiá-la.

Lily, apesar da firmeza dos braços de Alex, seguia movendo-se na direção equivocada.

— Seria mais fácil se te limitasse a me seguir — sugeriu ela com malícia.

Alex inclinou a cabeça para sussurrar ao ouvido que pensasse na última vez que tinham feito amor.

Aquele conselho tão pouco ortodoxo a fez rir como uma tola; mas de repente, assim que olhou nos olhos e se concentrou no fato de estar juntos, permitir que fosse ele quem governasse todos os movimentos se converteu em uma tarefa fácil, e o que estavam fazendo chegou a parecer-se com uma dança.

— Olhe, fazemos bem! — exclamou Lily.

Alex, incapaz de não sorrir ao vê-la tão satisfeita e surpreendida, pediu-lhe várias valsas mais, o que provocou que mais de um os observasse arqueando as sobrancelhas.

Que marido idolatrasse tão abertamente sua esposa não estava na moda, mas Alex parecia não se importar. A Lily divertia ver as sofisticadas mulheres da alta sociedade ocultando atrás dos leques invejosas pela atenção que Alex estava emprestando.

Seus maridos falavam com indiferença e passavam as noites nas camas de suas amantes.

Inclusive Penélope, surpreendendo Lily, fez se notar quão possessivo Alex chegava a mostrar-se, e declarou que Zachary jamais seria capaz de reclamar sua companhia daquele modo.

— Do que falam todo o momento? — perguntou Penélope com curiosidade durante o entreato de uma representação no Drury Lane.

— O que é que ele diz que possa chegar a te interessar tanto? — Ambas as irmãs se achavam em um ângulo da entrada do primeiro andar. Antes que Lily pudesse responder, uniram lady Elizabeth Burghley e a senhora Gwyneth Dawson, jovens e respeitáveis madames que acabavam de fazer amizade com Lily. Lily gostava de Elizabeth em especial, pois tinha um grande senso de humor.

— Eu adoraria escutar a resposta — declarou Elizabeth, e se pôs a rir.

— Todas estamos nos perguntando o que é o que temos que fazer para que nossos maridos fiquem do nosso lado, tal tomo acontece a Lily. Querida, o que é o que faz que te encontra tão encantador?

Lily se deu de ombros e olhou para Alex. Achava-se junto a uma corriola de homens no centro da sala,

todos eles em alguma conversa corriqueira. Ele devolveu o olhar e sorriu ligeiramente. Ela voltou sua atenção às mulheres.

— Falamos de tudo — explicou sorrindo. — De bilhar, da cera das abelhas e do Bentham. Sempre dou minha opinião, inclusive sabendo que não vai gostar de ouvir.

— Mas não deveríamos falar com os homens a respeito de políticas como o senhor Bentham — disse Gwyneth, perplexa. — Para isso têm aos amigos.

— Parece-me que já cometi outro erro social-declarou Lily rindo, fazendo como se tachasse o tema de uma lista invisível. — Acabaram-se as discussões impróprias sobre políticas.

— Lily, não mude — apressou-se a dizer Elizabeth, piscando. — É evidente que lorde Raiford gosta das coisas tal como são. Possivelmente deveria perguntar a meu marido o que opina da cera de abelha e do senhor Bentham!

Lily, sorridente, deslizou uma vez mais o olhar sobre a multidão que enchia a entrada. Alarmou-se ao vislumbrar por um instante um cavalo negro como o carvão e umas feições que eram familiares.

Um calafrio de desassossego sacudiu seu corpo.

Piscou e procurou de novo aquela cabeça, mas tinha desaparecido. Sentiu o calor de uma mão no braço.

— Lily? — perguntava Penélope. — Aconteceu algo ruim?

Capítulo Doze



Lily seguia com o olhar cravado na multidão, como ausente. Mas se recuperou e conseguiu esboçar um sorriso. Sacudiu a cabeça, não podia tratar-se de Giuseppe. Converteu-se em um ser tão sórdido no transcurso dos últimos anos que era impossível que chegasse a misturar-se com as pessoas que estavam ali. Possuísse ou não sangue de aristocrata, jamais seria permitido alternar com pessoas como aquelas; só podia relacionar-se com as classes inferiores.

— Não, Penny, não é nada. Pareceu-me ver um rosto que me parecia familiar.

Conseguiu dissipar aquele escuro pensamento e desfrutar do que ficava de representação, embora não se sentiu aliviada de tudo até que esta finalizou e Alex, vendo a expressão de seu rosto, evitou vários convites e decidiu retornar com Lily a Swans' Court.

Recebeu-os Burton, e se fez cargo das luvas, e o chapéu de Alex. Lily o olhava fixamente, como sempre fazia quando perguntava se tinha chegado alguma mensagem especial. Burton sacudiu levemente a cabeça como resposta. Lily perguntou quanto ia durar aquilo, quantos dias teria que suportar esperando receber notícias de sua filha.

Alex se precaveu de sua angústia apesar dos esforços de Lily por conversar alegremente a respeito da obra que acabavam de ver. Pediu um conhaque, mas Alex, em troca, disse à criada que subisse um copo de leite quente. Lily fez cara feia, mas não protestou. Tomou o leite, despiu-se e se meteu na cama para cobrir-se nos braços de Alex. Ele a beijou e abraçou de boa vontade; entretanto, pela primeira vez, não pôde responder como devia quando Alex fez o amor. Perguntou delicadamente o que acontecia, e ela sacudiu a cabeça.

— Estou cansada — murmurou. — Por favor, me abrace somente. — Alex suspirou e acessou a seus desejos. Ela descansou a cabeça em seu ombro esperando que a vencesse o sono.

A imagem de sua filha em meio da neblina não se separava dela. Lily a chamava, tentava alcançá-la, mas ela se afastava. Uma risada horripilante a fazia retroceder espantada, um sussurro zombador e demoníaco.

— Jamais será tua... Jamais... Jamais...

— Nicole — gritou desesperada. Pôs-se a correr com os braços estendidos, tropeçou e caiu sobre as videiras que se enrolavam em suas pernas. Lutou contra elas chorando de raiva e chamou sua filha a gritos. Então ouviu o gemido assustado de uma menina.

— Mamãe...

— Lily. — Uma voz serena e tranquila irrompeu na escuridão. Ela se debatia movendo os braços. Alex tinha aparecido de repente e a sustentava para que não caísse. Ela se relaxou e se recostou contra ele. Tudo tinha sido um pesadelo. Apoiou a cabeça no peito de Alex e escutou o pulsar de seu coração. Uma vez acordada do tudo se precaveu de que não estavam na cama, a não ser junto ao corrimão de ferro, no ponto mais alto da larga escada. Exalou um grito sufocado. De novo havia tornado a andar dormindo.

As feições de Alex pareciam longínquas e sua voz como se pertencesse a outro mundo.

— Despertei-me e não estava — disse ele. — Encontrei-te aqui. Quase que cai. O que sonhava?

Não era justo fazer essas perguntas sabendo quão desorientada estava.

— Tentava alcançar algo.

— O que?

— Não sei — respondeu angustiada.

— Se não confiar em mim não posso te ajudar. Não posso te proteger das sombras nem dos pesadelos.

— Contei isso tudo...

Seguiu um comprido silêncio.

— Hei-te dito alguma vez — disse Alex com frieza — como ódio que me mintam?

Ela olhou ao tapete e logo à parede; não podia enfrentar-se com seu olhar.

— Sinto muito — disse. Desejava que a abraçasse, o que sempre estava acostumado a fazer depois de um pesadelo. Desejava que fizesse amor, embora fosse unicamente por um momento, poder esquecer-se de tudo e não pensar em outra Coisa que no poderoso calor de sua união. — Alex, me leve outra vez à cama.

— Vá você.

— O que fará? — perguntou ela com um fio de voz, surpreendida.

— Ler. Beber. Ainda não sei. — Desceu a escada sem voltar-se.

Lily se arrastou até o quarto e se deslizou entre os lençóis enrugados. sentia-se culpada e estava preocupada. Afundou a cabeça no travesseiro. Acabava de descobrir algo novo sobre si mesmo.

— Pode ser que odeie que lhe mintam, Milord — murmurou, — mas nem a metade do que eu odeio me deitar sozinha!

No dia seguinte persistia a frieza. Lily realizou seu passeio matutino pelo Hyde Park sem ele, acompanhada por Uma governanta. Mais tarde decidiu ocupar o tempo com a correspondência, algo que detestava.

Havia muitos convites indicando os dias e horas em que seria bem-vinda e perguntas camufladas a respeito de quando planejava ela receber visitas. Também abundavam os convites a bailes, jantares e noites musicais. Os Cleveland os convidavam ao Shropshire para participar da caça de outono, os Pakington a passar uns dias em sua reserva de caça e uns amigos que fossem a Bath a visitá-los. Lily não sabia como responder a elas. Como podia aceitar convites a acontecimentos que foram ter lugar no futuro? Tentava pensar que ia permanecer com Alex para sempre, mas se dizia, abatida, que tudo terminaria algum dia.

Lily deixou os convites de um lado e agarrou distraidamente uma folha de papel do escritório de Alex. Pela manhã, antes de partir a uma reunião relacionada com a reforma parlamentar, dedicou-se a escrever cartas. Lily sorriu ao observar sua escritura: poderosa, com frequentes traços grossos e inclinada.

Leu por cima uma carta dirigida a um de seus agentes e em que anunciava seus desejos de que os fazendeiros pudessem desfrutar de arrendamentos que durassem vários anos, o qual era benéfico para eles, em lugar dos aluguéis anuais, que ficavam mais caros. Além disso, Alex dava instruções ao agente para que construísse sarjetas e cercados novos nas propriedades correndo ele com os gastos. Lily, pensativa, deixou a

carta sobre a mesa e acariciou o papel com a ponta do dedo.

Tinha ouvido falar do egoísmo e a cobiça que caracterizavam a maioria dos fazendeiros ricos, e era consciente de que o sentido da honra e a justiça que Alex possuía eram uma estranha exceção. Então chamou a atenção outra carta e deu uma rápida olhada.

Quanto a seu novo inquilino, faça-lhe saber que assumirei a totalidade dos gastos mensais do Pokey enquanto o animal siga com vida. Me informe, por favor, em caso de que requeresse alguma dieta especial e farei o que seja necessário para assegurar seu fornecimento regular. “Apesar de que dou por sentado que você cuidará dele adequadamente, eu gostaria de visitar de vez em quando com o fim de ver o estado do urso...»

Lily sorriu ao recordar da manhã em Raiford Park com o Pokey. Henry tinha passado a manhã inteira sentado no jardim frente à jaula, tão abatido como aliviado.

— É necessário o dar de presente? — perguntou Henry quando Lily saiu ao jardim e se aproximou dele. — Pokey não dá problemas...

— Será muito mais feliz em seu novo lar —replicou Lily. — Cadeias fora. Lorde Kingsley nos há descrito qu construiu; fresco e sombreado, com um riacho atravessando-o.

— Imagino que vai gostar mais que a jaula — disse Henry, dando-se por vencido, sem deixar de acariciar e arranhar a cabeça do urso. Pokey fechou os olhos.

A voz de Alex os surpreendeu.

— Henry, te aparte da jaula... Devagar. Se chegar de novo aqui, penso te dar tal surra que desejará voltar para o Westfield.

Henry reprimiu um sorriso e obedeceu imediatamente. Lily também esteve a ponto de sorrir. Por isso sabia, jamais tinha posto a mão em cima de Henry.

— Não é nada perigoso — resmungou Henry. — É um urso simpático, Alex.

— Esse urso tão simpático poderia te arrancar o braço.

— Está domesticado, e além disso é muito velho.

— É um animal — replicou Alex categoricamente. — Um animal que foi maltratado pelo homem, e mesmo que esteja velho carece de importância. Algum dia acabará aprendendo, menino, o pouco que tem que ver a idade com a mansidão. Pensa em sua tia. Mildred por exemplo.

— Mas Lily beija o urso — protestou Henry. — Eu vi fazer esta manhã.

— Delator — murmurou Lily, transpassando Com o olhar. — Lembrarei-me desta, Henry! — encarou Alex Com um sorriso de desculpa, mas era muito tarde.

— andaste beijando a este maldito animal? —perguntou, avançando para ela. — Depois de dizer que não te aproximasse dele para nada?

Pokey levantou a cabeça para observá-los, lançando um grunhido que, mas parecia um gemido.

— Mas Alex... — disse ela. — Dava-me lástima.

— daqui a menos de um minuto quem vai dar lástima será você.

Lily sorriu abertamente ao ver sua cara tão séria e foi para a esquerda para escapar. Ele a sujeitou com

facilidade e Lily começou a rir e a rir.

— Ensinarei-te o que acontece quando me desobedece — grunhiu Alex, e a beijou na presença de Henry.

Lily, recordando a cena, compreendeu por fim qual era o sentimento que a tinha sacudido esse dia, o sentimento que com uma insistência tão assombrosa de que não a abandonasse.

— Meu Deus, me ajude — sussurrou. — Amo-te, Alex Raiford.

Lily se arrumou com esmero para o baile ao qual deviam participar essa noite: a celebração dos sessenta e cinco anos de lady Lyon. contava com a assistência de uns seiscentos convidados. Muitos deles se deslocariam desde suas residências veraneias no campo. Lily, sabendo que muitos olhares a ajuizariam, decidiu colocar um vestido novo que acabava de adquirir no estabelecimento de Monique: modesto, mas encantador. O objeto levava um complicado bordado, que mantia ocupadas durante dias a duas das trabalhadoras de Monique, e estava confeccionado com um tecido de cor rosa muito pálido. A saia acabava em uma pequena cauda que parecia flutuar quando Lily caminhava.

Alex a esperava na biblioteca, ocupado nos papéis que tinha sobre a mesa. Quando ela entrou levantou sua loira cabeça. Lily sorriu e girou para mostrar o traje. Levava passadores de ouro e diamantes que cintilavam entre seus escuros cachos com meio-fio com uns sapatos dourados atados às panturrilhas, com laços. Alex teve que lutar para não levantar e acariciar essa figura tão esbelta. Era perfeita, deliciosa; parecia feita de porcelana.

Lily se aproximou e se inclinou para ele de modo sedutor.

— Parece-te bem?

— Parece-me bem — respondeu ele, e estampou um casto beijo na fronte. Outra coisa teria feito perder o controle.

O baile se celebrava na mansão londrina dos Lyon e resultou ser muito mais sofisticado do que Lily tinha previsto. A casa estava construída sobre uns antigos alicerces da época medieval e com distintas ampliações ao longo dos séculos. Habitualmente sombrio, estava iluminada especialmente para a ocasião e adornada com flores frescas e muito caros ornamentos de cristal, seda e dourados.

As melodias da grande orquestra que tocava no salão de baile se propagavam por toda a mansão. Lady Lyon tomou Lily sob seu amparo assim que chegou. Apresentou a muita gente: membros do gabinete ministerial, cantores de ópera, embaixadores e membros distinguidos da nobreza. Ela se desesperava, por que não conseguiria lembrar-se de mais de um punhado desses nomes.

Sem deixar de conversar e sorrir, Lily bebeu sua taça de ponche enquanto observava a Ross e vários homens arrastando Alex com eles. Estavam pedindo que arbitrasse alguma aposta.

— Homens — comentou secamente Lily a lady Lyon.

— Não me cabe a menor dúvida de que a aposta consiste em adivinhar quão rápido desce uma determinada gota de chuva pelo vidro da janela ou quantas taças de conhaque é capaz de beber certo lorde antes de cair ao chão!

— Sim — disse lady Lyon com um zombador no olhar. — Parece assombroso o que alguns são capazes

de fazer por uma aposta.

Lily se sentiu humilhada, pois certamente a anciã se referia a infame noite do Craven'S.

— Essa aposta — disse, tentando que sua voz soasse com certa dignidade'-surgiu de seu sobrinho, madame. Espero viver o bastante para apagar esse episódio de minha lembrança.

— Quando chegar a minha idade, e para escandalizá-los, contará — a história completa a seus netos — predisse lady Lyon. — E te admirarão por seu fantástico passado. O tempo me ajudou a entender aquilo que dizem os velhos: «Se a juventude soubesse, se os velhos pudessem.»

— Netos:... — sussurrou Lily, melancólica.

— Ainda tem muito tempo para isso — assegurou a anciã, sem compreender a razão de sua tristeza. — Anos, de fato. Quando dava a luz ao Ross, eu tinha trinta e cinco anos, e quarenta quando nasceu minha Vitória, a última. Ainda tem muitos anos de fertilidade por diante, pequena. Imagino que Alex deve andar jogando a semente com grande habilidade.

— Tia Mildred — exclamou Lily entre gargalhadas, surpreende-me!

Naquele momento um criado se aproximou discretamente a Lily.

— Milady, peço desculpas, mas há um cavalheiro na entrada principal, sem identificação. Diz que está aqui porque você o havia convidado. Dignaria-se aproximar-se para reconhecê-lo?

— Eu não convidei ninguém... — começou dizer Lily, surpreendida. Mas fechou a boca porque a assaltou uma terrível suspeita.

— Não — sussurrou, e o criado a olhou confuso.

— Milady, convidamos para que parta?

— Não — respondeu Lily; engoliu a saliva saliva e conseguiu esboçar um sorriso, pois o agudo olhar de lady Lyon não se separava dela. — Acredito que irei pessoalmente a investigar este pequeno mistério. — Olhou fixamente à anciã e obrigou a dar-se de ombros alegre. — A curiosidade foi sempre minha ruína.

— Mata até aos gatos — replicou lady Lyon, observando-a com atenção. Lily cruzou a preciosa mansão acompanhada do criado até chegar a entrada, que tinha o teto decorado com complicados adornos de escarola e arejado. Os convidados seguiam entrando pela porta principal e os eficientes criados dos Lyon foram atendendo um a um. Uma figura escura e imóvel se distinguiu com clareza. Lily se deteve e o olhou horrorizada. Sorriu-lhe com uma ligeira careta zombadora quando saudou, acompanhada por uma flor na mão.

— você pode responder esse convidado? — perguntou o criado que tinha a seu lado.

— Sim — disse Lily com voz rouca. — Trata-se de um velho conhecido, um nobre italiano. O conde Giuseppe Gavazzi.

O criado olhou para Giuseppe Com receio. Apesar de estar vestido como correspondia a um personagem da nobreza (calças de seda, jaqueta ricamente bordada, gravata branca) havia em Giuseppe algo que delatava a vulgaridade de sua índole. Lily pensou que comparado com ele Derek Craven possuía o porte e a educação de um príncipe.

O ar presumido de Giuseppe fazia pensar que se considerava igual aos que rodeavam. Entretanto seu

sorriso encantador se deteriorou até converter-se em uma careta afetada e enjoada com seu impressionante atrativo tinha acabado em traços duros e vulgares. Seus olhos negros, antigamente tão quentes, eram agora ofensivamente. Embora estivesse vestido Com um traje caro, chamava tanto a atenção como um corvo entre cisnes.

— De acordo — murmurou o criado, e se afastou.

Lily permaneceu em um canto da entrada observando Giuseppe avançar para ela sem pressa. Sorriu, orgulhoso, fez um gesto referido a seu traje.

— Recorda-te a época da Itália, verdade?

— Como pudeste? — sussurrou ela com voz tremula. — Vá embora daqui.

— vim ocupar meu lugar, cara. Tenho dinheiro, sangue azul, todo o necessário. Como quando nos conhecemos em Florência. — Abria seus olhos negros Com insolência. — Foi, uma pena que não me informasse de seu casamento com lorde Raiford. Temos quantidade de coisas para falarmos.

— Não aqui — disse ela entre dentes. — Nem agora.

— Você me trouxe aqui — disse ele friamente, e assinalou o salão de baile. — Apresenta-me, me aceite... — Procurava a palavra adequada.

— Protetora? — disse ela sem acabar de acreditar no que estava ocorrendo. — Meu Deus. — levou-se a mão à boca. Devia manter a compostura, pois a gente os observava com curiosidade. — Onde está minha filha, louco bastardo? — murmurou.

Giuseppe moveu a cabeça.

— Lily, terá que fazer muitas coisas por mim a partir de agora. Depois entregarei Nicoletta.

Ela se engasgou com uma gargalhada de histerismo e frustração.

— Leva vinte e quatro meses me dizendo o mesmo.

— Era impossível não elevar a voz. — Já fiz o bastante..

Ele vaiou insistindo a manter a calma e apoiou a mão no braço para indicar que alguém se aproximava.

— Não é esse lorde Raiford? — perguntou.

Lily olhou por cima do ombro e sentiu uma pontada de dor no estômago. Tratava-se do Ross, e seu atrativo rosto evidenciava curiosidade.

— Não, é seu primo. — voltou para saudar Ross, com um insípido sorriso.

— Lady Raiford — disse Ross, olhando-os a ambos, — minha mãe me pediu para perguntar sobre o convidado misterioso.

— É um amigo da Itália — respondeu Lily sem vacilar, embora se sentia tremendamente humilhada por ver-se obrigada a apresentá-lo.

-Lorde Lyon, me permita que o presente ao conde Giuseppe Gavazzi, recém-chegado a Londres.

— É um grande prazer tê-lo entre nós — respondeu Ross, com um acento tão lisonjeiro e exagerado que soava quase como um insulto.

Giuseppe, que não cabia em si de orgulho, sorriu-lhe.

— Espero que a ambos seja proveitoso nos haver conhecido, lorde Lyon.

— claro que sim — replicou Ross, com as deslumbrantes maneiras que estava acostumado a Utilizar sua mãe. Voltou-se para Lily e perguntou educadamente — Está passando bem, lady Raiford?

— Melhor não poder ser.

Ross a observou com um sorriso.

— Lady Raiford, pensou alguma vez em dedicar-se à cena? — Deu meia volta e partiu tranquilamente, sem esperar a resposta.

Lily proferiu entre dentes.

— vai contar a meu marido. Vá, Giuseppe, E acaba de uma vez com esta farsa! Com esses trapos que leva não conseguirá enganar a ninguém.

Aquilo pôs Giuseppe uma fera... Ela soube pelo fulgor malévolo de seus olhos de ébano.

— Acredito que vou ficar, minha cara.

Lily ouviu que uns convidados recém chegados a chamavam. Lançou a eles um sorriso e uma ligeira saudação e logo disse a Giuseppe sem perder a calma:

— Por aqui perto deve haver alguma sala privada. Vêem em seguida, antes que meu marido nos encontre.

Fazendo girar uma taça de conhaque entre as mãos, Ross estava com Alex e outros cavalheiros na sala de fumantes. Falavam de táticas militares, colocando distintos objetos sobre uma mesa com a finalidade de ilustrar seus argumentos..

— Se os regimentos se situassem aqui... — dizia um, deslizando para a esquina da mesa uma caixa de rapé, um par de óculos e uma pequena figura.

Alex interrompeu, sorrindo e apertando entre os dentes um charuto.

— Não, é mais fácil dividirem e se virem aqui... e aqui... — Colocou a caixa de rapé e a figura de tal forma que o inimigo, representado por um vaso decorado, ficava apanhado. — Assim. Deste modo o vaso não fica nem a menor oportunidade.

— esqueceu-se você das tesouras e da tela — disse outro. — Acham-se em uma posição privilegiada para atacar pela retaguarda.

— Não, não... — começou Alex, mas Ross o interrompeu e o separou da mesa.

— Sua estratégia parece interessante — disse Ross secamente; outros seguiam presos na batalha. — Entretanto, tem um defeito, primo. Deveria deixar sempre uma via aberta para a retirada.

Alex deu um olhar calculador para a mesa.

— Pensa que deveria ter deixado a caixa de rapé onde estava?

— Não refiro a essa maldita caixa de rapé, primo, nem a nenhuma batalha de mentirinhas. — Ross baixou a voz. — Refiro a sua esposa.

Alex mudou seu rosto, seu olhar se converteu em gelo. Tirou o charuto da boca e o esmagou em um cinzeiro de prata.

— Adiante — convidou com educação. — E te ande com cuidado com o que diz, Ross.

— Já te disse que Lily a Rebelde não era uma dessas mulheres que um homem pode manter sempre a seu lado. Alex, foi um engano de sua parte se casar com ela. Ficou louco. Está começando neste mesmo

momento.

Alex o observava zangado, mas com frieza. Pensava dar uma tremenda surra em Ross por falar assim de Lily; mas antes devia descobrir o que acontecia. Estaria metida em algum problema.

— Onde está?

— Era difícil dizer — respondeu Ross dando de ombros. — Imagino que deve estar em algum cantinho íntimo onde abraçar-se com paixão um vagabundo italiano disfarçado de conde. Acredito que se chamava Gavazzi. Soa-te? Não acredito. — O aprumo de Ross começou a desmoronar-se ao ver o olhar Escuro de Alex, que parecia provir do diabo em pessoa. Alex desapareceu rapidamente, sem dizer nada. Ross se recostou contra a parede, seguro, uma vez mais, que podia conseguir o que se propôs... Enquanto tivesse a paciência suficiente.

— Como já predisse — murmurou, — vou ser o próximo a consegui-la.

— Não pensa acabar de vez com isto, verdade? — dizia Lily na intimidade de uma sala no andar superior. — Sempre será igual. Nunca voltarei a tê-la comigo!

Giuseppe tentava acalmá-la.

— Não, não, belíssima. Acabará logo, muito em breve. Entregarei Nicole. Mas antes tem que conseguir que essa gente me aceite. Deve me conseguir amizades. Este é o motivo pelo qual levei tantos anos trabalhando: conseguir dinheiro suficiente para me converter em um personagem importante em Londres.

— Já entendi — disse Lily aturdida. — Não foi o bastante para formar parte da alta sociedade italiana... Meu Deus, aqui é um criminoso procurado... E agora quer que te encontre um lugar aqui? — Olhava com repugnância, furiosa. — Sei perfeitamente o que está tramando. Imagina que poderá te casar com alguma viúva rica ou uma jovem herdeira temerária e ser o senhor da casa durante o resto de seus dias. É esse seu plano? Pretende que me converta em sua protegida e te ajude a obter uma entrada? E acredita que essa gente vai aceitar minha recomendação? — Riu zombadora. — Deus, Giuseppe, se apenas me respeitassem. Não tenho nenhum pinga de influência!

— É a condessa de Wolverton.

— Se essa gente tolerar minha presença não é mais que por respeito a meu marido!

— vou explicar a você o que quero — disse Giuseppe, inflexível. — E o fará. Então entregarei Nicole.

Lily sacudiu a cabeça com violência:

— Giuseppe, isto é ridículo. Por favor, me dê minha filha, e acabemos. Não posso fazer nada por você.

Utiliza às pessoas e todo mundo te despreza... Acredita que não vêem escrito em seu rosto? Não te dá conta de que descobrirão em seguida o que é?

Abriu os olhos surpreendida quando Giuseppe se aproximou e a rodeou com seus braços. O aroma de sua colônia foi em pleno nariz. Acariciou seu queixo com a mão quente e suada, e a seguir a deslizou o pescoço abaixo.

— Sempre anda me perguntando quando vou devolver sua filha, quando penso acabar com tudo isto. Repito isso, acabará. Quando tiver me ajudar a formar parte deste mundo.

— Não — disse Lily, e lançou um soluço de repugnância ao sentir sua mão descendendo para seu seio.

— Lembra-te de nossa história? — sussurrou ele; confiava em seu poder de sedução e pressionava seu corpo excitado contra o de Lily. — Lembra de como te ensinei a fazer amor? De como nos derrubávamos juntos na cama, de prazer que te dava quando engendramos a nossa preciosa menina...

— Por favor — disse ela com voz afogada, esforçando-se para afastar-se dele. — Me solte. Meu marido aparecerá de um momento a outro. É muito ciumento e não...

Sentiu um frio terrível e agônico e começou a tremer ao dar-se conta, horrorizada, de que Alex se achava na soleira da porta. Olhava-a com incredulidade, com o rosto branco como o papel.

Giuseppe seguiu o olhar de Lily e exalou uma leve exclamação de surpresa.

— Lorde Raiford — disse sem alterar-se, e solto Lily. — Penso que aqui há um pequeno mal-entendido. Parto agora mesmo e deixarei que sua esposa o explique. — Piscou os olhos às escondidas para Lily e desapareceu com um sorriso presumido, convencido de que ela suavizaria a situação com as hábeis mentiras próprias das mulheres. A final tinha muito á perder.

Alex não podia deixar de olhar sua esposa. Seguiam em silêncio, como petrificados naquela elegante sala. Envolviam-nos as risadas e a música da noite, embora pareciam pertencer a outro mundo. Lily sabia que devia falar, mover-se, fazer o que fosse com intuito de fazer desaparecer aquela espantosa expressão do rosto de Alex, mas era incapaz de fazer outra coisa que tremer.

Foi ele quem falou por fim. O tom de sua voz logo era reconhecível.

— Por que razão estava consentindo que te abraçasse desse modo?

Lily, presa no pânico, tentava encontrar alguma explicação para o convencer de que estava era engano. Ela teria obtido em outros tempos. Mas tinha mudado, e seguia ali paralisada como uma estúpida. Compreendeu o que podia sentir uma raposa quando o localizavam seu esconderijo; por isso ficava rígida e indefesa, encolhendo-se de medo à espera de que chegasse seu fim.

Alex, vendo que não respondia, falou de novo. Suas feições estavam deformadas.

— Tem algum problema com ele.

Lily observava muda, com o terror refletido na cara. Alex considerou que seu silêncio era uma resposta eloquente. Deu meia volta disposto a partir, lançando um rouco gemido de dor.

— Má puta — sussurrou.

Ao ver que se afastava, ao Lily lhe alagaram os olhos de lágrimas. Tinha-lhe perdido. Lady Lyon tinha razão... quão único podia acabar Com ele eram a morte ou a traição.

— Alex — pôde murmurar.

Ele se deteve, sem voltar-se para olhar. Levantou e baixou os ombros como se tentasse dominar umas emoções avassaladoras.

— Fique, por favor — disse ela Com voz entrecortada. — Por favor, deixa que te conte a verdade. — Lily se voltou para a parede e se abraçou, incapaz de seguir suportando a visão da figura imóvel de Alex.

Teve que respirar fundo, porque a angústia a aniquilava. — Chama-se Giuseppe Gavazzi. Conheci ele na Itália. Fomos amantes. Faz muito tempo... Cinco anos. É a pessoa de quem te falei. — mordeu-se o lábio até que a dor foi insuportável. — Sei o asco que deve sentir, ver esse homem tão desprezível e pensar que ele e

eu... — Estalou em um violento soluço.

-Também me dá asco. Foi uma experiência tão espantosa que não quis saber nada mais de mim, nem eu dele. Pensei que me tinha libertado dele para sempre. Minha vida mudou para sempre depois dessa noite, já que pouco depois descobri... Descobri... — Sacudiu a cabeça ao ver que estava gaguejando como uma covarde, e se obrigou a prosseguir. — Estava grávida. — Alex seguia mudo. Ela estava muito assustada e envergonhada. — Tive um filho. Uma menina.

— Nicole — disse Alex com voz estranha.

— Como soubeste? — perguntou ela, assombrada.

— Dizia-o em sonhos.

— Claro. — Sorriu amargamente, sem que as lágrimas cessassem de escorregar por seu rosto. — Parece que só paro quando durmo.

— Continua.

Lily limpou as bochechas com a manga e tentou que sua voz soasse mais firme.

— Vivi dois anos na Itália em companhia da Nicole e de tia Sally. Minha filha era um segredo para todo mundo, exceto Giuseppe. Pensei que tinha direito ou seja o, que possivelmente mostraria algum interesse por ela. Jamais veio me ver. Tia Sally morreu e fiquei sozinha com a Nicole. Então, um dia, ao voltar do mercado... — A voz vacilava. — Ela tinha desaparecido. Giuseppe a tinha levado. Soube que era ele quem a tinha levado porque depois me trouxe o vestido que tinha posto nela aquele dia. Tinha a minha filha escondida e se negava a me devolvê-la. Pedia-me dinheiro. Nunca era suficiente... Não me deixava vê-la e seguia pedindo mais e mais. As autoridades não puderam achar ela. Giuseppe estava envolto em outras atividades ilegais e se viu obrigado a abandonar a Itália para evitar que o processassem. Disse-me que para Londres com a Nicole, e os segui até aqui. Contratei um detetive para que averiguasse o paradeiro de Nicole. A única coisa que conseguiu descobrir foi que Giuseppe tinha tomado parte de uma organização criminal que estava jogando raízes em muitos países.

— Derek Craven sabe — disse Alex, quase inexpressivo.

— Sim. Quis me ajudar, mas foi impossível. Tentei de tudo. Fiz o que Giuseppe me pediu, sempre e sempre. Não há noite em que não me pergunto se Nicole estiver doente, se estiver chorando, se me chamar. Se terá me esquecido. — Sua garganta fechava; sua voz era um sussurro.

-Outro dia Giuseppe mostrou a Nicole... Estou segura de que era ela... Mas não me deixou tocá-la, nem pensar o... Não acredito que me reconhecesse. — Lily se sentia como se fosse fazer-se pedacinhos ao mínimo contato. Precisava estar sozinha... Jamais em sua vida havia se sentido tão indefesa. Entretanto, assim que conseguiu vencer sua paralisia para empreender a fuga, sentiu umas mãos sujeitando-a pelos braços. Começou a estremecer-se com um pranto que a rasgava. Alex a fez voltar-se rapidamente e a cobriu em seu amplo abraço, e ela se apertou contra ele, sentindo-se miserável.

As lágrimas ardentes que emanavam dos olhos de Lily encharcavam a camisa de Alex. Agarrou-se a ele em busca do único porto seguro que conhecia. Retorcia-se freneticamente para aproximar-se ainda mais a ele, mas logo compreendeu que Alex não pensava soltá-la.

— Tudo vai bem, carinho — sussurrou Alex, acariciando os escuros cachos. — Tudo vai bem. Não estará sozinha nunca mais..

Ela queria sufocar os sons agônicos que pareciam rasgar sua garganta, mas o pranto convulsivo não cessava.

— Tranquila — disse Alex ao ouvido, sem deixar de acariciar seu corpo tremulo. — Agora entendo — prosseguiu com voz rouca; ardiam seus olhos. — Entendo tudo. —Teria entregue sua vida em troca de economizar esse sofrimento. Ele beijou seu cabelo, o úmido rosto, as mãos que seguiam agarradas a seus ombros. Continuou abraçando-a com toda a força protetora de que era capaz, desejando intensamente poder passar sua dor para seu próprio corpo. As lágrimas de Lily foram acalmando.

— Descobriremos o que foi que ela sentenciou Alex com voz baixa.

— Conseguiremos que volte, não importa o que custe. Juro.

— Deve me odiar — disse Lily com voz entrecortada. — Deveria me abandonar...

— Cala. Que conceito você tem de mim? Maldita seja. — Esmagou seus lábios contra seu cabelo. — Não me compreende absolutamente. Pensava que não ia te ajudar? Que te abandonaria assim que soubesse?

— Sim — sussurrou ela.

— Maldita seja — : repetiu, quase engasgando-se de raiva e amor. Obrigou-a a levantar o rosto. O desespero de seu olhar provocou uma fria opressão no coração.

Alex chamou um criado para que indicasse o modo de abandonar a. casa discretamente, sem que os convidados se dessem conta. Ordenou ao mesmo criado que dissesse a lady Lyon que Lily tinha enxaqueca e tinham tido que abandonar o baile de forma precipitada. Alex deixou Lily só para que descansasse e percorreu rapidamente a mansão dos Lyon; mas Giuseppe tinha desaparecido..

Lily se sentia tão esgotada que teve que partir apoiando-se em Alex. Ele tomou seus braços para subi-la à carruagem, sem dar explicações aos surpreendidos criados.

Uma vez dentro, Lily, com um fio de voz, disse que já se encontrava melhor. Durante todo o trajeto até a casa Alex lutou com o turbilhão de pensamentos e emoções que o sacudiam.

Pensar no que Lily tinha tido que passar o destroçava. Tinha escolhido resistir sozinha, e construir suas defesas sem ajuda, durante anos... Alex não estava seguro de poder devolver Nicole, apesar de estar disposto a remover céu e terra para conseguir. Sentia-se cheio de raiva, zangado com Lily, com Derek, com esses inúteis investigadores, com o bastardo italiano culpado das desgraças de Lily e consigo mesmo.

Por outro lado se sentia aterrorizado. Lily levava tanto tempo vivendo de esperanças... Se não pudesse recuperar Nicole jamais voltaria a ser a mesma. Sua vibrante alegria e sua paixão, que ele tanto adorava, desvaneceriam-se para sempre. Conhecia casos de gente que depois de perder aquilo que mais amavam na vida se transformaram por completo. A seu pai tinha ocorrido isso, e terminou sendo uma casca vazia que não desejava outra coisa que a morte. Alex queria suplicar a Lily que fosse forte, mas compreendia que sua energia se esgotou. Tinha o rosto pálido e o olhar apagado.

Assim que chegaram a Swans' Court Alex acompanhou Lily até a porta principal. Burton os recebeu observando preocupado Lily.

— retornaram cedo, Milord — comentou. Alex não tinha tempo para explicações.

— Prepare uma taça de conhaque — disse a Burton. — Obrigada a beber se for necessário. Não permita que saia. Diga à senhora Hodges que lhe prepare um banho. E que alguém permaneça com ela todo o tempo até minha volta. Entendeu?

— Não se preocupe, Milord.

Trocaram um olhar que tranquilizou algo ao Alex; a serenidade do mordomo era um alívio. Comovia ao pensar que Burton fazia tudo o que estava em sua mão para cuidar de Lily durante aqueles dois anos de pesadelo.

— Que o conhaque seja duplo, Burton — disse Lily entrando na casa. Sua voz não tinha nem um ápice de sua habitual frescura. Deteve-se um instante para olhar seu marido. — Aonde vai?

O ar resolvido de Alex a fez sentir um pouco melhor.

— Explicarei isso assim que voltar. Não demorarei muito.

— Não conseguirá nada — disse Lily abatida. — Nada que Derek não tenha tentado já.

Alex, apesar da compaixão e a admiração que inspirava, não pôde evitar lançar um olhar cáustico.

— Conforme parece não te ocorreu pensar que eu possa ter influências ali onde Derek carece delas. Vá tomar o conhaque, carinho.

Lily abriu a boca disposta a responder, pois ao ver tão condescendente a incomodava, mas ele já estava descendo as escadas. Deteve-se no último degrau para dirigir-se de novo a ela.

— me diga como se chamava o homem que Contratou.

— Knox. Alton Knox. — Sorriu com amargura. — Um oficial de primeira categoria. O melhor que pude comprar com dinheiro.

Sir Joshua Nathan tinha começado a destacar como primeiro magistrado da cidade uns anos atrás, quando Alex aproveitou suas influências para o apadrinhar e fazer passar em um projeto de lei o resultado do qual se criaram novos cargos públicos. Naquela ocasião a batalha política foi cruel e sangrenta e tiveram que enfrentar-se a um bom número de juizes que estavam acostumados a modificar as sentenças em troca de dinheiro, mulheres e inclusive álcool. Alex passou meses discutindo, pronunciando discursos e solicitando favores pessoais com o fim de tirar adiante o projeto de lei. Fez aquilo não só porque acreditava pessoalmente que o projeto valia à pena, mas também porque Nathan, pessoa íntegra e valente, era um amigo íntimo de sua época de estudante.

O nome de Nathan ia sempre emparelhado com o de Donald Learman, o apaixonado e jovem magistrado encarregado do tribunal de Westminster. Ambos compartilhavam opiniões pouco ortodoxas a respeito dos métodos utilizados pelos serviços policiais, e os consideravam suscetíveis de reforma e melhor. Tinham colaborado na tarefa de adestrar aos cargos públicos com a mesma meticulosidade que teriam empregado um esquadrão militar. Em um primeiro momento, a sociedade, acostumada ao pobre amparo de uns agentes em anos, ridicularizou-os. Mas seus esforços logo deram fruto, e apesar da escassa popularidade despertada, houve muitos municípios adjacentes que começaram a seguir suas iniciativas. Os bancos e os cidadãos enriquecidos estavam acostumados a contratar os membros das patrulhas no pé de Nathan e Learman,

conhecidos como learies.

Nathan, magro e elegante, mas despretensioso, recebeu Alex com um sorriso tranquilo e amistoso.

— Olá, Alex. Me alegro de ver um rosto conhecido. Alex se adiantou e deu a mão.

— Sinto muito te visitar estas horas.

— Estou mais que acostumado aos horários inoportunos. Faz parte de meu trabalho. Nathan levou Alex a sua biblioteca privada e se assentaram em umas poltronas de pele escura. — Bom — disse depois de trocarem notícias sobre suas famílias, quanto antes me explique o problema, mais logo poderemos tratar de resolvê-lo.

Alex descreveu a situação da forma mais resumida possível. Nathan escutou atentamente, interrompendo de vez em quando com alguma pergunta. O nome de Gavazzi não era familiar; mas a menção de Alton Knox pareceu ser mais significativa. Quando Alex acabou com sua relação, o magistrado se inclinou para frente pensativo, apoiando-os índices nas têmporas.

— O sequestro de meninos está convertendo-se em um negócio do mais habitual em Londres — comentou. — Os meninos e as meninas bonitas são uma mercadoria das mais rendáveis. Lojas e parques, seus quartos incluso, são lugares de excelente esconderijos. Frequentemente são vendidos no mercado estrangeiro. É um negócio muito prático: desmantela-se com facilidade assim que se avistam problemas e ressuscita de igual maneira quando a cena se limpa.

— Acredito que Gavazzi poderia estar envolto em um negócio similar?

— Sim, estou seguro de que pertence a alguma dessas turmas. Por isso me explica, não parece um tipo dos quais estejam sozinho.

O silêncio que seguiu parecia prolongar-se eternamente.

— Maldita seja, do que se trata? — impacientou-se Alex. As enxutas feições de Nathan se escureceram.

— Estou considerando várias possibilidades preocupantes — disse por fim. — O homem que contratou sua esposa, Knox, é o orgulho do tribunal de Learman, em Westminster. Lady Raiford pensou que era um homem de confiança.

— É?

— Não estou seguro. — Nathan exalou um prolongado suspiro. — Olhe, Alex, meus oficiais, cumprindo com suas obrigações, chegaram a familiarizar-se com o vadiagem e com sua forma de trabalhar. Em ocasiões podem chegar a sentir-se tentados a utilizar os conhecimentos que possuem de forma maligna... Comercializando com vistas inocentes em troca de dinheiro e traindo, os princípios que prometeram defender. Temo-me que sua esposa e sua filha tenham sido vítimas deste pacto com o diabo. — Seu rosto se contraiu com uma careta de repugnância. — Knox ganhou uma boa quantidade de dinheiro manchado de sangue, em forma de recompensas por recuperar meninos desaparecidos. Um êxito tão excepcional como o seu me leva a suspeitar que está confabulado com os criminosos responsáveis por tais sequestros: proporcionando informação, e avisando quando devem mudar-se, ajudando-os para que não os apanhem. Knox deve ser sócio do tal Gavazzi.

A mandíbula de Alex ficou ainda, mais tensa. — e que demônios pensa fazer?

- Com sua permissão, eu gostaria de fazer uma armadilha utilizando lady Raiford como presa.
 - Estou de acordo sem que ela não corra algum perigo..
 - Nenhum perigo — assegurou Nathan.
 - O que tem sua filha? Ajudará para que demos com ela?
- Nathan se mostrou indeciso.
- Se tivermos sorte, chegaremos até ela.
- Alex esfregou a testa e fechou os olhos.
- Maldita seja —murmurou. — Não são grandes notícias para levar a minha esposa.

Capítulo Treze



— Está me dizendo que Knox ajudava Giuseppe? — Perguntou Lily escandalizada. — Enquanto trabalhava para mim?

Alex moveu a cabeça em um gesto de assentimento e tomou suas mãos entre as suas.

— Nathan suspeita que Giuseppe pertence a uma dessas turmas que Knox está confabulado com ele. Tem tempo que, Knox acumula bastante dinheiro. Recompensas que oferecem os cidadãos por recuperar os meninos sequestrados. Knox cobrou muitos ao solucionar os casos.

Lily arqueou as sobrancelhas, surpreendida e indignada.

— Então essa banda se dedica a sequestrar meninos... Knox os encontra... E dividem o dinheiro da recompensa entre eles? Por que não têm feito o mesmo com minha filha? Por que não com Nicole?

— Giuseppe deve pensar que ainda obterão mais dinheiro de você pela Nicole.

— Entreguei a ele uma fortuna. Dei tudo o que quis. — Ocultou a cabeça entre as mãos. — Deus — murmurou. — fui uma ingênua. Não tenho feito mais que facilitar as coisas.

Permanecia encurvada, e então Alex acariciou sua cabeça. Até aquele momento ela tinha recusado suas carícias, mas agora aceitou aquele contato reconfortante..

— Não te jogue a culpa — disse Alex brandamente. — Estava sozinha e assustada. Aproveitaram dessa circunstância. Era impossível considerar as coisas objetivamente quando teme pela sorte de um filho.

A Lily vinham mais e mais pergunta à cabeça.

O que pensaria dela agora que conhecia todo seu passado? Sentiria pena ou a censuraria? Mostraria amável só até o momento em que ela recuperasse as forças suficientes para poder confrontar sua recusa? Repetia-se que não tentaria aproximar-se dele até ter as respostas. Entretanto, com aqueles dedos acariciando sua cabeça era impossível manter-se firme. Sacudiu-a uma onda de desejo e levantou a cabeça, suplicando em silêncio. Não importava inspirar pena. A única coisa que desejava era que a abraçasse.

— Coração — disse Alex, e a embalou com ternura assim que ela enterrou o rosto em seu pescoço. Era como se pudesse ler seu pensamento, como se ela fosse um desses livros queridos que se folheiam milhares de vezes. — Quero-te — sussurrou, jogando o cabelo para trás.

— Não pode...

— Tranquila. Escute-me com atenção, Wilhemina. Seus enganos, seu passado, seus temores... Nada disso vai mudar o que sinto por você.

Ela engoliu a saliva.

— Esse nome eu não gosto.

— Sei — disse ele brandamente. — Porque te recorda sua infância. Wilhemina está cheia de temores e ilusões, deseja que a amem. E Lily é forte e valente, e diria ao mundo que se fosse ao inferno se quisesse.

— A qual das duas prefere?

Alex levantou o queixo para olhá-la nos olhos, e sorriu.

— A você. Até o último pedaço de você.

A sinceridade de sua voz fez com que Lily pusesse a tremer, e se encolheu assim que ele tentou beijá-la.

Não podia receber beijos sensuais nem abraços... Suas feridas eram recentes, cicatrizar requeria seu tempo.

— Ainda não — murmurou suplicante, temendo que sua recusa o fizesse zangar. Mas ele a embalou com mais força, e Lily suspirou de esgotamento.

Eram dez da manhã. Os estabelecimentos de East End londrino tinham abertos as oito; as ruas enchiam com o ir e vir de comerciantes, carros, peixeiros e vendedoras de leite dedicados a seus afazeres. No West End, em troca, a população estava acostumada levantar-se com menos pressa. Lily tinha chegado a uma das esquinas de Hyde Park e contemplava a rua através da janela da carruagem. As criadas das casas elegantes recebiam as repartidoras de leite, limpadores de chaminé, vendedores de jornais e de pão que chamavam as portas. As crianças passeavam acompanhadas de suas babás para tomar o ar fresco da manhã, enquanto que seus pais seguiam na cama, pois não tomavam o café da manhã antes do meio-dia. Ao longe se ouvia o repicar dos tambores e a música do guarda desfilando desde seus quartéis em direção a Hyde Park.

Lily levantou a vista assim que viu uma figura solitária situada junto a um poste de madeira próximo à esquina. Tratava-se de Alton Knox, com seu uniforme de detetive, calça e botas negras e jaqueta cinza com botões de latão reluzente. Na cabeça nevava uma cartola baixa. Lily respirou fundo para tranquilizar-se, colocou a cabeça pela janela e fez gestos com um lenço.

— Senhor Knox —chamou. — Aqui. Aproxime-se, por favor. Knox obedeceu e trocou umas breves palavras de cortesia com o criado antes de subir na carruagem. Tirou-se o chapéu, seu cabelo de cor indefinida e murmurou uma saudação. Era um homem corpulento de uns quarenta anos, de estatura média e com um rosto vulgar que bem tivesse podido pertencer a qualquer homem mais jovem que ele.

Lily, sentada frente a ele, saudou-lhe com um movimento de cabeça.

— Senhor Knox, agradeço sua boa vontade por aceitar reunimos aqui em lugar de fazê-lo em minha residência. Não posso permitir, por razões óbvias, que meu marido, o conde, descubra-nos. Insistiria em que desse explicações... — Deixou que sua voz se apagasse e o olhou com rosto de indefesa.

— Naturalmente, senhorita Lawson. — Knox sorriu e imediatamente se corrigiu: Lady Raiford.

— Meu casamento — disse Lily, coibida — alterou minha vida em muitos aspectos... Exceto em um. Continuo decidida a encontrar minha filha Nicole. — Tirou uma bolsa com dinheiro e a fez soar. — Por sorte, agora tenho meios para seguir adiante com a investigação. Eu gostaria de poder contar com sua ajuda, como antes.

Knox olhou a bolsa e ofereceu algo que pretendia ser um sorriso.

— Me considere restituído em meu posto, lady Raiford. — Estendeu a mão e entregou a pequena mas pesada bolsa. — E agora me diga como andam as coisas com o Gavazzi.

— A comunicação com o conde Gavazzi não se interrompeu em nenhum momento, senhor Knox. De fato, ontem à noite me abordou abertamente com exigências totalmente novas.

— Ontem à noite? — Perguntou Knox, surpreso. — Novas exigências?

— Sim. — Lily suspirou perturbada. — Já sabe você que Giuseppe só me pedia, dinheiro. Posso consegui-lo, porque mantenho as esperanças de recuperar minha filha. Mas ontem à noite... — Deixou de falar e sacudiu a cabeça com uma exclamação de repugnância.

— Que exigências? — perguntou Knox.. — Me perdoe por ser tão direto, mas te pedi seus favores pessoais, milady?

— Não, apesar de tentar, sendo que o considero intolerável. Foi ainda pior que isso. O conde Gavazzi ameaça acabar com tudo o que possuo: meu lar, meu casamento, minha posição social, devido a sua absurda ambição de entrar em formar parte do galanteador pode! — Lily teve que ocultar sua satisfação ao ver o rosto de assombro de Knox.

— Não posso acreditar isso disse o homem.

— Mas é assim. — Lily se levou um lenço de encaixe à extremidade do olho pretendendo secar uma lágrima. — Ontem à noite, e aproveitando a festa de aniversário de lady Lyon, veio para ver-me. Enfeitado como um peru em zelo diante de centenas de pessoas! Pediu-me que apresentasse e que fizesse as vezes de protetora com o fim de que seja aceita nesses círculos. OH, senhor Knox, não imagina você que espetáculo tão sufocante!

— Está louco! — disse ele irado.

— Todo isso em presença de muita gente, incluindo lorde Lyon e a meu próprio marido. Consegui que fôssemos a uma sala privada e então me revelou suas extravagantes ambições. Disse que me devolveria logo minha filha, mas que antes eu devia utilizar minhas influências para introduzi-lo na alta sociedade. A idéia é descabelada. Na Itália todo mundo sabe que é um canalha, um criminoso! Como pode fazer isso o que passa pela cabeça que aqui o recebam com os braços abertos?

— Não é mais que um estrangeiro descarado — afirmou Knox. — Está demonstrando que além de ser um inútil é uma pessoa instável.

— Exato, senhor Knox. As pessoas instáveis tendem a delatar-se, cometendo enganos estúpidos, não é assim?

— Tem razão — disse ele, tranquilizando-se de repente. — O mais provável é que acabe sendo vítima de sua própria cobiça.

A frieza de seu olhar deixou gelada Lily. As feições de Knox estavam adquirindo uma expressão sinistra e predatória. Em Lily não cabia a menor duvida de que estava pensando em como pôr fim ao perigoso comportamento de Giuseppe. Se era certo que Knox estava associado com ele, seus ganhos deviam achar-se vinculados aos seus, e portanto era inaceitável que Giuseppe desse estúpidos passos em falso. Lily, muito séria, inclinou-se para tocar seu braço.

— Peço que encontre minha Nicole —disse. — Senhor Knox, prometo uma suculenta recompensa se tiver êxito. — Disse-o pondo especial ênfase na palavra «suculenta», e ele se lambeu sem recato.

— Esta vez não vou falhar. Começarei minhas investigações esta mesma manhã, lady Raiford.

— Por favor, seja discreto na hora de me comunicar sua notícias. Meu marido... É necessário manter tudo

em segredo.

— Naturalmente — assegurou Knox. Colocou o chapéu, deu bom dia e saiu da carruagem, que se balançou ligeiramente. Afastou-se com passo decidido, o típico andar de quem tem uma idéia fixa na cabeça.

A necessitada expressão de Lily se esfumçou; observou com um olhar frio e escuro através da janela.

— Vá ao inferno, filho da puta — murmurou. — E de passagem leve com você Giuseppe.

Uma vez que relatou a Alex e a sir Nathan os detalhes de seu encontro com Knox eles examinaram todas as possibilidades que se ofereciam, não restava outra coisa que esperar. Henry tinha partido com seu tutor ao Museu Britânico para estudar a cerâmica e outras manifestações da cultura dos gregos. Os criados, apesar de que nenhum deles tinha a menor idéia do que estava acontecendo, pareciam deprimidos, como se intuíssem a tensão de seus amos. Lily teria gostado de dar um passeio a cavalo, mas dava medo abandonar a casa e que ocorresse algo durante sua ausência. Desejava desesperadamente ocupar o tempo em alguma coisa, e por isso tentou ficar a bordar, mas furava os dedos continuamente, e o lenço que estava bordando acabou manchado de sangue. Não conseguia compreender como Alex conseguia manter-se sereno e seguia fechado em seus papéis na biblioteca, como em um dia qualquer.

Ela bebia taças e taças de chá, perambulava de um lado a outro, lia e baralhava cartas sem cessar com um ritmo frenético. Se conseguiu comer algo durante o jantar foi porque Alex a animou com comentários irônicos, dizendo que se deixava morrer de fome não ia ser de nenhuma ajuda para ninguém.

Decidiu sentar-se na beirada de um dos sofás do salão, pois a solidão de seu quarto se o fazia insuportável, e permanecer ali enquanto Alex lia em voz alta um livro de poesia. Lily pensou que tinha escolhido os poemas mais aborrecidos. Pesavam as pálpebras; a voz profunda de Alex, o tictac do relógio e o vinho que tinha bebido durante o jantar ajudavam. Acomodou-se entre as almofadas do sofá e se deixou alagar pela neblina do torpor.

Sem saber se tinham transcorrido horas ou só minutos, ouviu muito perto a voz de Alex e sentiu sua mão no ombro sacudindo-a delicadamente para que despertasse.

— Lily coração, desperta.

— Humm?

— Esfregou os olhos e murmurou aturdida: Alex, o que está...?

— Notícias do Nathan — disse ele, enquanto tratava de pôr os sapatos.

— Os homens de Nathan que vigiam Knox seguiram até o subúrbio de Sto Giles. Nathan e uma dúzia de oficiais o encurralaram em um casebre. Devemos ir ali imediatamente.

— Sto Giles — repetiu Lily, despertando completamente. Tratava-se do lugar mais perigoso de Londres, um subúrbio infestado de esconderijos de ladrões e conhecida como a «terra Santa». Nem os oficiais da polícia estavam acostumado atrever-se a cruzar a fronteira formada pelas ruas Great Russell e Sto Gil é. Sabiam que aquilo era como uma espécie de fortaleza para os criminosos, um lugar onde ladrões e assassinos podiam esconder o produto de seus delitos e escapulir-se por uma sombria rede de pátios, estreitas ruas e tortuosos becos.

— Dizia um pouco da Nicole a mensagem?

— Não. — Alex pôs um casaco escuro e a conduziu para a carruagem que estava aguardando-os. Lily viu meia dúzia de escoltas armadas. Alex não regulava quanto a sua segurança.

A carruagem percorreu as ruas velozmente, com um forte estrondo. Dois dos escolta formavam uma avançando com o fim de se separar do caminho a pedestres e veículos. Lily tinha as mãos unidas e se esforçava por manter a calma, mas percebia o batimento do coração e o pânico de seu pulso. À medida que avançavam as ruas e lugares foram tornando-se mais decrepitas e sujas, e os edifícios estavam tão embaralhado que apenas se passava o ar e a luz entre eles. As pessoas que perambulava por esses bairros tinha um aspecto murcho e uma palidez fantasmagórica, inclusive as crianças. A fetidez dos numerosos poços negros penetrava no interior da carruagem.

Lily enrugava o nariz de repente viu a singular torre em forma espiral do Sto Giles-in-the Fields, igreja que em suas origens tinha sido a capela de um hospital de leprosos na Idade Média.

A carruagem se deteve frente a uma velha casa de hóspedes meio ruída. Alex baixou e trocou umas palavras com um dos escolta e com o condutor, dando instruções para que não tirassem o olho de cima a sua esposa. A primeiro sinal de perigo, se fosse necessário deviam desaparecer com a carruagem imediatamente.

— Não! — exclamou Lily, dispondo-se a sair do veículo. Alex sujeitou a porta. — Penso entrar com você!

— Fervia o sangue agitado e raivoso que sentia. — Não te atreverá a me deixar aqui!

— Lily — disse ele olhando-a com frieza. — Deixarei sair assim que retorne. Antes quero me assegurar de que não há perigo. Aprecio-te mais que a minha própria vida.

— Está repleto de oficiais — assinalou Lily acalorada. — Nestes momentos não deve haver lugar em Londres mais seguro que este! Além disso, é a minha filha a quem estamos procurando!

— Sei. — Alex proferiu um palavrão entre dentes. — Maldita seja, Lily, não tenho nem idéia do que nos encontraremos aí dentro. Não quero que veja nada que possa te ferir.

Olhou-o fixamente, e replicou sem elevar a voz:

— Confrontaremos juntos. Não me proteja Alex. A única coisa que pretendo é que me permita permanecer a seu lado.

Alex permaneceu imóvel um instante. Logo passou o braço ao redor da cintura de Lily e a fez descender da carruagem. Deu-lhe a mão e dessa maneira entraram no casebre. A maltratada porta tinha sido forçada e estava no chão.

Dois oficiais saudaram Alex oferecendo seus respeitos. Olharam Lily com receio. Um deles disse que no transcurso do aplainamento se produziram algumas mortes e que possivelmente ela preferisse não passar.

— Não se preocupe com ela — respondeu Alex, e sem soltar a mão de Lily penetraram no edifício.

O ambiente era fétido e sufocante. Subiram uns degraus meio quebrados que davam acesso a uma sala estreita e repleta de lixos. As paredes estavam infestadas de toda classe de insetos. Passaram por diante de uma porta que fechava um quarto da qual provinha um aroma repugnante a peixe e logo entraram em uma sala em que só havia umas mesas e algumas caixas pulverizadas pelo chão. Nas janelas havia palha ali onde faltavam os vidros. À medida que entravam no edifício, Alex sentia que a mão de Lily apertava cada vez mais a sua, com o vigor de uma máquina.

Aproximaram-se de uma sala de maior tamanho repleta de oficiais interrogando suspeitos de terrível aspecto cujas informações eram transmitidas a sir Nathan. Outros oficiais traziam crianças descontente dos lugares mais escondidos do edifício. Nathan fiscalizava serenamente todo aquilo e dava ordens sem elevar a voz que eram obedecidas com presteza. Alex se deteve o ver três corpos no chão, homens esfarrapados que tinham morrido certamente durante a batalha do aplainamento. Para ouvir o grito sufocado de Lily, Alex os olhou com mais parada e com a bota pôs de barriga para cima um dos corpos. Os frágeis olhos sem vida de Giuseppe contemplaram.

Lily retrocedeu e sussurrou seu nome.

Alex inspecionou o corpo coberto de sangue sem mostrar a menor emoção.

— Ferido de arma. branca — assinalou, e ato seguido arrastou Lily com ele para o centro da povoada sala.

Nathan se aproximou deles.

— Milord — disse, assinalando os corpos que tinham a suas costas, o plano funcionou bem só em parte. Knox se dirigiu por aqui assim que escureceu. Graças ao trabalho de Clibhorne, um especialista nos baixos recursos, pudemos o seguir, por cobertas, pátios e adegas. Quando chegaram os reforços, Knox tinha acabado já com Gavazzi. Temia que o delatasse. Knox confessou que logo pensava devolver a menina a lady Raiford e cobrar a recompensa. — Nathan assinalou o lugar onde um mal-humorado Knox se achava sentado com as costas apoiada na parede, junto a quatro homens mais, todos eles membros da banda.

Knox lançou a Lily um olhar de ódio; mas ela não se deu conta, porque seus olhos não podiam apartar-se da meia dúzia de crianças que estavam na sala.

— E esses meninos? — perguntou Alex a Nathan.

— Pertencem todos a famílias acomodadas, segundo Knox. Devolveremos a seus pais... Sem aceitar dinheiro em troca, já que estes sequestros foram perpetrados com a ajuda de um oficial. — Nathan lançou a Knox um frio olhar de desdém. — Envergonha a todos nós.

Lily seguia olhando as crianças. Quase todos eram loiros e bonitos, choramingavam e se penduravam aos oficiais que tentavam consolados. O choro rompia o coração.

— Não está aqui — disse Lily, pálida e assustada.. — São estas todas as crianças? — Perguntou a sir Nathan.

— Sim — respondeu Nathan sem perder a calma. — Está segura de que nenhum delas é sua filha?

Lily sacudiu a cabeça com violência.

— Nicole tem o cabelo escuro — disse desesperada, e... E é mais pequena que estas crianças. Só tem quatro anos. Tem que estar em algum lugar. Possivelmente em outra sala. Suponho que está assustada e se escondeu. É muito pequena. Alex, me ajude a procurá-la...

— Lily. — Alex a agarrou pela nuca, silenciando seu frenético balbucio.

Ela, tremula, seguiu em direção a seu olhar. Naquele instante a volumosa figura de um detetive passou ante ela, obstaculizando a visão, mas logo vislumbrou uma figurinha em um canto em sombras. O coração de Lily se deteve. A menina era uma réplica pequena e perfeita de sua mãe. Os grandes olhos escuros

pareciam eclipsar seu rostinho. Abraçava um montão de trapos atados que talvez construíram para ela uma boneca. De pé na penumbra observava solenemente aos homens que se formavam redemoinhos frente a ela. Ninguém se tinha precavido de sua presença porque tinha permanecido imóvel.

— Nicole — disse Lily, engasgando-se. OH, Deus.

— Deu um passo para frente e Alex soltou sua mão.

Mas a menina retrocedeu e se encolheu, observando-a com cautela. Em Lily doía a garganta e se secava com estupidez as lágrimas que se escorregavam pelo rosto. — É minha menina. É minha Nicole. — agachou-se a menina. — Estou aqui — disse em italiano, com voz tremula. — Levei tanto tempo esperando te abraçar. Lembra de mim? Sou sua mamãe.

A menina a observava receosa, e finalmente, com uma alegre voz, disse:

— Mamãe?

— Sim, sim... — Lily, soluçando, agarrou-a em braços, apertando-a contra ela. — OH, Nicole... Estou tão contente, tão contente... — Acariciava a cabeça e as frágeis costas de sua filha. Nicole descansava em seus braços muito quieta. Lily escutou sua própria voz, caída, irreconhecível: Tudo terminou. Tudo terminou por fim. — Jogou a cabeça para trás para olhar esses olhos tão parecidos com os seus. A mãozinha de Nicole roçou o queixo de Lily para transladar-se a seguir, com certa curiosidade, para sua frente e para os escuros cachos brilhantes que caíam sobre sua testa.

Lily encheu de beijos o sujo rosto de sua filha, tentando sufocar suas lágrimas. Acabava de despertar do pesadelo. Era como se a gélida garra que tinha estado aprisionando seu coração durante tanto tempo tivesse desaparecido.

Jamais tinha sentido Lily uma sensação de paz como aquela. Logo que recordava o que era sentir-se livre da amargura e a dor. Tinha naquele momento tudo o que desejava: o calor do corpo de sua filha, o amor puro e perfeito que existe unicamente entre uma mãe e seu filho.

Alex permaneceu as observando com um nó na garganta. Nunca tinha visto uma expressão tão tenra no rosto de Lily, nunca a tinha imaginado assim, como mãe. De repente, seu amor por Lily se misturou com um profundo sentimento que não tinha experimentado antes, nem suspeitava que pudesse chegar a sentir. Descobriu que a felicidade alheia podia significar para — ele inclusive mais que a própria. Deu meia volta, incômodo, com o fim de ocultar suas emoções.

Nathan estava a seu lado e observava a cena satisfeito.

— Alex — disse, acredito que este é o momento adequado para te mencionar um novo projeto de lei a lorde Fitz William, que propõe a abertura de três novos tribunais na cidade, dos quais estou tremendamente necessitado...

— O que você queira — respondeu Alex com voz rouca. — O projeto de lei se enfrenta com uma enorme oposição...

— Terá os tribunais — disse Alex, evitando seu olhar. Secou os olhos com a manga da jaqueta e acrescentou:- Juro-te que os terá, embora tenha que retorcer o braço a todos os membros do Parlamento.

Capítulo Quatorze



Alex, surpreso, apartou a vista do jornal para ouvir que Burton anunciava a visita do senhor Craven.

Tinham passado uma manhã agradável: Alex lia o Teme e, de vez em quando, unia-se ao jogo de Lily e Nicole, que estavam no chão do salão empilhando peças de madeira para construir torres que sempre acabavam derrubando-se;

— OH, faça passar — disse Lily a Burton. Sorriu Alex, como desculpando-se. Tinha esquecido de te dizer que Derek viria a visitamos. Quer conhecer Nicole.

Alex, com expressão séria, ficou de pé. Nicole se entretinha perseguindo o Tom, o melancólico gato, por toda a sala. O pobre animal andava sempre procurando um lugar onde desse o sol e Nicole era incapaz de resistir à fascinação de sua cauda ondulante. Lily recolheu parte dos brinquedos pulverizados pelo salão. Sorria comovida a pensar na quantidade de brinquedos que tinha comprado Alex. Tinha afetado muito ver que um montão de trapos fazia as vezes de boneca para a Nicole. Não ficou tranquilo até que comprou um exemplar de cada uma das bonecas disponíveis nas lojas de Burling tom Arcade: bonecas com cabelo de verdade e dentes de porcelana, bonecas de cera e de porcelana da China, com seu enxoval completo. O quarto da menina, no andar superior, estava até ao teto de marionetes; havia também um cavalo balancinho, uma casa de bonecas gigantesca, Pelotas, caixas de música e um tambor decorado que retumbava por toda a mansão e alterava os nervos de Lily.

Tinha levado pouco tempo para descobrir o desconcertante costume de Nicole de brincar de esconderijo: desaparecia de repente e sorria ao vê-los com rosto de preocupação procurando-a debaixo de um sofá ou de uma mesa. Lily não tinha visto jamais a uma criança que se movesse com tanto sigilo. Alex podia permanecer trabalhando em sua mesa da biblioteca durante uma hora inteira sem inteirar-se de que ela se deslizou silenciosamente debaixo de sua cadeira.

Os temores de Lily de que Nicole tivesse podido sofrer abusos sob a tutela de Giuseppe foram diminuindo. Era uma menina muito prudente, mas apesar disso não era medrosa absolutamente e seu caráter era alegre. Cada dia que se passava fazia ouvir mais, e bem logo seu sorriso encantador e suas incessantes pergunta, meio em italiano, meio em inglês, alagaram a casa. Foi desenvolvendo um especial apego a Henry; pedia com frequência que a agarrasse nos braços, atirava-lhe de suas fortes mechas loiras e ria sem parar ao ver a expressão com que Henry pretendia removê-la

Derek entrou no salão e cravou seu olhar em Lily.

Ela se precipitou para ele rindo agradecida e lhe deixou desconcertado ao abraçá-lo.

— Para, quieta — disse Derek, zombador. — Seu marido nos está olhando, cigana.

— Pronuncia de maravilha — observou ela, sorrindo.

Derek se adiantou e deu a Alex um apertão de mãos.

— bom dia, Milord — disse, sorrindo com ironia. — Este é um grande dia para mim. Não estou acostumado a que me recebam' em salões de tanto topete como este.

— Você será sempre, bem-vindo — disse Alex muito afável, já que foi tão hospitalar permitindo que utilizasse seus aposentos.

Derek sorriu abertamente e Lily ficou vermelha como um tomate.

— Alex — protestou fracamente, e atirou do braço de Derek. — Senhor Craven, eu gostaria de te apresentar a alguém.

Derek olhou à menina que se achava de pé junto ao sofá. Nicole observava com curiosidade.

— Senhorita Nicole — murmurou Derek ficou em cócoras lentamente e sorriu. — Vêem decide olá ao tio Derek.

Nicole, duvidando, começou a caminhar para ele, mas logo mudou de idéia e correu para Alex para abraçar suas pernas. Sorriu a Derek com acanhamento.

— É um pouco tímida — assinalou Lily rindo. — E sente especial inclinação pelos loiros.

— Não estou com sorte então — disse Derek mexendo as mechas escuras. Ergueu-se e observou Lily com uma expressão singular. — É muito bonita, cigana. Como sua mãe.

Alex teve que lutar para dissimular a aguda pontada de ciúmes. Levantou-se e brincou com o cabelo de Nicole até fazer saltar o enorme 'laço cor rosa que levava no alto da cabeça. Sabia que não existiam motivos para sentir ciúmes de Craven, pois sua maneira de comportar-se no passado assim o confirmava. Apesar de que Craven amava Lily, não representava ameaça alguma para seu casamento.

De todos os modos Alex jamais acharia fácil permanecer impassível ante um homem que olhasse sua mulher daquela maneira.

Apertou os dentes. Teria sido mais cômodo se ele e Lily tivessem recomeçado sua vida marital. Não haviam tornado a deitar-se juntos desde o dia em que ele a tinha encontrado a sós com Giuseppe Gavazzi. Desde aquela noite Lily tinha estado obcecada por sua filha. Tinham instalado uma cama no quarto conjugado a da menina. Lily despertava várias vezes cada noite com o fim de saber como estava Nicole. Alex tinha acostumado a ver a figura de Lily deslizando-se na escuridão para fiscalizar o sono da menina; cuidava dela como se temesse que fora saltar da cama em qualquer momento.

Lily estranha vez perdia a menina de vista. Alex não se incomodava, sabia que com o passar do tempo os temores de Lily iriam desaparecendo e a última coisa que acontecia com Alex pela cabeça, depois do caos emocional que sua esposa tinha sofrido, era obrigada a algo; mas temia não poder dominar-se. Jamais tinha desejado tanto a uma mulher, e a tinha tão perto, via-a imensamente feliz, sua pele e seu cabelo eram tão formosos, seus lábios e seu sorriso... Obrigou-se a deixar de pensar nela, precavendo-se de que seu corpo começava a reagir diante daquelas imagens.

O certo era que não tinha nem a menor idéia de que demônios queria Lily. Parecia tremendamente satisfeita com o atual estado das coisas. Estava desesperado por saber se necessitava, se lhe amava; mas não perguntou nada, decidido a que fosse ela quem desse o primeiro passo, embora com tal determinação se arriscasse a anos de silêncio, sofrimento e celibato. Amaldiçoava-a cada noite quando se deitava na cama

vazia, E logo sonhava toda a noite com ela. Suspirou, fez uma careta, e voltou a emprestar atenção à visita.

— parto-me — estava dizendo Derek.

— Não, fica a comer conosco — protestava Lily.

Derek sorriu para Alex abertamente, fazendo caso omissos das súplicas de Lily.

— Adeus, Milord. Desejo a melhor sorte com elas. Necessitara.

— Obrigado — respondeu Alex.

Lily acompanhou Derek até a entrada principal. Na porta Derek a abraçou e deu um fraternal beijo na testa.

— Quando pensa voltar em Cravens? — perguntou. — Sem você já não é o mesmo.

Lily baixou a vista.

— Qualquer tarde passaremos Alex e eu a te fazer uma visita.

Seguiu um incômodo silêncio; ambos pensavam no que era melhor não dizer.

— Bem, já volta a tê-la contigo — observou Derek.

Ela moveu a cabeça em um gesto de assentimento.

— Derek — disse — não teria podido sobreviver durante estes anos sem você. — Sabia que estavam despedindo-se de uma amizade que nunca voltaria a ser como antes.

As conversas junto à chaminé não voltariam a repetir-se, nem os segredos compartilhados, nem as confidências, nem a singular relação que tinham mantido. Ela se inclinou e beijou na bochecha.

Derek se encolheu, como se a carícia de seus lábios o tivesse ferido.

— Adeus, cigana — murmurou, e se afastou a grandes passos em direção à carruagem que estava aguardando.

Nicole se aproximava do gato com um sorriso de triunfo e o animal a olhava fixamente com os olhos entreabertos. A pequena estendeu a mão lentamente até agarrar a cauda, que não deixava de mover-se. Tom bufou zangado, girou e tirou as garras, produzindo um arranhão na mão da menina.

Nicole ficou boquiaberta, observando surpreendida e com uma careta de dor. Ficou a gemer de forma lastimosa. Alex, que a ouviu, aproximou-se rapidamente. A pequena corria para ele. Alex a elevou, deu tapinhas nas costas e a acariciou..

— O que aconteceu, coração? O que ocorre?

Nicole, que não parava de chorar, mostrou a mão.

— Arranhou-te Tom? — perguntou ele carinhosamente.

— Sim — respondeu Nicole entre soluços. — Mau, mau.

— Vejamos. — Alex examinou a mão e estampou um beijo no pequeno arranhão. — Tom não gosta que puxe sua cauda, carinho. Logo te ensinarei como deve acariciá-lo para que nunca volte a te arranhar. Venha, me dê um abraço, garota valente. — Nicole se esqueceu do arranhão, sorriu e rodeou o pescoço com o bracinho.

Lily os contemplava em silêncio da porta. Sentia tal pontada de amor no peito que era inclusive dolorosa. Alex, sem advertir que Lily os observava, seguiu conversando com a Nicole. Logo a depositou no chão e

começou a olhar sob o sofá em busca de uma boneca desaparecida. A cena fez sorrir Lily. Não sabia até aquele instante se ele queria ser um pai para sua filha. Não tinha nenhum direito de esperar que assim fosse. Entretanto, devia haver-se dado conta antes que ele tinha capacidade suficiente para oferecer amor a ambas. Não era um homem que culpasse a uma criatura inocente por suas desgraçadas Origens. Pensou no muito que tinha que aprender dele sobre o amor, a confiança e a aceitação incondicional dos fatos. Desejava toda uma vida para estar com ele e fazê-lo feliz.

Pela extremidade do olho viu que passava uma criada e fez gestos discretamente para que se aproximasse.

— Sally, vigia um momento a Nicole, por favor. É a hora de sua soneca; agarra um par de bonecas e leva-a a seu quarto...

— Sim, senhora — disse a criada sorrindo. — É uma garotinha muito boa.

— Como lorde Raiford siga mimando a desta maneira deixará de ser daqui a poucos anos.

Sally se pôs a rir, entrou no salão e começou a rebuscar entre os brinquedos.

— É minha! — gritou Nicole; serpenteando 'Soltou-se de Alex e partiu indignada a resgatar suas bonecas.

— Milord — disse Lily com grande recato a pesar da vertigem de desejo que sentia. Alex a olhou inquisitivamente.

Poderíamos ter umas palavras em privado? — Não esperou resposta, mas sim se dirigiu para as escadas e começou a subir por elas com grande elegância, acariciando a intervalos perfeitamente estudados o corrimão.. Alex franziu a sobrancelha e a seguiu lentamente.

Assim que entraram no quarto, decorado em branco e azul, Lily fechou a porta e jogou a chave. O silêncio se tornou eletrizante. Alex a observava, imóvel, mas com o corpo tenso e a respiração agitada.

Ela se aproximou e com destreza começou a desabotoar o colete. Depois, sempre em silêncio, desfez o nó de sua gravata de seda e a afrouxou. Alex fechou os olhos.

— Desconsidera-te, verdade? — sussurrou ela, ocupada com a camisa.

Ele seguia rígido e excitado, sabendo que o rubor se estendia por sua pele. O fôlego de Lily acariciava seu peito. Teve que reprimir um gemido.

— Não importa — conseguiu dizer.

— Importa, e muito — disse Lily, e tirou a camisa do interior das calças, abraçou pela cintura e esfregou seu rosto contra o áspero pêlo que cobria o peito de Alex. — Essas não são formas de demonstrar a meu marido quanto o amo.

Ele, de repente, agarrou-a pela cintura, apertando-a brutalmente contra si. Os escuros olhos de Lily brilhavam de emoção.

— Quero-te, Alex. Quero-te — repetiu com voz vibrante e apaixonada.

— tive medo de lhe dizer isso até agora. Pensava que assim que se inteirasse de minha filha não iria querer saber nada de mim. Ou, pior ainda, que seu sentido da honra te obrigaria a seguir adiante com o nosso embora em seu interior desejasse te liberar de nós e do escândalo.

— Me liberar de vocês — disse ele com um fio de voz. — Não, Lily.

— Agarrou seu rosto entre as mãos. — Te perder acabaria comigo. Quero ser um pai para Nicole, e quero ser seu marido. Estes Últimos dias foram como uma lenta agonia; perguntava-me como te convencer de que te preciso...

Lágrimas de felicidade brilhavam nos olhos de Lily.

— Não tem nenhuma necessidade de me convencer disso — disse.

Alex a beijou no pescoço.

— tinha saudades... Lily, meu amor...

Ela percebeu o calor e a necessidade de seu corpo, a tensão dos músculos sob suas mãos. Alex a despiu precipitadamente e se desfez do resto de seus próprios objetos. Ela se deitou na cama, o observando. Gostava de tampar-se, mas sabia o muito que gostava de ficar assim. Então Alex se estendeu junto a ela e atraiu o suave corpo nu para si, agarrando-a pelas nádegas para tê-la mais perto.

— Volta a me dizer isso murmurou.

— Quero-te — sussurrou ela. — Quero-te, Alex.

Ele deslizou a mão entre suas coxas enquanto se uniam em um prolongado beijo. Suas línguas se acariciaram fogosas.

Lily se retorceu quando Alex a penetrou com os dedos; arqueou-se e roçou com os mamilos o peito de Alex, que inclinou a cabeça para acariciá-los com a língua. Torturou-os até conseguir que as rosadas cúpulas se estremecessem.

Mordiscou seu ombro até alagar do sabor e o aroma de sua pele dourada. Logo sua boca procurou um dos pequenos mamilos de Alex e ele lançou um gemido. Com dedos atrevidos Lily percorreu os tensos músculos de seu abdômen até dar com um denso palheiro, e logo acariciou a dourada ereção até que ele se separou bruscamente, separou as pernas e penetrou nela com um comprido gemido.

Lily, embriagada, rodeou com os braços e as pernas, suplicando que a penetrasse mais profundamente. Ele se apartou um pouco, mas o abraçou com voracidade, o atraindo com as pernas. Ele repetiu o movimento para desfrutar do modo em que ela o retinha. Aqueles movimentos levavam Lily a um tremulo estado de demência. Naquele momento não existia outra coisa no mundo que sentir penetrando-a, com as costas dura como um carvalho sob suas mãos, pressionando implacável até que uma sacudida de prazer a arrebatou.

Mais tarde percorreu languidamente seu rosto com as pontas dos dedos, todos seus queridos traços, a textura das bochechas e a curva das pestanas. Alex, cheio de felicidade agarrou a mão e alagou a mão com ferventes beijos.

— Levei tanto tempo tendo medo de tudo — murmurou Lily. — E agora, de repente, já não tenho que ter medo de nada.

Alex se incorporou e se apoiou no cotovelo. Observava-a sorridente.

— e o que se sente? — perguntou.

— Era estranho. — Os olhos castanhos de Lily o olhavam apaixonado. Resulta-me estranho ser tão feliz.

— Acostumará — Ele assegurou. — Vai ser a condição permanente de sua vida.

— Como sabe? — sussurrou Lily com um sorriso.

— Porque já me ocuparei eu de que assim seja. — inclinou-se para ela e Lily o rodeou amorosamente o pescoço com suas mãos.

Epílogo



A frescura outonal penetrava pela janela entreaberta. Lily se sentou, procurando calor entre os braços de seu marido. Estavam em casa de lorde e lady Farmington, em Wiltshire, passando um fim de semana de caçada. Lily contemplava o céu escuro do exterior e suspirou com pesar porque logo teriam que levantar-se para sair a caçar.

— Cansada? — perguntou Alex. — Ontem à noite dormimos muito pouco.

Ele sorriu.

— Ninguém dormiu. — Tinham passado a noite ouvindo toda classe de ruídos: passos furtivos, o cauteloso abrir e fechar de portas, sussurros de perguntas e assentimentos de que os convidados procuravam quem compartilhasse a cama com eles. Alex riu quando Lily assinalou que eles eram um dos poucos casais casados que desejava compartilhar a mesma cama.

Alex, para demonstrar o muito que apreciava sua companhia, tinha-a mantido acordada quase toda a noite fazendo amor.

As batidas na porta da governanta de Alex indicaram que já era hora de vestir-se.

Alex saiu da cama resmungando para recolher a roupa que tinham deixado preparado. Lily, quem estava acostumado a esperar as caçadas com grande ilusão, mostrava-se singularmente preguiçosa.

Seguia na cama observando Alex Com um sorriso.

Seu cabelo, uma entupida nuvem de cachos que chegava até os ombros, achava-se esparso sobre os travesseiros de plumas.

Alex se deteve e a olhou inquisitivamente.

— Querido — disse ela muito devagar. — Acredito que hoje não sairei a caçar.

— O que? — Alex se aproximou dela abotoando as calças e se sentou na beira da cama. Um leve mau humor escurecia suas feições. — Por que não?

Ela tentou escolher as palavras cuidadosamente.

— Acredito que não deveria fazê-lo.

— Lily. — Agarrou-a pelos ombros e a atraiu para ele com delicadeza. O lençol se deslizou e deixou descoberto o esbelto corpo de Lily.

— Já sabe que preferiria que não caçasse... Não suporto a idéia de ver em seu corpo um simples arranhão ou um cardeal. Mas não quero te privar de algo que te faz feliz. Sei que você adora caçar. Não tenho nenhum inconveniente enquanto vá com cuidado e evite saltar os obstáculos mais perigosos.

— Obrigado, querido — replicou ela com um tenro sorriso. — Apesar disso sigo acreditando que não é recomendável.

A preocupação empanou o olhar de Alex.

— O que acontece? — Perguntou.

Lily deslizou a ponta do dedo pelo lábio inferior..

— É tão somente que as mulheres em meu estado devem evitar qualquer atividade violenta..

— As mulheres em... — Olhou-a pasmado, e seu rosto mudou.

Ela sorriu.

— Sim — sussurrou em resposta à interrogação de seu olhar.

Ele a espremeu entre seus braços, afundando o rosto em seu cabelo.

— Lily, disse com um quase doloroso sussurro de felicidade. Ela ria. — Como te encontra? —

perguntou, apartando-a um pouco para percorrer seu corpo com o olhar e com a delicadeza de sua poderosa mão. — Encontra-te bem, coração? Está...

— Tudo vai perfeitamente — Ela assegurou. Ele começou a cobrir as bochechas de beijos.

— Encontra-te perfeitamente? — Sacudia a cabeça sem poder acreditar — Está segura?

— Já passei por isso anteriormente — recordou com um sorriso. — Sim, estou segura. O que te aposta que é um menino?

Alex inclinou a cabeça para murmurar algo. Lily se pôs a rir para ouvir.

— É tudo isso? — brincou. — Acreditava que você gostava muito mais de jogar. Apertou-o contra ela, sorrindo, e acariciou suas largas costas. — Te aproxime, Milord — sussurrou, e vejamos se não podemos fechar as apostas.

Sobre a Autora



Lisa Kleypas, vencedora do prêmio RITA, já escreveu 34 romances. Seus livros foram publicados em 28 idiomas, em diversos países. Ela mora em Washington com o marido e os dois filhos.

Sendo os livros da série *Os Hathaways*, e *As Solteironas (The Wallflowers)*, os mais famosos

Em sua página na web, a autora conta: "Comecei a escrever romances porque sempre amei lê-los. Indiscutivelmente, fui uma nerd durante toda a escola primária e, mesmo "florescendo" na secundária, acredite, a nerd interior ainda estava aqui. Nunca pude imaginar um tempo melhor aproveitado do que lendo um livro, e este amor pela leitura, com o tempo, se traduziu num profundo desejo de escrever um."

www.lisakleypas.com

Star Books Digital

